O ESTRANHO CASO DA NELL DIABÓLICA

A HISTÓRIA DE HELEN DUNCAN

E DO JULGAMENTO DA BRUXA DA SEGUNDA GRANDE GUERRA

Tradução: Amadeu António

Grok

O ESTRANHO CASO DA NELL DIABÓLICA
A HISTÓRIA DE HELEN DUNCAN
E DO JULGAMENTO DE BRUXARIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

NINA SHANDLER

NOTA AOS LEITORES: Todos os nomes, locais, datas e acontecimentos em O Estranho Caso de Hellish Nell são fiéis aos registos históricos. As cenas e diálogos refletem a compreensão da autora sobre as personalidades e os acontecimentos. A descrição que a autora faz do julgamento de bruxaria de 1944 incorpora versões editadas e resumidas de transcrições literais dos procedimentos em tribunal.

Copyright © 2006 by Nina Shandler Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação ou transmitida, por qualquer forma ou meio — eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem a prévia autorização escrita da editora. Impresso nos Estados Unidos da América.

A Michael, com amor, Sem o teu encorajamento e apoio nunca teria escrito uma única palavra publicada

AGRADECIMENTOS

DA CONCEÇÃO AO LIVRO EM CAPA DURA,
ESTA OBRA FOI UM LONGO caminho.

Há muitas pessoas a quem agradecer. Começarei quase pelo fim. Bob Pigeon, o meu editor na Da Capo, arriscou. Aceitou a minha proposta e confiou que eu produziria um manuscrito completo. Ao longo do processo, guiou-me e encorajou-me com o entusiasmo de um mentor experiente. Jim Levine, o meu agente na Levine Greenberg Associates, agarrou a minha proposta com garra e apresentou-a às editoras com tenacidade. Nenhum agente poderia ter sido mais disponível, ético e profissional.

Betsy Rapoport, a minha antiga editora na Crown, tem sido um apoio leal desde 1997, quando apareci no escritório dela com uma caixa de chocolates de tofu. Betsy acolheu a minha incursão nesta história histórica com extrema generosidade. Não só recomendou o meu agente Jim Levine,

como leu uma versão muito preliminar de O Estranho Caso de Hellish Nell e editou-a com uma franqueza gentil. Ao longo do caminho, amigos leram rascunhos e capítulos. Estou especialmente grata a Robin Kasis, Parvati Grais, Vicki e Barry Elson, e Martin e Melly Bock pelo seu tempo e comentários. Muitos outros ofereceram um encorajamento inabalável. Adorei pesquisar O Estranho Caso de Hellish Nell. Sobretudo, adorei conhecer e falar com pessoas que tinham fragmentos de informação para oferecer.

O meu momento pessoal mais emocionante aconteceu quando liguei para um número na Nova Zelândia e Stan Worth, o outrora jovem tenente que testemunhou contra Helen Duncan, atendeu o telefone. Stan, agora um cavalheiro de noventa e dois anos, continua tão perspicaz, espirituoso e honesto como sempre. As minhas conversas com Stan e a mulher dele, Bunty, estenderam-se por cinco anos. Stan contou as suas histórias com brilho e leu, corrigiu, acrescentou e aprovou o meu manuscrito final.

Ao longo do caminho, outros ofereceram hospitalidade e alguns foram além do esperado. Em 1999, Dorothy Mahoney, em Callander, na Escócia, escreveu-me repetidamente e apresentou-me a outros cidadãos úteis da aldeia. Quando me sentei para tomar chá com eles, todos me informaram que Helen, com as suas travessuras de rapaz e visões estranhas, tinha sido apelidada e era universalmente conhecida como "Hellish Nell". Mais especificamente, Harvey MacNaughton e a mulher falaram comigo longamente, mostraram-me fotografias do antigo Callander e deram-me fotocópias do diário do tio dele — uma fonte inestimável de histórias sobre os tempos idos da infância de Nell e sobre a família dela, "The Wild Slaters". O Sr. J. K. Dunn, presidente da Sociedade Histórica, e a mulher forneceram muitos detalhes cénicos.

Tentei contactar os descendentes de Helen Duncan. Alguns eram inalcançáveis. Um parente preferiu permanecer anónimo; outros não responderam aos meus pedidos de entrevistas. Nas minhas visitas a Portsmouth, conheci pessoas imersas na história local e dispostas a partilhar tudo o que sabiam. Depois de me conhecer em 1999, Terry Swetnam, um oficial de polícia aposentado, tomou particular interesse no meu projeto, localizou e enviou-me fotografias e registos de serviço do Chefe de Polícia Arthur West, do Sargento-Detetive Fred Ford e de outros. Na primavera de 2005, conheci John Mainwaring no Museu da Cidade de Portsmouth.

Ele deu-me as suas impressões sobre o Chefe de Polícia Arthur Charles West e sugeriu que contactasse Jim e Olive Cramer. Jim tinha trabalhado para o Chefe de Polícia West, e Olive tinha trabalhado na Sede da Polícia durante a Segunda Guerra Mundial. Seguiram-se várias conversas repletas de informação com este casal enérgico e cativante. Outra excursão de 1999 revelou-se particularmente vital para o desenrolar da história. Queria saber se a Prisão de Holloway tinha sofrido um ataque direto de bombas V enquanto a Helen Duncan lá esteve presa. Felicity Ball, no Museu e Arquivos da Prisão de Sua Majestade, em Rougie, Inglaterra, vasculhou os arquivos, desenterrou um portfólio de fotografias da agora destruída Prisão de Holloway, descobriu notas há muito esquecidas da Auxiliar da Prisão de Holloway em tempo de guerra e forneceu-me cópias.

As fotografias mostravam danos causados por bombas V no Bloco de Celas B, e as notas da Auxiliar confirmavam a data do ataque: a Helen Duncan estava lá residente. Logan Lewis-Proudlock abriu-me os arquivos do College of Psychic Studies. Juntos, folheámos documentos relativos às sessões espíritas de Helen Duncan na Queensbury Street, n.º 16. Partilhou a minha excitação ao encontrarmos a fotografia de Helen e Henry Duncan e ao lermos a avaliação do Dr. Fielding-Ould sobre a avarice de Henry Duncan e as múltiplas personalidades da Helen. Logan informou-me sobre a reputação de outras personagens: Miss Mercy Phillimore e o Brigadeiro Roy Firebrace.

Ao longo dos meus longos anos de pesquisa, regressei repetidamente aos arquivos britânicos no Public Records Office em Kew Gardens, à British Library em Londres e ao Arquivo de Jornais em Collingdale. Estou em dívida com essas instituições por preservarem a história com cuidado e por a tornarem disponível com tanta graça. Por fim, Erica Lawrence guiou o meu manuscrito com eficiência e graça de uma fase de produção para a seguinte, de páginas soltas até ao livro em capa dura. Nesse processo, Jennifer Swearingen corrigiu cada frase e nota de rodapé com um olhar surpreendentemente meticuloso pelo detalhe. À medida que o livro tomava forma, Alex Camlin, Diretor de Arte da Da Capo, concebeu e executou a capa, equilibrando bom gosto e precisão para captar o ambiente histórico e o intrigue desta história de tempo de guerra.

Desde a publicação, Lissa Warren, Diretora de Publicidade, tem-se revelado minuciosa e empenhada nos seus esforços para manter o interesse e recolher críticas. A todos eles agradeço. Em todas as fases desta

maratona, a minha família recusou-se a deixar-me desistir. Quando a minha energia fraquejava, as minhas filhas, Manju e Sara, liam rascunho atrás de rascunho, incentivando-me: «É uma ótima história, mãe.» «És uma escritora mesmo boa.» «Consegues fazer este projeto.» Mas mais do que ninguém, o meu marido, Michael, manteve-me em movimento. O salário dele sustentou a minha pesquisa, e o entusiasmo dele reforçou a minha coragem. Aos três, estou inexprimivelmente grata.

Prólogo Porque esta palhaçada obsoleta?

NUMA MANHÃ DE DOMINGO, 2 DE ABRIL DE 1944, O PRIMEIRO-MINISTRO Winston Churchill acordou às 8h30 em ponto, agarrou num charuto, passou-o pela chama da vela sempre pronta e deu uma passa.[1] Depois da semana que passara, o primeiro-ministro precisava desesperadamente de um dia de descanso. Não só Londres ardia em chamas,[2] como um Parlamento rebelde tinha aprovado uma legislação feminista estapafúrdia.[3]

Claro, o público não sabia metade do que se passava — Churchill certificava-se muito bem de que o povo só soubesse o que lhe convinha.[4] A imprensa, obediente, aplaudia meias-verdades: GUERRA AÉREA GIGANTESCA: BLITZ DE 2000 TONELADAS ATINGE NUREMBERGA, e 600 BOMBARDOIROS AVISAM BERLIM: «VAMOS AÍ.»[5] Mas num bunker secreto escondido bem fundo sob as ruas de Londres, o Gabinete de Guerra de Churchill chorara o verdadeiro balanço.

A Royal Air Force poderia ter largado 2000 toneladas de explosivos sobre Nuremberga, mas 545 rapazes britânicos dos bombardeiros morreram nesse raid. Hitler perdera apenas 19 aviadores da Luftwaffe. A triste proporção: vinte e oito mortos britânicos por cada baixa nazi. O solo alemão estava pejado de esqueletos carbonizados de aeronaves britânicas. Em segredo, Churchill admitia que a Batalha de Berlim tinha de ser abandonada. Após cinco anos de guerra, a força aérea alemã ainda triunfava nos céus sobre a Alemanha e ainda bombardeava Londres.[6]

Na semana que passara, a Luftwaffe atacara com as primeiras bombas de fragmentação de sempre, enormes invólucros cheios de dezenas de incendiárias. Leves, desciam do céu com uma lentidão fantasmagórica. Ao atingirem os alvos, rebentavam de imediato, expelindo bolas de fogo que

devoravam bairros inteiros como se fossem lenha. A água não servia de nada para apagar as chamas azul-brancas.[7]

Para cúmulo, parlamentares inquietos tinham atingido Churchill com uma bomba política. Contra os desejos do primeiro-ministro, uma legislação feminista que impunha igualdade salarial por trabalho igual esgueirara-se para a lei. Nada satisfeito, Churchill lançou um ultimato: invertam o voto ou demito-me. Os trabalhistas cederam. Não haveria igualdade salarial, não sob o reinado de Winston Churchill. Para demonstrar o seu poder, Churchill fizera uma visita à Câmara dos Comuns. Todos e cada um dos Honoráveis Membros do Parlamento puseram-se de pé de um salto. Em deferência e medo, todos aplaudiram.[8] Agora, no primeiro domingo de abril de 1944, um sorriso de autossatisfação atravessou os lábios do primeiro-ministro.

Todas aquelas distrações — perdas devastadoras da Royal Air Force sobre a Alemanha, bombas de fragmentação a incendiar Londres, legislação trabalhista a ameaçar o seu governo — desvaneciam-se no passado. Neste dia de descanso, Churchill antecipava concentrar-se no desafio que se aproximava: o Dia D, a invasão aliada através do Canal à Europa ocupada pelos nazis. Os americanos já chegavam em massa às Ilhas Britânicas. A frota mediterrânica de Sua Majestade regressara secretamente ao porto de origem.[9] Uma frota de engodo reunira-se no porto de Edimburgo.[10] Todas essas zonas altamente estratégicas tinham sido proibidas a visitantes.[11]

Em breve, o maior desembarque marítimo da história do mundo seria lançado a partir de Portsmouth. Com um pouco de sorte e muito secretismo, as forças de Hitler ficariam paralisadas. A enormidade da tarefa — salvar a civilização da barbárie — revigorava Churchill. O primeiro-ministro exalou uma baforada de fumo de charuto, e o cheiro alertou a equipa. Churchill estava acordado. O mordomo colocou os jornais da manhã na mesinha de cabeceira e ajudou o Sr. Churchill a vestir o robe, um quimono de seda verde bordado com dragões dourados que cuspiam fogo. Pronto para ler, Churchill recostou-se nas almofadas recém-fofas e abriu as grandes páginas dos diários de Londres.[12] Em poucos instantes, os dentes cerraram o charuto.

Os cantos da boca desceram até às bochechas. Notícias absurdas ocupavam espaço na primeira página: um julgamento de bruxaria. Nas últimas duas semanas, enquanto a nação travava guerra e Churchill lutava

contra o Parlamento, o Old Bailey, o mais alto tribunal criminal da Grã-Bretanha, andara ocupado com bruxaria. Agarrando jornal atrás de jornal, o primeiro-ministro deparou-se com a mesma história vezes sem conta. O Times, o jornal mais respeitado da Grã-Bretanha, trazia o título: «INFRAÇÕES À LEI DA BRUXARIA.» O News of the World exibia: «REVELAÇÕES DA POLÍCIA NÃO ABALAM SEGUIDORES.» O New Chronicle gritava: «MÉDIUM DESAFIOU CORDA E ALGEMAS.» O Daily Herald berrava: «MENTIRAS» — GRITA A MÉDIUM.»[13]

E o Daily Express, com laudável ironia, publicava uma caricatura de bombeiros a apontar as mangueiras a uma bruxa que voava na sua vassoura sobre Londres enquanto a cidade ardia.[14] Churchill fervia. Um julgamento de bruxaria? Que justificação poderia haver para esta paródia de justiça? Teriam a polícia, o Ministério Público, o poder judicial, o ministro do Interior, todos enlouquecido? Na manhã seguinte, segunda-feira, 3 de abril de 1944, o primeiro-ministro estava pronto a ditar o bom senso. Uma das suas secretárias correu para o quarto, sentou-se aos pés da cama dele e capturou a diretiva disparada em rajada.

«MINISTRO DO INTERIOR Que me seja enviado um relatório sobre a razão por que a Lei da Bruxaria de 1735 foi usada num tribunal de justiça moderno. Qual foi o custo do julgamento para o Estado, observando que testemunhas foram trazidas de Portsmouth e mantidas aqui nesta Londres sobrelotada durante quinze dias, e que o Recorder [Sua Senhoria Sir Gerald Dodson] foi mantido ocupado com toda esta palhaçada obsoleta...»[15]

Winston Churchill não ditou saudação nem fecho. Nem se deu ao trabalho de se dirigir pelo nome ao ministro do Interior Herbert Morrison — o membro do seu Gabinete de Guerra responsável pela segurança interna, supervisão da polícia, MI5, Ministério Público, poder judicial, media e censura. A secretária de Churchill retirou a nota de cinco por sete centímetros da máquina de escrever. Churchill arrancou-lha da mão e rabiscou a assinatura. A tinta vermelha escorria desdém.[16]

Segurei a nota de Churchill e encarei a tinta vermelha.[17] Não devia ter visto esta diretiva curta; ninguém devia pôr os olhos neste documento altamente classificado durante cem anos. A minha fascinação pelo julgamento de bruxaria britânico da Segunda Guerra Mundial começara dois anos antes de eu encontrar a carta do primeiro-ministro ao ministro do Interior. Sábado de manhã, 31 de janeiro de 1998, era como a maior parte dos meus sábados. Estava no meu pequeno Mazda preto a voar de loja em

loja, ouvindo o Weekend Edition da National Public Radio com Scott Simon.

Quando entrei no estacionamento do Stop & Shop, Simon anunciou: «Em 1944 o governo britânico julgou uma mãe escocesa de quarenta e seis anos e seis filhos, chamada Helen Duncan, ao abrigo da Lei da Bruxaria de 1735. Tornou-se a última pessoa na Grã-Bretanha julgada como bruxa.»[18]

Julgamento de bruxaria na Segunda Guerra Mundial? Na Grã-Bretanha? Inacreditável. Estacionei, desliguei o motor e subi o volume. James MacQuarrie, cofundador da Sociedade Britânica de Estudos Paranormais, expôs rapidamente os factos: Helen Duncan, uma médium dotada, metera-se em sarilhos graves por canalizar espíritos durante a Segunda Guerra Mundial.[19]

Guerra e bruxaria. Crime verdadeiro e sobrenatural. Intriga com humor. Um mini-filme, uma comédia de época representada contra o pano de fundo da Segunda Guerra Mundial, dançava na minha mente: enquanto as forças aliadas se preparavam para invadir as praias da Normandia, um advogado britânico, paramentado com uma longa toga de seda e uma cabeleira de crina de cavalo, atormentava uma testemunha: «Senhora, que provas tem de que os espíritos regressam dos mortos?» Ri-me, desliguei o rádio e dirigi-me ao supermercado. Um ano depois, a minha filha mais nova voou para a universidade, e o meu marido conseguiu um excelente emprego em Inglaterra.

De repente, lá estava eu em Londres — uma psicóloga de meia-idade com a casa vazia, sem autorização de trabalho e nada melhor para fazer do que investigar um julgamento de bruxaria. Seguindo o conselho educado de um amável funcionário da Scotland Yard, apanhei um comboio e dirigi-me à casa dos arquivos britânicos, a encantadora aldeia de Kew Gardens. Desci uma rua suburbana, atravessei uma avenida vazia e entrei nos terrenos do Public Records Office. Toda a cena era muito mais agradável do que eu esperava: um edifício moderno de bom gosto, não muito quadrado, muito vidro. À frente, bancos de jardim rodeavam um lago. Passei por patos a boiar na água, apreciando como os britânicos preservam o seu património. Aproximei-me da entrada de vidro.

Um segurança abriu-me a porta de par em par, cumprimentando-me como a uma hóspede há muito esperada. «Bem-vinda. Tem cartão de identificação? Bem, tem mesmo de tirar um. Por aqui.» Sentei-me. Uma mulher de fato cinzento ergueu os olhos, sorrindo. «O que pretende

pesquisar?» De repente envergonhada, corei. Aquela mulher iria pensar que eu era uma americana louca por fantasmas em caça às bruxas? Uma entusiasta de seitas indigna de pesquisa de arquivo? Tentando soar o mais legítima possível, recitei o meu currículo: «Sou psicóloga licenciada e autora publicada.» «Que bom», comentou, acenando com a cabeça de forma intrigada, e repetiu a pergunta: «O que deseja pesquisar?» Confessei: «Procuro registos de um julgamento de bruxaria durante a Segunda Guerra Mundial.»

«Perfeitamente», disse ela sem pestanejar. Depois, como se a minha investigação fosse a coisa mais banal do mundo, entregou-me um cartão de entrada, sorriu calorosamente e acrescentou: «Desejo-lhe muita sorte e espero vê-la de novo.» Oficialmente aprovada, instalei-me diante de um ecrã de computador, escrevi «HELEN DUNCAN» e carreguei ENTER. Desejava uma transcrição do julgamento de bruxaria e apareceram dois números de ficheiros. Pedi o primeiro: um documento criminal. O pedido foi aprovado. O documento chegaria dentro de uma hora. Pedi o segundo. O ecrã do computador exibiu a mensagem:

DOCUMENTO INDISPONÍVEL.

Confusa, procurei uma bibliotecária de investigação. Com grande cortesia, uma mulher de ar erudito explicou por que motivo o ficheiro poderia estar fora de alcance. «Muitas vezes documentos, especialmente documentos criminais, estão fechados ao público durante cinquenta anos. Compreende? Para proteger as famílias da vergonha.» Com aquelas palavras — «as famílias delas» — abriu-me delicadamente os olhos para um lado do julgamento de bruxaria de Helen Duncan que eu não tinha considerado.

Este julgamento afetara uma mãe, um pai e filhos. A bibliotecária virou-se para consultar o computador. Um momento silencioso depois, inclinou a cabeça e, com um beicinho curioso, segredou: «Oh meu Deus. Que estranho. Este ficheiro foi selado por um século.» Aparentemente, a minha testa franzida e o sotaque americano deram-lhe a pista de que precisava de mais explicações. Falou lentamente, como se falasse a uma criança: «O ficheiro fechado não é um ficheiro criminal. É um ficheiro HO emitido pelo Ministério do Interior. O nosso Ministério do Interior é responsável pela inteligência interna. Normalmente, os documentos só são fechados durante cem anos em assuntos de segurança nacional.»

Um ficheiro fechado, selado por razões de segurança nacional. Isso, sim, aguçou-me definitivamente a curiosidade. Teria Helen Duncan sido uma espécie de mestre-espiã psíquica que usara os seus poderes contra a causa aliada? Ter-se-iam os polícias e advogados britânicos transformado em caça-fantasmas, obcecados por desmascarar toupeiras fantasmagóricas? Com a porta dos documentos oficiais batida na minha cara, vasculhei as bibliotecas de Londres à procura de pistas.

Desenterrei tesouros esgotados: uma transcrição literal do julgamento de bruxaria,[20] um tributo biográfico escrito pela filha de Helen Duncan,[21] um exame meticuloso de relatos de testemunhas oculares das sessões espíritas de Helen Duncan,[22] um relato contemporâneo do julgamento escrito por outra médium,[23] uma descrição cruel de experiências quase científicas realizadas em Helen Duncan,[24] a autobiografia do juiz,[25] artigos em revistas espíritas envelhecidas e reportagens em jornais de guerra já cor de sépia.

Depois, segui os passos de Helen Duncan. Viajei até Callander, a pitoresca aldeia escocesa onde os habitantes a apelidaram de Hellish Nell; até Edimburgo, onde ela, com parca ajuda do marido doente, conseguia sustentar os seis filhos; até Portsmouth, onde as suas sessões levaram à sua detenção; e até ao Old Bailey, o Tribunal Criminal Central de Londres, onde foi julgada ao abrigo da Lei da Bruxaria de 1735. Mês após mês, desenterrei cada vez mais informação e as intrigas que rodeavam o caso de Helen Duncan multiplicaram-se. Esta mulher complexa, combativa, destroçada e, no fim, triunfante atraía controvérsia. Os seus detratores julgavam-na uma fraude fria e interesseira.

Os seus devotos acreditavam que era um canal extraordinário para o Além. Perguntei-me quem lhe fizera mais mal. Aqueles que a amavam? Ou aqueles que a desprezavam? E continuava a perguntar-me: porque se envolvera o governo britânico numa disputa paranormal? Queria deitar a mão àquele ficheiro selado.

Regressei ao Public Records Office. Sentada no mesmo terminal de computador e esperando nova frustração, digitei o código do documento selado do Ministério do Interior. Enquanto o computador procurava, baixei os olhos e rabisquei uma nota rápida num papel pautado fino. Olhei de novo para o ecrã e li as palavras:

DOCUMENTO REQUISITADO.

O meu coração acelerou. Esperei, paralisada, com medo de que um movimento em falso alertasse algum guardião clerical dos segredos oficiais de que um ficheiro fechado fora pedido. O meu pager apitou, chamando-me para ir buscar os meus arquivos ilícitos, e dirigi-me ao balcão, tentando parecer descontraída.

Um jovem de t-shirt e cabelo com gel, sem parecer minimamente inclinado a proteger segredos de Estado, entregou-me uma pilha de pastas castanhas desbotadas, presas com uma fita de algodão da mesma cor. No canto superior direito da pasta de cima, um autocolante verde ameaçava frustrar a minha missão. Dizia:

FECHADO ATÉ 2046. Com conversa amigável e um «Muito obrigada», tapei o autocolante verde com a palma da mão e levei o meu tesouro proibido para o meu lugar atribuído. Desfiz o laço da fita gasta e encontrei um álbum dedicado ao caso da Helen Duncan: relatórios policiais em pastas azuis; recortes de jornais esfarrapados; notas que tinham circulado entre o Ministério do Interior, o Ministério Público e a polícia de Portsmouth; cartas manuscritas em papel de linho — algumas implorando a Eleanor Rathborne, a primeira mulher no Parlamento, que tivesse pena de Helen Duncan, e outras ordenando aos funcionários do governo que a processassem com vigor.

Após horas de inspeção cuidadosa, peguei numa nota de cinco por sete centímetros e o meu interesse investigativo transformou-se em admiração de fã. Num pedaço de papel timbrado com o endereço 10 Downing Street, Whitehall, e carimbado «MINUTE PESSOAL DO PRIMEIRO-MINISTRO», li a queixa de Winston Churchill ao ministro do Interior — a sua avaliação brusca do julgamento de bruxaria da Segunda Guerra Mundial: «palhaçada obsoleta».[26] Aparentemente, o primeiro-ministro não estava a par das mesmas preocupações de segurança nacional que a Inteligência Militar, a polícia e o Ministério Público.

PARTE I

MISSÕES
1 PROFECIAS

VICTORIA HELEN MACFARLANE NÃO ERA COMO AS OUTRAS RAPARIGAS da sua aldeia das Terras Altas; detestava anáguas e falava com mortos. As suas travessuras de maria-rapaz e visões macabras valeram-lhe uma alcunha: Hellish Nell. Era assim que os habitantes da aldeia a chamavam.[1] Ninguém conseguia meter o medo de Deus naquela criança, embora a mãe, Isabella, certamente tentasse.[2] Os encantos de Callander conspiravam contra Isabella, no entanto, e ela travava uma batalha perdida.

Mesmo ao lado da casinha caiada dos MacFarlane, Nell entrava num território de magia antiga onde qualquer criança imaginativa poderia ver espíritos e onde a travessura acenava. A poucos passos pela rua lamacenta abaixo, «Deus amou tanto o Mundo» estava gravado numa lápide de mármore creme colocada por cima da porta da igreja da missão.[3] Era lá que Nell jurava devoção eterna a Jesus Cristo em troca de bolachas de chá e jogos de festa.[4] Mais adiante na rua, logo depois da ponte, erguia-se o muro do cemitério. Para uma rapariga como Nell, não uma rapariga tímida e recatada, mas uma rapariga à procura de aventura, aquele muro de pedra com musgo a trepar pelas fendas pedia a gritos que o escalassem.

Uma vez lá em cima, o cemitério, com as suas lápides toscas, escondia fantasmas prontos a erguer-se da terra húmida, uivando ou gemendo. Para lá do campo santo, o ambiente fantasmagórico ficava ainda melhor.[5] Um pequeno monte elevava-se da terra plana onde antepassados pré-históricos tinham amontoado carga após carga de terra castanha das Terras Altas para fazer Tomnachessaig.

No seu cume, as lendas das Terras Altas ganhavam vida. Era ali que São Toma apontava a sua Bíblia negra ao sol, enquanto os raios atravessavam nuvens e chuva. Aos pés dele, fadas cozinhavam pão e cantavam melodias agudas.[6] Alguns dias, o próprio Rob Roy MacGregor, com a sua camisa amarela flamejante e o kilt de xadrez vermelho, regressava. O herói das Terras Altas e o seu clã agachavam-se ao lado de Nell, escutando o toc toc, toc toc, ratatá toc, enquanto os casacas-vermelhas ingleses marchavam à vista. Rob Roy puxava a espada da bainha e,

juntamente com a sua tribo, descia em voo picado, espadas a rodopiar, e dispersava os invasores.

Cadáveres ingleses jaziam a sangrar, as suas almas erguendo-se através da névoa do rio.[7] Correndo monte abaixo de Tomnachessaig, gritando e berrando, fingindo ser um dos homens de Rob Roy,[8] Nell parava de repente, emergindo subitamente da sua visão imaginativa. Olhando em redor, gritava: «Onde está o Pate? Onde se meteu o meu irmão mais velho?»[9] Pate era o Rob Roy pessoal de Nellie. Os habitantes da aldeia chamavam ao seu irmão heroico Pate the Homer, porque tinha jeito para encontrar coisas e trazê-las para casa. À sua pequena maneira, Pate redistribuía a riqueza de Callander.

Munido desse chamamento justo, e com Nellie colada aos calcanhares, Pate esgueirava-se pela vila à caça de despojos. Os dois ladrões furtivos — o rufia e a maria-rapaz — entravam aos saltinhos no jardim do pastor, trepavam às macieiras dele e fugiam com sacos a abarrotar de maçãs Macintosh sumarentas.

Pate e Nell, os caçadores das Terras Altas, perseguiam coelhos tresmalhados, apanhando as pragas gulosas enquanto mastigavam as couves plantadas nos hortos da aldeia. Nell e Pate certificavam-se de que os peludos saqueadores recebiam o que mereciam, assando os malditos orelhudos numa fogueira ao ar livre.[10] Na mais ousada incursão MacFarlane de todas, o duo sedento de saque fixou o olhar num comboio de mercadorias carregado de carvão até acima. Na verdade, não era um comboio inteiro; era apenas uma única carruagem de mercadorias estacionada no pátio da estação. Pate e Nellie escalaram o lado dela, abriram os fechos na parte de trás e libertaram o carvão, que se derramou como lava.

O pó de carvão ergueu-se como uma nuvem de fumo, e os cúmplices MacFarlane ficaram negros como tição. Claro que foram apanhados. O chefe da estação condenou-os a trabalhos forçados: «Seus malandros, apanhem cada pedaço de carvão.»[11] Nos dias quentes de verão em que o sol se mantinha no céu quase até à meia-noite, Pate estava sempre postado na margem do Lena, o poço de natação da aldeia.[12] Se o teu apelido fosse MacFarlane, nadavas naquele poço. Para qualquer pessoa em qualquer rua de Callander e toda a gente te diria com certeza: «Os MacFarlane são ótimos nadadores.»[13]

Dos Archie MacFarlane, Pate era o campeão. Pate era o deus do Lena. E, de facto, lá estava Pate, despido até à roupa interior, autoproclamado instrutor de natação não oficial de Callander. Rapazes da idade de Nellie, seis anos mais ou menos, corriam pela relva esmeralda, jogando ao apanhado e gritando de alegria. Um afastou-se um pouco do grupo e Pate atacou. Saltando da margem, agarrou o miúdo aos gritos, atirou-o ao ombro e correu para o Lena. Depois, com um só empurrão, Pate lançou o rapaz aos pontapés para a parte mais funda do poço. A água engoliu-o. A maior parte dos rapazes vinha à superfície, braços e pernas a debater-se, ofegantes, e aprendiam a nadar.

Mas este miúdo em particular não tinha nascido para nadador; afundou-se. Pate observava e contava. «Um», gritou Pate enquanto a criança desaparecia. «Dois», berrou, quando a cabeça do rapaz sumiu pela segunda vez. «Nellie», gritou Pate, desviando o olhar do miúdo que se afogava e acenando à irmã mais nova. «Três», vociferou quando o rapaz se afundou pela última vez. Pate mergulhou, salvou o desgraçado e deitou o seu pequeno cadáver encharcado na relva. O miúdo tossiu e tremeu enquanto Pate lhe garantia: «Na próxima vez fazes melhor. Ainda te ensino a nadar, seu triste, ensino sim.»

Pate cumpria o seu dever cívico, ensinava muitos rapazes de Callander a nadar e salvava a vida a muitos rapazes de Callander.[14] Nellie também era uma grande nadadora, especialmente para rapariga. Claro que as raparigas não tinham permissão para nadar. Mas regras estúpidas sobre o que as raparigas podiam ou não fazer nunca impediram Nellie de fazer seja o que for. Nadar não era exceção. As outras raparigas de Callander mantinham-se longe de Pate, atravessando a rua para evitar os seus olhares sombrios.[15]

Não Nellie. Nellie e Pate escapuliam-se, despiam-se debaixo da ponte, competiam em corridas e brincadeiras de luta durante horas.[16] Mas não importa onde estivessem ou o que andassem a fazer, Nell tinha faro para guloseimas frescas. Quando pressentia que a mãe estava prestes a fazer scones ou rebuçados, corria para casa, saltitando em círculos à volta das bostas de vaca ainda quentes.[17] Se conseguisse chegar a casa sem sujar os sapatos com mau cheiro, a mãe tinha a certeza de lhe dar uma tigela para lamber até ficar limpa.

Num desses dias, a pequena Nell pousou o queixo na mesa da cozinha, observando e esperando, estudando como a mamã fazia «tablet», um doce favorito: manteiga, açúcar e natas espessas cozidos até virar fudge.[18] Com

uma espátula na mão, a mamã tirara manteiga de um pote de barro e raspára-a para um copo de medir. Depois, deixara a manteiga cair numa tigela grande sem sujar os dedos. Nem uma única nódoa de gordura nojenta ficara na cara ou no vestido da mamã. A mamã era perfeita; cada cabelo estava puxado com força para um coque, e o colarinho estava engomado e hirto. Com a mamã, tudo tinha o seu lugar certo.[19] Não com Nellie. Para ela, tudo transbordava e se misturava.

A Nellie simplesmente não conseguia manter as coisas separadas — a parte presbiteriana não conseguia afastar a parte maria-rapaz nem assustar os seus amigos espíritos. A mamã ergueu os olhos da tigela e disse: «Nellie, juro que pareces o rapaz mais bonito de todas as Terras Altas.» A Nellie sabia que a mamã estava a troçar dela, mas a pequena rebelde apertou o maxilar, endureceu os olhos escuros. Tinha insistido até a mãe a sentar numa cadeira, pousar uma tigela de barro na cabeça dela e cortar direito à volta da borda.

A Nellie tinha cabelo de rapaz, e adorava parecer um rapaz. Sempre que podia, brincava aos disfarces com o melhor fato de domingo do Pate, camisa de colarinho branco e gravata.[20] «Queria era ser rapaz», resmungou Nellie. «Preferia vestir as calças do Pate.»[21] A mamã troçou: «Mesmo com o cabelo curto, és bonita demais para ser rapaz. Esse narizinho de botão e essas pestanas de dois centímetros e meio denunciam-te.[22] Não te enganes, Nellie, ainda hei de fazer de ti uma jovem senhora como deve ser.»[23] Então, exatamente quando a boca da Nellie começou a encher-se de água, viu um Visitante Espírita. Talvez fosse o cheiro a açúcar ou o calor do fogão que chamara Johnny do Outro Lado.

A Nellie não sabia por que razão ele vinha. Via-o claramente, pairando ao lado da mamã, todo janota no seu uniforme de soldado: kilt de xadrez, meias até aos joelhos, botões dourados, tudo polido e brilhante. Um escocês, de pé e orgulhoso — um highlander. A mamã ignorou completamente Johnny, comportando-se como se ele não existisse, fingindo que não o via. Mesmo quando Johnny falava, a mãe não escutava. Johnny falava gaélico como os antigos de Callander. R suaves e ondulantes borbulhavam da sua boca como o rio Teith, mas a mamã não lhe ligava nenhuma. Por isso, Nellie falou por ele. «Mamã?», disse Nell. A mamã baixou os olhos para ela.

«O Johnny está aqui, mamã. Está muito feliz. Quer que saibas que está feliz.» A mamã deixou cair a espátula de madeira. A coisa suja manchou o

avental limpo antes de cair no chão. Os olhos dela abriram-se como pratos. Num instante, a mamã transformou-se numa bruxa. Os olhos estreitaram-se em fendas e os lábios encolheram-se em linhas finas. «Victoria Helen MacFarlane. O Johnny está morto. Esse rapaz foi morto antes de tu nasceres. Tu não o conheces. Não sei onde ouviste falar dele.

O Johnny não está aqui e tu não estás a falar com ele. Não farás obra do diabo. Nenhum filho meu será possuído.» Com cada palavra a soar afiada, como um feitiço maligno apontado para trespassar o cérebro de Nell, a mãe fez-lhe três profecias. «Serás atirada para uma masmorra. Serás julgada como bruxa.[24] Serás queimada viva num fogo do inferno.»[25] A pequena Nellie sentiu o rubor subir-lhe à cara e fugiu a correr. Sozinha, agachada num degrau de pedra nas traseiras da casa, tapou a boca com as duas mãos para impedir que os soluços se transformassem em uivos de coração partido.

Quando o peito pequeno se acalmou, juntou as mãos em oração e murmurou baixinho: «Eu vi-o sim. Vi sim.» As galinhas ergueram a cabeça do bicado e inclinaram-na. Então, a pequena Nellie MacFarlane ouviu uma voz a sussurrar na brisa suave, soprando de Ben Ledi, da própria Colina de Deus, e atravessando o rio Teith, vindo confortá-la. «Nell. Tu viste-o sim. Com o tempo, muitos acreditarão em ti.» Nell sentiu a calma descer sobre ela. A mamã não acreditava nela, mas Deus sabia mais. Pronto. Estava decidido.[26]

2
A VIDENTE

TRINTA E QUATRO ANOS DEPOIS, NUM QUARTO DE VESTIR DE UMA desconhecida, o marido de Nell, Henry, falava com suavidade, persuadindo-a a despir-se.[1] Ela desabotoou o vestido e deixou-o cair no chão. Henry observava. Nell ergueu os braços e tirou os ganchos do coque de senhora casada. Uma madeixa preta caiu-lhe entre os ombros. Abanou a cabeça de um lado para o outro, libertando a espessa cabeleira.[2] A seguir, desamarrou os cordões do corpete e deslizou as alças do sutiã pelos braços abaixo. Os olhos de Henry fixaram-se nos mamilos dela, mas ele não se aproximou. Nell descalçou as meias e baixou as calcinhas. Nua, empoleirou-se numa cadeira.[3] Por fim, Henry aproximou-se, colocou-se por cima dela, levantou-lhe o queixo e olhou-a com afeição, como se nunca a

tivesse traído.[4] Pôs-lhe um cigarro na boca e acendeu-o. Nell inalou. Pelo menos o marido servia para alguma coisa. Henry virou-se e saiu do quarto.[5] Sozinha, Nell expirou o fumo e olhou para o corpo. Como chegara a sua vida àquilo? Era verão de 1940. Nell estava sentada, nua, no quarto elegante de outra mulher,[6] sentindo-se tão à vontade como uma morsa-mãe num ninho de pássaro — e era exatamente assim que parecia. Nove gravidezes fazem isso a qualquer mulher — deixam-lhe os seios pousados na barriga permanentemente inchada e essa barriga a derreter-se nas pernas de tronco de árvore.[7]

Nell só tinha seis filhos crescidos para mostrar dessas nove gravidezes, mas recusava-se a ter pena de si própria. Nell agarrava-se teimosamente à crença de que os filhos que sobreviveram e as mortes dos outros — a sua alegria e o seu sofrimento — faziam todos parte de um plano divino.[8] A porta abriu-se de rompante e três mulheres olharam boquiabertas para Nell. As sessões de Helen Duncan começavam invariavelmente com uma inspeção do seu corpo nu, um procedimento destinado a certificar-se de que nenhum pedaço de papel escondido, recordação ou farrapo de tecido poderia ser usado para falsificar os seus poderes psíquicos.[9]

As senhoras fitavam Nell, e Nell admirava-se com o espanto delas. Nunca tinham visto uma mulher gorda? Depois, sempre atenta aos juízos dos outros, Nell avaliou as suas inspetoras uma a uma. Hoje, uma era bondosa e tinha pena da humilhação da nudez de Nell; outra, uma devota reverente da comunicação espiritual; e a terceira, Mrs. Marion Gray, uma raposa tão repugnada pelo peso de Nell que se tornava incapaz de apreciar o seu dom. A boca de Mrs. Gray descaiu num desgosto involuntário enquanto dava uma ordem: «Levante-se, Mrs. Duncan.» Nell levantou-se e rodopiou como um elefante de circo a atuar para o domador. Mrs. Gray observou-a de alto a baixo. Nell esticou o pescoço, mantendo os olhos colados em Mrs. Gray.

O julgamento gélido gravado no rosto desta mulher libertou uma enxurrada de inseguranças. Esta sessão era mais um teste de pesadelo, e Mrs. Gray a mais recente de uma longa série de inquisidores mais santos do que ninguém: a própria mãe morta de Nell, o pastor da aldeia, o inspetor escolar,[10] e aquele demónio de homem, Harry Price. Todos tinham suspeitado que ela enganava.[11] Ansiosa e temendo que Albert,[12] o seu Guia Espírita, a abandonasse, Nell implorou uma garantia: «Oh, o que faço se o

Albert não vier?» Mrs. Gray não ofereceu uma palavra de conforto, mas chegou a um veredito relutante: «Não vejo nada de errado.» As outras duas senhoras assentiram em concordância, e Mrs. Gray pronunciou uma ordem final: «Vista o seu traje de sessão, Mrs. Duncan.»[13] Nell obedeceu, lentamente, muito lentamente. Nell obedecia quase sempre, mas movia-se sempre ao seu próprio ritmo. Urso de mulher, Nell fora treinada para atuar, mas logo abaixo da superfície da sua obediência ressoava um rosnado.[14]

Enfiou um braço de cada vez no traje de sessão, ergueu ambos os braços acima da cabeça e deixou cair o vestido preto sobre o corpo nu. Ainda de pé, puxou as calcinhas pretas pelas pernas e sobre o rabo. A seguir, baixou o traseiro para a cadeira e enfiou o pé direito e depois o esquerdo nos seus confortáveis ténis pretos.[15] Uma vez vestida, arrastou-se do quarto para a sala de sessões. Lá, sem olhar para o público, forçou a carne trémula a passar pela pequena congregação e a subir a um palco improvisado.[16] Este palco simples — um par de cortinas penduradas do teto e abertas com uma poltrona colocada entre elas — era espaço sagrado para os crentes na comunicação com os espíritos.

Neste local consagrado, as almas dos defuntos reentravam neste mundo e falavam com os entes queridos em luto. Os espíritas chamavam a este arranjo informal «Gabinete»,[17] e para Helen Duncan, que era claustrofóbica e tinha medo do escuro, parecia literalmente um armário, um lugar onde seria trancada e asfixiada.[18] Em 1940, Helen Duncan era a médium mais viajada e falada da Grã-Bretanha.[19] Enquanto a máquina de guerra nazi ameaçava invadir por mar e bombardear pelo ar, o Espiritismo, uma religião dedicada à comunicação com os mortos, criava raízes e florescia. Círculos de sessões, cerca de 50 000, brotavam por todas as Ilhas Britânicas.[20]

As atuações de Nell tornaram-se tão populares que ela mal conseguia acompanhar a procura.[21] Mas, apesar do sucesso, Nell não gostava do seu trabalho. Verdade seja dita, não tinha gosto por canalizar os mortos. Gostasse ou não, porém, Nell chegara a acreditar que carregava o destino de uma mártir e não deixava que qualquer quantidade de apreensão ou qualquer número de céticos se interpusesse no seu caminho.[22]

Nell espremeu-se na cadeira no centro do palco. As plantas dos pés formigavam-lhe e o medo, como uma corrente elétrica, subiu-lhe pelas pernas. O público rezava. «Pai Nosso, que estais nos Céus, santificado seja

o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu...»[23]

Com o peito a martelar, Nell fixou os olhos na lâmpada do teto ainda acesa e agradeceu a Deus por isso. Teria mais medo do fracasso e da humilhação ou da escuridão e do isolamento? Não havia tempo para destrinçar a diferença, agora não, não diante destes participantes. A corrida começara. Tinha de se forçar a entrar em transe antes que apagassem aquela luz, fechassem as cortinas do gabinete e a aprisionassem na escuridão. Fantasmas espreitavam nas sombras, prontos a tomar controlo do seu corpo.[24]

Nell procurou o marido pela sala. Henry estava ao fundo, junto ao gramofone. Sorriu-lhe com simpatia e pôs a música a tocar.[25] Os participantes juntaram-se ao coro:

South of the border, down Mexico way, That's where I fell in love, where stars above came out to play...[26]

Nell conteve o impulso de gritar. Se fechassem a cortina ou apagassem a luz antes de ela estar pronta, erguer-se-ia como um urso-pardo ameaçado, derrubaria a cortina e gritaria como uma banshee. Já o fizera antes e voltaria a fazer.[27] À beira do pânico,[28] Nell agarrou-se aos olhos de Henry, e Henry manteve o olhar firme enquanto o gramofone continuava:

South of the border, I rode back one day. There in a veil of white, by candlelight, she knelt to pray. The mission bells told me, that I shouldn't stay, South of the border, down Mexico way. Ay, ay, ay, ay (Ay, ay, ay, ay) Good bye, good bye.[29]

Nell rendeu-se ao feitiço de Henry.[30] Agarrando-se à crença de que o marido a amava, o espírito de Nell elevou-se e ela caiu em transe.[31]

Uma hora depois, Nell acordou de repente e deu por si encerrada atrás da cortina, presa na escuridão. Desorientada, tropeçou para fora do gabinete e desabou numa cadeira à espera. O corpo tremia-lhe como em trabalho de parto e gemeu o nome de Henry.[32]

Henry ajoelhou-se ao lado dela e agitou sais aromáticos debaixo do nariz.[33] A cabeça de Nell esticou-se para trás. Tentou focar o rosto do marido e perguntou-lhe: «O Albert veio?» «O Albert veio», garantiu-lhe ele.

Rodeada pelos participantes, Nell implorou aprovação. «Ficaram satisfeitos?»[34] Mrs. Gray reteve o elogio.[35] Outros aplaudiram: «Maravilhoso!» «Brilhante!» «Extraordinário!» Henry colocou-lhe um

cigarro na boca,[36] e a anfitriã da sessão trouxe-lhe chá. Sentada no meio da conversa, Nell ouviu os convidados maravilharem-se.[37]

A metamorfose de Mrs. Helen Duncan no seu Guia Espírita, Albert Stewart, era considerada uma das transformações mais extraordinárias do Espiritismo. Enquanto Mrs. Duncan, camponesa das Terras Altas, murmurava num sotaque escocês tão cerrado que os ingleses educados mal conseguiam decifrar o que dizia, Albert, um cavalheiro viajado e de boa linhagem, falava com um sotaque oxfordiano impecável, cem por cento BBC.

A voz dela era um barítono gutural, rouco de tanto fumar, do pó das fábricas e da tuberculose; a voz de Albert era mais aguda, com um leve tom efeminado. Mrs. Duncan, sombria e tímida, mal conversava; Albert, a alma da festa, comportava-se como mestre de cerimónias do mundo dos mortos: distribuía sabedoria, fazia piadas, oferecia esperança e introduzia um desfile de visitantes espíritas.[38] A convite de Albert, parentes e amigos falecidos, falando com vozes diferentes e dialetos diversos, atravessavam o véu e reuniam-se com os participantes. Em conversas íntimas, os visitantes espíritas revelavam pormenores pessoais e forneciam provas da vida eterna.[39]

Mas, no verão de 1940, depois da retirada britânica de Dunquerque e da rendição de França aos nazis, até os devotos mais reverentes de Albert achavam as profecias dele absurdas. A máquina de guerra alemã esmagara todas as nações do norte da Europa. Hitler estava agora livre para subjugar a Grã-Bretanha, uma nação insular sem aliados. Contudo, contra todo o bom senso, Albert predizia que a Alemanha não invadiria. Quando Estaline e Hitler juraram lealdade eterna um ao outro e assinaram um pacto de não-agressão, Albert teve a audácia de sugerir que soviéticos e britânicos se tornariam aliados. Enquanto peritos militares faziam previsões sombrias de uma vitória rápida do Eixo, Albert previa um conflito prolongado, com seis anos de duração.

E enquanto os britânicos lamentavam a determinação americana de ficar fora deste conflito europeu, Albert insistia que esta guerra envolveria o globo inteiro, dos Estados Unidos ao Japão. O mais enigmático de tudo: Albert profetizou que as hostilidades só terminariam depois de dois grandes estrondos. Claro que o público ridicularizava estas previsões inconcebíveis.[40] Até Nell esperava que as previsões de Albert se revelassem falsas; rezava para que os dois genros regressassem sãos e salvos e para que

os dois filhos não fossem arrastados para a batalha e enviados para o estrangeiro.[41]

Quanto a esta noite de verão, o calvário de Nell terminara. Do outro lado da sala de sessões, o organizador colocou um maço de notas na mão estendida de Henry. Ele inclinou-se, agradecendo, e guardou o pagamento no bolso do casaco. Ao cruzar o olhar com Nell, sorriu aprovadoramente.[42]

Mrs. Gray dirigiu-se carrancuda para a porta.

3
O INVESTIGADOR PSÍQUICO

NO CALOR DO VERÃO DE 1940, HARRY PRICE DERA PARA REMEMORAR com uma caneta numa mão e uma pistola Colt carregada ao alcance do cotovelo. Nestes dias, as recordações e a arma serviam propósitos opostos: as memórias forneciam munições para o seu próximo livro, uma autobiografia intitulada Search for Truth; o revólver mantinha-o alerta para a obrigação atual de abater quaisquer paraquedistas alemães que descessem sobre a sua aldeia.[1] Price entregava-se com entusiasmo desmedido à primeira tarefa e com relutante cautela à segunda. Gostava imenso de perpetrar uma versão embelezada da sua história de vida,[2] ao passo que achava desagradável a ideia de matar rapazes arianos.[3]

Price gostava da Alemanha. A Universidade de Bona distinguira-o com honras, e Adolf Hitler entretivera-o durante um dia. Na verdade, não chegara a conhecer pessoalmente Herr Hitler, mas o Führer providenciara para que Price fosse regalado com vinhos e jantar em grande estilo.[4] Se as nações não estivessem em guerra, Price ainda preferiria a companhia de investigadores psíquicos nazis à dos espíritas ingleses.[5] Tendo escolha, preferiria derrubar gente como Helen Duncan a derrubar o Terceiro Reich.[6]

O carteiro deixou cair um monte de cartas à porta de Price, todas endereçadas ao Honorável Presidente do Laboratório Nacional de Investigação Psíquica. Inspecionou um envelope com remetente de Portsmouth.[7] Não conhecia o remetente, mas recebia frequentemente cartas de admiradores,[8] especialmente de senhoras.[9]

Harry Price possuía um carisma inegável. A calvície absoluta da sua cabeça perfeitamente oval acentuava a força fria das feições: maxilar firme de determinação, nariz direito e proeminente, olhos grandes e penetrantes.

Price usava fatos feitos à medida, sobretudo de caxemira, gravatas de seda e chapéus das melhores chapelarias de Londres.[10]

Pegando num bisturi primorosamente afiado, rasgou o envelope e dele caiu uma carta venenosa de Mrs. Marion Gray. «Uma mulher grosseira e imensamente gorda, nua, estava sentada numa cadeira a fumar um cigarro. A mera visão dela revoltou-me. Fixou-me com um olhar insistente — murmurando o tempo todo: "Oh, o que faço se o Albert não vier esta noite?"»[11]

O lábio dele curvou-se perante este lembrete agridoce e continuou a ler. «Não acha que se deveria fazer alguma coisa para impedir estas harpias de se alimentarem da miséria alheia?»[12]

Distraidamente, enquanto enchia o cachimbo ao estilo de Sherlock Holmes com tabaco,[13] remexeu recordações vívidas.

Quase dez anos antes, no início dos anos 1930, Price andara obcecado com Mrs. Victoria Helen Duncan.[14] Vira-a pela primeira vez na Queensbury Street, n.º 16, uma casa eduardiana imaculada de colunas brancas pertença da London Spiritualist Alliance, a principal sociedade paranormal do país.[15] Na época, o laboratório de Price ocupava o último andar daquele edifício, mas as relações com os senhorios azedaram.[16]

Num dia memorável, enquanto subia as escadas furtivamente, a campainha tocou. Virando-se, viu Mrs. Duncan, o brinde da elite espírita, entrar no vestíbulo.[17] Disfarçara a corpulência e a origem humilde com acessórios bem escolhidos: uma estola de raposa pequena e um chapéu de feltro na moda. O marido, um homem cuja cabeça equina parecia grande demais para o corpo magro, estava ao lado dela.[18]

Miss Mercy Phillimore, a grande dama do Espiritismo, recebeu Mr. e Mrs. Duncan. Com a sua habitual reserva altiva, Miss Mercy conduziu o casal pelo corredor de entrada.[19] Enquanto Mrs. Duncan seguia, ergueu os olhos, viu Price, puxou a manga do marido e, com um olhar suspeito para cima, chamou-lhe a atenção para a escada.

Ao notar o gesto, Miss Mercy explicou friamente: «É o Sr. Harry Price.»[20] Obviamente impressionado, Mr. Duncan exclamou: «A sério? O próprio Harry Price? O Diretor do Laboratório Nacional de Investigação Psíquica?»[21]

Satisfeito com a reação de Mr. Duncan, Price tocou na aba do fedora. Mercy Phillimore fulminou Price com o olhar e resmungou alto: «Esse

homem está a ficar famoso à nossa custa, mas esse arranjo acabará em breve.»[22]

Visivelmente irritada, Miss Mercy pegou na mão de Mrs. Duncan e puxou-a apressadamente para a sala de sessões. Price espreitou intensamente atrás da médium. Cobiçava a mulher de Mr. Duncan, embora não no sentido habitual. O interesse era puramente científico: Price queria varrer Mrs. Duncan do chão e arrastar o seu corpo roliço até ao laboratório.

Mr. Duncan ficou para trás das duas mulheres, olhando suplicantemente para Price.

Price, sempre pronto a capitalizar o seu magnetismo, sorriu convidativamente. Depois, exatamente quando Mr. Duncan começou a subir as escadas, o Dr. Robert Fielding-Ould, presidente da London Spiritualist Alliance, entrou a correr para resgatar o marido hipnotizado.[23]

Enquanto o Dr. Fielding-Ould levava Mr. Duncan dali, Price ficou aborrecido com a oportunidade perdida. Toda a gente que era alguém queria observar os poderes fenomenais de Mrs. Duncan. Ela, como nenhuma outra médium, atraía a alta sociedade e elevaria Price à supremacia científica. Com Mrs. Duncan ao seu lado, Mr. Harry Price ficaria sozinho como o mais eminente investigador psíquico da Grã-Bretanha. Mrs. Duncan estava pronta a ser ordenhada, e Harry Price não tencionava permitir que os espíritas a esgotassem antes de ele próprio lhe deitar a mão à querida bovina.[24]

Claro que Price estava disposto a partilhar, e antes os espíritas teriam satisfeito todos os seus desejos. Caprichosos, outrora haviam-lhe prodigado tanta adoração como à Mrs. Duncan. Esses mesmos espíritas tinham-no atraído ao local com ofertas de amplo espaço laboratorial e acesso irrestrito a fenómenos psíquicos. Price instalara-se no sótão, trazendo a biblioteca, o equipamento e a paixão pela verificação objetiva do sobrenatural. Em troca, exibiam-no como a uma debutante, convidando-o para as sessões e desfilando-o perante a nata da sociedade.

Tudo correra às mil maravilhas até Price afirmar a sua independência. Mencionara a Sir Arthur Conan Doyle (e, claro, ao Sunday Chronicle) que «a história do Espiritismo era um longo rasto de fraude, loucura e credulidade». E com essa única observação, Conan Doyle e a sua família espírita viraram-se contra Price, tratando-o como um parasita que se infiltrara na casa deles. Doyle, o grande e crédulo, o idealista paternal e

célebre criador de Sherlock Holmes, expulsara Price do seu coração e recomendara a sua expulsão da Queensbury Street, n.º 16.[25]

Então, num golpe do destino que Price achou deliciosamente saboroso, o contrato de arrendamento sobrevivera a Sir Arthur Conan Doyle.[26] Lera os obituários do maior escritor de mistério da Grã-Bretanha enquanto repousava numa poltrona de couro na Queensbury Street, n.º 16. Enquanto Os de Baixo (termo cunhado por Price para captar o seu desdém pelos espíritas[27]) choravam, Price continuava aninhado acima deles, rindo-se: «Quem ri por último ri melhor.»[28]

Enquanto Doyle jazia silencioso na sua cripta, os espíritas passaram à planificação do evento daquela noite: a estreia em grande de Mrs. Duncan. Do seu poleiro na escada, Price assistiu à chegada de homens de smoking e senhoras de vestidos de cocktail. A lista de convidados parecia saída das páginas sociais: Sir Oliver Lodge, Madame Destrees, Major e Mrs. J. S. Swayne, Lady Harris e a filha, Lady Culme Seymour, a Honorável Mrs. Wild, Susan, Condessa de Malmesbury, a Condessa Ahlefeldt Lauring, Major Stewart, a Condessa de Lavradio, Lady Doreen Knatchbull, Dr. E. S. Reid, a Honorável Mrs. Cooper, Baron von Pohl e o Brigadeiro Roy Firebrace. Ao Sr. Harry Price, Honorável Presidente do Laboratório Nacional de Investigação Psíquica, fora dito que a sua presença não era requerida.[29]

Curando o ego ferido, Price observou Mrs. Duncan e viu-a olhar para trás e lançar um olhar inesperadamente subserviente ao marido. Mr. Duncan, impressionado com o seu recém-adquirido estatuto social e alheio à insegurança da mulher, afastou-se com o Dr. Fielding-Ould, o presidente reinante dos adoradores de fantasmas. Naquele instante, Price percebeu uma verdade útil: Mrs. Duncan tinha um ponto vulnerável — confiava no marido.[30]

Impressionado com os seus poderes de observação e dedução, Price continuou a subir as escadas da Queensbury Street, n.º 16. Abriu a porta do seu sótão. O equipamento estava em caixas e os livros atados com cordel. Ouvindo exclamações espontâneas, aplausos e vivas provenientes da sessão exclusiva de Mrs. Duncan,[31] saboreou a iminente mudança para um espaço próprio e independente — o seu próprio Laboratório Nacional de Investigação Psíquica na Roland Gardens, a apenas um quarteirão a sul da Queensbury Street. Em breve ficaria suficientemente longe para a

independência e suficientemente perto para contactos clandestinos com a talentosa Mrs. Duncan e o seu marido bajulador.[32]

Mas tudo isso fora há dez anos; hoje, em pleno verão de 1940, Harry Price seguia caminhos mais lucrativos. A campanha para desmascarar Mrs. Duncan ensinara-lhe uma lição valiosa: o público prefere a crença à descrença. Já não desperdiçava energia a tentar libertar os crentes das suas ilusões. Hoje em dia, certificava-se de que as suas investigações confirmavam o sobrenatural: carruagens reluzentes e cavalos, aparições sem cabeça, damas de branco, passos ominosos e gritos na noite. Não falsificava exatamente os resultados; limitava-se a pagar a «investigadores independentes» pelas suas observações, focava-se nas provas paranormais e evitava explicações mundanas.[33] Esta abordagem iluminada rendia lucros avultados. O seu livro mais recente, The Most Haunted House in Britain, fora um best-seller estrondoso.[34]

A guerra revelara-se particularmente boa para o negócio dos poltergeists. Com a Blitzkrieg à porta e a morte a rondar a população, os britânicos enlouqueceram, correndo desordenadamente de sessão em sessão, ansiosos por espreitar a vida eterna antes que a vida eterna os apanhasse. Um em cada quatro cidadãos britânicos professava crença em fenómenos paranormais.[35] Até altos oficiais militares e membros do Gabinete de Guerra frequentavam fantasmas.[36] Harry Price felicitava-se por explorar ao máximo este fascínio crescente.

Pegando no envelope que continha a queixa de Mrs. Gray, Price dirigiu-se ao ficheiro e colocou a carta numa pasta gasta marcada: DUNCAN, Helen. Embora mantivesse um desgosto pessoal por Mrs. Duncan, não tencionava enredar-se num ninho de ratos de recompensa duvidosa. Para ele revisitar o fiasco Duncan seria necessário um pedido de alguém de maior peso do que uma velha senhora insatisfeita. Harry Price finalmente compreendera: o poder gera poder.[37]

4
O CHEFE DE POLÍCIA

A 13 DE AGOSTO DE 1940, O CHEFE DE POLÍCIA ARTHUR CHARLES WEST atravessou a névoa matinal pela Praça da Câmara de Portsmouth. Naquela manhã de verão, Arthur West não fazia ideia de que uma médium escocesa chamada Helen Duncan representava um perigo para a sua cidade. West concentrava-se na ameaça evidente: do outro lado do Canal da Mancha, a apenas trinta e cinco quilómetros, soldados alemães pavoneavam-se pelas vilas e aldeias do norte de França. A suástica nazi ondeava sobre todos os países da Europa continental; apenas a Grã-Bretanha, uma nação sem aliados, se interpunha na ambição pervertida de Hitler. Portsmouth, o principal porto naval do Império Britânico, preparava-se para a Blitzkrieg.

West ergueu os olhos para o Guildhall; por cima das escadarias e colunas de mármore, através da neblina, conseguia distinguir a cúpula. A névoa dissipar-se-ia hoje.[1] Virou-se, desceu as escadas até à cave e entrou na Sede da Polícia. Enquanto percorria o longo corredor em direção ao seu gabinete, os agentes de serviço, alerta e atarefados, saudaram-no com continências informais e «Bom dia, chefe». Esta esquadra subterrânea, por baixo do gabinete do Lord Mayor Denis Daley e dos serviços municipais, era o centro nevrálgico. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, os homens de West monitorizavam o pulso de Portsmouth.[2]

A sua cidade, o seu dever, os seus homens e o seu posto: tudo era tão recente. Arthur West assumira o comando da aplicação da lei no principal porto naval de Sua Majestade apenas treze dias antes.[3]

Alguns diziam que Arthur era demasiado jovem para o cargo, mas a competência prevalecera sobre a antiguidade. Portsmouth não podia tolerar um estereótipo à Agatha Christie — um polícia idoso e trapalhão — no papel de Chefe de Polícia. Com espiões de Hitler à espreita nos becos e a Blitzkrieg prestes a ser desencadeada, a cidade precisava de um chefe de polícia capaz de circular entre os altos comandos militares, juristas e políticos e hábil a exigir o máximo dos seus homens ao mesmo tempo que dava o melhor aos cidadãos.

Arthur West podia ser jovem, mas era exatamente esse homem. Quando entrara para a polícia de Portsmouth aos vinte e dois anos, os colegas disseram-lhe: «Espera uma promoção por década; é a regra.»[4]

Arthur quebrara essa regra: sargento aos vinte e sete, inspetor aos trinta e um, superintendente aos trinta e sete e chefe de polícia aos quarenta e um. West subira a escada a dobrar a velocidade — quatro promoções em dezanove anos. Uma promoção a cada cinco anos — essa era a regra de Arthur.[5]

À tarde, a névoa dissipara-se mesmo.[6] Neste dia imaculado, o Chefe de Polícia Arthur Charles West saiu para inspecionar o seu território. Com passadas largas e porte régio, aproximou-se de uma viatura policial à espera, um exemplar fantástico: elegante, preto brilhante com cromados polidos como espelho, rodas traseiras abauladas e faróis salientes. Um dos seus homens, fardado com botões reluzentes e quepe de pala, abriu-lhe a porta do passageiro.[7]

Concedendo um aceno amigável ao agente, West pôs um pé no estribo e entrou.

Enquanto o motorista conduzia, West absorvia as cenas que passavam pela janela. A sua cidade e o exército entrelaçavam-se. Civis e marinheiros corriam de um lado para o outro entre as instalações da Marinha e os bairros de Portsmouth. Homens fardados passeavam pelas ruas; homens de macacão trabalhavam nos cais. Por todo o lado, preparavam-se para o assalto nazi. Nos quintais, homens cavavam abrigos de trincheira (buracos reforçados com betão e cobertos de relva) e construíam abrigos Anderson (grutas de chapa ondulada curvada). O mais importante: os balões de barragem estavam no lugar; gigantescos balões de hidrogénio, como baleias cinzentas brilhantes do tamanho de um prédio de apartamentos, flutuavam sobre a cidade, ocultando alvos estratégicos. Por toda a cidade, sacos de areia bloqueavam as entradas de edifícios públicos. Ao longo das linhas férreas perto de Farlington, caixões e pás aguardavam enterros de emergência.[8]

Nos arredores da cidade, o adorado campo inglês tornara-se feio. Lixo em grande escala, carros abandonados, autocarros, carroças e camas de ferro espalhavam-se por todos os prados, colinas e campos de golfe. Não restava um palmo de terreno aberto onde aviões de transporte alemães pudessem aterrar e largar centenas de soldados nazis saqueadores.[9] O Chefe de Polícia West ordenou ao motorista que seguisse para a costa de Portsmouth.

Ao longo do passeio marítimo, o calçadão preparava-se para a batalha. As arcadas e barracas de algodão-doce que ladeavam a praia estavam agora

tapadas com tábuas, e as ondas lambiam rolos de arame farpado. Nas praias onde as crianças erguiam castelos de areia, pedreiros colocavam agora barreiras de betão. Onde mães e pais viam os filhos brincar, torres de vigia, como esqueletos de aço, vigiavam o mar. No porto, navios de guerra projetavam sombras na água calma. A cidade devia parecer nítida como uma fotografia de reconhecimento.[10] Arthur West viu tudo. Por vezes, um dia de sol é uma maldição.

Às 16h20, as sirenes uivaram. West correu para a viatura e ordenou ao motorista que acelerasse a fundo. Zigzagueando de local em local, o Chefe de Polícia supervisionou a resposta de emergência.[11] Como instruído, civis — mães, crianças e idosos — correram para abrigos de trincheira subterrâneos ou amontoaram-se nos abrigos metálicos Anderson.[12] O exército ativou a rotina bem ensaiada. Autocarros de dois andares travaram a fundo em frente dos quartéis navais e marinheiros armados saltaram para dentro. Os autocarros dispararam a toda a velocidade para Southsea.[13] Os jovens recrutas posicionaram-se atrás de barreiras de sacos de areia. Toda a artilharia apontava ao céu.

No horizonte leste, cem bombardeiros nazis, talvez mais, surgiram, voando alto, demasiado alto. Nenhuma arma na Terra alcançava aviões a essa altitude. Só restava observar. A Luftwaffe poupou as instalações navais, dirigiu-se diretamente à cidade de Portsmouth e largou a carga sobre lojas e casas. Explosões abalaram o solo e incendiaram a cidade. O mais horrível: os abrigos falharam. Abrigos de trincheira desabaram sobre mulheres, crianças e idosos; abrigos metálicos Anderson explodiram.

Às 16h25, os bombardeiros alemães viraram e regressaram ao continente. O ataque durara cinco minutos. Hitler ordenara o Adler Tag, o Dia da Águia; a Batalha da Grã-Bretanha começara com um ataque a Portsmouth.

Nos dias seguintes, o fumo dissipou-se e os escombros arrefeceram. O Chefe de Polícia West percorreu as ruas de Portsmouth, avaliando os danos e oferecendo condolências. Como enlutados à procura de recordações, os cidadãos vasculhavam montes de entulho. Uma jovem mãe, cabelo cuidadosamente enrolado em caracóis curtos, uma avó idosa com o seu melhor chapéu de domingo, um cavalheiro idoso de fato respeitável: todos faziam peregrinações. Os quartos onde estas boas pessoas tinham cozinhado, dormido, feito amor, dado à luz e tomado o chá diário jaziam em ruínas aos seus pés. Avançavam com cuidado sobre pilhas de tijolos,

vigas e portas, olhando para baixo, procurando cobertores, roupa, um tacho, uma lata de chá não estragada, uma bicicleta recuperável, a boneca favorita de uma criança, uma escova de cabelo. Embrulhavam os objetos pessoais que sobreviviam e levavam-nos como bebés preciosos para os centros de acolhimento. Estes cidadãos cumpridores da lei de Portsmouth, vizinhos do Chefe de Polícia, recolhiam-se aos abrigos de emergência que agora partilhavam com outros desalojados.[14]

Dia após dia, semana após semana, mês após mês, as sirenes soavam. A máquina de guerra alemã enchia os céus do sul de Inglaterra de bombardeiros e transformava a terra abaixo num inferno. Em Portsmouth, Southampton, Brighton, Dover, Coventry, Sul do País de Gales e Londres — especialmente Londres — civis morriam aos milhares. Em setembro de 1940, 6954 pessoas morreram.[15] Em outubro, 6350 morreram.[16] Em novembro, 4588 morreram.[17] Em dezembro, mais 3793 morreram.[18] Entre o verão e o Natal de 1940, o bombardeamento impiedoso da Luftwaffe matou 21 685 civis — na maioria idosos e crianças, na maioria mulheres e crianças. O quadrante sudeste de Inglaterra ganhou um novo nome: Hellfire Corner.[19]

O Blitz tinha o dom de nivelar as pessoas; humilhava as classes altas e elevava os de origem humilde, especialmente se os trabalhadores fossem extremamente competentes. Quando o Rei, a Rainha ou Winston Churchill vinham a Portsmouth, o Chefe de Polícia Arthur Charles West acompanhava-os entre os escombros. Em pouco tempo, o Chefe de Polícia e o Lord Mayor Sir Denis Daley tornaram-se grandes amigos.[20]

Como fazia frequentemente, Arthur West subiu a escadaria de mármore do Guildhall e bateu à porta do gabinete do Lord Mayor.[21] Sir Denis, um cavalheiro alto e calvo com um rosto pequeno surpreendentemente travesso,[22] espreitou por cima do jornal, observou o Chefe de Polícia e perguntou: «Arthur, alguém já te disse? Pareces-te muito com o Rei Eduardo — tão bonito, tão elegante...»[23]

«Tão ariano», interrompeu West. «Não é exatamente um elogio, Denis. O homem abdicou do trono por um caso de amor com uma americana divorciada.»

«Só a aparência, Arthur. Não estava a falar de caráter. Tu não és do tipo que cede poder, nem um grama.»[24] Enquanto West se instalava numa poltrona, Sir Denis mudou de assunto. «O que achas das notícias?»

«Regulamentos de segurança mais apertados, a Lei da Traição, a Lei dos Segredos Oficiais — estou finalmente a ganhar o poder de que preciso», exultou West. «Com aquele velho teimoso do Churchill de novo no comando, o Parlamento está finalmente a fazer trabalho a sério.»[25]

«Não, não», repreendeu Sir Denis, «estava a pensar na grande notícia. Olha aqui no Daily Sketch.»

West aproximou-se para ver o jornal do mayor. Sir Denis apontou para uma reportagem intitulada «Espiões Frequentam Sessões Espíritas».[26]

West leu o artigo, concentrando-se em todos os pormenores.

Sir Denis riu-se: «A Luz do Céu É o Nosso Guia — não é esse o lema da polícia de Portsmouth?[27] Talvez devesses ir a uma sessão e abrir-te à orientação do Mundo Espiritual? Que tal? Matavas dois coelhos de uma cajadada só: interrogavas os fantasmas fofoqueiros ao mesmo tempo que enriquecias a tua vida espiritual? Vê se algum segredo oficial está a ser revelado antes do tempo. Ouvi dizer que há uma Igreja Espírita na Copnor Road, o Master Temple.»[28]

«Nada engraçado», franziu o sobrolho o Chefe de Polícia. Não tinha problema com o lema da sua polícia. Na verdade, apoiava-o de coração. West acreditava, sem dúvida, que o trabalho policial, o seu trabalho, era abençoado e guiado pelo Céu. Pelo Céu, não por conjuradores de fantasmas barulhentos com acesso profano a informações classificadas. Arthur West não era espírita.[29]

«Arthur, se tu dizes "não é engraçado", então não é engraçado», concedeu o mayor. Até Sir Denis Daley sabia que o Chefe de Polícia Arthur Charles West, com os seus laços cada vez mais fortes com o Comando Naval e a Inteligência Militar, estava prestes a tornar-se a verdadeira autoridade em Portsmouth em tempo de guerra.[30]

Na noite de 10 de janeiro de 1941, cinco meses após o primeiro ataque aéreo de Hitler a Portsmouth, o Chefe de Polícia West saiu do seu gabinete na cave do Guildhall. O Sargento-Detetive Fred Ford, um dos detetives à paisana mais desajeitados de Portsmouth, tocou na aba do chapéu trilby e disse: «Tenha uma noite tranquila, chefe. Está tudo calmo. Dizem que é uma pausa de inverno na Blitz; não há ataques aéreos desde a véspera de Natal.»

West notou que o bigode farto do Sargento Ford tremeu. Intimidava-o, ou Fred Ford era simplesmente um tipo nervoso?[31] O Chefe de Polícia

guardou a pergunta para si. Perguntou: «Achas mesmo que Portsmouth saiu do radar do Führer, Fred?»[32]

O Sargento Ford não respondeu.

Cansado, mas recusando mostrar qualquer sinal de fraqueza, West endireitou as costas e subiu rapidamente as escadas até à Praça da Câmara. Já estava escuro, completamente escuro. À noite, qualquer luz vista de cima, qualquer sinal de vida, tornava-se alvo da Lufturó. As lâmpadas tinham sido retiradas de todos os candeeiros de rua. Todas as janelas de Portsmouth estavam pintadas de preto ou cobertas com cortinas pretas para impedir que escapasse um único lampejo. Até os faróis da viatura policial de West estavam cobertos com lona preta.[33] Conduziu devagar pelas ruas e ansiava por uma noite tranquila com a sua maternal esposa, Ida.[34]

O Chefe de Polícia chegou a casa a tempo de desejar bons sonhos ao filho adolescente, Michael.[35] Arthur desabou numa cadeira e Ida trouxe-lhe chá. O casal conversou na sua caverna escura. Enquanto Arthur mexia o açúcar na chávena, as sirenes uivaram. «É provavelmente um alarme falso», resmungou.

Ida sorriu, do seu modo reconfortante, e concordou: «Provavelmente.»

West olhou para a porta da frente.

Ida disse: «Vai, Arthur. Sabes que não consegues dormir. E não há nada que possas fazer para me proteger a mim ou ao Michael.»

West beijou-a e saiu.

Em minutos, cruzamentos por toda a Portsmouth explodiram. Um brilho incandescente encheu o céu noturno.[36] Com esta radiância sinistra demasiado familiar a iluminar as ruas, West acelerou a fundo, através de ondas de chamas, de volta à Sede da Polícia.

Entrando em derrapagem na Praça da Câmara, viu o Guildhall explodir. A ala direita voou pelos ares e ardeu como uma tocha gigantesca. O chão tremeu, e os seus homens correram da cave para a praça.

Naquela noite, 140 toneladas de explosivos de alto poder e 50 000 bombas incendiárias choveram sobre Portsmouth. No ataque mais cruel de todos, a conduta principal de água rebentou. Sem água para apagar os incêndios, West e os seus homens ficaram de braços cruzados. O interior do Guildhall, incluindo a Sede da Polícia, transformou-se em carvão.[37]

5
À LUZ DA MANHÃ

NA MANHÃ DE 24 DE MAIO DE 1941, NELL ESTAVA DEITADA NA CAMA, olhos ainda fechados. Uma premonição estranha flutuava pelo nevoeiro do seu meio-sono: alguma calamidade no norte.[1] Depois, um repentino beliscão na bochecha acordou-a em sobressalto. Nell abriu os olhos e viu Dawn, a sua neta minúscula, a espreitar por cima da borda da cama. Por um momento, Nell pensou que o rosto de Dawn explicava o pressentimento. Uma terrível tragédia acontecera no norte; o pai de Dawn, artilheiro da Royal Air Force, morrera — abatido do céu — e estava enterrado na Noruega. Agora a mãe de Dawn, Lilian, consumida pelo luto e a sofrer de tuberculose, estava internada num sanatório. Dawn e a irmã recém-nascida, Joan, viviam com a avó Nell, o avô Henry, tias e tios.[2]

Nell perguntou à neta: «Queres que a avó te faça um pudim de aveia especial ao pequeno-almoço?»[3]

Dawn abriu um sorriso largo, mas aquele sorriso não apagou a apreensão de Nell. Mesmo na cozinha, enquanto se envolvia num avental e deitava um pedaço de gordura de bacon em água a ferver,[4] a sensação de catástrofe agarrava-se a ela. Depois, a bebé Joan chorou pelo biberão. A tia Gena — a mais nova de Nell — correu a pegar na bebé. A tia Nan — a segunda filha de Nell — entrou a correr para aquecer o biberão. O avô Henry tropeçou até lá a pedir uma chávena de chá matinal. O tio Harry e o tio Peter — os dois filhos de Nell — sentaram-se à mesa e anunciaram: «Estamos mortos de fome.» Enquanto a casa se enchia de atividade, a sensação de desgraça escapou da mente de Nell.

Às vezes até Nell tinha dificuldade em acompanhar os seus próprios filhos. A pequena Dawn devia estar terrivelmente confusa com todos estes Duncan — avó e avô, duas tias e dois tios. Só a mãe internada de Dawn, Lilian, e a filha mais velha de Nell, Bella, não estavam espremidas no bangalô.[5]

Bella revelara-se uma das sortudas. Há um ano, o marido fora dado como desaparecido na evacuação de Dunquerque. Depois, descobriu-se que um pescador inglês o tirara do mar e o atirara para um monte de soldados, todos ofegantes como linguados de Dover. O arrastão despejara-o na aldeia costeira de Folkestone. Desde a feliz reunião, a família de Bella vivia por

conta própria.[6] Mesmo sem Bella e Lilian, Nell tinha sete bocas a clamar por comida.

A meio da manhã, Nell escapou ao barulho e dirigiu-se ao trabalho na zona de calçada de Edimburgo. Bateu à porta de entregas do andar de baixo da bela casa de Mrs. Waymark. Todas as médiuns, pelo menos as médiuns de classe baixa, entravam e saíam das sessões por portas de serviço.[7]

Uma criada abriu de par em par a porta sem polimento, e Nell espremeu-se pela abertura. Uma vez lá dentro, pendurou o casaco num gancho do andar de baixo. Agarrando o corrimão, forçou-se a subir degrau a degrau até aos aposentos de Mrs. Waymark.

Encolhida como uma flor de parede humilde no fundo do vestíbulo,[8] Nell viu outros convidados chegarem pela porta da frente recém-lavada de Mrs. Waymark e reconheceu o Brigadeiro Roy Firebrace dos seus tempos em Londres. Mesmo de fato e gravata civil, o Brigadeiro parecia militar. Alto e largo, mantinha-se direito como um poste e movia-se nos círculos psíquicos mais elitistas.[9] Mas Firebrace, ao contrário de muitos da sua classe, não se mantinha distante. Era notoriamente afável, bondoso e divertido.[10] Assim que a viu, dirigiu-se diretamente a ela e cumprimentou-a: «Mrs. Duncan, depois de tantos anos, fico muito contente por vê-la. Espero grandes coisas desta sessão.»

O Brigadeiro tomou Nell pelo braço e acompanhou-a até à sala de Mrs. Waymark.[11] Lá, Nell tomou o seu lugar à cabeceira do círculo de sessão. Sem Gabinete para a assustar,[12] com a luz a entrar pelas janelas e os doces hinos dos participantes a embalá-la, Nell deslizou para um transe tão inocente como um bebé no berço.

Uma hora depois, quando o corpo de Nell estremeceu e ela regressou do estado alterado, o comportamento de Firebrace mudara. Evitando Nell, o Brigadeiro agradeceu a Mrs. Waymark por acolher uma bela demonstração de clarividência, saiu pela porta da frente, fechou-a com firmeza e afastou-se apressado como se tivesse uma missão urgente.[13]

6
UMA BRECHA DE INTELIGÊNCIA

O CHEFE DE POLÍCIA ARTHUR WEST BATIA COM OS DEDOS NA SUPERFÍCIE polida da sua secretária de mogno. Neste dia de dezembro de 1941, West aguardava ansiosamente a chegada de um cavalheiro da Inteligência Militar, Divisão 5.[1] Um segredo de importância estratégica vital escapara.[2]

West rodou na cadeira, olhou pela janela em arco do seu gabinete e contemplou a vista. O lago de lótus dormente, os ramos graciosamente arqueados da figueira, os canteiros de flores adormecidos, o court de ténis bem cuidado, a hera de inverno a trepar pelas paredes de tijolo,[3] esta cena acalmava-lhe os nervos.

Ouvindo o bulício do lado de fora da porta — a secretária a datilografar, os detetives a subir a escadaria de mármore e a trocar saudações ruidosas —, o Chefe de Polícia refletiu sobre a incongruência: a propriedade mais opulenta de Portsmouth era agora a Sede da Polícia.[4]

Esta mansão de estilo Tudor — tijolo com frontões de estuque e vigas decorativas — provava que os vitorianos tardios tinham um apetite insaciável por cerveja. A Cervejaria Brickwoods fizera fortuna, e Mr. Brickwoods investira a sua riqueza na construção desta peça arquitetónica de exibição.[5] Todos os pormenores ornamentados, dentro e fora, pediam para ser admirados. O piso de entrada — um mosaico de mármore branco, cinzento e carvão — soletrava o nome Brickwoods em letra decorativa.

Cada fuso, cada corrimão, cada porta, cada caixilho de janela era feito de madeiras nobres e intricadamente esculpido. No centro desta magnífica casa ficava a sala de baile: numa extremidade, uma lareira colossal de mogno e mármore verde digna de um castelo real; na outra, uma parede de vidro biselado intricadamente cortado em janelas de chumbo; por cima, uma varanda de arcos graciosos, balaústres brancos e colunas com luz a entrar por outra parede de janelas; e o teto, painéis de claraboias, cada um fixado por molduras largas pintadas de cor creme.[6]

O magnata original dos Brickwoods deleitara-se com Byculla House, mas os descendentes abandonaram-na. Os últimos residentes de Byculla tinham sido um grupo de debutantes. Nessa era, a sala de baile fora usada para o fim a que se destinava. Depois, a Blitz castigou Portsmouth. As

jovens senhoras evacuaram a sua sumptuosa morada e, presumivelmente, estavam em segurança numa casa senhorial no campo.[7]

Byculla House fora legada ao bem comum. Quando a Luftwaffe incendiou o Guildhall, deixando a polícia de Portsmouth sem base, o Chefe de Polícia West reclamou-a e transformou-a na sua sede.[8]

Por algum capricho irónico do destino, o espírito da Cervejaria Brickwoods renascera. A sala de baile revelara-se um ótimo local para festas. Arthur Charles West não gostava de nada mais do que ser anfitrião de uma reunião animada de agentes da polícia e homens da marinha. Em muitas noites altrimenti sombrias, os melhores e mais corajosos erguiam os seus frascos, brindando ruidosamente e cantando rodada após rodada de Cardinal Puff. Estas folias faziam mais do que libertar tensão; cimentavam a camaradagem e a cooperação entre as forças da lei e os militares. E, claro, a cerveja corria livremente.[9]

O Chefe de Polícia não esperava, porém, que o visitante aguardado da Inteligência Militar fosse do tipo de homem que pegasse numa caneca e se soltasse. A maioria dos Oficiais de Ligação de Segurança Regional (RSLOs) considerava-se líderes incorruptíveis do Império de Sua Majestade. Nascidos na aristocracia e educados para exibir maneiras impecáveis à mesa e um polido desdém pelas classes inferiores, estes homens discretos eram exímios em conversa fiada.[10]

Nestes dias, custasse o que custasse, um RSLO dava um salto a Byculla House para o habitual banquete de mexericos inconsequentes.11 Na maior parte das semanas, West suportava a hora inteira, perguntando-se o tempo todo quando é que o Gabinete de Guerra iria despir o hábito a estes tipos de tweed e promover detetives a sério — investigadores à paisana capazes de arrancar informações sólidas do fundo da sarjeta — para posições de poder.12

No entanto, apesar da sua opinião geral sobre as limitações refinadas dos oficiais dos Serviços de Informações Militares, West tinha uma maneira de os fazer comer na sua mão. Adotando um ar solene e falando com o sotaque inglês mais impecável, o Chefe de Polícia dizia-lhes o que eles queriam ouvir, ganhava a confiança deles e ficava a saber o que queria saber.13

Finalmente, chegou o cavalheiro do MI5. A secretária de West introduziu-o no amplo gabinete do Chefe de Polícia, saiu e fechou

firmemente a porta atrás de si. O RSLO sentou-se numa cadeira em frente de West.

Nesse dia, West não tinha a paciência habitual para bajulações; foi direito ao assunto.

«Houve uma quebra de segurança potencialmente perigosa — uma violação flagrante da Lei dos Segredos Oficiais. Os alemães nem sequer suspeitam disto.14 Este rumor surgiu e propagou-se como um incêndio florestal.»

West levantou-se, aproximou-se do seu convidado do MI5, encostou-se à secretária e continuou.

«Eis o que sei. No dia 25 de novembro, três couraçados britânicos — HMS Queen Elizabeth, Valiant e Barham — juntamente com oito contratorpedeiros, andavam a varrer o Mediterrâneo à procura de um comboio nazi. Um submarino alemão aproximou-se furtivamente e torpedeou o Barham. Depois, o U-boot nazi pôs-se em fuga a toda a velocidade. Quatro minutos depois, o paiol de ré do Barham explodiu, mandando-o para o fundo do mar; 395 conseguiram sobreviver, mas 861 dos nossos rapazes morreram.»15

As palavras de West esmoreceram enquanto imaginava o horror: a explosão, o tornado de fumo negro, os homens engolidos por vagas revoltas.

«Mas», o Chefe de Polícia voltou a concentrar-se, «há uma notícia boa, muito boa: o Alto Comando Alemão não sabe. Aparentemente, o comandante do U-boot fez uma avaliação vaga de danos mínimos. Hitler acredita que a nossa frota do Mediterrâneo ainda está em plena força; isso é uma verdadeira vantagem tática. Este segredo é tão crucial que o Almirantado se deu a grandes esforços para disfarçar a perda do Barham. Postais de Natal, assinados, selados e carimbados pelos tripulantes já falecidos, foram enviados. Até os familiares dos marinheiros mortos receberam saudações natalícias falsificadas.»16

O RSLO perguntou, com suspeita notória e talvez um toque de inveja: «Como chegou a esta informação?»

«O Barham era um navio de Portsmouth. Digamos apenas que tenho contactos», disse o Chefe de Polícia de forma enigmática. Depois admitiu: «Mas mesmo com as minhas fontes, talvez não tivesse sabido do Barham. A história escapou.»17

O RSLO endireitou as costas e passou a escutar com mais atenção. West continuou.

«Depois de o Barham ter explodido, uma médium escocesa realizou uma sessão espírita numa igreja espiritualista na Copnor Road. Diz o boato que apareceu uma criatura fantasmagórica, com um boné de marinheiro onde se lia HMS Barham. O espectro pairou junto a uma jovem mulher e disse: 'Desculpa, querida, o meu navio afundou-se no Mediterrâneo. Já passei para o Outro Lado.'

«Acontece que a pobre rapariga tinha o marido a servir no Barham. No dia seguinte, telefonou ao Almirantado para perguntar se o Barham se tinha afundado.

«A viúva mal tinha pousado o telefone quando dois funcionários do Almirantado bateram à porta dela. Deram-lhe uma palestra de ânimo, disseram-lhe para não acreditar em fantasmas, desencorajaram-na de tirar conclusões precipitadas e garantiram-lhe que, se algo estivesse errado, seria notificada pelos canais adequados.18 Mas já era tarde demais para tapar a fuga; a cidade inteira já estava inundada de especulações.»19

West fez uma pausa e dirigiu o seu poder de interrogatório ao RSLO.

«O que sabe sobre Helen Duncan?»

«É de Edimburgo?», perguntou o RSLO.

«Sim, essa mulher viaja regularmente entre Edimburgo e Portsmouth», confirmou West.

«De um local estratégico para outro»,20 observou o RSLO.

Com a mão sobre os lábios, pensativo, o RSLO fitou Arthur West. «Deixe-me pensar», começou hesitante. «Arthur, vai ter de ter paciência enquanto eu organizo isto. Há um oficial dos Serviços de Informações Militares na Escócia: o brigadeiro Roy Firebrace. Na verdade, não é um operativo qualquer do MI5; é o Chefe dos Serviços de Informações Militares da Escócia. Já foi adido militar junto dos soviéticos. Seja como for, fala fluentemente francês, russo, alemão e hindi,21 um cavalheiro de grande porte e grandes ambições, com jeito para o clandestino.22

«Este brigadeiro Firebrace opera a partir de Edimburgo», disse o RSLO com um resmungo divertido. «Há sempre alguma intriga indizível a acontecer em Edimburgo. Lembra-se de quando o espião alemão 'Werner Walti' foi apanhado com um emissor numa mala na estação de Waverley?23 E na primavera passada, quando o vice-Führer Rudolf Hess desceu de paraquedas na Escócia, alegando estar sob ordens dos astrólogos

de Hitler?24 É a Escócia, um ninho de ratos de rumores que nunca acabam: espiões nazis disfarçados de freiras, carregando pistolas de raios secretas debaixo dos hábitos;25 agentes alemães a assistir a sessões espíritas com a intenção de obter segredos classificados dos mortos.26 E houve...»

West interrompeu, com uma avaliação mais realista do assunto em questão. «Edimburgo é um porto vital perto da Noruega ocupada pelos nazis.»27

«Isso também», concordou o RSLO. «Como eu estava a dizer, o brigadeiro Firebrace é confiado pelos chefes máximos da segurança interna. Mas, para ser sincero, Firebrace é um pato bastante esquisito, encaixa perfeitamente na cena de Edimburgo. É profundamente devoto da investigação paranormal. Análise objetiva de fenómenos psíquicos. Afirma ter testado a veracidade da comunicação com espíritos e jura que falou com os mortos — Sir Arthur Conan Doyle e Sir Lawrence da Arábia, entre outros.28

«Este brigadeiro tem um respeito considerável pelos poderes místicos da Sra. Duncan. Na primavera passada, assistiu a uma das suas sessões. E aqui está o busílis: o Controlo Espiritual, Albert, aparentemente um bastardo bastante arrogante, anunciou: 'Acabou de afundar-se um grande couraçado britânico.'29

«Ao ouvir o boletim noticioso de Albert, Firebrace mal conseguiu conter a ansiedade; naquele mês, Churchill tinha dado ordem para manter secreto todas as perdas no mar.30 O brigadeiro conseguiu escapar educadamente, saiu a correr da sessão, correu para o seu gabinete, pegou no telefone seguro e ligou ao Almirantado.

«Um oficial do Almirantado atendeu, e Firebrace perguntou: 'Algum dos nossos couraçados afundou-se esta manhã?'

«O oficial garantiu a Firebrace que estava tudo bem. Aliviado, o brigadeiro pousou o telefone e continuou os seus afazeres de sábado.»31

Os olhos do RSLO estreitaram-se, e fez uma pergunta retórica: «Sabe que dia era aquele? Era 24 de maio de 1941.»

Com aquela última peça de informação, o objetivo da história atingiu West como uma bofetada na cara. 24 de maio de 1941 foi a data da batalha naval mais infame da Segunda Guerra Mundial.32

Enquanto o oficial do Almirantado tranquilizava o brigadeiro Firebrace de que estava tudo bem, ao largo da costa da Islândia, entre destroços em chamas, três marinheiros britânicos cavalgavam jangadas

salva-vidas e remavam através de óleo com dez centímetros de profundidade. Horas antes, aqueles três tinham sido tripulantes orgulhosos do Mighty Hood — o símbolo supremo da supremacia naval britânica. Na noite anterior, sob o denso nevoeiro do Mar do Norte, o HMS Hood tinha estado a perseguir a mais recente maravilha tecnológica de Hitler, o couraçado Bismarck. Quando o sol subiu mais alto, o nevoeiro dissipou-se e o Hood encontrou a sua presa. O Mighty Hood disparou a primeira salva, mas falhou o alvo. O Bismarck retaliou com um golpe fatal. O Hood explodiu como um vulcão marítimo, lançando uma chama semelhante a um géiser em direção ao céu e espalhando os seus destroços despedaçados pelo oceano. Apenas três marinheiros britânicos sobreviveram; 1419 outros pereceram.33

Enquanto os três sobreviventes do Hood — cobertos de sujidade e a lutar contra a hipotermia — aguardavam resgate,34 em Edimburgo o brigadeiro Firebrace bebia chá e comia sanduíches de queijo-creme. Ninguém, nem mesmo o Almirantado, fazia ideia do que tinha acontecido naquele dia.35

O RSLO continuou a sua história, enquanto o Chefe de Polícia escutava atentamente.

«Mais tarde nessa tarde, o telefone de Firebrace tocou. Não o telefone normal, mas o telefone codificado. Ele correu ao som da linha segura, precipitou-se para o seu escritório, bateu com a porta e atendeu.

«Um oficial do Almirantado, frenético, informou-o de que o Hood — o maior dos couraçados — se tinha afundado. Depois, em tom mais severo, o oficial perguntou: 'Quem lhe disse? Como raio alguém soube?'

«O brigadeiro Firebrace respondeu: 'Helen Duncan.'»36

O RSLO informou o Chefe de Polícia sobre os detalhes subsequentes. O oficial do Almirantado anotou o nome de Helen Duncan e abriu um novo processo nos Serviços de Informações Militares. A essa altura, a Scotland Yard também já se interessava pela Sra. Duncan. O superintendente-detetive Percy Worth, ou talvez apenas um dos seus detetives, tinha contactado o brigadeiro Firebrace. A Metropolitana queria o conselho de Firebrace sobre como manter a Sra. Duncan calada.37

Firebrace deu a sua opinião: «A Sra. Duncan é uma médium esplêndida, esplêndida mas perigosa.»38

Sem mais nada a contar, o RSLO garantiu ao Chefe de Polícia que o oficial dos Serviços de Informações Militares responsável pela investigação

de rumores seria informado da mais recente violação da segurança nacional por parte da Sra. Duncan.

Uma vez sozinho no seu gabinete, o Chefe de Polícia West ponderou a situação. Helen Duncan não só tinha revelado a perda do Barham, como tinha previsto o afundamento do Hood. Quem sabia que outros segredos estratégicos esta mulher poderia revelar? Já tinha pisado a lei de segurança e invadido o território de West. Se dependesse dele, atirava esta invocadora de fantasmas e o seu Guia Espiritual falador para uma masmorra e mantinha o duo etéreo em isolamento. Mas tinha as mãos atadas. Se prendesse Helen Duncan, isso alimentaria a especulação de que o Barham realmente se tinha afundado.39 Além disso, poderia alienar os espiritualistas em posições altas; isso seria politicamente imprudente. O espiritualismo era agora uma religião oficial da Marinha de Sua Majestade.40

Três membros do Gabinete de Guerra, segundo se dizia, frequentavam sessões espíritas.41 E, para complicar ainda mais as coisas, West tinha recebido recentemente uma ordem do Ministério do Interior: os médiuns não deviam ser presos a menos que os cidadãos se queixassem de fraude.42

O Chefe de Polícia não tinha outra opção senão esperar; detestava esperar. Mas, a seu tempo, quando o momento fosse oportuno, Arthur Charles West tencionava plenamente mostrar à Sra. Helen Duncan como ele canalizava o seu poder.43

7
MUDANÇA DE SORTE

AS MALAS DE NELL ESPERAVAM JUNTO À PORTA DA FRENTE. A QUALQUER MOMENTO, ela ia deixar o seu acolhedor cottage e enfrentar os ventos gelados do inverno. O lado sul de Edimburgo tinha o condão de apanhar mais do que a sua quota-parte de rajadas, e janeiro de 1944 não era exceção.1

As pequenas netas de Nell, as meninas de Lilian, Dawn e Joan, agora com cinco e três anos, espreitavam pela janela da sala de estar, esforçando-se por ver um táxi preto atravessar a chuva gelada.

Ao fundo, Nell ouvia Gena, a filha mais nova ainda adolescente, a implorar a Henry: «Papá, por favor, não deixes a Mãe ir. Por favor. Vai acontecer alguma coisa má.» Gena achava-se dotada de poderes psíquicos, tal como a mãe.2 Os irmãos achavam-na maluca, um pouco louca varrida.

Lilian, com a voz completamente recuperada do ataque de tuberculose, gritou: «Cala-te, Gena.»

Desde que Gena previra que o casamento de Lilian com Angus Douglas não duraria muito, Lilian não tinha grande paciência para as premonições da irritante irmã mais nova. Quando Angus morreu, uma das primeiras baixas da guerra aérea sobre a Noruega, a impaciência de Lilian transformou-se em raiva.3

Henry esperava sentado à mesa, e Nan preparava-lhe o chá em silêncio. Como Henry estava muitas vezes doente,4 era uma bênção que o marido de Nan ainda estivesse estacionado em Londres; Nell não imaginava como Henry se arranjaria sem a filha santa a cuidar dele.

A pequena Dawn e a toddler Joan, ainda à espreita do táxi de Nell, gritaram: «Está a vir! Está a vir!»

As meninas de Lilian estavam a crescer tão doces, sem pai à vista e com a mãe ainda de luto.5

Em 1944, quase quatro anos depois do início do Blitz, não havia jovens na casa dos Duncan. O filho mais velho e robusto de Nell, Harry, voava pela Força Aérea Real sobre o Médio Oriente, e o filho mais novo e frágil, Peter, navegava no porta-aviões de Sua Majestade Formidable, nos mares ao largo do Japão. Todas as filhas Duncan entravam e saíam da pequena casa, vigiando o pai debilitado. Era o destino das famílias por toda

a Grã-Bretanha; só restavam as mulheres, as crianças e os velhos. Nesse aspeto, os Duncan não eram diferentes do resto.6

Ao ouvir o táxi apitar, Gena correu para a sala, colocou-se à frente da porta da frente e lamentou-se: «Mãe, não podes ir. Tive um sonho. Tive um sonho.»

«Gena», começou Nell, mas depois Henry saiu da cozinha e interrompeu.

«Não ligues à Gena, Mãe», disse ele, piscando o olho. «Ela tem jeito para desgraças e fatalidades; é cega ao lado mais luminoso da vida. Diverte-te muito lá em baixo em Portsmouth.»

Gena gritou: «Quem vai dar à Mãe a insulina? Ela precisa de ti, papá. Porque não vais com ela? Costumavas ir. Ela ainda precisa de ti.»7

O rosto de Henry ficou vermelho de embaraço ou de raiva — era difícil distinguir. A recusa de Henry em viajar devia-se à má saúde ou ao ciúme de Albert? Seriam os ataques de febre reumática a verdadeira razão por que ficava em casa enquanto Nell trabalhava?8 Ou Henry estava farto de fazer de segundário em relação ao Guia Espiritual dela?9

Henry fervia: «Gena, para com a histeria e ouve. Contratei uma boa senhora para viajar com a tua mãe. A Sra. Brown vai manter as injeções dela rigorosamente em dia.»

Mais uma vez, o táxi apitou.

Henry segurou o longo casaco de pele de Nell e continuou a rosnar para Gena.10 «A tua mãe tem trabalho para fazer. Lembras-te dos presentes de Natal? Gostas desta casa? E do teu pudim de Natal? De onde achas que vem o dinheiro? De Albert, é daí que vem. O teu tio Albert ganha o dinheiro. E o teu tio Albert vai tomar bem conta da tua Mãe. Agora para de fazer cenas. Beija a Mãe e deseja-lhe boa viagem.»11

Nell enfiou os braços nas mangas forradas a cetim e puxou o casaco de pele macia para si.12 Forçando a porta contra o vento, baixou a cabeça e avançou contra a chuva gelada que a fustigava,13 com a mala numa mão e o saco das sessões na outra.

O táxi arrancou,14 e Nell olhou para trás. Aquele bungalow acolhedor era como um pequeno santuário ao seu êxito. Claro que não era assim que Henry e Albert o viam. Ambos os homens da sua vida, o marido e o Guia Espiritual, achavam que Nell não passava de um autocarro para espíritos que queriam apanhar boleia de ida e volta do Outro Lado, um veículo relutante propenso a arranques e paragens.

Durante as sessões, Albert queixava-se constantemente de que não conseguia dominar a mente rebelde da «Senhora».15 Às vezes confiava aos participantes: «Graças a Deus que a amo; é uma pobre coitada.»16 Ou, num humor menos caridoso, lamentava-se da sua missão etérea. «Não acho grande coisa da minha médium; é demasiado gorda.»17

Quanto a Henry, comportava-se como um lambe-botas rastejante perante Albert. Batizou o bungalow acolhedor de «Albertine», porque era Albert quem ganhava o dinheiro para o comprar.18 Mas, apesar de toda a sua dívida de gratidão, Henry conseguia reservar algum crédito para si próprio.

Nell já tinha ouvido a história vezes demais: se Henry não se tivesse dedicado a ensinar-lhe as artes psíquicas, ela nunca teria canalizado Albert, nunca se teria tornado uma médium famosa, nunca teria ganho um tostão.19

Embora fosse Nell quem se arrastava pelo Reino Unido inteiro para manter a família alimentada, eram Albert e Henry que faziam todo o alarido. Mas Nell não se permitia exprimir ressentimento. Em vez disso, agarrava-se firmemente a um conhecimento secreto: ambos os homens eram totalmente dependentes dela. Sem Helen Duncan, Albert ficaria preso num purgatório incorpóreo qualquer. Sem Nell, Henry seria um idiota traumatizado pela guerra, vivendo num quarto de um único cômodo com uma pensão de invalidez. Ainda agora, os vizinhos chamavam-lhe «fervedor de chaleira»20 e acusavam-no de chular a mulher para ganhar a vida.21

Chamar-se professor espiritual dela dava a Henry um pouco de orgulho, e Nell não lhe negava isso. Afinal, Henry tinha casado com ela depois de a mãe a ter posto na rua, quando outros homens a consideravam imprópria para esposa.22

Na estação de Waverley, as mulheres seguravam os chapéus enquanto os casacos de lã esvoaçavam ao vento. Não há muito tempo, Nell embrulhara-se num casaco semelhante — só que pior, feito à mão e puído.23 Mas a guerra e o aumento da popularidade do Espiritualismo tinham recompensado Nell. Agora, o seu longo casaco de pele aquecia-a enquanto caminhava do táxi para o comboio. Instalando-se para a longa viagem, Nell não ligava às senhoras que olhavam o seu casaco com inveja. Nell merecia cada pelo; tinha feito os seus sacrifícios e ganhado o que lhe

era devido.24 Sim, a Sra. Henry Duncan poderia parecer uma mulher com um marido rico, mas isso era uma ilusão.

Nell era quem trazia o pão para casa na sua família, e ganhar sequer uma côdea nem sempre tinha sido fácil. Em tempos passados, tinha-se escravizado para alimentar os filhos com caldo de batata sem carne e não sobrava um tostão para doces de Natal. Em dias de inverno como este, com granizo gelado a picar-lhe o rosto, Nell transportara fardos de linho às costas até aos campos de branqueamento. Os seus macacões tinham congelado contra a pele.25 Em todos aqueles anos, o trabalho árduo de Nell nunca lhe valeu admiração.

Mesmo nos tempos difíceis, era o dom de Nell para comunicar com os mortos que trazia bondade à sua vida. Num Natal de miséria, tinha revistado um velho baú de madeira, encontrado dois camisolas esfarrapadas, desfiado a lã e tricotado meias para os filhos. Enquanto lhes entregava os presentes e dava sermões sobre gratidão — «O Menino Jesus nasceu numa manjedoura; têm sorte por terem um teto sobre a cabeça» — a Tia Mac, a melhor amiga de Nell, irrompeu pela porta com os braços carregados de prendas como um dos reis magos.

Enquanto as crianças agarravam os pacotes e corriam para os cantos como esquilos com bolotas, Nell leu a etiqueta presa ao seu presente: «Com amor de Llaine e David Mac.»26 Llaine e David, o marido e o filho da Tia Mac, tinham morrido naquele ano. Os seus espíritos visitaram Nell, e Nell transmitiu as suas mensagens à Tia Mac. Lentamente, o luto da Tia Mac deu lugar à gratidão.27

Naquele Natal de há tanto tempo, os olhos de Nell encheram-se de lágrimas, e a Tia Mac tranquilizou-a: «Uma bondade merece outra.»

Agora, neste janeiro de 1944, o casaco de pele de Nell era uma dessas bondades, uma bondade ganha ao dar consolo aos que choravam os seus mortos.

O comboio parou na estação de Sunderland, e a Sra. Francis Brown — a mulher que Henry contratara para tomar conta de Nell — entrou apressada. Uma mulher miudinha como um pardal,28 Francis aninhou-se mesmo ao lado de Nell.

«Bom dia, bom dia. Que divertido, que divertido. Vou tomar tão bem conta de si. Vou mesmo; a sério. Gostava tanto de ser médium. A sério. Seria tão maravilhoso. O que é preciso fazer para canalizar espíritos dos mortos? Profissionalmente, quero dizer.»

Nell demorou um momento antes de responder: «É preciso nascer com o dom. Já alguma vez viu um visitante espiritual?»

«Eu conseguiria, aposto que conseguiria se tentasse», gorjeou Mrs. Brown com entusiasmo.29

«Bem, então faça exatamente isso; fique quieta um bocadinho e veja se tem uma visão», sugeriu Nell com um leve sorriso no rosto.

Enquanto o comboio seguia aos solavancos, cada vez mais perto de Portsmouth, Nell desejou voltar a ser bem-vinda em Callander, a aldeia mágica das Terras Altas da sua infância, onde pela primeira vez comunicara com visitantes espirituais.30

«Acho que vejo um fantasma; acho mesmo que sim», piou Francis esperançada. Depois desistiu, abriu os olhos e começou a remexer na mala. «Tenho fotografias de espíritos, fotografias de espíritos verdadeiras, genuínas. Posso mostrar como são os visitantes espirituais. Quer vê-las?»

«Não precisa de me mostrar fotografias nenhumas. Guarde-as para os incrédulos», aconselhou Nell.31

Finalmente, o comboio chegou a Portsmouth. Nell desceu pesadamente para a plataforma, com Francis a andar em bicos dos pés ao seu lado. Dentro da estação, Nell deparou-se com um cartaz de guerra: um porta-aviões, pintado com impressionante realismo, ardia em chamas e afundava-se no mar. A legenda advertia:

«PALAVRAS IMPRUDENTES PODEM TERMINAR NISTO! Muitas vidas foram perdidas na última guerra por conversa fiada. Esteja alerta! Não discuta movimentos de navios ou tropas.»32

O filho mais novo de Nell, Peter, servia exatamente num navio daqueles.33 Nell baixou os olhos e continuou a andar.

Não havia nada que distinguisse o número 301 da Copnor Road das outras cottages e lojas de dois andares de estilo Tudor que ladeavam a rua.34 Da calçada, o Master Temple de Portsmouth parecia uma farmácia. Uma balança de ferro vertical para moedas destacava-se à entrada. Por cima da montra esquerda, VASELINE estava cuidadosamente lettering acima de uma linha branca festonada, e por cima da montra direita, letras mais ousadas anunciavam The Great VIROL Body Builder. Ambas as montras estavam atafulhadas de produtos e anúncios ilustrados.35 A maior parte dos transeuntes passava pela drogaria sem reparar no aviso afixado na porta: Séance Tonight.

Ao chegar a este destino familiar, Nell suspirou. «Finalmente. Aqui estamos.»

«E o Master Temple?», gaguejou Francis Brown, confusa.

Nell apontou para o primeiro andar, para uma janela de sacada coberta, como todas as janelas em tempo de guerra, de preto.36 «Lá em cima», respondeu com um laivo de orgulho na voz.

«Pensei que me levava a uma igreja espiritualista a sério», queixou-se Francis, «não a uma farmácia.»37

Sem dizer palavra, Nell avançou decidida e abriu a porta da loja. O tilintar de uma campainha pendurada na maçaneta alertou Mr. Homer, o dono da farmácia. Ele veio de trás do balcão cumprimentar Nell e Francis Brown.

Nell gostava de Ernest Homer.38 Ele não podia deixar de lhe lembrar Henry: alto, magro, voz suave e verdadeiro crente.39 Sem grande conversa, Mr. Homer apertou-lhe a mão com força e conduziu-a pela estreita escada acima até à capela. Francis Brown seguiu-os.

Elizabeth Homer, uma mulher corpulenta e efusiva, correu ao encontro de Nell, tagarelando sem parar.40

«Sra. Duncan. Bem-vinda. E Sra. Brown… é Sra. Brown, não é? Bem-vinda. Sra. Duncan, Helen. Certo, Helen. Mr. Homer e eu estamos tão entusiasmados por a ter de volta. É tão amável da sua parte aparecer na nossa humilde igreja espiritualista. Obrigada. Obrigada. Não consigo agradecer-lhe o suficiente. O seu Albert faz um espetáculo tão espectacular.»

Nell sorriu; não conseguia evitar sorrir. Elizabeth Homer tinha o dom de fazer Nell esquecer-se de si própria. Durante a Primeira Guerra Mundial, Elizabeth tinha animado as tropas. Os soldados e marinheiros gritavam e assobiavam enquanto Elizabeth desfilava, cantava e dançava. Naqueles tempos, fora uma bela galesa com corpo voluptuoso e olhar lascivo. Já não. Tornara-se pesada, com bochechas flácidas e lábios enrugados pela idade. Entre as guerras, Elizabeth perdera os encantos de rapariga, mas descobrira o Mundo dos Espíritos. Abençoada com o dom da palavra, pregava o evangelho do Espiritualismo. Na verdade, Elizabeth não pregava exatamente; fofocava sobre fantasmas. Com as suas histórias extraordinárias — muitas delas sobre os poderes psíquicos extraordinários de Helen Duncan — ainda atraía os rapazes.41 Um bom número de marinheiros adorava o Master Temple.

«Portsmouth é um local maravilhoso», gabou-se Elizabeth, soando como um leiloeiro a tentar vender um pedaço da cidade. «Os navios vêm e vão constantemente — todos os barcos cheios de rapazes prontos a encontrar o Criador em alto mar. Esses rapazes deixam esposas e mães para trás, todas elas mortas de preocupação. Os rapazes, as esposas, as mães — todos vêm ao meu Master Temple à procura de respostas e de esperança.»42

Enquanto Elizabeth falava, uma sensação de satisfação envolveu Nell. O seu trabalho fazia bem e isso agradava-lhe.

«Esta noite não será exceção.» Elizabeth garantiu a Nell. Depois bateu palmas abruptamente e passou aos assuntos práticos. «Chega de conversa, está na hora de preparar tudo. Sra. Brown, pode ajudar-me a arrumar as cadeiras — três filas viradas para o Gabinete. A gravura da Última Ceia de Leonardo precisa de ser endireitada, o púlpito tem de ser varrido e o crucifixo limpo do pó.43 A minha filha adulta, Christine, vai ajudá-la.»

Depois de dar as ordens, Elizabeth virou-se para Nell. «Sra. Duncan, Helen, vá para a sala dos fundos e descanse um pouco. Peço já ao Mr. Homer que lhe traga uma chávena de chá. Tem sessões consecutivas nos próximos dias. Com tanta conversa sobre a invasão da Europa, estou completamente esgotada.»44

8
UMA TESTEMUNHA MATERIAL

NO DIA 15 DE JANEIRO DE 1944, uma manhã de sábado,1 o Chefe de Polícia Arthur West recostou-se na cadeira, preparando-se para gozar um momento de tréguas da acumulação cada vez maior de documentos carimbados TOP SECRET. Todos os dias recebia memorandos do Ministério da Guerra, diretivas do Ministério do Interior, editos da Scotland Yard e instruções dos Serviços de Informações Militares. A meio de janeiro de 1944, o governo finalmente confiara ao Chefe de Polícia amplos poderes e informações sem censura.

Arthur Charles West era agora a autoridade indiscutível de inteligência interna no principal porto naval de Sua Majestade. Nenhum outro civil tinha acesso a estes processos. Ninguém mais podia usar esta informação para prender e deter à vontade.2

West dirigiu-se ao recanto das janelas com vista para os jardins de Byculla House. Mesmo no inverno, este jardim cuidadosamente tratado, com o seu lago de lótus e figueira, trazia-lhe paz de espírito.3 Nem mesmo o seu grande amigo, o Mayor Sir Denis Daley, sabia que, para lá da azáfama da cidade, a Frota do Mediterrâneo de Sua Majestade tinha fundeado. Nos últimos dois meses, couraçados e cruzadores britânicos tinham regressado a vapor de Itália, Norte de África, Grécia e Palestina.

Vieram rápida e furiosamente: um navio atrás do outro, escapando pela boca do Mediterrâneo, passando por Gibraltar, com os capitães a rezar para evitar a deteção pelos postos de escuta nazis. Depois, a todo o vapor, regressaram a toda a velocidade ao porto de origem.

A Marinha Britânica abandonara agora, extraoficialmente e em segredo, a frente do Mediterrâneo.

Este movimento de navios era o segredo estratégico mais importante até então nesta guerra sem fim.4 Em Dunquerque, quatro anos antes, a Força Expedicionária Britânica evacuara França. Desde então, os storm troopers de Hitler tinham-se banqueteado com os prazeres da ocupação. Em breve, se o Comando Aliado conseguisse apanhar os alemães a dormir, o fluxo fácil de vinho fino e queijos macios cessaria.

Enquanto o Chefe de Polícia West se permitia saborear essa possibilidade há muito esperada, ouviu o rugido de uma mota. O tenente Stan Worth apareceu para uma visita. Como sempre, o seu Airedale ia empoleirado no depósito de combustível, e a bochecha encostada ao pelo lanoso do cão. Stan parou à entrada principal, desligou o motor e baixou o descanso. O companheiro de cabelo encaracolado lambeu o focinho do dono e saltou para o chão, abanando a cauda. Stan deu uma palmadinha na cabeça do cão e ordenou-lhe que ficasse quieto. O Airedale deitou-se obedientemente junto à máquina do dono, e Stan subiu os degraus a trote.5

Arthur West sentia uma afeição especial pelo tenente Stan Worth.6 De certa forma, Stan era como uma versão mais jovem do Chefe de Polícia — bonito,7 competente,8 nascido para o trabalho policial. Mas o pedigree policial de Stan era mais sólido; passara a infância rodeado de atividade policial. O tio Percy era superintendente-detetive da Scotland Yard.9 O pai era um respeitado profissional da Metropolitana, operando não só em Londres e nos condados vizinhos, mas também nos estaleiros reais e instituições navais. Em 1923, o pai de Stan fora destacado para Portsmouth. Com couraçados fundeados no porto e marinheiros a pavonear-se pelas

ruas, o fascínio pela Marinha de Sua Majestade conquistara Stan. Ainda rapaz, juntara-se aos cadetes no HMS Vernon, a escola de treino de torpedos. Depois, demasiado depressa para o gosto de Stan, o pai fora transferido para Middlesex.

Por um curto período, Stan pôs o seu verdadeiro amor em espera e fez o esperado. Juntou-se à Special Constabulary em Harlington e, em pouco tempo, foi promovido a sargento. Depois eclodiu a guerra, e um dever maior chamou. Stan ofereceu-se como voluntário para a Marinha.10 Já conquistara uma patente e cruzara-se com Winston Churchill a bordo do HMS Prince of Wales. Mas ser homem da marinha não o afastava da Sede da Polícia; aparecia por camaradagem. Apesar de todo o respeito do Chefe de Polícia pelo tenente, ultimamente até Stan lhe causava preocupação. A mãe deste jovem tornara-se fascinada por sessões espíritas, e ele parecia seguir-lhe os passos. O tenente Stan Worth juntara-se aos adoradores de fantasmas,11 e não estava sozinho.

No último novembro, exatamente quando a Frota do Mediterrâneo de Sua Majestade começara a surgir secretamente no porto de Portsmouth, o antigo Air Chief Marshal Lord Hugh Dowding, o herói de guerra mais querido da Grã-Bretanha, chegara à cidade com todo o fervor evangelístico de um espiritualista renascido.12 West admirava Lord Dowding tanto como qualquer outro. Se não fosse a mestria de Dowding no comando do poder aéreo durante o Blitz, storm troopers de pernas direitas com suásticas nos bíceps estariam a patrulhar as ruas de Portsmouth gritando «Heil Hitler!»13

Mas desde que fora forçado a reformar-se, «Old Stuffy» — como os rapazes dos caças da Força Aérea Real lhe chamavam carinhosamente14 — perdera o juízo. Agora afirmava receber mensagens espirituais de aviadores «cujas almas tinham sido violentamente arrancadas dos seus corpos».15 Convencido de que os mortos se misturavam entre os vivos, Dowding escrevera um livro chamado Many Mansions e agora percorria o país a pregar em auditórios lotados.

O aristocrata educado16 lançava um apelo urgente para que os enlutados marchassem até aos médiuns locais e recolhessem mensagens do Além.17 Desde a palestra de Dowding em Portsmouth, homens de outro modo sensatos, como o tenente Stan Worth, tinham começado a frequentar os fantasmas.18

Enquanto o Chefe de Polícia regressava às tarefas do gabinete, fervia de raiva contra os malucos espiritualistas e contra uma médium

espiritualista em particular — Helen Duncan. Esta mulher tinha historial de divulgar movimentos e perdas de navios. Não era altura para uma repetição do espetáculo.19 Continuando a rever documentos classificados e a arquivá-los nas pilhas adequadas, West ouviu risadas que vinham da escada, dos gabinetes dos seus detetives. Como sempre, o tenente Stan Worth estava a divertir os homens de West. Entre as suas muitas virtudes, Stan Worth sabia contar uma história do caraças.20

Quando o Chefe de Polícia fechou à chave os seus arquivos confidenciais, as risadas tinham cessado e o tenente regressara ruidosamente à base. Quando West entreabriu a porta esculpida que dava para o salão de baile de Byculla,21 fez uma pausa para observar o sargento-detetive Frederick David Ford. Fred andava de um lado para o outro no grande salão, espreitando por uma porta após outra.

Fred era um pouco como uma girafa esquisita — alto, desajeitado, pescoço comprido, olhos grandes de corça e orelhas salientes que o faziam parecer permanentemente em estado de alerta. Levara dez anos inteiros a Fred para chegar a sargento. Fora há seis anos, e não parecia que chegasse a inspetor tão cedo, se é que alguma vez chegaria.22 Muito simplesmente, o sargento-detetive Fred Ford era sincero e bem-quisto,23 mas não tinha nada de estelar.

Finalmente o detetive Ford reparou no Chefe de Polícia. «Chefe. Aí está o senhor. Olá. Quer dizer, estive à sua procura, sir.» O rosto de Fred trazia cicatrizes de acne adolescente, e o cabelo castanho encaracolado recusava-se a domar. Falava com o Chefe de Polícia como um adolescente acanhado.

«Agora já me encontrou», observou West.

«Sim. Ótimo. Encontrei-o», repetiu Fred; o lábio bigodudo deu o seu trejeito característico.

West esperou. Após um minuto constrangedor, incitou o detetive Ford. «Fred, tinha alguma coisa para me dizer?»

«Sim. Sim. Tenho, Chefe.» Mais uma vez, as palavras de Fred esmoreceram.

Mais uma vez o Chefe de Polícia incentivou-o. «O que quer dizer-me, Fred?»

«O tenente Stan Worth esteve aqui», disse Fred.

«Eu sei», confirmou o Chefe de Polícia. Julgando que Fred tinha transmitido a mensagem, West dirigiu-se para o vestíbulo. Para sua surpresa, Fred seguiu-o diretamente pelo mosaico.

Então, com uma assertividade pouco habitual, Fred soltou: «É sobre Helen Duncan. O Stan Worth diz que foi a essa igreja espiritualista, em parte porque a mãe dele se interessa por Espiritualismo e em parte por graça, só para ver os fantasmas. Saiu daquela sessão furioso. O Stan diz que a Sra. Duncan o enganou. Diz que o "guia espiritual" dela não passa de um lençol esfarrapado. Quer apresentar queixa.»24

West parou em seco e virou-se. Fitando Fred Ford, perguntou: «Helen Duncan é uma fraude?»

Agora, mais alto do que o costume, o detetive Ford assentiu. «Foi o que o Stan Worth disse.»

West ordenara a todos os seus detetives que mantivessem os olhos abertos para qualquer atividade suspeita em torno da dotada Sra. Duncan. Nenhum deles fazia ideia de que havia um motivo de inteligência militar por trás da antipatia do Chefe de Polícia por este canal particular para o Mundo Inferior.25

De repente, o Chefe de Polícia viu uma saída muito simples do atoleiro Helen Duncan. Apanhar a mulher a fingir fantasmas e deitar a chave fora em segredo.26 Ninguém precisaria de saber da sua infeliz capacidade de prever com exatidão segredos militares. Com um sorriso de satisfação, West deu uma ordem: «Fred, apanhe a dotada Sra. Duncan em flagrante. Traga-me esse lençol.»27

9
À PROCURA DE PROVAS

NA NOITE DE 19 DE JANEIRO DE 1944, Nell já tinha realizado quatro sessões no Master Temple da Sra. Homer. Enquanto esperava sozinha na sala contígua à capela, aproximou-se em bicos dos pés da porta e abriu-a apenas uma fresta. Escutava os preparativos e, de vez em quando, espreitava.

A Sra. Homer transbordava de entusiasmo enquanto conduzia os convidados aos seus lugares.

«Olá. Bem-vindos. Que bom ver-vos.»

Um atraente tenente da Marinha, Stan Worth, regressava para uma terceira sessão. Desta vez trouxe um amigo civil chamado Rupert Cross. A Sra. Homer fez festas aos dois: «Venham por aqui. Tenho lugares especiais para vocês esta noite. A Sra. Duncan vai assustar-vos de morte.» Apontou-lhes dois lugares na segunda fila, atrás do Sr. Homer.

Quando todos se instalaram, o Sr. Homer pediu ao público que lhe entregassem as lanternas e explicou o motivo.1 Os espiritualistas acreditavam que qualquer clarão súbito de luz poderia ferir os médiuns em transe.2

Helen Duncan era a prova viva dessa crença. No passado, quando Harry Price e outros investigadores psíquicos irreverentes tinham tirado fotografias com flash e apontado lanternas para ela, surgiam marcas de queimadura no seu rosto e sangrava profusamente do nariz. A Sra. Duncan era amaldiçoada — ou abençoada, dependendo de quem perguntasse — com os estigmas espiritualistas.3

Três homens do público entregaram as suas lanternas, e o Sr. Homer sentou-se na primeira fila.

A seguir, Elizabeth Homer avançou para o centro do palco. Com entusiasmo de vedeta de vaudeville, anunciou: «Preciso de três cavalheiros voluntários.»

O tenente Stan Worth e mais dois homens saltaram de imediato.

«Venham até ao Gabinete e façam uma busca completa, rapazes», entusiasmou-se Elizabeth.

O tenente dirigiu-se às cortinas azuis que forravam as paredes do canto e sacudiu-as. Nada saiu. Empurrando as cortinas para o lado, não encontrou porta alguma, painéis escondidos nem nada fora do comum.

Outro homem levantou o tapete. O mais desconfiado dos três tirou a almofada amovível da cadeira jacobina. Depois de a examinar, disse à Sra. Homer que a abrisse. A Sra. Homer pegou numa faca e cortou o estofamento. Todo o público se levantou para ver, mas não escorreu qualquer material fantasmagórico. O homem meteu a mão lá dentro, mas não encontrou vestígio de nada estranho.

Como se a dissecação da almofada não bastasse, Elizabeth entregou a roupa de sessão de Nell — o vestido preto, a combinação, as calças de senhora e os sapatos de cerimónia — à pessoa no fim da primeira fila e deu instruções: «Examinem a roupa de sessão da Sra. Duncan. Com cuidado. Sem pressa. Passem ao próximo participante. Todos vocês têm de investigar. Certifiquem-se de que nada está escondido. Não haverá engano no Master Temple.»4

Quando um marinheiro apalpou as enormes calças de senhora de Nell, ela afastou-se da porta entreaberta do camarim e sentou-se. Acendeu um cigarro para acalmar os nervos enquanto Elizabeth continuava a aquecer o regime da sessão: «Três senhoras voluntárias para irem à sala contígua conhecer a talentosa Sra. Duncan? Quando estiverem completamente satisfeitas de que nada foi escondido na sua pessoa, vistam-lha com esta roupa de sessão. Depois escoltem-na até este Gabinete.»

Esta noite, três senhoras muito respeitáveis — Sra. Gill, Sra. Lock e a enfermeira Jane Rust — entraram onde Nell estava. A Sra. Gill, vestida com um belo casaco de pele cinzenta, trazia a pilha de roupa preta. Nell levantou-se, e a enfermeira Rust despiu-a delicadamente. Depois as três senhoras ajudaram Nell a vestir a roupa de sessão.

Nell passou na inspeção sem problemas.5

A Sra. Gill abriu completamente a porta estreita, e Nell, vestida com o seu traje de sessão, arrastou os pés em direção à cadeira jacobina.

O grupo recitou a Oração do Senhor e cantou «South of the Border».6

Depois, como acontecia em todas as sessões, as mãos de Nell caíram inertes ao longo do corpo, a cabeça desabou sobre o peito,7 e a respiração transformou-se num gemido sonoro.8

Cega pelo jorro súbito de luz, Nell deu por si estatelada no chão frio do Master Temple, encostada a uma cadeira tombada, com um sapato calçado e outro descalço. Respirando com dificuldade, coração aos saltos, temeu entrar em choque diabético. Protegendo os olhos, olhou para cima e

viu a silhueta de um homem com chapéu trilby e gabardina. Nell ofegou: «Preciso de um médico. Sou uma mulher muito doente.»9

O homem, o detetive Fred Ford, troçou dela: «Vai ter um em breve.»10

A bondosa enfermeira Rust ajoelhou-se e calçou de novo o pé de Nell no sapato preto de lona.11 Agradecida pelo gesto solidário, Nell desacelerou a respiração e acalmou-se. Depois reparou em todos os polícias, a gritar aos participantes: «Calem-se!» «Sentem-se!»12

O amigo do tenente Worth, Rupert Cross, estava ao lado do detetive Ford, fervendo de raiva: «Alguém tem esse pano.» Depois apontou um dedo acusador à filha rechonchuda de Elizabeth Homer, Christine, e sibilou: «És tu.»13

Christine Homer levantou-se de um salto. Com o crucifixo de dez centímetros pendurado ao pescoço e os olhos quase a saltar por trás dos óculos redondos grossos,14 guinchou: «Acusaste-me injustamente. Exijo que me revistem!»15

Com orgulho maternal, Elizabeth juntou-se à revolta da filha e exigiu que revistassem toda a gente.

Todos os participantes se juntaram, gritando em coro: «Revistem-me! Revistem-me! Revistem-me!»16

Desconcertado pelo clamor geral, o detetive Ford gaguejou: «Como posso revistar as mulheres?»

Elizabeth desafiou-o: «Tem uma matrona da polícia.»17

Toda a sala ficou em silêncio, à espera da decisão do detetive Ford. Os olhos de corça de Ford baixaram-se, e o rosto corado enrubesceu ainda mais.18 Com cautela, arriscou um pedido educado: «Se alguém aqui tem esse lençol ou pano, por favor entregue-o? Por favor, para não causar mais dissabores.»19

Ninguém se ofereceu, e para o detetive Ford isso foi suficiente. Ordenou uma busca completa à capela de Elizabeth, mas não aos fiéis. Enquanto o grupo de polícias destruía a sala de sessões, o detetive Ford inspecionou as fotografias de visitantes espirituais de Francis Brown. Quando a rusga terminou, não aparecera um único farrapo de pano branco.

Atónito, o detetive Ford prendeu Nell por nada mais do que dizer fortunas falsas, uma contravenção que valia, no máximo, uma multa de dez libras.

Nell sorriu com desdém. Ingénua e confiante, disse ao detetive Ford: «Não tenho nada com que me preocupar.»

PARTE II
JULGAMENTOS

10
UM TRIUNFO DE HUMILHAÇÃO

NO INVERNO DE 1944, o ardente desejo de Harry Price de um encontro com Herr Hitler já se esvaíra. A invencibilidade alemã estava em declínio, e o prestígio de Price entre os seus compatriotas ia em ascensão. Com a publicação da sua autobiografia, ironicamente intitulada Search for Truth,1 Price não só se estabelecera como o principal jornalista britânico sobre fenómenos psíquicos,2 como enterrara a vergonha do legado do pai. Tanto no livro como em entrevistas para a BBC, Price inventara uma herança que lhe trazia orgulho: o pai, um abastado fabricante de papel, incentivara e financiara a sua busca cavalheiresca pela ciência paranormal.

Ainda ninguém descobrira a verdade humilhante: o pai fora um merceeiro de esquina que, aos quarenta e dois anos, engravidara uma rapariga de catorze e só casara com a criança, a mãe de Price, sob ameaça de processo. O caso sórdido forçara o marido relutante a tornar-se caixeiro-viajante e a família à pobreza.3 Harry Price aprendera com os problemas do pai; casara com dinheiro. A esposa, uma herdeira simples mas rica, financiara as suas ambições.4 E, no fim de contas, o pai legara ao filho uma herança inestimável. Price não tinha escrúpulos em distorcer factos ao serviço de uma boa história.5

O editor garantira-lhe que as vendas do seu próximo livro, Poltergeist over England, poderiam facilmente atingir 100 000 exemplares.6 Já não dependeria de esmolas do fundo fiduciário da esposa. Já estava totalmente empenhado em escrever outro livro, The End of Borley Manor. O público tinha um apetite insaciável por histórias de Borley, e Price tencionava lucrar com essa gula. Aquela casa mais assombrada do mundo chegara a um fim flamejante em circunstâncias fenomenais.

O proprietário, Capitão Gregory, relatara que uma pilha de livros se atirara espontaneamente a uma lâmpada a óleo, causando a destruição da

mansão. Contudo, as visitas macabras continuavam: mulheres vestidas de azul caminhavam sobre as ruínas, graffiti aparecia magicamente numa parede de tijolos que restava, um crânio de mulher jovem foi desenterrado debaixo da adega.7 Recolher tais histórias tornara-se a obsessão principal de Price.8

Ainda assim, Price mantinha contacto com os seus protegidos que continuavam decididos a desmascarar médiuns falsos. Por toda a Inglaterra, de Cardiff a Yarmouth e Birmingham, desmistificadores e polícia uniam forças, armando ciladas aos invocadores de fantasmas e processando os charlatães. Invariavelmente, as autoridades prendiam canais indignos de confiança para o Mundo dos Espíritos, detinham-nos uma noite, multavam-nos em vinte libras e libertavam-nos na manhã seguinte.9

A perseguição agradava a Price, mas nenhuma o extasiara — até à prisão de Helen Duncan.10

Price aplaudiu a manchete do Evening News — «Agente Apanha 'Espírito': Coisas Chocantes Reveladas» — mas o artigo desapontou-o. Albert, o alter ego desdenhoso da Sra. Duncan, escapara por entre os dedos dos agentes.11 Price lamentava o desfecho esperado: uma pequena multa12 acompanhada de uma inestimável rodada de publicidade. O resultado seria plateias maiores dispostas a pagar um preço inflacionado pela entrada.13 Se alguém com influência impusesse uma pena de peso, talvez Price se sentisse tentado a emprestar a sua perícia à causa.14

Fazia mais de uma década que Price publicara o seu livro sobre a médium Helen Duncan, e continuava a ser o desmascaramento mais completo da sua vigarice. Só ele submetera a Sra. Duncan a um escrutínio laboratorial adequado.15 Contudo, o livro talvez nunca tivesse sido publicado se o Controlo Espiritual da Sra. Duncan, Albert, não tivesse ferido o orgulho do marido dela.

Naquela época, ainda antes da celebridade de Price, os espiritualistas do número 16 de Queensbury tinham cercado a Sra. Duncan e recusado entrada a Price.16 Apesar do desdém, Price ficara a saber todos os detalhes intrigantes, divertidos e sórdidos pela sua amiga ruiva, Sra. Molly Goldney.17

Numa noite dos últimos meses de 1930, os convidados tomaram lugar no número 16 da Queensbury Street.18 Com o Gabinete de cortinas de veludo às costas e um lustre brilhante por cima, o Dr. Fielding-Ould, presidente da London Spiritualist Alliance, deu as boas-vindas aos seus

ilustres colegas. Sentados num semicírculo de cadeiras, um anotador designado estava de caneta e bloco na mão, pronto a registar todos os pormenores das sessões da Sra. Duncan para a posteridade.19

Miss Mercy Phillimore, secretária da Aliança Espiritualista, apareceu à frente do Gabinete com metros de pano preto dobrados sobre os braços estendidos e um pedaço de corda pendurado do cotovelo fletido. O Dr. Fielding-Ould pegou no material e agradeceu-lhe. Como assistente de mágico, Miss Mercy colocou-se a um lado da cortina. O Dr. Fielding-Ould desenrolou o algodão preto. Era um saco enorme, grande o suficiente para engolir o corpo robusto da Sra. Duncan.

O Dr. Fielding-Ould ajoelhou-se aos pés da Sra. Duncan e subiu o saco até aos joelhos dela, enquanto a médium se equilibrava no ombro dele. Levantou-se lentamente, puxando o saco até ao queixo da Sra. Duncan e apertando-o bem à volta do pescoço com um cordão. A Sra. Duncan arrastou os pés até ao seu trono dentro do Gabinete. Fielding-Ould estendeu a palma da mão, e Miss Mercy colocou a corda por cima. Fielding-Ould foi até ao Gabinete, amarrou uma ponta da corda à cadeira da Sra. Duncan e depois, corda na mão, deu voltas e mais voltas, atando e amarrando a Sra. Duncan ao assento com múltiplos nós. Após o último nó, estendeu novamente a palma da mão. Desta vez, Miss Mercy entregou-lhe cera de selar e uma vela acesa. O Dr. Fielding-Ould pingou cera em todos os nós.20

No fundo da sala, o Sr. Duncan, relegado ao papel de homem da manivela, ligou o gramofone.21 Ao som alegre das melodias felizes, a Sra. Duncan caiu em transe.

A luz da sala passou a vermelha, e as cortinas do Gabinete foram descidas das suas fitas.22 Em poucos instantes, o Sr. Duncan parou a música, e o som do ressonar ritmado da Sra. Duncan encheu o salão de sessões.

Os participantes esperaram. Se o Controlo Espiritual Albert libertasse a Sra. Duncan das amarras e produzisse a mítica substância ectoplasma, os espiritualistas aplaudiriam a Sra. Duncan como uma médium verdadeira dotada de poderes fenomenais. Se Albert falhasse, encarariam os seus fenómenos paranormais com suspeita. Não era tarefa fácil, não era uma sessão sentimental para os facilmente satisfeitos.

Todos esperaram. 18h10, 18h15, 18h20. Nada aconteceu. De repente, Miss Mercy deu um gritinho, apontou para o chão por baixo da cortina e

exclamou ofegante: «Olhem ali. Algo pálido está a rastejar para fora do Gabinete.»

Entusiasmado, o Dr. Fielding-Ould gritou: «És tu, Albert? Podes mostrar-nos mais ectoplasma, Albert?»

Só houve silêncio: nenhuma resposta, nenhuma voz, apenas um fio anémico de ectoplasma a esgueirar-se timidamente para dentro da sala.

O relógio tic-tac, e as esperanças espiritualistas esmoreceram.

De repente, uma voz trovejou: «Boa noite!» Os participantes quase saltaram da pele. Albert, todo jovial, a gozar com toda a gente, gritou: «Vou mostrar-vos mais ectoplasma, meu rapaz.»

Entre suspiros de admiração, as cortinas abriram-se. A Sra. Duncan estava sentada no seu saco, ainda em transe. Um cordão de ectoplasma saía-lhe da boca, flutuava no ar e formava o símbolo cristão da ressurreição, a Santa Cruz.

Albert assumiu a persona de um mestre de cerimónias numa prova de vinhos.

«Temos aqui um belo exemplo do vosso ectoplasma mais básico, ainda a nascer da médium, pulsando com vida potencial, ainda não construído na forma de um ser vivo, ainda não habitado por um visitante espiritual. Dr. Fielding-Ould, convido-o a tocar e cheirar a substância crua da materialização. Venha, meu caro. Levante-se. Entre neste Gabinete. Sinta este ectoplasma reluzente. Cheire o seu bouquet vivificante.»

O Dr. Fielding-Ould entrou a trote no Gabinete e tocou cautelosamente no ectoplasma flutuante.

Albert disse-lhe: «Muito bem, velho amigo, relate aos outros. Qual foi a sensação do ectoplasma? Qual foi o aroma?»

«Sente-se como uma forma etérea do tecido de merino mais macio jamais tecido. Quanto ao bouquet, não deteto qualquer odor.»

Levando Fielding-Ould à tarefa, Albert repreendeu-o: «Que se passa contigo, senhor? Não sabes cheirar como deve ser?»

O Dr. Fielding-Ould gaguejou: «Perdoa-me, Albert. Sou fumador, e receio que o tabaco tenha embotado o meu olfato.»

«Bem, então senta-te. Deixa os outros tentarem.»

O Dr. Fielding-Ould voltou cabisbaixo ao seu lugar. Todos os participantes, incluindo o Sr. Duncan, tocaram e cheiraram por turnos o cordão de ectoplasma. Todos concordaram quanto à sensação: tecido

macio. Quanto ao cheiro, a maioria sentiu um odor que chamaram pungente.

Miss Mercy interveio: «É o bouquet ligeiramente árido que já cheirei em muitas sessões de materialização.»

O Sr. Duncan, tentando dar uma contribuição útil, traduziu a observação para inglês corrente: «Sim, realmente, já reparei nisso. O ectoplasma cheira a trapo velho de cozinha.»

De repente enfurecido, Albert rugiu: «Duncan, és um idiota! O aroma não é desagradável. É muito mais apetecível do que isso.»

Recuperando rapidamente a compostura, Albert riu-se sarcasticamente.

Todos os participantes se juntaram a Albert numa gargalhada robusta à custa do Sr. Duncan.

Momentos depois, com o público de volta aos lugares, apareceu o rosto de uma criança que pairou ao lado da Sra. Duncan. Albert não deixou esse espírito em particular falar. Em vez disso, queixou-se: «Se ao menos pudesse livrar-me daquela rapariga.»23

Depois desse jogo etéreo de esconde-esconde, Albert pareceu materializar um bebé com um longo vestido de batizado, e a cortina do Gabinete fechou-se.

De trás da cortina vieram ruídos de arrastar e farfalhar, como se a Sra. Duncan e Albert estivessem a lutar um com o outro. A Sra. Duncan, de olhos vagos e tão instável nos pés como uma criança sonâmbula, saiu do Gabinete. Finalmente, Albert libertara a sua médium do saco preto.

O Dr. Fielding-Ould correu para o Gabinete e inspecionou o saco vazio. Relatou, espantado: «O saco está intacto; os nós ainda atados.»

Os seis eminentes espiritualistas presentes ponderaram uma única questão: Como conseguira Albert libertar a Sra. Duncan do saco selado e da corda atada?

O Sr. Duncan pigarreou e ofereceu a sua teoria: «Acho que é simples, na verdade. Albert alonga temporariamente a médium, reorganiza as moléculas para que o corpo dela se estique fino.»

Presumivelmente, o Sr. Duncan imaginava o corpo etereamente transformado da esposa a flutuar pela boca do saco. Uma vez fugida, a sua forma temporariamente vaporosa engrossava até ao tamanho normal e aterrar no chão.

A explicação do Sr. Duncan era demasiado rebuscada para Albert. O Guia Espiritual desgostoso rosnou de nojo: «Disparate, seu parvo. És um perfeito asno com as tuas teorias.»24

Todos os espiritualistas proeminentes riram como crianças cruéis que tomam o partido do valentão do recreio.

Tentando salvar um pouco de dignidade, o Sr. Duncan gracejou: «Bem, Albert, és um homem engraçado, tão bom comediante como George Robey.»

George Robey era, sem paralelo, o comediante mais célebre da Grã-Bretanha, famoso pelos seus números extravagantes. Mas aparentemente os visitantes do Mundo Inferior não seguiam as formas atuais de entretenimento terreno.

«Quem é George Robey?», perguntou Albert.

«Não conheces George Robey?», respondeu o Sr. Duncan, incrédulo.25 Toda a gente sabia que George Robey trabalhava no vaudeville, entrava em transe e canalizava uma variedade de animais de quinta.

Aparentemente, o Controlo Espiritual da Sra. Duncan ofendeu-se com a tentativa de homenagem do marido. Em resposta, Albert fez a sua própria sugestão: «Henry. Vai perder-te.»26

Foi assim que as coisas correram. Em novembro e dezembro de 1930 e já na primavera de 1931, todas as terças e sextas-feiras, Albert foi anfitrião dos brâmanes de Londres. Os humores de Albert mudavam e variavam. Às vezes resmungava abertamente: «Quem me dera que houvesse aqui alguém para tirar este saco maldito à minha médium.»27 Outras vezes, de modo jovial, Albert propunha o ridículo: «Miss Mercy Phillimore, vou ao teu casamento tocar gaita de foles.»

Numa ocasião, entre grunhidos e queixas, Albert produziu um bolo de ectoplasma, branco e fosforescente, mas sem forma.

O Sr. Duncan observou: «Parece a cabeça de um bebé.»

Albert, incapaz de resistir a qualquer oportunidade de repreender publicamente o marido, disse: «Não é a cabeça de um bebé. Achas que não tenho cérebro? Seu velho cabeçudo, torço-te esse pescoço maldito.»28

O pobre e autocomiserado Henry Duncan apenas queria servir Albert, mas Albert não lhe dava um pingo de apreço — nem uma palavra gentil, nem açúcar para adoçar o chá de Henry — apenas insultos e ameaças. No fundo da sala, junto ao gramofone, o fiel Henry suportava os abusos.29

Albert não reservava o seu espírito cáustico apenas para o Sr. Duncan. Numa noite, Albert decidiu que atar o corpo da Sra. Duncan num saco não era suficientemente restritivo. Com a voz mais educada e sarcástica, perguntou ao público: «Preferiam controlar a minha senhora pregando-a dentro de um caixão?»30

O tratamento mais humilhante de Albert ocorreu a 17 de março de 1931, uma terça-feira. Entre os presentes contavam-se a Dr.ª Margaret Vivian, Miss Mercy Phillimore, Sra. Moffat, um produtor de teatro, um barão da Europa continental e o adido de Inteligência Militar, brigadeiro Roy Firebrace. Nessa noite em particular, os investigadores psíquicos enfiavam a Sra. Duncan num novo fato de sessão, cosendo-o nas costas, no pescoço e nos braços, antes de a amarrarem a uma cadeira.

Um espírito vivaz chamado Peggy apareceu, dançando e cantando: «Baa, baa, black sheep have you any wool? Yes, sir. Yes, sir. Three bags full.» Todos os participantes bateram palmas de deleite.

Quando a pequena Peggy voltou a saltitar para o Outro Lado, Albert — para não ser ofuscado pela pestinha ectoplásmica — arrancou o fato de sessão diretamente do corpo da Sra. Duncan e atirou-o ao público. Não restava uma única peça de roupa na Sra. Henry Duncan. Apenas um véu transparente de ectoplasma cobria o seu corpo nu.

Como clientes excitados num espetáculo de striptease, os espiritualistas titilados agarraram a peça de roupa atirada. Apanhando o fato de sessão do chão, verificaram as costuras. Nada estava fora do normal. Albert era um herói. A Sra. Duncan permaneceu no Gabinete, ainda em transe31 e a tremer.

Para aumentar a humilhação do marido, o incidente foi publicado no The Light,32 e a notícia espalhou-se por todo o lado. Na Universidade de Cambridge, jovens parodiavam a Sra. Duncan e citavam Wordsworth.33

Not in entire forgetfulness, And not in utter nakedness, But trailing clouds of teleplasm

Obviamente, um bom número de espiritualistas não dava a mínima pelo seu juramento de confidencialidade. E embora a London Spiritualist Alliance promovesse as sessões de Helen Duncan com promessas do regresso de entes queridos com rostos perfeitamente reconhecíveis,34 a troça crescente angustiava o Sr. Duncan.35

Sabendo do descontentamento do marido, Harry Price armara uma cilada de lisonja misturada com suborno. Price «tropeçara

espontaneamente» no Sr. e na Sra. Duncan na Queensbury Street. Dois dias depois, o Sr. Duncan deixara a esposa à porta do National Laboratory for Psychical Research de Price, e Harry Price começara as suas experiências com a médium e o seu Controlo Espiritual.36

Essa intriga, com todas as suas frustrações e humilhações, ficava no passado distante. Ainda assim, Price alimentava a esperança de que o atual confronto de Duncan com a lei fosse mais satisfatório do que o anterior. Tentalizado pela possibilidade de vingança, Price tirou da estante um exemplar do seu livro sobre Duncan e soprou o pó. Deveria enviar ao Chefe de Polícia de Portsmouth uma cópia do seu livro que apregoava os poderes de engano à la fakir da Sra. Duncan? Porque não? Ninguém ainda o desmentira.37

11
AO BEL-PRAZER DO CHEFE DE POLÍCIA

NA MANHÃ seguinte à sua prisão, Nell entrou pesadamente no Tribunal de Magistrados de Portsmouth irritada com a interrupção da sua agenda, pronta a pagar vinte libras e retomar a sua tournée de sessões. Ser apanhada pela polícia não fora totalmente surpreendente; andava uma caça às bruxas no ar. Os polícias e os caçadores de fantasmas vigilantes percorriam o país a perseguir os dotados, arredondando-os como se não passassem de ciganos vulgares de rua. Nell, com a sua agenda exaustiva e fenómenos de sessão extraordinários, estava destinada a tornar-se alvo dessa perseguição religiosa.1

No tribunal, o detetive Ford tropeçou na leitura da contravenção:2 «Toda a pessoa que finja ou professe dizer a fortuna, ou use qualquer artifício subtil ou meio, por quiromancia ou outro modo, para enganar os súbditos de Sua Majestade será considerada uma vadia e vagabunda.»3

Nell bufou de nojo.4

O sargento-detetive Ford remexeu em papéis e gaguejou: «Meritíssimo, o Chefe de Polícia West pediu-me que suplicasse ao Tribunal que remetesse a prisioneira para custódia sem fiança.»5

O magistrado bateu com o martelo e disse: «Muito bem. Levem-na para Holloway.»6

Os joelhos de Nell cederam. Nenhuma prisão tinha reputação mais aterradora do que Holloway — sufragistas tinham morrido de fome nas suas celas, e espiões ainda eram enforcados na sua forca.7

Dois agentes acorreram ao seu lado e arrastaram-na rapidamente por tábuas de madeira manchadas, passando por bancos vazios e pela porta do tribunal. Lá fora esperava uma carrinha preta quadrada. Os agentes abriram de par em par as portas traseiras e içaram-na para dentro. Nell desabou no banco duro da carrinha sem janelas.8

O detetive Ford inclinou-se e entregou-lhe o kit de insulina.9 O motor roncou e o condutor meteu-se no trânsito. Seguindo para norte pela Commercial Road, a carrinha ganhou velocidade ao deixar as ruas apinhadas do centro comercial de Portsmouth e serpenteando pelo campo em direção ao seu destino ominoso.

Em Londres, o trânsito engrossou enquanto o carro subia devagar a Camden Road em direção a uma fortaleza medieval, cuja torre deitava nuvens de fumo negro.10

O condutor gracejou: «É o teu castelo, minha senhora, uma réplica exata do Castelo de Warwick. Mas não penses que algum Príncipe Encantado vai escalar aquelas muralhas para te resgatar. Essas paredes de pedra têm vinte e quatro pés de altura.»11

A carrinha entrou num portal gigantesco e imobilizou-se dentro do túnel escuro. Uma porta de madeira levantou-se, gemendo como uma mandíbula gigante a convidar a presa a entrar. O transporte fúnebre de Nell rastejou para um pátio deserto e parou.12 O seu escolta policial abriu a porta, e o fedor a carvão misturado com esgotos deu-lhe as boas-vindas.13 Ansioso por escapar, o agente puxou-a do assento e depositou-a na terra crua.14

Uma mulher de longa capa preta voou porta fora de uma masmorra,15 precipitou-se para Nell e cacarejou: «Não fiques aí parada. Segue-me.»

Nell arrastou-se obediente pelo nevoeiro cinzento.

A guarda abriu um portão gradeado e conduziu Nell por três degraus de betão. Lá dentro, tirou a capa num gesto rápido e pendurou-a num cabide. Por baixo, estava vestida como enfermeira, com avental engomado e bata impecável.16 Como se transformada numa alegre senhorita, a guarda cumprimentou Nell: «Bom dia, Sra. Duncan. Sou a irmã de registo.»

Na Segunda Guerra Mundial, a Prisão de Holloway entrara oficialmente na era iluminada da reabilitação. As prisioneiras eram

consideradas portadoras de uma doença social, e a prisão era a cura para o seu mal. Os administradores da prisão chamavam às guardas, todas mulheres, «irmãs».17

Nell esclareceu o seu estatuto: «Sou a Sra. Helen Duncan, e não sou criminosa. Estou apenas aqui em prisão preventiva.»

«Bem, isso está por ver, não está?», gorjeou a guarda. «Venha. Tenho outras irmãs para lhe apresentar.»18

Nell seguiu-a pesadamente por um corredor de tijolo húmido. Enquanto os dentes da irmã batiam do frio, Nell agradeceu aos céus o casaco de pele.19

O estreito corredor alargou-se num passeiro ladeado de meias-portas penduradas como num estábulo. Cada compartimento continha uma banheira.20

Outra irmã descansava numa cadeira junto a uma prateleira atafulhada de toalhas e roupa.21 Com um «humph» resmungado, esta passou os olhos por Nell dos pés à cabeça.22 A irmã de registo deixou Nell aos cuidados desta guarda carrancuda.

Com a amargura de uma mulher condenada a vestir lã, a guarda agarrou o pelo do casaco de Nell, arrancou-lho e atirou-o para a prateleira rangente. Da mesma prateleira, pegou numa toalha, atirou-a a Nell e apontou para um cubículo de banho.23

Nell percebeu o que era exigido. Entrou num cubículo, quase tropeçando no tapete de madeira à frente da banheira, sentou-se num banco de metal frio no canto24 e despiu toda a roupa. Depois pendurou obedientemente as peças por cima da meia-porta e sentou-se na banheira como uma massa de gelatina a tremer.

A guarda vigiava de fora do cubículo e abriu as torneiras que alimentavam a banheira.

Água escaldante sobressaltou Nell, que gritou: «A água está quente que se farta.»

Rindo-se, a guarda correu para dentro e despejou um balde de água gelada sobre a cabeça de Nell. Claramente nem todas as irmãs de Holloway subscreviam uma ética iluminada de bondade.

Nell encolheu-se ali, a parte inferior do corpo a arder, enquanto gotas geladas lhe pingavam do cabelo para os ombros trémulos. Nem a própria mãe a banhara com tanto desprezo cruel. Tremendo, ergueu-se lentamente,

saiu da banheira e enxugou-se. Olhando para a porta do cubículo, viu que a roupa desaparecera. Nell choramingou.25 Já aprendera a não se queixar.

A irmã entregou-lhe uma pilha de roupa prisional.

Nell enfiou um colete regulamentar áspero pelos seios e calças de senhora pelos quadris. Desdobrou um vestido de prisioneira às riscas azul-e-brancas, meteu-o pela cabeça e puxou-o pelo corpo abaixo. Calçou meias de lã e enfiou os pés em sapatos rasos de fivela.26

A irmã enfiou-lhe um papel na cara: «Assine isto. É a lista dos seus pertences. Recebe-os de volta quando sair, seja quando for.»

Nell rabiscou o nome e viu o casaco de pele desaparecer.27

Na sua cela, Nell sentou-se, rígida como uma lápide. Uma guarda entrou a passo de marcha, bateu com uma caneta, uma folha de papel de carta e um envelope na mesa de cabeceira e informou-a: «Tem direito a uma carta no primeiro dia.28 Faça-a valer a pena.»

Fitando o cabeçalho — uma pequena coroa do Rei com o endereço de remetente HM Prison Service, Holloway Prison, London29 — Nell empalideceu perante o desafio: escrever uma única nota a uma única pessoa que a pudesse resgatar. Rabiscou o seu apelo, tão legível quanto a mão permitia, e endereçou o envelope a Henry Duncan, 19 Kirkland Drive, Edinburgh, Scotland.30

Nell não estaria nesta embrulhada se não fosse por Henry. Quando conhecera Henry, não queria nada com ser médium. Claro que nascera com o dom da segunda vista e falava com visitantes espirituais desde criança, mas permitir que os mortos entrassem no seu corpo — isso julgava ser algo completamente diferente. Era o recreio do diabo.31

A deles começara como um romance etéreo; Nell e Henry tinham-se conhecido num sonho.32 Mas nessa noite, Nell não dormia sozinha. Um bebé dormia ao seu lado, um bebé de uma semente secreta. Se engravidara de um amor breve ou de algo muito mais inconfessável, Nell recusava-se a contar. Fosse como fosse, era uma pecadora com um filho bastardo. Pelo menos era assim que a mãe temente a Deus o via. Num esforço adolescente para obter perdão, Nell dera ao bebé sem pai o nome da mãe puritana: Isabella MacFarlane.33 Mas o gesto não servira de nada; Nell continuava banida da família e da aldeia.34

Mãe solteira, sozinha e sem apoio, Nell precisava de um marido. Mas uma onda de patriotismo levara os jovens para a Grande Guerra, e maridos

— especialmente dispostos a casar com «mercadoria estragada» — escassavam.

Dois anos antes, antes da gravidez não planeada de Nell, tivera toda a atenção masculina que desejava. A mãe incentivara-a a mudar-se para Dundee, viver num hostel para senhoras jovens e juntar-se à força de trabalho.35 As raparigas dos teares eram um grupo rápido e alegre, e Nell encaixava perfeitamente. Às cinco da manhã, atirava um xaile roto aos ombros e ia para os teares na boa companhia de outras adolescentes bêbadas, viciadas em rapé, fumadoras e mal-faladas. Todo o dia escravizava-se, acorrentada à máquina, com nuvens de pó de linho a rodopiar à volta da cabeça. À noite, livre da regulação materna, passeava pelas ruas e ia aos pubs.

Com dinheiro metido no decote mais que generoso, Nell tinha o que era preciso para sustentar aqueles tempos turbulentos. Homens, com boinas de lã de pala inclinadas e calças presas com suspensórios, juntavam-se em cada esquina para assobiar e gritar piropas. Em Dundee, as raparigas tinham os empregos e o dinheiro. Os tipos encostados às montras eram demasiado desajeitados — e o ego demasiado grande — para tecer e coser. A melhor esperança de um homem de Dundee para uma noite na cidade era seduzir alguma miúda sexy para lhe pagar uma bebida e dar uma volta. Para uma rapariga dos teares, o poder era inebriante.36

Depois a Primeira Guerra Mundial acabou com a diversão. No verão de 1914, os homens de Dundee curaram-se da paixão pelas raparigas e contraíram um caso terminal de febre de guerra. Entre as filas de fábricas de tijolo, o som de gaitas-de-foles chamava. Nos pubs, os homens pousavam as canecas e corriam para as portas. Quando o flautista de saia de infantaria aparecia, centenas de rapazes seguiam-no. Um desfile desordenado de desempregados serpenteava até à estação de recrutamento. Os voluntários faziam fila durante horas. Cada um assinava a sua liberdade por um xelim e saía mais alto, capaz de comprar uma caneca de cerveja e um maço de cigarros sem seduzir uma rapariga dos teares. Claro que seduzir as rap HOT

arigas era mais fácil; os homens de Dundee já não eram um bando sem um tostão e sem perspetivas. Os rapazes sensuais eram a legião leal da Coroa, enfrentando corajosamente a batalha. Todos esperavam dar uma surra no «Jerry maldito» e estar em casa para cantar Noite Feliz na véspera de Natal.37

Dois Natais depois, esses rapazes ainda dormiam em trincheiras infestadas de piolhos, enquanto Nell sonhava com um pai para a filha. Numa noite, flutuou até às linhas da frente da guerra. Olhando de cima, viu um rapaz alto e frágil de dezasseis anos, afundado até aos joelhos na lama. Bombas explodiam e a terra tremia. O jovem soldado tentava marchar, lutando para libertar um pé da lama, depois o outro.

O rosto cobriu-se de suor, o corpo amoleceu e desabou no fedor infestado de ratos. Quando o delírio envolveu o seu soldado sonhado, Nell rompeu e ele viu o seu rosto sorridente. Arrastado para o hospital de campanha, afastou-se dos cheiros a desinfetante e dos gritos de homens com membros decepados e flutuou para a imagem reconfortante de Nell.

Nell falou-lhe não com voz de anjo, mas com a sua própria voz rouca, tranquilizando-o: «Vais ficar bem, vais sim.»

Como um rapaz tímido com uma paixoneta escolar, ele sussurrou: «Gosto de ti.»

Acontece que esse soldado, Henry Duncan, era irmão da melhor amiga de Nell. Na primeira vez que se encontraram em carne e osso, os olhos cruzaram-se e Henry disse: «Então. Encontramo-nos finalmente.»38

A 27 de maio de 1916, Nell e Henry casaram.39 Bella, a pequena Isabella MacFarlane, ganhou um padrasto, e Nell um marido. Claro que Nell estava grata e, como outras jovens da sua época, esperava que o marido a protegesse e sustentasse. Mas desde o início Henry tinha outras ambições.

Henry tencionava fazer algo do talento dela.

«Nellie», arrulhou, olhando para o rosto confiante dela, «vou ensinar-te passo a passo a ser uma médium como deve ser.»40

Os olhos de Nell estreitaram-se; o marido parecia cada vez mais a cara maligna da tentação. «Henry Duncan», disse-lhe ela, «é uma coisa abençoada conversar com os espíritos. É uma coisa perversa e perigosa deixar todo o tipo de mortos entrar e tomar conta do teu corpo. Não pretendo ficar possuída.»41

Passara um quarto de século. Já muito depois de escurecer, às nove em ponto, um grito ecoou pelo corredor da Prisão de Holloway: «Apaguem as luzes.»42 Uma porta de aço de 133 libras43 fechou-se com estrondo na cela de Nell, uma chave rodou, e a primeira das profecias da mãe — Vais acabar trancada numa masmorra — tornou-se realidade.44

Nell sobreviveu à sua primeira noite sem dormir em Holloway. O sino da manhã tocou às 6h10 e ela pôs-se na fila. De dia, esfregava o que lhe mandavam limpar, comia a sua ração de pão e feijão, rezava na capela anglicana e marchava em círculos pelo pátio da fortaleza.45 À noite, forçada ao escuro e ao isolamento, lutava com os seus demónios. Sem notícias do exterior dos portões da prisão,46 Nell afundava-se em desânimo cada vez mais profundo.47

Quatro dias após a prisão, uma guarda gritou: «Helen Duncan! Tem visita.»

O coração dela pulsou de excitação enquanto corria atrás da irmã da prisão. As celas de Holloway desfocaram-se enquanto um único pensamento a consumia: Nell ia reencontrar Henry. Finalmente, a porta da sala de visitas abriu-se e Nell voou para dentro. Henry não estava em lado nenhum. Em vez dele, uma sombra macabra de sobretudo preto e fedora fixava nela olhos flamejantes. Cheia de angústia e desilusão, Nell desatou a chorar.48

12
UM PACOTE EXTRAORDINÁRIO DE MENTIRAS

À PORTA fechada do seu gabinete, o Chefe de Polícia West estudava um maço de papéis carimbados a vermelho vivo: TOP SECRET. Alguns estrategas de inteligência sombrios tinham engendrado este plano num bunker secreto debaixo das ruas de Londres. Apenas um número muito seleto de altos responsáveis pela aplicação da lei — Chefes de Polícia nos locais mais estratégicos — recebiam este documento particularmente crucial. Inspirados no famoso conselho de Churchill a Estaline, «Em tempo de guerra, a verdade é tão preciosa que deve ser sempre acompanhada por um guarda-costas de mentiras», estes homens sem nome tinham intitulado o documento «PLANO ‘BODYGUARD’».

A segunda linha dizia: «Política Geral de Engano para a Guerra Contra os Alemães.»1 Naturalmente, o Chefe de Polícia de Portsmouth tinha acesso a este plano das mentiras mais habilmente fabricadas da guerra.2 Arthur West prestou atenção meticulosa enquanto lia: «O Estado-Maior Alemão… já suspeita que operações anglo-americanas de grande

escala serão empreendidas na Europa Ocidental em algum momento de 1944.»3

Absorvendo o significado dessa frase, West rodou na cadeira. Como as coisas tinham mudado desde que a Luftwaffe bombardeara a Guildhall4 e a polícia fora forçada a ocupar Byculla House.5 Três anos antes, Portsmouth ardia sob o ataque selvático nazi, e a Grã-Bretanha estava sozinha sem esperança de aliados.6 Mas agora a Força Aérea Real bombardeava Berlim,7 e o Império Britânico tinha dois poderosos aliados: a União Soviética, colaborador pouco fiável mas experiente em guerra;8 e os Estados Unidos, amigo de confiança mas inexperiente em batalha.9 Neste momento, as forças russas empurravam Hitler para fora da Europa de Leste,10 e os americanos afluíam a Inglaterra.11 West murmurou: «operações anglo-americanas de grande escala.» A frase soava tão doce.

Reconcentrando-se, o Chefe de Polícia ponderou, destilou e memorizou as ficções essenciais da Operação Bodyguard.

Os Serviços de Informações Militares pretendiam convencer Hitler de que, enquanto os russos atacavam pelo leste, as forças britânico-americanas planeavam assaltos em três frentes separadas da Europa Ocidental mais tarde nesse ano:

Frente Falsa nº 1. Pelo Sul: No fim da primavera ou início do verão, os couraçados britânicos atualmente atracados para reparação no porto de Portsmouth regressariam ao Mediterrâneo para uma grande ofensiva.

Frente Falsa nº 2. Pelo Norte: No fim da primavera, seria lançada uma invasão aliada da Escandinávia a partir das águas ao largo de Edimburgo, Escócia.

Frente Falsa nº 3. Pelo Oeste: No fim do verão, um assalto a Calais, França, seria lançado através do canal pelas tropas do General Patton, agora estacionadas no estuário do Tamisa.12

Se Hitler engolisse esta falsidade tripla, as tropas nazis permaneceriam dispersas, à espera nos locais errados e nas horas erradas. A maré da guerra viraria finalmente e irrevogavelmente a favor dos Aliados. Se o Führer suspeitasse do contrário, deslocaria todas as suas forças para o norte de França. O assalto às praias da Normandia seria um banho de sangue sem sentido, e a vitória aliada ficaria em perigo.

Para evitar a deteção do verdadeiro plano aliado (uma invasão maciça lançada de Portsmouth e da costa sudeste o mais cedo possível na primavera de 1944), todos os cidadãos britânicos precisavam de ser

enganados; todas as fofocas tinham de apoiar a estratégia falsa das três frentes. Todas as fugas tinham de ser orquestradas para confirmar a ilusão.

Se os cidadãos de Portsmouth perguntassem: «Porque estão tantos couraçados fundeados no porto?», a especulação encorajada era: «Esses couraçados estão em casa para reparações, a preparar-se para um grande ataque no Mediterrâneo.»

Se os escoceses se interrogassem: «O que se passa com o reforço de forças em torno de Edimburgo?», o rumor aprovado era: «Os Aliados devem estar a planear um ataque à Noruega ou talvez à Dinamarca. Aposto que para o fim da primavera.»

Se os londrinos questionassem: «Porque acham que as tropas do General Patton estão a treinar naquela enorme base secreta no Tamisa?», a fofoca aceitável era: «É o melhor lugar para atravessar o canal. Os chefes devem estar a planear um grande assalto a Calais. Ouvi dizer que os soldados americanos não estão treinados para combater. Têm de adiar a invasão principal até ao fim do verão.»13

Enquanto estas mentiras circulassem como verdade, a invasão teria uma hipótese real de sucesso.

Ouviu-se uma pancada tímida na porta de West. O Chefe de Polícia enfiou o documento TOP SECRET na gaveta da secretária, trancou-a e gritou: «Entre.»

O sargento-detetive Fred Ford entreabriu a porta e meteu a cara.

West alegrou-se com a chegada de Fred: «Detetive Ford, estava à espera de notícias sobre o discreto encontro da Sra. Duncan com os magistrados.»

O Chefe de Polícia West enviara o detetive Ford ao Tribunal de Magistrados com uma instrução clara: «Não deixe a Sra. Duncan sair em liberdade sob fiança.»14 West não fazia ideia de onde a Sra. Helen Duncan obtinha as suas informações. Sabia que o Almirantado a queria quietinha atrás das grades.15 Esta fábrica de rumores de uma mulher só viajava com demasiada regularidade entre Edimburgo (onde se simulavam preparativos para um assalto falso à Escandinávia)16 e Portsmouth (onde decorriam secretamente os preparativos para a maior invasão marítima da história).17

O Chefe de Polícia tinha um plano simples para silenciar a Sra. Duncan e o seu exército de goblins de musselina faladores: continuar a negar a fiança e garantir que as rodas da justiça girassem a passo de caracol. Com um pouco de ajuda do seu juiz favorito, Presidente do

Tribunal do Condado, Sua Senhoria Sir Grimwood Mears,18 as aparições da Sra. Duncan perante os magistrados locais e o tribunal do condado arrastar-se-iam sem resolução. A primavera e o verão passariam com a Sra. Duncan de licença sabática na Prisão de Holloway. Quando Sir Grimwood aplicasse uma multa de vinte libras, a invasão já seria história, e as forças aliadas estariam a cercar o bunker de Hitler.19

Do corredor, West ouviu alguém gritar: «Ei, Fred, apanhaste algum fantasma hoje?»

O detetive Ford riu-se, mas não respondeu.

West ignorou o comentário. Fred já fora gozado e troçado o suficiente pela falha em capturar o esquivo Albert. Em vez disso, o Chefe de Polícia fez tudo para acolher o detetive cronicamente acanhado no seu gabinete. «Sargento-detetive Ford. Fred, não fiques aí. Entra. Senta-te.»

Fred acomodou as pernas e braços compridos numa cadeira de madeira, cruzou os joelhos, juntou as mãos e olhou diretamente para o chão.20

O Chefe de Polícia West tamborilou com os dedos na secretária e tentou conter a impaciência. «Então…?», perguntou, incentivando a informação.21

Fred espreitou o superior e soltou: «A Sra. Duncan saiu em liberdade sob fiança.»22

West sentiu o calor vermelho da raiva subir-lhe ao rosto. Após algumas respirações calmantes, ferviu: «Fred, não bastou deixares escapar o lençol? Agora a mulher está livre?»

Fred sussurrou: «Não foi culpa minha, Chefe.»

Essa desculpa esfarrapada destapou a raiva de West. Gritou: «Conta-me lá! Pormenor a pormenor! Depois decido de quem é a culpa!»

Fred, sentado muito direito, recitou a história.

«Foi assim, Chefe. Vou ao Tribunal de Magistrados, tal como me mandou. Estou lá à espera que a carrinha traga a Sra. Duncan. Um velho vestido de preto, como se tivesse saído diretamente de um filme do Drácula,23 desliza até mim. Olha-me de alto a baixo e rosna: ‘O meu nome é Sr. Charles Loseby, advogado. Um consórcio de espiritualistas distintos contratou-me para representar a Sra. Duncan.’24

«Chefe, não me disse que a Sra. Duncan ia ter advogado.»25

West cuspiu: «Então este desastre é culpa minha, Fred?»

«Não. Não. De modo nenhum, sir. O senhor não sabe tudo», Fred tropeçou noutra tentativa débil de fugir à responsabilidade. «Enfim, a seguir, abro a porta da carrinha e o Loseby mete-se lá dentro. Pega no braço da Sra. Duncan e escolta-a escada acima até ao tribunal. De onde veio ele, Chefe? Qual é o alvoroço por causa de uma falsa invocadora de fantasmas?»

West nem se deu ao trabalho de especular. Limitou-se a incitar Fred. «E depois, Fred?»

«Lê-se a acusação: violação por vadiagem, uma contravenção por fingir dizer a fortuna. Faço exatamente o que me mandou, Chefe. Digo: 'O Chefe de Polícia Arthur Charles West instruiu-me a pedir que a arguida, Sra. Helen Duncan, continue detida sem fiança.'26

«O Loseby atira o braço ao ar e grita: 'Objecção!' Depois, com a voz toda rouca, começa a contar aos magistrados que vai apresentar queixa ao Ministério do Interior. Parece que é muito amigo do Ministro do Interior Morrison, e Morrison prometeu não prender médiuns espiritualistas. Todo altivo, este Loseby diz: 'Não tenho dúvidas de que o Ministro do Interior tenciona cumprir a palavra, mas a polícia ignorou completamente as suas ordens.'27

«Antes que eu consiga dizer algo em defesa da corporação, o Loseby conta aos magistrados esta história choramingas. Pobre Sra. Duncan. Agentes da polícia de Portsmouth atacaram a senhora doente, puseram a vida dela em perigo e arrastaram-na para a prisão sem motivo. A esta altura, o Loseby, a posar para alguém, diz: 'A Sra. Duncan é uma mulher de feitos distintos.'28

«Não sabendo mais o que fazer, digo: 'A polícia não se opõe à fiança.' Mas ponho-a bem alta, Chefe — cem libras,29 uma fortuna. Nunca pensei que a Sra. Duncan tivesse esse dinheiro. Mas pelos vistos tem apoiantes com bolsos fundos. O Loseby concordou logo em pagar, e os magistrados marcaram nova data para voltarmos.»30

Fred fez uma pausa para respirar e depois deu uma opinião. «Sei que não é da minha conta, Chefe, mas é só uma contravenção. Deixe lá. Está fora do seu controlo. Não há nada que possa fazer.»

«Fora do meu controlo? Nada que eu possa fazer? Há sempre algo que eu posso fazer, Fred. Acorda, Fred», irritou-se o Chefe de Polícia. «Sou o Chefe de Polícia de Portsmouth. Tenho poderes de emergência. Posso

prender e deter quem quiser, quando quiser, por qualquer motivo.31 E quero a Sra. Duncan calada e atrás das grades. Percebes?»

West deixou-se ficar um momento em silêncio e depois apercebeu-se de que dissera demais. Acalmando a voz e cobrindo os rastos, justificou a sua ira: «A Sra. Duncan é uma fraude descarada que lucra com o sofrimento alheio. É meu dever proteger os cidadãos crédulos de Portsmouth da sua deceção sem coração.»32

«Compreendo onde quer chegar, Chefe.» Fred repetiu a opinião do Chefe de Polícia. «É uma vigarice nojenta, sem dúvida. Temos de proteger os adoradores de fantasmas da própria estupidez.»

Tranquilizado por ter posto Fred no caminho certo, West resumiu a situação. «Fred, deixaste uma vigarista em liberdade. A Sra. Duncan está livre para andar pelo país a pavonear-se, manipulando um pedaço de musselina e enganando os enlutados com mensagens falsas do Além.»

«Está em liberdade sob fiança, Chefe», lembrou Fred a West. «Está assustada; vai manter-se quieta.»

«Não contes com isso», retorquiu West. As garantias de Fred tinham o dom de irritar West. Furioso, o Chefe de Polícia lembrou-se do plano clandestino — Operação Bodyguard — guardado na gaveta. A maior parte da frota ocidental de Sua Majestade estava atracada mesmo à sua porta, e uma invocadora de fantasmas com uma infeliz tendência para previsões acertadas andava à solta. Fred tinha razão; West perdera o controlo de Helen Duncan. O protocolo judicial normal poderia muito bem frustrar o plano do Chefe de Polícia. O Gabinete do Ministério Público assumiria o caso. Seria convocada uma audiência perante três magistrados de Portsmouth, nenhum juiz profissional, todos cidadãos respeitados. Se os magistrados considerassem as provas da Acusação suficientemente fortes, remeteriam Rex v. Duncan para a próxima sessão regular do Tribunal do Condado no fim da primavera.33 Nessa altura, a invasão aliada estaria em pleno andamento. De repente, com Helen Duncan, uma fábrica de rumores de proporções perigosas, em liberdade, o ritmo lento da justiça britânica virara-se contra West.34

Fred Ford continuou a estudar o chão enquanto West o estudava a ele. Este sargento-detetive acanhado, de orelhas grandes e olhos de corça, não era exatamente a lâmpada mais brilhante da caixa.35 Pensando bem, era exatamente o que West precisava. Um detetive mais competente poderia questionar mais e descobrir demais. Fred aceitava as coisas pelo valor

facial: o Chefe endoidecera um pouco e tornara-se um cruzado justiceiro obcecado em livrar Portsmouth de uma invocadora de fantasmas. Essa era a versão pública, e o Chefe de Polícia podia contar com Fred para perpetuar essa propaganda. West decidiu manter Fred Ford no caso Helen Duncan.36

«Fred», disse West em tom conciliador, «sei que este truque parece só uma multa de vinte libras, nada que mereça a minha atenção. Tens razão. Não posso deixar este caso tomar-me muito tempo. É por isso que preciso de ti, Fred. Quero que reúnas provas suficientes para convencer o Sr. Loseby de que a Sra. Duncan é culpada como o diabo. Quero que os espiritualistas a vejam como uma vergonha e a larguem como uma batata quente. Eis o que quero que faças.

«Primeiro, escreve um relatório completo e envia-o diretamente ao Diretor do Ministério Público.37

«Segundo, contacta a Polícia de Edimburgo. Procura problemas anteriores com a lei, irregularidades financeiras e participantes de sessões descontentes. Concentra-te em fenómenos falsos. Descobre se alguém alguma vez apanhou um lençol, musselina ou qualquer material branco. Evita previsões e mensagens; são irrelevantes.38

«Terceiro, vasculha Portsmouth à procura de espiritualistas desiludidos.39

«Quarto, mantém-te perto do tenente Worth. Leva-o a um pub. Leva-o no teu barco de pesca.40 Neste momento, o testemunho desse jovem é a nossa arma mais convincente.41

«Mete mãos à obra, Fred. Ao trabalho.»

Quando Fred saiu, o Chefe de Polícia West engendrou a sua própria operação sombra. Mobilizou os aliados influentes, motivando cada um com bocadinhos de informação e deixando-os livres para fazerem o que ele queria.

O Diretor do Ministério Público, Sir Tindall Atkinson, ficou a saber que, devido a circunstâncias especiais de interesse para o Almirantado, a Sra. Helen Duncan precisava de um julgamento rápido e de prisão por não menos de nove meses. Missão de Sir Tindall: nomear uma equipa de elite de procuradores, conceber uma estratégia infalível de encarceramento e garantir que os Serviços de Informações Militares não fossem implicados.42

O Lord Mayor de Portsmouth, Sir Denis Daley, grande amigo de West, ficou a saber que a Sra. Duncan explorava sem piedade os cidadãos

da sua cidade. Missão de Sir Denis: presidir como Magistrado Principal43 na próxima audiência do caso Duncan e aceder a qualquer pedido da Acusação.

Por enquanto, o Chefe de Polícia manteve os aliados mais intimidantes na sombra. O seu juiz favorito, Sua Senhoria Grimwood Mears, e o investigador psíquico Harry Price seriam ativados quando cada um pudesse causar o máximo impacto.

13
CONSPIRAÇÃO

NA MANHÃ de 29 de fevereiro de 1944, uma fila de cidadãos respeitáveis, homens e mulheres, na maioria mulheres, quase todos de fatos de lã e chapéus de domingo, esperava impacientemente no passeio e nas escadas do Tribunal de Magistrados de Portsmouth. Jornalistas, canetas e câmaras na mão, abriam caminho pela multidão tentando garantir um bom lugar. Todos aguardavam a chegada de Helen Duncan.1

No círculo dos fiéis, a prisão de Nell elevara-a ao estatuto de mártir venerada. Aplicar multas a médiuns menos proeminentes, menos extraordinários e menos viajados era bullying. Encarcerar a Sra. Duncan era uma afronta. A sua detenção sem fiança provava que o Ministério do Interior e a hierarquia anglicana, o Ministro do Interior Morrison e o Arcebispo da Cantuária Lang, conspiravam para estrangular a mensagem espiritualista.2

O Arcebispo suprimira um relatório escrito pelo próprio Comité da Igreja sobre Espiritualismo.3 Uma cópia do relatório escapara, contudo, e os clérigos tinham concluído: «A experiência com médiuns constitui um forte caso prima facie de sobrevivência e da possibilidade de comunicação espiritual.»4 Quanto à sua parte na trama, o Ministro do Interior Morrison soltara polícias grosseiros com uma vendetta contra todas as provas de vida eterna. Enquanto rapazes espiritualistas no estrangeiro arriscavam a vida pela liberdade, a sua religião era atacada em casa. Porquê lutar?5

Para que a Sra. Duncan, mãe com dois filhos a combater nas forças armadas de Sua Majestade, fosse arrastada e atirada para a prisão? Se Helen Duncan podia ser encarcerada, todos os médiuns e todos os espiritualistas britânicos corriam perigo de processo. Em qualquer sessão,

um bando de polícias zelosos poderia invadir, bastões na mão, e prender congregações inteiras.6 Inspirados e paranóicos, os fiéis espiritualistas contribuíram com dinheiro para contratar o prestigioso advogado de defesa Charles Loseby.7 Os crentes mais sinceros, vindos de Portsmouth, Londres e mais a oeste, juntaram-se à porta do Tribunal de Magistrados de Portsmouth.

Nell, envolta dos ombros aos tornozelos em pele preta,8 chegou ao tribunal escoltada pelo advogado. Como sempre, Charles Loseby, de faces encovadas, trazia o sobretudo e o fedora pretos, mas nesse dia exibia um toque festivo: um lenço de bolinhas.9 A multidão em espera irrompeu em vivas e sinais de V de vitória. Os flashes das câmaras captaram a cena para os jornais.10

Os apoiantes dedicados entraram no tribunal e sentaram-se nas bancadas da galeria, apertados como fiéis na missa de Páscoa. Dignitários locais também estavam presentes. O Chefe de Polícia Arthur Charles West sentou-se ao lado do humilde detetive Ford. O Lord Mayor de Portsmouth, Sir Denis Daley, de fato de três peças e gravata, ocupava a cadeira do magistrado principal, ladeado por dois cidadãos estimados, Elsie Berryman e Leonard G. Basby.11 Para os defensores de Nell, a presença do Chefe de Polícia e a escolha do Lord Mayor para presidir provavam a agenda anti-espiritualista do governo.

Sir Denis bateu com o martelo. Um agente do tribunal abriu o portão do banco dos réus12 e esperou que a Sra. Helen Duncan, o Sr. Ernest Homer e a Sra. Elizabeth Homer (o Sacerdote e a Alta Sacerdotisa do Master Temple) e a Sra. Francis Brown (assistente da Sra. Duncan) entrassem no banco.

Agora havia quatro arguidos.

Desde a prisão inicial de Nell, o caso complicara-se. A polícia e o Ministério Público decidiram que uma acusação por contravenção não era grave o suficiente para Nell. Pretendiam acusá-la de crime. Para isso, precisavam de uma conspiração e troca de dinheiro. Emitiram mandados para os cúmplices mais prováveis: o Sr. e a Sra. Homer, proprietários do Master Temple que recolhiam o dinheiro, e a Sra. Francis Brown, que se declarara aprendiz de Nell. Nell fora informada desta agitação.13

Ainda assim, quando o escrivão leu uma acusação revista — «Conspiração»14 — um suspiro audível percorreu a galeria. Era tempo de guerra. Conspiração implicava espionagem, e espionagem levava à forca.

Nell entrou em pânico. Cabeça à roda, em confusão e medo, esforçou-se por ouvir.

Afinal, a acusação de conspiração não era de espionagem, mas do tipo comum «conspiração para enganar e defraudar». O governo limitava-se a acusar Nell de ser falsa, de «fingir comunicar com pessoas falecidas e fazer espíritos materializar-se».15 Segundo o detetive Ford, o Sr. e a Sra. Homer, que recolhiam o dinheiro, e a Sra. Brown, que ajudava Nell, estavam obviamente no esquema. O governo ia apresentar o caso contra Nell e os seus três alegados cúmplices, mas a polícia não tinha sequer um farrapo de prova.

14
A AUDIÊNCIA

ASSIM QUE os espiritualistas começaram a absorver o choque da acusação surpresa de conspiração, um sósia de George Robey, o comediante mais célebre da Grã-Bretanha, pôs-se de pé de um salto. Só o aspeto do homem — sobrancelhas desgrenhadas, bochechas de querubim, traseiro largo e pernas finas1 — provocava risadinhas, até nos espiritualistas. Edward Robey, filho do extravagante artista de vaudeville,2 cujo humor Henry Duncan outrora comparara ao espírito cáustico de Albert,3 ia apresentar as provas reunidas pelo Chefe de Polícia West e pelo Ministério Público. As instruções de Robey tinham sido claras: manter as provas concentradas nos fenómenos falsos da Sra. Duncan. Nem Robey — e muito menos o advogado de defesa Loseby ou os seus apoiantes espiritualistas — precisavam de saber da agenda de segurança mais premente do Chefe de Polícia.4

Felizmente, Ed Robey não tinha dificuldade em reunir indignação sincera ao serviço da acusação. Para este procurador em particular, transes duvidosos e marionetas de musselina eram uma afronta ao seu legado. Quase todos os britânicos sabiam como o pai de Ed Robey, George, se tornara entertainer.

Quando jovem, George Robey estava confortavelmente instalado nos seus quartos em Cambridge quando o negócio da família Robey entrou em crise. Os fundos evaporaram-se, e George foi posto na rua. Lá estava ele:

um jovem de boa criação com todas as portas adequadas ao seu pedigree fechadas. Começou a frequentar o Royal Aquarium.

O Royal Aquarium nada tinha a ver com peixes nem muito com realeza; era um pavilhão de entretenimento que ocupava um quarteirão da cidade de Westminster e albergava dois andares de números de vaudeville. O cartaz anunciava os Cães Amestrados do Professor Wingfield, o Número Aéreo de Menotti no Arame, a ópera cómica de Offenbach «Helen» e atos de magia como o Grande Maskelyne. Para George, a oportunidade de tomar uma caneca, fumar um charuto e ver diversão barulhenta era uma distração bem-vinda do seu triste destino.

Numa saída ao Royal Aquarium, George conseguiu lugar na primeira fila do grande salão para ver o «Professor Kennedy, Mesmerizador Extraordinário». O «Professor» pediu um voluntário da plateia. Mesmo jovem, George não era flor que se cheirasse nem se deixava inibir, pelo que saltou para o palco. O «Professor» Kennedy agitou um relógio de ouro diante dos olhos do jovem.

Em momentos, George exibiu um vazio convincente, um olhar vidrado e estupefato. O «Professor» instruiu-o então a fazer as habituais palhaçadas embaraçosas. Totalmente consciente da oportunidade de arrancar gargalhadas e aplausos, George fez de burro do mesmerizador. Desfilou pelo palco, cantou canções atrevidas, bateu as asas e cacarejou como galinha. O resto foi história. George Robey tornou-se, como os cartazes apregoavam, «o Primeiro-Ministro do Riso da Grã-Bretanha».5

Edward Robey beneficiara grandemente das dos lucros financeiros dos transes falsos do pai. A sua infância fora povoada de famosos e influentes. Gabava-se de educação em Westminster, Cambridge e Inner Temple.6 Edward tinha uma desavença pessoal com Helen Duncan: nada o horrorizava mais do que vaudeville mal executado.

Para a abertura, Edward Robey conteve a inclinação inata. De cara séria, começou: «Este caso despertou grande interesse público. Quero deixar isto perfeitamente claro: a questão em causa não é se há vida após a morte, ou se espíritos falecidos podem comunicar, ou se pessoas mortas podem materializar-se. A verdadeira questão é: todos os arguidos conspiraram e fingiram que a Sra. Duncan podia fazer espíritos dos mortos materializar-se.»7

Com essa rápida concessão à charlatanice espiritualista despachada, Robey virou-se para os magistrados e saltou para uma persona mais

divertida. Com o humor característico do pai escrito em cada gesto, coçou o queixo com o dedo indicador atarracado, arrastou os pés, inclinou a cabeça, ergueu as sobrancelhas espessas8 e expôs o caso: «Então o que temos aqui? Um espetáculo. Uma atuação. Uma vigarice. Foi assim que aconteceu: a 16 de janeiro, o tenente Stanley Worth e o cirurgião-tenente Fowler compraram bilhetes. Os dois oficiais navais pagaram o salário diário de um estivador para ver os mortos regressarem à vida. Entraram na sala de sessões. O palco estava montado. A Sra. Duncan caiu no que chamaram de transe.»9

Imitando o transe, Edward fingiu um olhar vazio, deixou a cabeça cair inerte e depois esticou o pescoço de novo. Com olhos esbugalhados, a voz tornou-se lenta e fantasmagórica: «Depois, ao clarão de uma única lâmpada vermelha, a congregação entoou uma espécie de oração.»10

Charles Loseby, o advogado de defesa de Nell, mordeu o isco e rosnou: «Foi a Oração do Senhor.»11

Robey contrapôs: «Isso torna tudo ainda pior.»12

Tendo reduzido Loseby ao seu tamanho, Robey acrescentou o seu próprio cavalo de batalha: «O número de ilusionismo era caro e mal executado. Nada que se compare aos espetáculos de magia do Grande Jasper Maskelyne.»13

O Chefe de Polícia West remexeu-se na cadeira. Sem o saber, Robey tocara num ponto sensível. Para uns poucos homens com acesso a assuntos de segurança nacional, comparar Jasper Maskelyne14 a Helen Duncan beirava o lapso de inteligência militar ou uma piada interna magistral. Com o início da guerra, Maskelyne, o mais famoso mágico vivo da Grã-Bretanha, abandonara o palco e juntara-se à Força Expedicionária de Sua Majestade.

Pago apenas como major, o ilusionista usara luzes, espelhos, madeira e fogos para enganar os alemães, fazendo-os atacar alvos falsos. As vitórias aliadas no Norte de África deviam muito à magia de Maskelyne.15 Mais perto de casa, graças às técnicas do mágico, a Luftwaffe bombardeara uma vez a quase deserta Hayling Island e deixara Portsmouth em paz.16 O Chefe de Polícia considerava Jasper Maskelyne um patriota altruísta. Helen Duncan, por outro lado, era um parasita que engordava com o sofrimento da guerra17 e punha em risco a vitória aliada.18

Deixando de lado a alusão a Maskelyne, Robey passou rapidamente pela sequência de eventos que levaram à prisão de Helen Duncan: a

primeira sessão de Helen Duncan a que o tenente Worth assistira, o seu desencanto, a queixa à polícia e as sessões subsequentes.19

Depois, desacelerando as palavras para dar ênfase, Robey descreveu uma travessura culminante: «Quando a última sessão terminou e a Sra. Duncan estava devidamente sob custódia policial, esta Sra. Brown, que está hoje no banco dos réus» — Robey apontou para a magra Sra. Brown — «esta cúmplice dirigiu-se aos espiritualistas sinceramente reunidos e disse: 'Jesus sofreu assim.'» Robey abanou a cabeça em incredulidade autojusta, olhou nos olhos do Lord Mayor e concluiu a abertura: «À vigarice acrescenta-se blasfémia.»20

O escrivão anunciou a primeira testemunha: «Tenente Stanley Worth.»21

De uniforme de gala — blazer azul-marinho de peito duplo, botões dourados, sapatos engraxados a cuspo e chapéu de oficial respeitosamente debaixo do braço22 —, Stan Worth não parecia nada o motociclista divertido que rugia entre o Master Temple e a Sede da Polícia.23

Robey fez a primeira pergunta da Acusação: «Tenente Worth, conte-nos por favor os eventos que o levaram a apresentar queixa contra os arguidos.»24

Stan pigarreou e começou a expor os factos: «Em dezembro de 1943, tive uma conversa com a arguida, Sra. Homer. Ela disse-me que a Sra. Duncan viria em janeiro deste ano realizar uma sessão de materialização.»25

Robey perguntou: «Sessão de materialização?»

O tenente sorriu de esguelha antes de explicar: «A Sra. Homer disse que a Sra. Duncan conseguia produzir espíritos de parentes falecidos que sairiam para a sala para todos verem.»

Robey franziu o sobrolho, convidando a explicação. A melodia cantilena da canção de guerra de Frank Loesser infiltrou-se no tribunal a partir de algum pub próximo.26

Down went the gunner, a bullet was his fate Down went the gunner, and then the gunner's mate Up jumped the sky pilot, gave the boys a look And manned the gun himself as he laid aside The Book, shouting Praise the Lord and pass the ammunition! Praise the Lord and pass the ammunition, and we'll all stay free.27

Outro esquadrão de caças rugiu por cima.28

O tenente Worth já não conseguiu reprimir o talento para contar uma boa história. Stan fez mais do que citar a Sra. Homer. Com o exagero teatral da Sra. Homer e um sotaque galês na voz, reencenou o discurso de vendas dela: «A Sra. Duncan é uma mulher maravilhosa! O ectoplasma sai do corpo dela e forma-se no espírito. Com toda a certeza! Vão ver espíritos dos mortos! O Controlo da Sra. Duncan fica mesmo ao lado dela, e outros espíritos saem para a sala! O preço é doze xelins e seis pence. Vale cada penny. Tenho de recusar centenas, mas deixo-o vir, como favor especial.»

A pedido de Robey, o tenente entreteve o tribunal com imitações improvisadas29 de um desfile inteiro de aparições brancas flutuantes: Albert; um soldado mutilado que fora ferido e morrera em Singapura; um jovem dado como desaparecido em serviço; um gato que miava e fora afogado numa banheira; uma criança escocesa chamada «Peggy» que cantava «Loch Lomond»; um polícia que regressava ao Mundo Inferior à procura do capacete perdido; e a avó cantora da Sra. Homer. Stan pediu desculpa por não saber galês suficiente para brindar os espetadores com a canção da avó.30

O Chefe de Polícia West recostou-se em pura admiração: metam aquele jovem numa sala escura com um lençol e ele daria luta a qualquer médium genuína.

Resumindo o depoimento, a testemunha queixou-se: «Os espíritos eram gordos e peganhentos, indubitavelmente humanos, sem nada de etéreo nem ectoplasma.»31

O tenente Stan Worth ganhara o estatuto de estrela da Acusação.

Seguiram-se testemunhas da Acusação menos brilhantes mas suficientes. O agente reserva de guerra Rupert Cross relatou a emboscada ao fantasma esquivo. O sargento-detetive Fred Ford admitiu que um grupo de oito agentes revirara o local e não encontrara pano branco. Um médium local queixou-se de que os Homer tinham um esquema de dinheiro. A espiritualista desiludida Bessie Lock ficou com lágrimas nos olhos ao falar das esperanças frustradas.32

O caso da Acusação esmoreceu, e sob instruções de Charles Loseby, o seu advogado caro, Helen Duncan, corando de embaraço, murmurou a resposta ensaiada: «Não desejo prestar depoimento nem chamar testemunhas hoje.»33

Cada arguido por sua vez — Sr. Homer, Sra. Homer e Sra. Brown — repetiu a frase verbatim.34

O Chefe de Polícia West irradiava satisfação. Esta farsa decorria conforme o plano. O Ministério Público instruíra o aliado de West, Lord Mayor Sir Denis Daley, a remeter Rex v. Duncan diretamente para o mais alto tribunal criminal da Grã-Bretanha, o Old Bailey, para o julgamento mais rápido possível.35 Este desfecho deixaria certamente o advogado de defesa Loseby atordoado, forçando-o a negociar uma pena de prisão que salvasse a face para a dotada Sra. Duncan.

Após um curto intervalo, todo o elenco — Sra. Duncan, os coarguidos, testemunhas, polícias e o escrivão — voltou ao tribunal. O Lord Mayor Sir Denis Daley olhou para a multidão e anunciou a decisão dos magistrados: «Este caso apresenta matéria de substância e nós, magistrados de Portsmouth, recomendamos que seja julgado integralmente perante um júri no Central Criminal Court em Londres.»36

Gritos de «Hear, Hear» ribombaram alegremente pela galeria espiritualista.

A exultação inesperada desconcertou o Chefe de Polícia West. Teria o Ministério Público caído numa emboscada da Defesa? Claramente, Loseby não estava à beira da rendição.

Os verdadeiros crentes tinham conseguido exatamente o que queriam. Mulheres abraçavam-se. Homens apertavam as mãos. Todos correram a felicitar o Sr. Loseby. Os seus olhos macabros brilhavam. A causa espiritualista teria o seu dia. A comunicação espiritual seria provada num tribunal — e não num qualquer. O Old Bailey era o mais alto tribunal criminal da Grã-Bretanha.37 O potencial para conversões em massa era espantoso. No meio da celebração, Helen ficou de boca aberta e olhos vidrados, um peão nesta cruzada espiritualista.38

O Chefe de Polícia West observou a cena e ponderou as opções. Um acordo extrajudicial exigiria intimidação acrescida. O Chefe de Polícia felicitou-se pelos recentes esforços para ativar a ira de Sua Senhoria Sir Grimwood Mears.39 Chegara a hora de reforços adicionais. West tencionava recrutar o aliado mais notável do seu arsenal, o investigador psíquico Harry Price.40

15
UM CONVITE TENTADOR

FINALMENTE, Harry Price recebeu um convite à altura da sua consideração. Sir Edward Tindall Atkinson, Diretor do Ministério Público, contactara-o. Com respeito pela acuidade científica e pela celebridade crescente de Price, o Diretor-Adjunto de Sir Tindall pedira a Price que emprestasse a sua perícia, que testemunhasse contra a desajeitada Sra. Duncan e o seu escorregadio Guia Espiritual. Aparentemente, o convite viera a pedido de Arthur Charles West, Chefe de Polícia do principal porto naval da Grã-Bretanha.1 Como autoridade máxima no fenómeno Duncan, nenhum desmascaramento estaria completo sem a contribuição do principal investigador britânico de experiências paranormais.

Price esfregou as palmas das mãos e salivou de antecipação. Imaginou-se a deixar juiz, júri e galeria em suspense enquanto relatava as suas aventuras com o Sr. e a Sra. Duncan. A publicidade seria espetacular. Todos os jornais da capital enviariam repórteres. As câmaras dispariam, os jornalistas anotariam cada palavra sua,2 e ele seria manchete. Até a BBC interrompera a cobertura dos avanços russos na Europa de Leste e das vitórias aliadas em Itália para anunciar a prisão de Helen Duncan.3 Talvez Price fosse entrevistado na mesma hora que Winston Churchill. O melhor de tudo: teria outra oportunidade de desmascarar aquela aparição insolente de musselina, Albert.

Ainda agora, treze anos após o último encontro, Price fervia com a insinuação de Albert. Nos primeiros tempos da associação com o Sr. e a Sra. Duncan, Price poderia ter defendido a coitada da médium:4 uma camponesa pobre, hospedeira de Albert, um parasita verbalmente abusivo.5 Mas depois Albert estragara a oportunidade da Sra. Duncan.

Para começar a associação, Price convidara os Duncan ao salão do seu laboratório no número 13 da Rolland Street e oferecera dez libras por sessão, superando largamente a bolsa dos concorrentes da London Spiritualist Alliance. Os olhos gulosos do marido saltaram. Os dois cavalheiros apertaram as mãos no acordo, e o Sr. Duncan passou a entregar pontualmente a esposa ao maior licitador.6

Depois, sessão de teste após sessão de teste, os investigadores de Price revistavam e prendiam a Sra. Duncan numa camisa de forças. As luzes apagavam-se e a cortina fechava-se. O ectoplasma jogava os seus habituais

jogos, saindo-lhe da boca, derramando-se no chão e cobrindo-lhe o corpo, enquanto Albert conversava com os convidados. Mais ectoplasma, mais controlos e nenhuma explicação para a origem.7

Tal como fizera na London Spiritualist Alliance, Albert continuou a denegrir Henry Duncan com uma variedade de piadas cáusticas.8 Price achava as farpas de Albert refrescantemente honestas — até o goblin audacioso descer ao ponto de sugerir que o investigador e o marido da médium eram talhados no mesmo molde.

Numa noite, Price viu-se em acordo com o Sr. Duncan. Em resposta, Albert troçou: «Grandes parvos pensam igual; parvos raramente discordam.»9

Na quarta sessão investigativa de Price, Albert comportou-se de forma imperdoável. O Controlo Espiritual tubular enfiou a cabeça branca pela cortina de veludo e, com um tom sugestivo na voz, cantou: «Olá! Sr. Price, como está esta noite?»10

Algo surpreendido pelo tom excessivamente familiar, Price respondeu: «Estou bem, mas tenho andado muito atarefado à noite.»11

Albert arriscou um conselho conciliador: «Não se preocupe, mande tudo ao vento.»12

Surpreendido com a demonstração de preocupação da aparição, Price confidenciou: «Raramente me sinto cansado. Normalmente consigo trabalhar a noite toda sem fadiga.»13

Albert riu-se de forma grosseira e comentou: «Claro que depende de com quem está!»14

Esta insinuação ressoou demasiado perto. Todos na sala olharam para a sua bela protegida, a ruiva Sra. Molly Goldney.15 Envergonhado, Price objetou: «Isso foi pouco amável.»16

Albert suspirou: «Somos todos muito parecidos, Sr. Price.»17

Price achou esta resposta além do aceitável e não pôde deixar de perguntar: «Certamente não é assim agora? Não na morte?»18

Albert gemeu: «Não sei. Estou muito apegado a uma mulher. Má sorte não ter encontrado um cavalheiro.»19

Meu Deus, pensou Price, estou a conversar com um fantasma que vive no corpo de uma mulher, confessa obsessão por uma senhora e aspira à homossexualidade.20 A que chegou a investigação psíquica? Garantiu a Albert: «O seu apego por uma mulher é uma vantagem sua.»21

«Desvantagem!», afirmou Albert sem hesitar. «As senhoras conseguem fazer-nos fazer o que não queremos. Os homens não.»22

Touché. Price concordara.23 Albert ganhara essa ronda, mas a luta apenas começara. Do seu canto, Price jurara espancar e ensanguentar o impertinente Albert. Só a humilhação total da Sra. Duncan restauraria a dignidade de Price.24

Mais uma vez saboreando a doçura da vingança imaginada, Price acariciou o convite do Diretor-Adjunto do Ministério Público.25 Todas as possibilidades de fama explosiva aguçaram o apetite de Price.26 O facto de esta oportunidade ser à custa da Sra. Duncan tornava-a ainda mais tentadora.27

16
À PORTA FECHADA

NOS IDOS de março de 1944, o Chefe de Polícia Arthur West dirigiu-se de automóvel a Londres para uma reunião discreta. Como instruído, evitou a entrada de colunas e o átrio público de Devonshire House. Em vez disso, bateu à porta revestida de metal da entrada leste pouco frequentada.1 Lá dentro, caminhou com fingida descontração até ao gabinete de Sir E. H. Tindall Atkinson, o Diretor do Ministério Público.2

Chegando a tempo, West bateu à porta marcada. Sir Tindall Atkinson espreitou e puxou o Chefe de Polícia para dentro do gabinete.

Dispensando cumprimentos, Atkinson deu instruções: «Chefe de Polícia West, não vejo razão para o Ministro do Interior saber da minha participação direta neste assunto. Aliás, se Morrison perguntar, negarei a minha contribuição.»3

Um momento depois, a porta rangeu e dois homens entraram sem bater. Este par improvável poderia ter saltado de um ecrã de cinema. O homem da frente pavoneava-se com a elegância suave de um galã de matinée;4 a sua sombra arrastava-se atrás, cabeça baixa, com a obediência mecânica do monstro de Frankenstein.5

Sir Tindall entusiasmou-se: «John Cyril Maude, que bom vê-lo.»

O elegante Sr. Maude inclinou a cabeça.

O jovem John Maude e o mais velho Sir Tindall Atkinson partilhavam uma irmandade de antigos alunos: ambos de Oxford e ambos chamados ao foro no Middle Temple.6

Recentemente, Maude subira aos píncaros da profissão jurídica — fora nomeado King's Counsel7 e trocara as togas de algodão por togas de seda.8

Atkinson virou-se para West: «Chefe de Polícia Arthur Charles West, tenho o prazer de apresentar John Cyril Maude, filho do famoso ator britânico Cyril Maude e uma estrela em ascensão no seu próprio meio jurídico.»9

West e Maude apertaram as mãos. Já se tinham encontrado antes e não apenas em tribunal. O Chefe de Polícia compreendia as qualificações de Maude para este caso em particular, talvez mais completamente do que o Diretor do Ministério Público. Por baixo das togas de seda de King's Counsel, Maude escondia uma identidade clandestina. John Cyril Maude fora oficial dos Serviços de Informações Militares, o RSLO encarregado de investigar fugas de informação. Maude viajara para norte, até à Escócia, território natal de Helen Duncan.10 Recentemente, o seu prestígio secreto recebera outro impulso; Maude fora destacado para os gabinetes do Gabinete de Guerra.11

Atkinson ofereceu, enigmático: «Nomeei John porque está especialmente qualificado para tratar este caso invulgar com competência.»12

West assentiu aprovadoramente; o Diretor do Ministério Público levara a sério as preocupações do Chefe de Polícia. Normalmente, procuradores menores eram nomeados por rotação no grupo de advogados do Old Bailey.13 Isso deixaria West com um aliado menos astuto.

West e Maude cruzaram olhares momentaneamente, reconhecendo a missão não dita: encarcerar a Sra. Duncan o mais rapidamente possível, pelo maior tempo concebível, para sufocar qualquer potencial fuga de informação exata sobre a iminente invasão aliada da Europa.

Maude exalou um «Sim. Certo.» neutro. Depois virou-se para apresentar o homem grande que pairava ao seu lado: «Chefe de Polícia West, já conhece o meu assistente, Henry Elam?»14

Com alívio, West percebeu que o homem monstruoso que estendia a mão pensava que o assunto não passava de um jogo sujo de goblins falsos. A aparência de Elam encaixava perfeitamente no caso. Embora medisse bons um metro e noventa e oito,15 a cabeça em bloco parecia grande demais para o corpo. As sobrancelhas leves do Procurador-Adjunto

viravam para cima como cornos, e os olhos pastel brilhavam de forma estranhamente plana como vidro não refletor.16

Atkinson deu ao Procurador-Adjunto um conselho não solicitado: «Preste atenção ao seu líder, Sr. Elam. Vai aprender muito.»

O Chefe de Polícia olhou para John Maude, e Maude tranquilizou West: «O Sr. Elam aprenderá o suficiente e não demais.»17

Quando os quatro homens puxavam cadeirões, Ed Robey entrou.18 Com o aplomb característico das raízes de vaudeville, Robey pousou a pasta na mesa e anunciou: «Aqui está, senhores, as provas da Acusação, frágeis que sejam.»

«Ahhh», entoou Maude melodramaticamente. «Nem um farrapo de prova material.»

Mais uma vez, o Chefe de Polícia West fervia ao lembrar-se do lençol que escapara.

Imperturbável, Robey inclinou-se para a frente e abriu a pasta. O rosto iluminou-se em deleite fingido. As sobrancelhas espessas subiram até à linha do cabelo. Depois, torcendo os dedos para cá e para lá, mergulhou a mão entre os papéis. Como um mágico a tirar lenços de uma cartola, tirou lentamente um longo pedaço de musselina fina.

Num ímpeto de excitação, Atkinson saltou para uma conclusão: «Ed, seu patife, encontraste o Albert falso. Brilhante!»

«Não, não, não é o Albert da Helen Duncan», interveio o Chefe de Polícia para esclarecer. «O Ed apenas o atirou para dentro das provas.»19

West virou-se para Robey: «Onde o arranjaste? De algum caçador de fantasmas vigilante que o tirou a outra médium? Do Harry Price?20 Ou compraste-o na Woolworth's?»21

«Arthur, não corrijas tão depressa uma impressão favorável equivocada», repreendeu Maude. Fez sinal a Robey para lhe entregar a musselina. Quando ficou com o sósia de Albert na mão, Maude deixou-a pender das pontas dos dedos e fê-la dançar. «Não é prova; é um adereço. Este pano tem um certo valor demonstrativo. Durante o julgamento, só para fazer efeito, vou libertar a nossa própria aparição.»22

Vendo Maude usar com proveito a habilidade herdada, Atkinson observou sabiamente: «Sucesso no teatro, sucesso no tribunal — as competências são as mesmas. Sua Senhoria Sir Gerald Dodson seria a escolha perfeita para julgar este caso.»

Maude riu-se, mas para o Chefe de Polícia West a piada interna precisava de explicação. Todos os Chefes de Polícia de Inglaterra sabiam que Sir Gerald Dodson dirigia o Central Criminal Court. Sete anos antes, os advogados do Old Bailey tinham-no eleito Recorder of London, e Sua Senhoria Sir Gerald Dodson tornara-se o árbitro mais poderoso do direito criminal na Grã-Bretanha.23 Mas Atkinson e Maude sabiam algo sobre a paixão extracurricular de Sua Senhoria.

Sir Gerald Dodson deliciava-se com teatro. Como ator amador, escrevera uma peça, The Rebel Maid,24 e adorava conviver com as estrelas.25 O pedigree de John Maude — filho de Cyril Maude, ícone inabalável do palco, gerente do Haymarket Theatre, construtor do Playhouse, autor de The Actor in the Room e Behind the Scenes with Cyril Maude26 — com certeza deslumbraria este juiz em particular.

Sem aviso, Atkinson tornou-se inesperadamente sério: «Aqui estamos nós, sentados em cima de um barril de pólvora político, com uma acusação de conspiração. O problema é que a acusação de conspiração tem um buraco suficientemente grande para deixar a tua Sra. Duncan valsar porta fora do tribunal, livre como um passarinho.»

Segundo a lei da conspiração, os conspiradores tinham de perpetrar conscientemente um engano: prometer entregar bens ou serviços em troca de dinheiro e depois não entregar o prometido. Para serem condenados, teria de provar-se que a Sra. Duncan enganara intencionalmente o público, alegando manifestar espíritos dos mortos e cobrando a taxa. A Sra. Duncan não fazia tal promessa nem tocava no dinheiro. A mulher mal parecia falar. Não dissera uma palavra à testemunha-estrela, o tenente Worth. Elizabeth Homer, proprietária do Master Temple, e a Sra. Francis Brown, a companheira de viagem, eram as únicas culpadas de apregoar as capacidades de invocação da Sra. Duncan.27

Atkinson recostou-se, cruzou os braços sobre o peito e esperou. A sua equipa de elite de procuradores ficou em silêncio. Finalmente, o Diretor do Ministério Público dirigiu-se a uma estante, tirou um volume empoeirado, bateu com ele na mesa e folheou as páginas quebradiças. Chegou a um antigo estatuto e abriu um sorriso triunfante.28 Enfiou a página escolhida debaixo do nariz de John Maude.

O King's Counsel Maude leu em voz alta o trecho relevante: «Se qualquer pessoa pretender exercer ou usar qualquer tipo de bruxaria, feitiçaria, encantamento ou conjuração, ou comprometer-se a dizer

fortunas, toda a pessoa que assim ofender sofrerá prisão pelo espaço de um ano inteiro sem fiança.»29 Maude não precisava de ler mais uma palavra, mas a satisfação pô-lo num humor travesso e terminou o parágrafo: «E, no dia de mercado, o condenado ficará publicamente no pelourinho pelo espaço de uma hora.»30

17
A APARÊNCIA DE JUSTIÇA

NELL ENCOLHIA-SE no banco traseiro de um táxi preto.1 O marido frágil, Henry, aninhava-se ao seu lado,2 e a filha delicada Nan3 equilibrava-se no banco rebatível em frente. O carro parou diante de uma porta em arco reduzida aberta na fachada de pedra cinzelada do Old Bailey.4 Uma fila ordeira serpenteava daquela entrada discreta na Newgate Street, virava a esquina e descia a Old Bailey Street.5 Por cima deles, uma estátua dourada da Senhora Justiça coroava a majestosa cúpula do edifício. Atrás deles, o elegante Court of the Recorder jazia em ruínas.6

Assim funcionara o Blitz: tragédias e milagres aconteciam a um lançamento de pedra uns dos outros. E não acabara. Muitos dos que estavam na fila tinham passado a noite apertados em catres de madeira nos túneis do metro, à espera do sinal de tudo seguro. Mas o recomeço dos bombardeamentos aéreos de Hitler, este «Pequeno Blitz»,7 não impedira a multidão de chegar ao Old Bailey duas horas antes de a porta lateral abrir. Todas as pessoas naquele passeio queriam ver Nell ser julgada.8

Nell saiu do carro e a multidão calou-se. Com Henry a segurar-lhe o braço esquerdo e Nan a agarrar-lhe a mão direita, arrastou-se não para a porta em arco, mas para a entrada reservada aos arguidos.9

Um simpatizante gritou: «Deus a abençoe, Sra. Duncan.»10 À frente do portão de ferro, Nell beijou Henry nos lábios e Nan na face. As grades rangeram ao abrir, Henry e Nan soltaram Nell, e ela passou pelo portão.11

Dentro da sala de detenção semelhante a uma masmorra, o Sr. Homer, a Sra. Homer e a Sra. Brown esperavam, de ombros curvados. Ao lado, um xerife do tribunal consultava o relógio. Momentos depois, conduziu os quatro por uma porta estreita. Nell pôs um pé no primeiro degrau da escada imunda e começou a subir da cripta do Old Bailey até à Sala nº 4, uma ascensão de sete lanços.12 O corredor apertado ecoava com o som de

marteladas. Mesmo enquanto as bombas ainda caíam sobre Londres, os operários teimosamente continuavam a reconstruir o Old Bailey.13 Quando viu uma abertura por cima da cabeça, já arfava a cada respiração, e gotas de suor escorriam-lhe da testa. Agarrando-se firmemente ao corrimão, ouviu o escrivão bradar: «Tragam os prisioneiros.»14

Na noite anterior, Nell fora hóspede de honra numa bela casa em Merton Park.15 Agora, quando o escrivão gritou «Prisioneiros», o xerife do tribunal empurrou-a. Nell puxou o casaco de pele para si e forçou-se a subir o último degrau.

Arrastou-se, uma mulher-urso desonrada, para o banco dos réus16 — um palco elevado encerrado por uma parede sólida até meio, encimada por um metro e vinte de vidro grosso, emoldurado por tubos de latão. Todo o tribunal — juiz, júri, advogados e espetadores — fitava-a.17 Nell baixou a cabeça.

Os coarguidos — o Sr. Ernest Homer, de gravata escura, camisa branca, colete, fato e sobretudo cinzento-espinha de peixe; a Sra. Elizabeth Homer, de chapéu de feltro com véu preto e casaco de pele animado por um cravo na lapela;18 e a Sra. Francis Brown, de casaco de pele com penas — colocaram-se atrás de Nell.19

O escrivão desenrolou um pergaminho e leu a versão final de uma acusação muito revista.

«Vocês quatro conspiraram juntos, e com pessoas desconhecidas, para pretender exercer algum tipo de conjuração, para que, por intermédio da referida Helen Duncan, espíritos de pessoas falecidas aparecessem e comunicassem com pessoas vivas, contrariamente à Lei da Bruxaria de 1735.»20

Nell tremeu. A segunda profecia da mãe — «Serás julgada como bruxa» — tornara-se realidade.21

18
ABERTURA DA ACUSAÇÃO

UM ECO sussurrado de uma palavra — BRUXARIA — viajou de lábios incrédulos em lábios incrédulos, e o Chefe de Polícia West acomodou-se mais confortavelmente no banco duro. O Diretor do Ministério Público forjara uma armadilha legal para apanhar a escorregadia Sra. Duncan e o seu advogado-abutre. Não só o Diretor do Ministério Público redigira a acusação, como manipulara com sucesso Sua Senhoria Sir Gerald Dodson para presidir a este julgamento de bruxa.

Atkinson compusera uma nota pessoal a Sir Gerald. Com letras gordas, carimbara-a PRIVATE AND CONFIDENTIAL. Com a deferência adequada, o Diretor sugerira que Sir Gerald poderia atribuir-se a si próprio este delicado caso de «sessões espiritualistas falsas». Para minar qualquer fidelidade puritana a uma judiciatura independente, Atkinson garantira a Sua Senhoria, o Recorder of London, que o Ministério Público «naturalmente não tinha direito nem desejo de interferir na alocação de casos» no tribunal de Sir Gerald e confiava que Sua Senhoria não «levaria a mal esta intromissão da sua parte».1 A mensagem solícita encantara o juiz, que agora se sentava entronizado acima do tribunal.

Com a sua peruca prateada até aos ombros, toga de seda e colarinho engomado puritano, Sua Senhoria Sir Gerald Dodson era a encarnação da justiça imperial severa.2 Mas por trás da fachada austera, e apesar do ponto fraco pelo pedigree teatral do Procurador John Maude,3 Sir Gerald alimentava tendências que inquietavam o Chefe de Polícia West. Sua Senhoria, cristão devoto,4 orgulhava-se do seu afeto paternal pelos que estavam abaixo da sua posição e tendia para sentenças brandas para gente humilde arrependida.5

De pé no banco dos réus, cabeça baixa, Helen Duncan parecia a ama-enfermeira bondosa e rechonchuda da sua infância.6

A voz do escrivão ressoou: «Helen Duncan, declara-se culpada ou não culpada?»7

A voz da avozinha escocesa falhou enquanto lutava por dizer: «Não culpada, senhor.»8

Esse «senhor» deferente não agradou ao Chefe de Polícia. Tal demonstração inicial de subserviência ativaria certamente o lado simpático dos preconceitos deste juiz.

Enquanto o Chefe de Polícia West se mexia nervosamente no assento, o Procurador John Maude, impecavelmente elegante com peruca e seda,9 dirigiu-se ao púlpito, curvou-se com brilho cerimonial e apresentou o elenco de personagens.

«Que agrade a Vossa Senhoria e aos membros do júri: apareço com o meu erudito amigo Sr. Elam para acusar estas quatro pessoas. Aparecemos pela Coroa, e o meu erudito amigo Sr. Loseby aparece em defesa de todos os quatro prisioneiros.»10

Despachadas as formalidades, Maude voltou toda a atenção para o júri de guerra de uma mulher e seis homens.11 Em tons calmos e pausados de conversador sedutor,12 refletiu: «Ouso dizer que repararam: quando a acusação foi lida, mencionou-se a Lei da Bruxaria. É uma lei antiga; tem mais de duzentos anos. Por vezes pensa-se que essa lei é parva, por vezes não é assim tão asno.»13

Em uníssono, os membros do júri riram-se, e o Chefe de Polícia West sorriu. Maude lera os pensamentos dos jurados e usara a linguagem deles. Os sete estavam prontos a seguir este flautista para onde quer que ele os levasse.14

«Nos tempos antigos», explicou Maude, «era popular perseguir pobres criaturas iludidas que se julgava serem bruxas. Na verdade, por vezes elas próprias acreditavam ser bruxas.»15

Maude lançou um olhar chauvinista na direção de Helen Duncan, depois inclinou-se para o júri, como quem partilha uma fofoca incrédula.

«O público acreditava nesse tipo de coisas. Mas a bruxaria não era o único meio conhecido naqueles tempos de jogar com a imaginação do público. Havia feitiçaria, encantamento, feitiços e uma coisa em particular chamada conjuração, invocação de espíritos.»16

Endireitando os ombros, Maude agitou a mão, como quem afasta uma mosca chata.

«Os tempos mudaram, e os nossos antepassados começaram a pensar que era tudo disparate, completamente impossível.»

Continuando a lição de história, Maude esclareceu que, embora as camadas esclarecidas da sociedade inglesa do século XVIII já não acreditassem em bruxas, os legisladores preocupavam-se com a porção ignorante e crédula da população. «Dariam então rédea solta a gente maçadora que fingia poder transformar o idiota da aldeia num animal, ou algo assim», disse.17

Sua Senhoria espreitou por cima dos óculos na direção da galeria.18 Maude acabara de declarar o Espiritualismo «completamente impossível» e equiparara a religião de crescimento mais rápido da Grã-Bretanha a «transformar o idiota da aldeia num animal».19 Estariam os crentes ardentes na comunicação espiritual ofendidos? O Ministério do Interior e os Membros do Parlamento tinham recebido inúmeras cartas e petições queixando-se de perseguição religiosa.20

Como se sentisse a ira crescente dos espiritualistas, Maude seguiu o exemplo do juiz, girou para a esquerda e dirigiu-se à galeria.

«Sem dúvida hoje os espiritualistas seriam os mais fervorosos apoiantes de qualquer medida do Estado contra atividades fraudulentas e deploráveis de fingir chamar de volta os mortos para que sejam visíveis e audíveis.» Maude parou e recolheu um ou dois acenos afirmativos entre os espetadores. Depois, apontando para os quatro arguidos e abanando a cabeça em repulsa, a voz trovejou de indignação.

«Estas pessoas fizeram com que se pagasse dinheiro por falsas pretensões, pela pretensão de que Helen Duncan estava em condições de provocar a aparição de espíritos dos mortos. Nesta altura, em tempo de guerra, quando os mortos são ansiosamente procurados por pessoas que perderam os seus rapazes, tal conduta é uma mentira falsa e oca.»21

Com a natureza justa do caso da Coroa pairando no ar, Maude lançou-se na história do crime.

«Estamos perante uma pequena casa em Portsmouth; nº 301 da Copnor Road, onde se fosses hoje encontrarias a drogaria do Sr. Homer. O Sr. Homer é o homem no banco dos réus.»22

Todas as cabeças viraram para ver apenas um homem sentado entre os arguidos, segurando o fedora na mão, o lábio inferior fino a tremer de humilhação.

«Ao lado dele está a Sra. Elizabeth Jones, que neste caso é conhecida por Sra. Homer. Embora sejam conhecidos como Sr. e Sra. Homer, ela não é sua esposa.»23

Exposta como amante envelhecida, a Sra. Homer soluçou num lenço. West exultou; nenhuma vergonha apagaria o defeito do seu carácter. Esta arguida choramingas já provara ser capaz de falsidade.

Satisfeito por o primeiro golpe ter ferido, Maude virou-se para o local do crime, uma sala miserável por cima de uma farmácia com o «atraente título: The Master Temple».24 Enquanto o Procurador contava a sua versão

da história, o tenente Stan Worth surgiu no papel principal como Príncipe Encantado, libertando todos os inocentes que tinham caído sob o feitiço maligno de Helen Duncan.25

Ao fechar, Maude concentrou-se no júri. Usando todo o impacto do seu rosto de celebridade e falando com poder hipnótico, instruiu os membros do júri.

«Têm o aparato da fraude: a sala escura, a luz vermelha, as vozes de Albert e Peggy. Devem declarar os arguidos culpados, e a zombaria dos mortos cessará na salinha por cima da loja do Sr. Homer.»26

19
A TESTEMUNHA IRREVERENTE

MAUDE CURVOU-SE e saiu a correr da Sala nº 4,1 a caminho de defender Harold Loughans, um pequeno criminoso emocionalmente instável que confessara outro crime de Portsmouth — o assassinato e violação horrendos de uma dona de cervejaria. Num twist bizarro, Loughans agora alegava que a confissão fora uma brincadeira para irritar «o seu inimigo», a polícia.2 O pobre coitado provavelmente era inocente, mas isso não significava que escapasse ao laço do carrasco.3 O Chefe de Polícia West tivera pena do ladrão inútil,4 e Maude aceitara defendê-lo.5 Ainda assim, enquanto via Maude voar pela porta traseira, preocupou-se. O interrogatório da testemunha-estrela da Acusação ficava agora aos cuidados dos ombros curvados do Procurador-Adjunto gigantesco, Henry Elam.6

Stan Worth, de branco de gala e galões de tenente, causou boa impressão,7 ao pousar a mão na Bíblia e jurar dizer a verdade.

Henry Elam, com os seus um metro e noventa e oito em toga preta de algodão e colarinho engomado e a peruca encaracolada apertada equilibrada na cabeça quadrada,8 levantou-se e fez pergunta atrás de pergunta ao afável tenente Worth.9

Stan entrou em detalhes, descrevendo a sala de sessões, a rotina e o que se passava.10 Gabou-se de ter identificado de propósito uma aparição inicial como a sua tia viva. Depois aparecera o fantasma do tio, e a sua inexistente irmã bebé saltara do Gabinete.11

Terminado de manifestar os parentes do tenente Worth, Albert passara a materializar formas para participantes mais reverentes. Um homem

sentado na segunda fila, chamado Taylor Ineson, chamara uma voz desencarnada: «És tu, Jarvis?»12

Stan descreveu o encontro para o júri.

«Esta figura branca envolta em mortalha saiu de entre as cortinas, inclinou-se sobre a primeira fila e apertou a mão a Taylor Ineson. O Sr. Ineson disse: 'Olá, Jarvis, como estás?' Tiveram uma conversa jovial. Depois o fantasma olhou em redor e perguntou: 'Porque trouxeste toda esta gente contigo? Porque não vens tu para aqui?' O espírito Jarvis apontou para o Gabinete. Taylor Ineson disse que não podia entrar no Gabinete. Houve uma conversa murmurada entre os dois, como se partilhassem uma piada privada. Ouvi distintamente as palavras: bloody twister.»13

Dadas as sensibilidades britânicas durante a Segunda Guerra Mundial, um espírito aparecer numa sessão e chamar a um participante «bloody twister» era equivalente a um anjo aparecer nas vésperas e gritar obscenidades. Até os espiritualistas repreenderam com a língua.

Incrédulo, Sua Senhoria interrompeu: «Tenente Worth, ouviu as palavras 'bloody twister'? O Jarvis insultou o Sr. Ineson? Ouviu isso?»14

Stan respondeu com absoluta certeza: «Sim, My Lord.»15

Deixando a história do emigrante mal-educado das Regiões Inferiores, o tenente Worth saltou de descrições de uma aparição para a seguinte. Farto da vigarice, disse ao juiz e ao júri que apresentara queixa na Sede da Polícia. Na sua última sessão, soprara um apito, o sinal para o detetive Ford e o seu grupo de agentes invadirem o Master Temple.16

O Procurador-Adjunto Elam não tinha mais perguntas para a sua testemunha estrela.17

Chegara a hora do contra-interrogatório. Com a toga preta pendurada no corpo ossudo e a peruca de cauda de esquilo eriçada na nuca,18 Charles Loseby, o defensor-abutre da Sra. Duncan, levantou-se. De rosto ossudo e faces encovadas, com olhos escuros e macabros,19 Loseby cravou um olhar abrasador no marinheiro de cara fresca.20

No geral, Loseby causara uma perfeita primeira impressão — do ponto de vista da Acusação. O Sr. Loseby, marcado pela idade, tinha o aspeto de um vilão predador, e o jovem tenente Stan Worth o de um príncipe imaculado.

Mostrando os dentes como se tivesse sede de sangue, Loseby rosnou: «Não era espião, nem nada parecido com um espião, na sessão de Portsmouth?»21

A testemunha juvenil não desviou os olhos. Em vez de murchar como uma flor ao sol escaldante, o tenente endireitou a espinha e estreitou os olhos. Nada de mariquinhas, este oficial naval; mais um rapaz de sangue na guelra pronto para uma briga.22

«Peço desculpa», irritou-se Stan. «Não era espião da polícia. Estava a espiar por minha conta, se prefere chamar-lhe espiar.»23

Loseby retorquiu: «Não fui eu que usei o termo 'espiar' primeiro; foi o senhor que o usou primeiro.»24

Stan contrapôs: «O senhor pô-lo na minha boca e eu usei-o.»25

Loseby virou-se para a galeria, pavoneando-se da pequena vitória.

Mas o tenente Worth não ia ceder terreno; corrigiu o interrogador: «Prefiro dizer: fui enganado. Queria certificar-me de que tinha sido enganado.»26

A resposta medida de Stan atingiu Loseby como uma bola de cuspe. O advogado esticou o pescoço e gritou: «Não percebo porque foi necessário contar tantas mentiras.»27

Este processo judicial transformava-se rapidamente num jogo infantil de nomes feios: «Espião! Espião!» e «Mentiroso! Mentiroso!» E, para deleite do Chefe de Polícia, qualquer vantagem que o Sr. Loseby pudesse reivindicar como mais velho evaporava-se rapidamente.

Stan inclinou a cabeça e gracejou: «Eu? Muitas mentiras? Não o entendo, senhor.»28

Loseby atirou a cabeça para trás: «Por exemplo, quando disse ao Sr. Homer que achava a sessão 'amazing'. Pretendia transmitir amazingly good.»29

«Disse?», perguntou o tenente, erguendo as sobrancelhas. Depois suspirou indulgentemente e perguntou: «Bem, senhor, não sabe o que 'amazing' significa?»30 Aqui Sua Senhoria achou o rapaz impertinente e instruiu-o: «Não faça perguntas ao advogado.»31

E assim Stan, agora demasiado espertinho para o seu próprio bem, perdeu um pouco do brilho. A troca de nomes feios continuou e continuou. Até o Chefe de Polícia West perdeu o interesse — até Loseby formular uma pergunta temida.

«Foi agente especial da polícia antes da guerra, não foi?»32

«Sim, durante seis meses, em Harlington, Middlesex, na Polícia Metropolitana»,33 admitiu o tenente.

O Chefe de Polícia escrutinou os rostos do júri. Estariam a perguntar-se porque não mencionara o jovem Worth a ligação à Scotland Yard? West certamente não era o único homem no tribunal que sabia que o jovem tenente tinha o mesmo apelido do Superintendente-Detetive da Polícia Metropolitana.34 Quando Percy Worth falava, todos os jornais do país relatavam as suas reflexões sobre o crime.

Loseby perguntou: «Esteve ligado à força policial noutro lugar qualquer?»35

«Não, senhor», respondeu o tenente Worth.36

«Por acaso tinha algum interesse particular por assuntos policiais?», inquiriu Loseby.37

«Não, senhor», replicou Worth.38

Até o Chefe de Polícia West viu que as negações do tenente Worth forçavam a credibilidade.

Loseby, mais relaxado agora, perguntou: «Infiltrou-se completamente na confiança do Master Temple, não foi?»39

«Fui lá; não pretendi ganhar a confiança de ninguém»,40 respondeu o tenente Worth.

Loseby sorriu. Acalmado, como se tivesse minado a veracidade da testemunha, o advogado mudou para uma linha de interrogatório mais filosófica.

«Adquiriu conhecimento sobre o tema geral do Espiritualismo e as teorias do universo?»41

O Chefe de Polícia West esperou que o Procurador-Adjunto Elam gritasse: Objecção! Irrelevante! Mas nenhuma objeção foi levantada.

«Sim, senhor. Bem, em termos gerais.»42

«E este mundo entrelaçado com outro mundo?»43 A voz de Loseby tornou-se etérea.

O Chefe de Polícia West sentiu o processo deslizar para território perigoso onde a liberdade religiosa reina suprema e até as superstições mais inacreditáveis ganham respeito.

O tenente Worth troçou: «Não descrito dessa forma.»44

Como se não ouvisse a interrupção irreverente do jovem, Loseby garantiu ao júri: «O corpo humano tem dois corpos: um corpo físico e um corpo etérico.»45

O tenente Worth respondeu, embora não lhe tivessem feito uma pergunta. «Tudo o que entendi foi isto: enquanto uma pessoa está viva na

terra, o corpo e a alma estão juntos. No momento em que alguém morre, ou 'passa para o outro lado', como dizem, o espírito deixa o corpo. O invólucro terreno fica nesta terra, e o espírito vai para outro lugar.»46

Agora, inesperadamente em harmonia com a testemunha, Loseby interveio: «E que em certas circunstâncias pessoas supostamente mortas poderiam comunicar? Não só comunicar, mas tornar-se visíveis? Sabia que as sessões de materialização têm apenas um ponto principal?»47

Revirando os olhos, o tenente Worth perguntou: «Tal como o quê?»48

Loseby explicou: «Provar a continuidade da vida e a sobrevivência, esse era o principal, e quase o único, propósito.»49

O Chefe de Polícia West fulminou o juiz com o olhar. Porque raio se discutia o entrelaçamento desta vida e da outra num tribunal? Porque não batia Sua Senhoria com o martelo e punha fim a toda esta especulação fantasmagórica? Em vez disso, Sir Gerald parecia fascinado pela natureza religiosa do depoimento, como se a realidade da vida eterna pudesse ser julgada no seu tribunal.

Agora no auge da inspiração, Loseby continuou.

«Sabe isto? A teoria de que a pessoa, a entidade, só consegue tornar-se visível através do corpo da médium — essa era a função da médium?»50

«Disseram-me», respondeu o tenente Worth, «que o ectoplasma sai da médium e forma-se no espírito.»51

Loseby entusiasmou-se: «A sério! Que do ectoplasma a pessoa supostamente morta, mas não morta, se torna visível. Seria uma forma justa de o dizer?»52

Uma careta incrédula cruzou o rosto do tenente Worth, que respondeu: «Se quiser, senhor.»53

Com esta piadinha sarcástica, a discussão voltou a ficar mesquinha. Com volume crescente, o Sr. Loseby e o tenente Worth dispararam acusações um ao outro, equivalentes a repetições de «És mentiroso» e «És parvo».54

Por fim, Sua Senhoria cansou-se da troca injudiciosa e interveio: «Nenhum de vós precisa de levantar a voz; todos ouvimos.»55

Com volume moderado, Loseby fez ao tenente Worth uma pergunta retórica: «Pretendia ser insultuoso?»56

Entre dentes cerrados, o tenente Worth respondeu: «Não, senhor.»57

«Que idade tem?»58 Loseby perguntou no tom de um velho ofendido.

Velho o suficiente para morrer pelo país, pensou o Chefe de Polícia West.

«Vinte e oito, senhor»,59 fervilhou o tenente Worth.

Tratando o tenente Worth como um jovem insolente e posando como sábio envelhecido, Loseby comentou: «Toma grandes responsabilidades sobre si?»60

Fechando os olhos com desdém, o tenente Worth sibilou: «Usei o meu bom senso, senhor.»61

Loseby lançou um desafio: «Decidiu denunciar a Sra. Duncan à polícia. Deve ter tido uma teoria. Se achava que ela era fraude, como pensava que era feito?»62

Evitando a armadilha, o tenente contornou a pergunta de Loseby e lançou a sua própria farpa autojusta: «Disseram-me, senhor, que era uma reunião espiritual onde bons espíritos — isto é, pessoas que tinham vivido uma boa vida e se comportado como cristãos devem comportar-se — podiam regressar. Decidi que havia muito pouco de cristão no que vi.»63

Sem se deixar abalar, Loseby propôs: «Conseguia pensar em algo além da Sra. Duncan a fazer boogey-boogey com um lençol na cabeça? Era mesmo isso que pensava, não era?»64

Um brilho súbito saltou dos olhos do tenente Worth, que admitiu: «Algo nesse género, senhor.»65

Incrédulo, Loseby ecoou a própria pergunta: «A Sra. Duncan a fazer boogey-boogey com um lençol na cabeça?»66

«Sim, senhor», disse o tenente Worth com inconfundível autoconfiança.67

Encerrando a troca irritadiça, o Sr. Loseby resumiu: «Só vou concluir: como sabe, o seu é um relato completamente falso.»68

«Obrigado, senhor», gracejou o tenente Worth em falsa gratidão.69

E com essa nota cáustica terminou o depoimento do primeiro dia do julgamento de bruxa da Segunda Guerra Mundial.

20
SUGESTÕES INDECENTES

NO SEGUNDO dia no banco dos réus, sexta-feira, 24 de março de 1944, Nell olhou para a galeria e avistou uma antiga torturadora, a socialite ruiva Sra. Molly Goldney.1 Beirando o pânico, Nell vasculhou os bancos à esquerda e à direita. Onde estava Harry Price? Não no tribunal. À espera nos bastidores para testemunhar contra ela?2

À medida que a manhã avançava, o Sr. Loseby despachava habilmente uma testemunha da acusação após outra, enquanto Nell, mãos juntas num esforço orante para reduzir o tremor, esperava que a humilhação de outrora fosse exposta. A meio da tarde, ousou esperar escapar a reviver a degradação pública imposta por Molly Goldney e Harry Price.3

Então o detetive Fred Ford, o mestre planeador do assalto falhado ao Mundo dos Espíritos, tomou lugar no estrado.4

O Sr. Loseby fixou o seu olhar intimidante5 no detetive de rosto corado6 e perguntou: «Havia quantos agentes da polícia para procurar esse pano ilusório? Sugiro que eram oito.»7

O cabelo encaracolado do detetive Ford apertou-se mais, e os olhos de burro saltaram mais,8 ao admitir: «Eram oito no total, sim, senhor.»9

O tom do Sr. Loseby tornou-se inexplicavelmente doce ao continuar: «Sugiro que o vosso plano ou esquema — não quero dizer nada desrespeitoso — era, não era, apanhar a Sra. Duncan de surpresa e em flagrante? O senhor, tendo aplicado a mente e sendo altamente inteligente, diria também que os visitantes espirituais não podiam aparecer sem aparato?»10

O detetive Ford concordou amigavelmente: «Sim, aparentemente era necessário um lençol.»11

Oito agentes da polícia de Portsmouth tinham revirado o Master Temple e não encontraram lençol, nem pano, nem nada do género. Com essa admissão, Nell sentiu uma onda de alegria. Não havia provas contra ela. A confiança que sentira na noite da prisão voltou; não tinha nada com que se preocupar. Esse alívio poderia ter ficado com Nell, mas o advogado estava faminto por mais carnificina e continuou.

«Várias das mulheres pediram para ser revistadas? Havia uma sugestão, não havia, de que alguns na audiência eram cúmplices na fraude?»12

«Aparentemente sim, senhor»,13 concordou o detetive Ford.

«É justo dizer que não revistaram ninguém?»14

Da ponta do queixo fraco ao topo da testa sardenta, o rosto do detetive ficou escarlate: «Ainda acho que teria sido necessário um médico para fazer uma busca completa às mulheres na sala.»15

«Porquê?»16 Loseby perguntou, fingindo curiosidade inocente.

O detetive Ford gaguejou em resposta: «Teria sido trabalho de um médico fazer isso, revistar uma mulher até ao ponto necessário para encontrar um lençol. Agentes da polícia não podiam fazê-lo.»17

Em pânico súbito, os olhos de Nell saltaram de Sua Senhoria para os jurados e de volta a Sua Senhoria. Todos os rostos registavam confusão. Não faziam ideia do que o Sr. Loseby estava a insinuar nem porque o detetive Ford tropeçava nas palavras. Era preciso uma mente tão suja como a de Harry Price para imaginar tal perversidade e uma mulher tão impiedosamente sedutora como a Sra. Molly Goldney para supervisionar a humilhação.18

Na primavera de 1933, o marido de Nell, Henry, sentira uma afinidade especial com o notável investigador de fenómenos psíquicos, Harry Price.19 Henry e Price tinham feito um acordo de cavalheiros: Nell tornara-se o rato de laboratório de Harry Price,20 e a Sra. Molly Goldney era o queijo.21

Na segunda das sessões de Price, a extasiada Molly Goldney, toda doçura e sorrisos, levara Nell afastada do lado do marido, para fora do salão de sessões de Price por portas duplas até um laboratório.22 Uma mesa de exame médico estava no meio da sala. Um homem seguiu-as e fechou as portas atrás dele.23

Acalmando rapidamente os medos de Nell, a Sra. Goldney explicou: «Sou enfermeira, e este é o Dr. Brown, um médico a sério. Gostaríamos de fazer-lhe um exame físico completo.»

A Sra. Goldney pôs um avental de enfermeira por cima do vestido de cocktail, e o Dr. Brown enfiou um bata de laboratório por cima do smoking. O Dr. Brown ordenou a Nell que tirasse as cuecas. Sem objeção, Nell baixou a roupa interior. Médico e enfermeira indicaram a marquesa de exame. Nell obedeceu, içando-se para a mesa acolchoada. Seguindo ordens, pôs os pés nos estribos e abriu as pernas.

Olhando para os armários de vidro, tubos de ensaio e instrumentos de aço inoxidável,24 Nell preparou-se para o assalto. Um espéculo frio e duro

foi forçado para dentro dela. Depois uma mão com luva de borracha mexeu-lhe nas entranhas. Os dedos ousados remexiam como se procurassem algo. O que procuravam? Um penso higiénico perdido? Um bebé ainda não nascido? Um espírito à espera de passar? Finalmente, aquela mão lasciva desistiu da busca, e Nell relaxou. Quando o corpo amoleceu como manteiga derretida, dedos rígidos enfiaram-se-lhe no ânus. Envergonhada pela violação, Nell choramingou, mas não disse nada.25

Com voz alegre, a Sra. Goldney ordenou a Nell que se despisse, como se nada tivesse acontecido. A enfermeira e o médico observaram cada movimento enquanto Nell despia o corpo nu. A seguir, a Sra. Goldney ofereceu-se para ajudar Nell a vestir um novo fato de sessão.26 Nell precisava de um cigarro27 e de um trago de uísque para acalmar os nervos em franja,28 mas não era permitida compaixão; era ciência pura, uma investigação objetiva.

Nell enfiou-se pela grande abertura do pescoço do macacão de cetim preto, uma camisa de forças de corpo inteiro. As aberturas para os pés e mãos estavam cosidas. Como toque final, a Sra. Goldney coseu as costas bem apertadas à volta do pescoço de Nell, usando uma linha colorida secreta num padrão não revelado.29

O Dr. Brown abriu as portas duplas, e Nell enfrentou um salão cheio de homens e senhoras de traje de noite. Como uma criança a experimentar patins de gelo pela primeira vez, deslizou um pé escorregadio de cetim à frente do outro, avançando instável do laboratório para o Gabinete.

O Sr. Price vendou Nell com uma das meias de seda preta da Sra. Goldney,30 e Nell caiu em transe.

Nessa noite, Albert aparecera em toda a sua brancura translúcida. Contudo, quando os investigadores psíquicos verificaram as costas da camisa de forças, os pontos no código secreto não tinham sido quebrados.31

A terceira sessão seguira o mesmo padrão humilhante.32

Na quarta das investigações degradantes de Harry Price, a indignidade pesava na mente de Nell.33 O transe parecia mais um sono agitado do que uma fuga celestial. O corpo convulsionava involuntariamente, e sangue jorrava das duas narinas. Sacudindo o transe, focou o rosto trocista de Harry Price. Sempre dúplice, o investigador psíquico ofereceu um braço de apoio e acompanhou-a ao sofá estofado. Ali estatelou-se, ainda presa na

camisa de forças de cetim, enquanto a Sra. Goldney limpava o sangue do rosto.34

Price, sorrindo, posando, ligando o charme, afrouxou os pontos à volta das mãos dela e ofereceu-lhe um cigarro.35 Nell esticou-se para ele; a mão a tremer incontrolavelmente. Como refém libertada, inalou enquanto Price acendia o cigarro e murmurava ao ouvido dela.

«Sra. Duncan, muito obrigado pela colaboração. Temos apenas mais um pequeno procedimento. É completamente inofensivo. Toda a coisa durará apenas alguns minutos. Convidei o Dr. Brown, o Professor McDougall, o Professor Flugel e o Professor Fraser Harris para ficarem na sala como observadores.»36

Ainda desorientada, Nell olhou para os homens reunidos à volta dela. Os homens abriram-se e as portas do laboratório abriram-se, dando a Nell uma visão clara da sala de exames. No lugar da mesa de exame estava uma máquina monstruosa com transformadores, reóstatos, bobinas e montes de fios.37

Tremendo, Nell abanou a cabeça e repetiu: «Não, não, não, não mais. Não aguento mais.»

O marido, Henry, correu para o lado dela e, em tons paternais, tranquilizou-a: «Nellie. Nellie. Está tudo bem. Não há nada com que te preocupar. O Sr. Price é teu amigo. Agora pega na mão do Sr. Price, e ele dir-te-á exatamente o que precisas de fazer.»

Essas palavras mobilizaram o urso adormecido em Nell. Corou e gritou; depois, enfurecida, deu um soco violento na cara de Henry.38 Henry caiu no chão, e Nell, mostrando mais triunfo do que remorsos, passou por cima dele e pediu para usar a casa de banho.39

Harry Price apontou na direção do corredor. Nell, direita mas ainda vestida de cetim sem pés, tentou reunir a dignidade e arrastar-se para o corredor. Uma vez fora do covil de Harry Price, o fato de sessão fê-la tropeçar. Agarrou-se a uma cadeira no corredor, deslizou para o chão e rasgou o pano dos pés. Dois dos seus torturadores, os piores, o Dr. Brown e Molly Goldney, correram para o vestíbulo e olharam-na de cima com desprezo.

Olhando para cima, Nell ofegava como um cão encurralado. Tomando pena, o Dr. Brown disse: «Vou buscar água à pobre criatura.»40

O Dr. Brown mexeu-se, e Nell viu a porta para a rua. Disparou pelo quarto o mais rápido que pôde. Nem quando criança a correr com um saco

de maçãs roubadas nas costas correra tão depressa. Molly Goldney caiu no chão. Nell escancarou a porta e atirou-se escada de mármore abaixo para a noite escura.41

Mas a fuga era tão cruel como o cativeiro. Nell caiu no caminho de azulejos preto e branco que levava ao estabelecimento de Price,42 depois recuperou o equilíbrio, mas tropeçou de novo ao chegar ao passeio. Agarrou-se à grade de ferro em frente à janela saliente de Harry Price.43 O fato de sessão estava agora torcido nas pernas, e não conseguia levantar-se. Rasgou a roupa, rasgando a camisa de forças, tentando libertar-se da gaiola de seda. Todo o tempo, Nell balia como um cordeiro a caminho do matadouro.44

Uma multidão de transeuntes bondosos e preocupados reuniu-se.

Nell implorou: «Ajudem-me. Ajudem-me. Sou uma mulher doente.»

A Sra. Goldney, o Dr. Brown, Harry Price e Henry correram para o passeio, juntando-se à multidão.45

Henry caiu de joelhos, envolveu-a nos braços e arrulhou: «Nellie. Nellie. Minha doce rapariga. Estou aqui. Está tudo bem. Está tudo bem.»46

Um bobby de capacete e uniforme aproximou-se a correr, agachou-se ao lado de Nell e perguntou: «Estes homens estão a magoar-te, amor? Precisas de uma ambulância?»47

Nell olhou para a multidão, mas não encontrou palavras para explicar. Em vez disso, olhou para o Sr. Price e os seus cúmplices e soltou uma série de obscenidades. Depois aninhou a cabeça no ombro de Henry e soluçou.

Henry tranquilizou o agente preocupado: «É a minha mulher.»

Tudo isso acontecera antes de Price contratar o Dr. X e o Dr. Z.48

Passara mais de uma década; mas agora, sentada no banco dos réus da Sala nº 4, Nell preparou-se para outra ronda de humilhação pública.

O Sr. Loseby, o seu próprio advogado, perguntou ao detetive Ford: «Está a sugerir que há algo além de despir e uma busca normal que pudesse ser necessário?»49

A cabeça do detetive Ford balançava para cima e para baixo, para cima e para baixo. «Sim. Ainda considero que era trabalho de um médico.»50

Loseby pôs os dedos na face e franziu o sobrolho, fingindo confusão. Depois insistiu.

«Diga-me o que quer dizer. Porquê? O que poderia um médico fazer para descobrir qualquer possível esconderijo do lençol? O que está a

sugerir? Onde poderia um médico revistar? Não hesite em dizê-lo; estamos num tribunal.»51

O detetive Ford engoliu em seco entre palavras: «Uma mulher poderia ter escondido o lençol noutra parte do corpo.»52

O Sr. Loseby fez beicinho e continuou, fazendo o possível para arrancar a explicação improvável dos lábios corados do detetive — que Nell ou talvez outra pessoa, a Sra. Homer ou a filha ou a Sra. Brown, tivesse enfiado rapidamente um lençol de corpo inteiro debaixo do vestido e o introduzido na vagina com oito polícias a observar todos os movimentos.

Até Sua Senhoria começou a mexer-se desconfortavelmente dentro da toga de seda.

Mas o Sr. Loseby não parou de pressionar o detetive Ford: «Que parte do corpo de uma mulher não seria revelada ao despi-la? O que está a sugerir?»53

Finalmente, Sua Senhoria não aguentou mais e interrompeu o interrogatório.

«Tudo isto são especulações, mera especulação. O que mais pode ele dizer? Tornou-o tão claro quanto alguém poderia tornar sem o dizer explicitamente. Pronto.»54

Desinflado, o Sr. Loseby sentou-se.

O Procurador Maude levantou-se de um salto. Com voz objetiva, perguntou: «Detetive Ford, há quanto tempo é agente da polícia?»55

O detetive Ford fez uma pausa para calcular e respondeu: «Dezessete anos.»56

Sem hesitar, o King's Counsel fez uma pergunta de seguimento: «E, em dezassete anos, alguma vez achou necessário empregar um médico para revistar uma mulher?»

«Não»,57 veio a resposta enfática do detetive Ford.

O Procurador Maude resgatara o detetive Ford e dera a Nell um momento de tréguas. Quando o detetive saiu do estrado, Nell preparou-se para a testemunha final da acusação: o Sr. Harry Price.

Em vez disso, o Procurador Maude levantou-se e anunciou: «My Lord, esse é o caso da Coroa.»58

21
ABERTURA DA DEFESA

NA SEGUNDA-FEIRA, 27 de março de 1944, o Chefe de Polícia Arthur West entrou na Sala nº 4 ainda a digerir os eventos do fim de semana. Na sexta-feira, pouco depois da meia-noite, a Luftwaffe bombardeara o Middle Temple1 onde o seu aliado Procurador John Maude fora chamado ao foro2 e continuava, ocasionalmente, a tomar as refeições.3 A explosão ensurdecedora abalara o solo e libertara um feixe de chama azul-branca que subira ao céu antes de espalhar incendiários pela Temple Lane, alguns caindo perigosamente perto dos aposentos de Charles Loseby.4 Os bombeiros extinguiram rapidamente dezanove fogos, mas o telhado do grande Temple Hall continuou a arder.5 Essa cena repetira-se por todo o Londres; bombas caíam e edifícios ardiam.6

Ainda assim, no sábado, outros eventos tomaram temporariamente prioridade sobre as respostas ao ataque. Advogados, testemunhas e arguidos apareceram nas celebrações Salute to the Soldier. Toda a população londrina, exausta da guerra, correra para o metro, apressando-se para Hyde Park como formigas para a rainha. O espírito festivo lembrava velhos tempos: vendedores ambulantes apregoavam Union Jacks e vendedores de chá montavam carrinhos em cada esquina. As multidões clamavam por um lugar na primeira fila do desfile militar.

Crianças aos ombros dos pais ouviam as gaitas-de-foles e esforçavam-se por ver os Guards escoceses nos seus kilts de xadrez, pavoneando-se ao som agudo. Um contingente de tanques resmungava lentamente atrás deles. O Corpo de Pífaros e Tambores inglês desfilava ao rat-ta-tat-tat da música. Grupo após grupo passava: as jovens frescas do corpo de enfermagem, marinheiros com camisas de gola quadrada e calças de boca de sino, pilotos da Força Aérea Real com capacetes de couro. Todos marchavam aos vivas de uma multidão grata. O Coro da Força Aérea Real cantou «Onward Christian Soldiers», enquanto a multidão baixava silenciosamente a cabeça.7 O desfile não era realmente uma celebração; era uma despedida. Milhares e milhares destes soldados iam morrer.

No domingo à noite, o Chefe de Polícia, como quase todos os cidadãos da Grã-Bretanha, agachara-se junto ao rádio, ouvindo a voz crepitante de Winston Churchill gabar-se da aproximação da Segunda Frente, uma invasão aliada maciça como o mundo nunca vira. Churchill

gabara-se: «Os exércitos dos Estados Unidos estão aqui e afluem.» E avisara: «Para enganar e confundir o inimigo, bem como exercitar as forças, haverá muitos alarmes falsos, muitas fintas e ensaios gerais.»8

Claro que este próprio discurso era uma manobra para convencer o público de que a invasão através do canal seria lançada mais tarde do que mais cedo.9

O Chefe de Polícia West sabia melhor: os planos avançavam rapidamente, e aviões-espiões alemães voavam sobre a costa sul.10 Arthur West queria este julgamento terminado; queria Helen Duncan e Albert, o seu boneco de musselina falador, fora de circulação; e queria regressar a Portsmouth. Ainda assim, o Chefe de Polícia não considerava a condenação e encarceramento da Sra. Duncan uma conclusão antecipada.

O Chefe de Polícia West esperava que a rainha dos adoradores de fantasmas tomasse o estrado até ao fim do dia.11 Sem dúvida faria um bom espetáculo: pobre Nell, cabeça baixa em submissão humilde, a avozinha escocesa humilde,12 doente de preocupação com os filhos no serviço13 e oferecendo conforto a outros enlutados.14 Essa imagem enjoava o Chefe de Polícia. Só podia esperar que a imagem de Helen Duncan se quebrasse sob o interrogatório do Procurador Maude, que júri e juiz vissem esta mulher como o pior tipo de criminosa: uma fraude sem coração, explorando impiedosamente os inconsoláveis e lucrando com a miséria da guerra.15

Mas antes que a Acusação tivesse oportunidade de atacar a velha, Charles Loseby tomaria a palavra pela Defesa.16

Acontece que, apesar da aparência de ave de rapina, Charles Loseby, advogado, era uma força a ter em conta. O currículo era impecável, e as ligações impressionantes. Um cavalheiro de sessenta e três anos de alguma distinção, Charles Loseby gabava-se de uma entrada no Who's Who.17 Nascido em privilégio, o jovem Charles, filho de proprietários rurais, crescera entre os famosos jardins floridos de Market Bosworth — a um lançamento de pedra de onde o bom Rei Ricardo III lutara a Guerra das Rosas.18

Quando chegou à idade adulta, Charles provava as delícias da vida colonial, frequentando a universidade na África do Sul, absorvendo o sol de janeiro e agradecendo educadamente aos africanos que limpavam os seus quartos. Assim que se formou, Charles carregou as malas num vapor e rumou a Londres. Instalou-se nos Inns of the Court e começou o estudo de direito. Em 1914, aos vinte e cinco anos, Charles foi chamado ao foro, mas

não tomou aposentos permanentes entre os vitrais, os relvados cuidados e as salas de estar elegantemente mobiladas de Gray's Inn.19 O patriotismo venceu; Loseby ofereceu-se como voluntário para a Grande Guerra.20

Como advogado, Charles Loseby usou a influência e obteve uma patente. O capitão Charles Loseby comandou o Primeiro Regimento de Fuzileiros de Lancashire. Durante o seu infernal período nas trincheiras infestadas de piolhos, foi gaseado e ferido. O gás tornara a pele amarelada e dera à voz o tom rouco. As balas deixaram o braço permanentemente aleijado, pendurado inertemente ao lado.21

Loseby regressou a Inglaterra como herói de guerra e candidatou-se ao Parlamento. As feridas de guerra garantiram a eleição.

No Parlamento, Loseby trabalhou de perto com Winston Churchill, defendendo benefícios para veteranos. Durante esse período, Churchill aparecera em casa de Loseby em Kensington para tomar chá. Mais tarde, Loseby desempenhara um papel instrumental na criação do Ministério da Saúde e fizera campanha pela emancipação das mulheres. No currículo, Loseby gabava-se de uma amizade continuada com o Primeiro-Ministro.22

Ultimamente, Loseby voltara o zelo para emancipar o Mundo dos Espíritos.

O Chefe de Polícia West só podia esperar que, desde que se metera com fantasmas, Loseby degenerara num velho nervoso que queimara todas as pontes.

Começando cerimonialmente, Charles Loseby, a peruca de crina de cavalo equilibrada na cabeça e a trança atada com laço, curvou-se para juiz e júri. Com um arrastar lento que não suavizava o tom rouco da voz,23 Loseby abriu o caso: «Que agrade a Vossa Senhoria. Membros do júri, a Acusação concluiu, e chegou a hora da Defesa. O meu erudito amigo Sr. Maude referiu-se muito cuidadosa e, se me permitem dizê-lo respeitosamente, sabiamente a um corpo de pessoas chamadas espiritualistas. Todas as pessoas no banco dos réus…»

A voz de Loseby esmoreceu; lançou um olhar rápido aos arguidos, coçou a testa e confessou as primeiras dúvidas.

«…creio, mas não tenho a certeza absoluta, pertencem a esse corpo de espiritualistas.»24

Pigarreando, o advogado continuou.

«O meu erudito amigo Sr. Maude disse que pensaria que os espiritualistas acolheriam um julgamento. O meu erudito amigo tem toda a

razão, e tal como ele começou o caso da Acusação com certas palavras de cortesia, assim quero fazer eu. Foi a pedido expresso da Defesa que estas pessoas foram trazidas aqui; eu, tendo sido consultado cortêsmente pela Acusação, concordei e pedi esse rumo. É uma oportunidade há muito e ansiosamente esperada pelos espiritualistas: um julgamento por um júri britânico no Central Criminal Court, uma acusação empreendida pelo Diretor do Ministério Público, e a Acusação confiada aos meus eruditos amigos Sr. Maude e Sr. Elam, representando as mais altas tradições do foro inglês. Gostaria de dizer que o Gabinete do Ministério Público concedeu todas as facilidades e cortesia possíveis; disso não há dúvida.»25

Tentando um sorriso na direção do Procurador Maude, os lábios de Loseby enrugaram-se. John Maude ergueu as sobrancelhas encorajadoramente.

«Há uma questão», admitiu Loseby. Depois, reparando nos olhares atentos do júri, dispensou os sete homens e uma mulher com um aceno. «Não vos diz respeito.»26

Dizia respeito ao Chefe de Polícia. Arthur West relaxou no banco de madeira e viu Charles Loseby contorcer-se. Aparentemente West orquestrara com sucesso a intimidação nos bastidores. Semanas antes, naquele dia de finais de janeiro em que Loseby intimidara os magistrados de Portsmouth a conceder fiança, o advogado excessivamente zeloso posara nas escadas do tribunal para a imprensa local. Com o seu característico fedora preto, sobretudo de lã e lenço de bolinhas, Loseby proclamara que o Ministro do Interior Herbert Morrison dera garantia pessoal de que os médiuns espiritualistas tinham imunidade a processos e que, ao prender Helen Duncan, a polícia de Portsmouth desafiara as instruções do Ministro do Interior.27

A repreensão pública de Loseby saíra pela culatra. O Chefe de Polícia West transformara o alarde imprudente do advogado em munição para a Acusação. West esperara que o seu juiz favorito, Sua Senhoria Sir Grimwood Mears, achasse irritante a alegação espiritualista de privilégio especial. Sir Grimwood, cavalheiro reformado que continuava a servir Deus e o país como Presidente do Tribunal do Condado, permanecia um homem a temer. Formado no Exeter College e na Universidade de Oxford, chamado ao foro pelo Inner Temple, nomeado para investigar atrocidades alemãs, Secretário da Comissão dos Dardanelos e da Comissão Real sobre a Rebelião Irlandesa, adido na América, Presidente do Comité de Inquérito

Back Bay de Bombaim, Juiz-Chefe do Supremo Tribunal de Allahabad,28 ainda agora, no inverno de 1944, Sir Grimwood Mears evocava um pouco de mistério. Mantinha o pulso na costa sudeste de Inglaterra a partir de Meonstoke House.29 Esta elegante propriedade de tijolo ficava a uma distância segura da costa, mesmo a oeste das ruas muradas e casas de pedra coladas da aldeia de Meonstoke.

Embora a mansão ficasse apenas a uma milha por uma estrada lamacenta do pub local, os aldeãos não tinham a certeza absoluta de quem lá vivia ou do que se passava lá dentro.30 Havia rumores, porém. Tarde da noite, quando a cerveja enchia cabeças e soltava línguas, os locais sussurravam: «A casa grande agora é militar, tudo ultrassecreto e calado.»31 Mas eram apenas palpites; nenhum deles sabia realmente.

No seu escritório, com vista para o lago dos patos, Sir Grimwood atendera a uma comunicação entregue discretamente do Chefe de Polícia Arthur West: uma nota pessoal com passagens sensíveis marcadas «Confidencial» e um recorte de jornal do Portsmouth News. Quando Sir Grimwood terminou de ler, ficara previsivelmente perturbado com Charles Loseby. Quem era este homem, este advogado, este crente em fantasmas e duendes que alegava influência junto do Ministro do Interior? Que garantias eram essas de privilégio especial? Ali mesmo, Sir Grimwood pegara numa caneta de tinta permanente e escrevera ao Ministério do Interior.32

Como planeado, uma palavra de desaprovação de Sir Grimwood Mears pusera as rodas da burocracia em movimento. Em 1916, Mears servira como Secretário na Comissão dos Dardanelos;33 o relatório culpara claramente Churchill pelo desastre militar. O esquema militar de Churchill fora mal planeado, executado de forma lamentável, cheio de procrastinação, atormentado por conflitos de personalidade e condenado pela falta de munições. A Comissão de Inquérito de Mears responsabilizara Churchill, então Primeiro Lorde do Almirantado, pela perda de vidas sem sentido.34

Por essas observações, Grimwood Mears fora nomeado Cavaleiro da Ordem da Coroa. E Winston Churchill perdera o emprego. Todos com ambições políticas lembravam-se e temiam Sir Grimwood Mears. Dizia-se que o Ministro do Interior Morrison se posicionava para destituir o Primeiro-Ministro Winston Churchill.

Sir Grimwood Mears queria Charles Loseby sancionado no plenário da Câmara dos Comuns, e enviara essa mensagem ao Ministro do Interior Morrison.35 A Acusação aparentemente oferecera um acordo ao Sr. Loseby.

West imaginava o encontro:

Maude e Robey encurralam Loseby no Garrick's, o clube de cavalheiros a que os três pertenciam.36 Enquanto outros membros, atores famosos e advogados celebridades, rodopiam brandy e fumam charutos finos,37 Robey, sobrancelhas espessas arqueadas, e Maude, sorriso sedutor em exibição, fazem uma proposta amigável: «Charles, lembras-te de Sir Grimwood Mears? O velho quer que o Secretário Morrison te denuncie no Parlamento. Mas estamos prontos a oferecer-te uma opção mais palatável: engole as tuas palavras. Abre o caso da Defesa com desculpas ao Ministério Público, ao Ministro do Interior Morrison e à polícia e magistrados de Portsmouth.»

Reunindo coragem para esta tarefa odiosa, Loseby inspirou visivelmente e pôs-se direito. Virando-se para a galeria, dirigindo-se à imprensa e ao público, o advogado envergonhado emitiu o pedido de desculpas exigido: «Poderão ter ouvido, poderão ter visto — não posso cegar-me ao facto de poderem ter lido na imprensa — que no tribunal inferior, apenas no início deste caso, fiz um certo protesto que foi ouvido com grande cortesia pelo banco local. Se há alguma queixa no assunto, concordo que não é contra o banco local, nem contra a polícia. Quero esclarecer isso de uma vez por todas, no que diz respeito a este julgamento.»38

Loseby olhou suplicantemente para o Chefe de Polícia West, e West inclinou a cabeça num gesto de perdão magnânimo. O advogado de defesa baixou os olhos, remexeu nas notas e ajustou a peruca, preparando-se para avançar o caso da Defesa a sério.

O Chefe de Polícia West observou o tribunal e encontrou uma expressão quase universal de perplexidade nos rostos do júri e da galeria. A audiência de Loseby não fazia ideia do que ele andara a tagarelar. Do ponto de vista de West, Loseby não poderia ter lançado a declaração de abertura de forma mais perfeita.

Loseby, agora livre do medo de represálias, enfrentou o júri, apontou para o banco dos réus e quase cantou: «Membros do júri, estas quatro pessoas são acusadas de conspirarem juntas para pretender exorcizar.»39

O Procurador Maude saltou de pé e gritou: «Não — ‘exercer’.»40

Loseby agarrou nas notas e murmurou: «Pensei que era um erro de impressão. Nunca me interessei por esse corpo de pessoas chamado — possivelmente, ridiculamente chamado — bruxas.» Depois, tentando recuperar a compostura, fez o possível para bradar: «Vou dizer, com veemência se necessário, que a Lei da Bruxaria de 1735 está completamente obsoleta, simplesmente e completamente ridícula. A acusação é que os arguidos pretenderam estar em condições de provocar a aparição de espíritos de pessoas falecidas. Nem esta, nem qualquer outra médium, sonharia em fazer tal alegação.»41

Parando para olhar respeitosamente para a talentosa Sra. Duncan, Loseby avistou a Sra. Homer, ou Sra. Jones, ou como quer que a faladora amante do Master Temple se chamasse. Espontaneamente, confidenciou ao júri: «A propósito, sei que certas palavras foram alegadamente ditas pela Sra. Homer, a bastante faladora Sra. Homer, se me permitem chamá-la respeitosamente ‘Sra. Homer’, que poderiam possivelmente pô-la em perigo dessa acusação.»42

Tendo despachado honestamente a Sra. Homer e o seu comportamento descaradamente gabarola, Loseby brindou a Sra. Duncan com um sorriso dentuço e continuou: «Nunca ouvi uma médium alegar que podia provocar a aparição de um espírito do Outro Mundo. A médium disse: ‘Não sou nada; sou uma pessoa sem importância nenhuma, mas o meu corpo pode ser usado.’»43

À menção da Sra. Duncan sacrificar o corpo à vontade do seu Controlo Espiritual, Loseby levou a mão ao coração e gemeu: «Não consigo imaginar que os soldados lutem menos corajosamente porque lhes dizem que a esperança se tornou certeza, e que não existe morte, e que a continuidade da vida pode ser provada cientificamente. É, não é, uma grande questão?» Loseby fechou os olhos reverentemente e assentiu, afirmando a resposta à própria pergunta. Erguendo as pálpebras, apontou para o banco dos réus: «Há quatro pessoas ali, mas apenas uma delas é importante; há uma pessoa ali de grande importância; é a mulher Helen Duncan.»44

Girando para olhar através do tribunal, Loseby explicou o propósito.

«Membros do júri, é meu dever vigiar-vos. Tenho de vigiar as vossas mentes, e tenho de lutar pelas vossas mentes. Estou a lutar o tempo todo para descobrir o funcionamento das vossas mentes. Estou a tentar provar na

realidade — porque hei de fugir disso? — está cientificamente provado que há um Mundo Espiritual a bater à porta.»45

Nas duas horas seguintes, Loseby suplicou e pregou earnestemente ao júri. Implorou-lhes que pusessem de lado preconceitos e considerassem provas objetivas do Além. Antecipou detalhes paranormalmente manifestados das sessões da Sra. Duncan. Instruíu-os em um pouco de mitologia espiritualista. A Sra. Duncan, disse, sofria de marcas de queimadura espontâneas; clarões súbitos de luz infligiram-lhe esta lesão semelhante a estigmas. Loseby lamentou a injustiça violenta e sacrificial da prisão dela.46

Aproximando-se do clímax, Loseby pôs de lado o decoro, virou as costas ao juiz e propôs ao júri: «Agora vou fazer uma pausa, membros do júri, para uma digressão. Se for verdade que a Sra. Duncan é uma médium de materialização, significa que há um mundo espiritual perto dela neste momento. Se tem um guia, ele estará com ela agora, provavelmente à espera de uma oportunidade para a ajudar. Em certas circunstâncias, ela poderia materializar espíritos aqui no Central Criminal Court. Porque não?»47

A ideia de uma sessão probatória no Old Bailey excitou tanto Loseby que o tom subiu quase a um êxtase: «Qual seria a dificuldade? A Sra. Duncan precisa apenas de uma sala nua, com uma pequena parte descoberta cortinada, e uma luz vermelha; isso e nada mais! Membros do júri, vou pedir-vos que peçam a my Lord se vos permitiriam ver e ouvir o guia da Sra. Duncan, Albert.»48

Sua Senhoria Sir Gerald Dodson tossiu.

Loseby lançou um olhar rápido ao juiz e lembrou ao júri a necessária ressalva: «Claro, nas condições que o meu Lorde julgasse adequadas.»49 Loseby [O] inclinou-se perante o júri e virou-se para Sua Senhoria. A Defesa estava preparada para chamar a sua primeira testemunha. O Chief Constable West preparou-se. Helen Duncan estava prestes a bambolear-se até ao estrado e, no seu ingénuo sotaque de avó,50 contar humildemente histórias de sacrifício próprio e de uniões abençoadas com espíritos angélicos. E Sua Senhoria, com a sua tolerância para com todo o panteão de crenças religiosas,51 toleraria pacientemente aquele disparate herético.

22
TRAIÇÃO

A ACUSAÇÃO TINHA CONCLUÍDO, A DEFESA TINHA COMEÇADO, E HARRY Price ainda não fora chamado como testemunha perita. Para os admiradores de Price, a omissão era uma pena. Alguns sabiam que o Chief Constable [o] lhe [a] implorara que testemunhasse e que Price [o] orquestrara a própria escapatória.1 A exposição de grande visibilidade poderia ter-se voltado contra ele [O]. Testemunhar num qualquer tribunal de xerife provinciano representara pouco perigo para a sua reputação, mas ser interrogado por alguém como Charles Loseby no Old Bailey poderia ter exposto, de forma plausível, os enfeites da sua autobiografia.2 Price [o] informara o Gabinete do Ministério Público de que, devido a problemas de saúde — «Angina, sabe?» — não poderia suportar o stresse.

O Subdiretor do Ministério Público transmitira graciosamente a educada recusa de Price ao Chief Constable.3 Mas quando Molly Goldney regressou do julgamento em êxtase com o espirituoso jovem tenente, Price [o] consumiu-se de ciúmes. Ele [O] poderia ter sido a testemunha-estrela que se banhara nos holofotes, com fãs adoradores a recontar as suas histórias e jornais a citá-lo [o] em manchetes.4 Até hoje, os colegas deleitavam-se quando ele [O] contava a hilariante história do incidente dos raios X.5 A versão de Price começava depois de Albert ter mortificado o investigador psíquico com sugestões de indiscrição sexual.6 Price [o] redobrara os esforços para depor a divindade de musselina. A pouco instruída Sra. Duncan, confundindo um aparelho de raios X de última geração com algum tipo de instrumento assustador destinado a sondar-lhe [a] as partes íntimas, dera um murro no marido e fugira a correr da sala.

No passeio, enquanto Henry Duncan se ajoelhava para acalmar a esposa, Price [o] convencera um polícia excessivamente compassivo de que a Sra. Duncan era uma histérica e de que o Dr. Brown, médico, e a Sra. Goldney, parteira, poderiam melhor acalmar-lhe [a] os nervos destroçados. Não havia necessidade de aquele polícia intrometido saber que, dias antes, a Sra. Duncan fora submetida, como Albert [o] chamara, a «um tempo terrível» e «sofrera coisas indizíveis» às mãos precisamente daquelas duas pessoas.8 De volta ao laboratório, Price [o] passou um cheque. A Sra. Goldney vigiava a Sra. Duncan, enquanto o Dr. Brown se aproximava do

Sr. Duncan, sugerindo que o «infeliz desarranjo» da médium poderia ser parcialmente remediado se o marido se [o] deixasse revistar minuciosamente.

O indignado Sr. Duncan recusou a oferta, mas aceitou o cheque.9 Às 23h20, Price [o] olhou para o relógio e disse: «É tarde e não estamos a chegar a lado nenhum. Vou chamar um carro particular para levar Duncan e a mulher dele [a] embora.»10 O Dr. Brown dirigiu-se à porta, segurou-a aberta e disse a Henry Duncan: «Bem, então, fez a cama em que se [o] vai deitar, não fez?» Naquele momento, Price [o] julgou ter visto o Sr. e a Sra. Duncan pela última vez. A maioria dos homens teria ficado irreparavelmente ofendida se a sua integridade fosse assim posta em causa e o corpo da esposa tão violado. Não Henry Duncan. Passava da meia-noite quando o telefone tocou no laboratório de Price. O Sr. Duncan ofereceu um tímido «Olá».

Irritado com aquela fuinha incómoda, Price [o] disse: «Sr. Duncan, tenho a certeza de que o senhor [O] e eu [O] não temos mais nada a tratar. O senhor [O] serviu o nosso propósito e eu [O] terminei consigo [a].» Em resposta, o Sr. Duncan balbuciou desculpas patéticas. «Só queria explicar-me [me a], senhor… corrigir quaisquer suposições negativas a meu respeito… ela [A] entregou-me [me a] um penso higiénico… no meu bolso… um erro de julgamento… confio no senhor [a]… não estou mancomunado com a minha mulher… envergonhado com o alarido dela [a]… próxima sessão.»11 À menção de uma próxima sessão, Price [o] percebeu que estava numa posição de negociação muito forte; fechou um excelente acordo.

Exatamente uma semana depois, o Sr. Duncan entregou a esposa ao laboratório de Price — sem condições. Mais uma vez, os dois homens apertaram as mãos e o Sr. Duncan saiu, rumo ao cinema.12 Price [o] tomou a Sra. Duncan pelo cotovelo e levou-a [a] para dentro do laboratório. A maca de exames médicos encontrava-se no meio da sala. Cinco pessoas vestidas com elegância — três homens e duas senhoras — rodeavam-na [a]. Dois dos homens, por razões de negação plausível, apresentaram-se como Dr. X e Dr. Z, um ginecologista e um clínico geral. Os homens içaram a Sra. Duncan para cima da maca.

Ao notar que ela [A] se encolhia de dor, o Dr. Z descobriu um abcesso gravemente infetado no braço superior dela [a]. Quando o exame médico e ginecológico completo terminou, os médicos tinham sondado todos os

orifícios do corpo da médium e obtido resultados perturbadores. A Sra. Duncan encontrava-se num estado lamentável. O tímpano direito sofrera múltiplas perfurações, lesões permanentes causadas pelo trabalho escravo em teares de ruído ensurdecedor. Uma infeção no ouvido médio esquerdo escorria pus.

As fossas nasais também vertiam secreções. E, para desapontamento de Price, o útero dela [a] era subdesenvolvido e antevertido; o colo do útero pequeno e com cicatrizes; o ânus tenso. Não havia qualquer sinal de que a Sra. Duncan tivesse escondido material estranho nas cavidades do corpo.13 Exame concluído, a Sra. Duncan sentou-se lentamente. Toda a luta abandonara-a [a]. Como já tinham feito muitas vezes antes, as mulheres presentes coseram a Sra. Duncan dentro da roupa de sessão e conduziram a médium exausta até ao Gabinete. Um público de quinze participantes assistiu a uma sessão sem incidentes, pontuada por gemidos agudos da médium e queixas de Albert sobre a crueldade dos investigadores. Acenderam-se as luzes e encontraram a Sra. Duncan com os olhos revirados e sangue a jorrar-lhe [a] das narinas.

Os assistentes de Price cortaram-na [a] para fora do fato de sessão. Ela [A] ergueu a mão para limpar o nariz, viu o abcesso no braço e choramingou: «Estou numa confusão terrível.»14 Nesse preciso momento, o Sr. Duncan regressou ao laboratório. A miserável Sra. Duncan olhou-o [o] com adoração. O Sr. Duncan cumprimentou Price com um aperto de mão e uma pergunta: «Conseguiu o que precisava?» O Dr. X e o Dr. Z interromperam a conversa e insistiram que o Sr. Duncan levasse imediatamente a esposa ao hospital para receber cuidados médicos. O Sr. Duncan hesitou. «Mas eu [O] esperava mesmo esclarecer as coisas com o Sr. Price.»

«Agora não», fervia o Dr. X. «Agora, Sr. Duncan, o senhor [O] vem connosco e trata da sua mulher.»15 O Dr. X e o Dr. Z tinham desiludido Harry Price. Ele [O] pagara uma bolsa generosa e não recebera nada de valor. Não só não tinham encontrado nada de suspeito na anatomia da Sra. Duncan, como exibiram uma compaixão inútil e levaram-na [a] para o Hospital St. Thomas. Com a Sra. Duncan a recuperar sob os cuidados atentos do pessoal da enfermaria, a investigação de Price chegou a um fim prematuro. Ele [O] tinha mais uma teoria sobre como a médium produzia os seus fantasmas. Mas sem o corpo dela [a] disponível para experimentação, Price recorreu a Henry Duncan em busca de confirmação.

O Sr. Duncan chegou às instalações de Price às 15h30 de 11 de junho de 1931. Um grupo de investigadores psíquicos sentou-se à volta da mesa da sala de reuniões, pronto para uma conversa de coração aberto com o marido da médium.16

O Sr. Bois abriu a reunião com um confronto direto: «Sr. Duncan, estamos bastante desconfiados quanto à genuinidade dos fenómenos. Parece que o material extrudido pela médium é musselina. Como explica isso?»17 «Só Deus sabe.» O Sr. Duncan encolheu os ombros. Depois, em resposta à expressão céptica do interrogador, adotou um tom de indignação virtuosa. «Pensa por um momento que eu [O] traria a Sra. Duncan aqui para produzir fraude? A ideia inteira é absurda.»18 Claramente, o marido pretendia salvar-se [se a] à custa da mulher.19

A atitude agradou a Price, e ele [O] observou: «A médium foi revistada minuciosamente e conduzida ao Gabinete. Ela [A] deve ter escondido a musselina.»20 Atónito, o Sr. Duncan perguntou: «Como, em nome de alguma coisa e depois de a terem examinado, poderia ela [A] esconder essa substância?»21 O Sr. Bois admitiu: «Confesso que este é o enigma. Qual é a explicação para tudo isto?»22 «Deus sabe. Eu [O] não. Vocês sabem que eu [O] não sou espírita.»23 O Sr. Duncan continuou a alegar a sua inocência.

Confidenciou que antes de duas sessões levara a esposa à casa de banho e a forçara a submeter-se [se a] a exames pélvicos feitos por ele próprio. Tentando elevar o seu estatuto ao de cavalheiro inteligente, prosseguiu: «Aqui está a minha explicação: algumas pessoas entram facilmente em transe hipnótico, e a ideia da imortalidade está tão impressa naquela mente que o subconsciente fará qualquer coisa para provar a vida eterna.»24 O Sr. Bois mostrou interesse. «Portanto, a médium é bastante propensa a tomar quaisquer medidas para sustentar a sua crença? Será para provar a existência de seres fora de nós próprios e, por isso, a médium tenta sustentar a sua teoria produzindo algo que já tinha preparado?»25

«Não conscientemente», explicou o Sr. Duncan. «Todos os médiuns me [a] pareceram ter uma disposição muito infantil. Eu diria que, em condições de transe, a mente infantil vem ao de cima. Essa mente infantil produz estas coisas.»26 O Sr. Duncan juntou-se então aos outros investigadores numa animada discussão sobre como a esposa poderia ter escondido e produzido as suas aparições. Outro dos colaboradores de Price confrontou o marido. «Jura que não sabe onde o material está

escondido?»27 «Claro que juro»,28 reagiu Duncan com indignação. Aí estava: a confissão do marido. O Sr. Bois resumiu a admissão ambígua do marido: «Ele [O] acha que ela [A] é genuína por vezes, mas que é perfeitamente capaz de enganar.»29 Harry Price saboreou a cobarde traição de Mr. Duncan, e tencionava publicar cada palavra.30

Enquanto estas memórias se desvaneciam da sua mente, Price folheou uma pilha de jornais, todos a noticiar o julgamento de bruxaria mais dramático do século. Até as páginas sociais tinham abraçado a controvérsia; os editores de moda ora elogiavam, ora criticavam o sentido estético da Sra. Duncan. Mais uma vez, a médium bovina estava a ofuscá-lo [o].31 Price telefonou a Molly Goldney; estava determinado a fazer sentir a sua influência naquele julgamento, afinal.

23
RENDIÇÃO

O MOMENTO CHEGARA PARA A PRINCIPAL ARGUIDA SUBIR AO ESTRADO das testemunhas. Cabeça baixa, Nell lutava com partes conflituosas de si própria. Uma parte, o espírito confiante enterrado no seu íntimo, quisera tomar o estrado de assalto e bradar a sua história.1 Outra parte, a criança aterrorizada, queria esconder-se debaixo de uma mesa, catatónica e envergonhada.2 O Sr. Loseby pigarreou e dirigiu-se ao juiz. «Meu Lorde, espero, sendo este caso de alguma dificuldade para mim [a], que me [a] seja permitido chamar primeiro o Sr. Homer.»3

Nell juntou as mãos e apertou-as com força, a criança a rezar por uma moratória. Sua Senhoria refletiu: «Não suponho que haja alguma objeção a quem o senhor [O] chama primeiro, pois não?»4 Os pulmões de Nell encheram-se de alívio involuntário. Mas antes que pudesse expirar, o Procurador Maude objetou. «Meu Lorde, eu [O] pediria que fosse seguido o procedimento normal do Tribunal, como em todos os outros casos, e que a Sra. Duncan seja chamada agora.»5

Nell prendeu a respiração e fitou as mãos entrelaçadas. O Sr. Loseby insistiu. «Tudo o que peço é que me [a] seja permitido apresentar a Sra. Duncan depois de as minhas testemunhas peritas terem sido chamadas. O verdadeiro valor de apresentar a Sra. Duncan é, na minha opinião, maior e mais facilmente seguido pelo júri se eles [Os] souberem o que devem

procurar e o que devem ver.»6 «Estou ansioso por ajudá-lo [o] pessoalmente, Sr. Loseby», disse Sua Senhoria com simpatia, mas depois hesitou. Após um momento de reflexão, acrescentou: «Não acho que essa seja uma razão suficiente. Portanto, é melhor seguir o procedimento normal. O senhor [O] deve começar pela Sra. Duncan.»7 Nell fechou os olhos com força, rezando mais intensamente. O Sr. Loseby resistiu.

«Espero que Vossa Senhoria me [a] perdoe, mas isso seria definitivamente embaraçoso para mim [a].»8 Havia irritação em cada sílaba da resposta de Sua Senhoria. «Bem, Sr. Loseby, eu [O] pedi uma razão e o senhor [O] deu-ma [a], mas não acho que seja razão suficiente. E assim a questão fica encerrada.»9 Mas o Sr. Loseby não cedeu. «Posso dizer, meu Lorde, que a Sra. Duncan não pode prestar qualquer depoimento? Ela [A] está em transe. Quero que me [a] seja permitido apresentá-la [a] num momento que eu [O], observando-a [a] eu próprio, considere melhor.»10 Nell mordeu o lábio ao ouvir risinhos dispersos subir da galeria. Sua Senhoria ripostou ao Sr. Loseby:

«Se a Sra. Duncan não vai prestar depoimento, chame alguém que o faça.» Nell ouviu a irritação na voz do juiz. Sua Senhoria pensava que Nell precisava apenas de uma forte cotovelada nas costelas. Os britânicos presumiam que os arguidos que não testemunhavam em sua própria defesa tinham algo a esconder. Os ingleses consideravam o costume americano, «o direito contra a autoincriminação», nada mais que uma indulgência ingénua.11 Apesar do bufar desaprovador do juiz, quando o Sr. Loseby chamou o Sr. Homer a testemunhar, Nell deixou-se cair mais confortavelmente na cadeira.

Depois de o Sr. Homer, mais pálido do que o habitual, tropeçar no seu testemunho murmurado,12 o Sr. Loseby informou Sua Senhoria de que as outras coarguidas de Nell, Elizabeth Homer e Francis Brown, não testemunhariam em sua própria defesa. Depois o Sr. Loseby teve um arrependimento e avançou com uma proposta.13 «Proponho», disse o Advogado de Defesa, «colocar a Sra. Duncan no banco das testemunhas para que o meu amigo a possa interrogar em contraexame numa fase posterior, Vossa Senhoria.»14 Sir Gerald Dodson respondeu a esta quebra de protocolo com os dentes cerrados. «Pensei que já tínhamos resolvido essa questão.

Se a Sra. Duncan ia para o banco das testemunhas, deveria ter ido primeiro. Deixei isso bem claro.» Sua Senhoria fez uma pausa para

controlar a pressão arterial que subia e depois abordou a rebelião ainda mais irritante do Sr. Loseby, a proposta de transformar a Sala n.º 4 num salão de sessões espíritas e de que Nell invocasse espíritos dos mortos para juiz e júri. «Compreendo», fervia o juiz, «que o senhor [O] apresentaria a Sra. Duncan para algum tipo de experiência.»15 Subitamente animado com a possibilidade, o Sr. Loseby gorjeou: «Sim, meu Lorde. Sim, meu Lorde. Faço essa oferta.» «Não permitirei», rosnou Sua Senhoria, «que o júri seja incomodado com uma questão desse tipo.

Portanto, isso está encerrado.» O pronunciamento do juiz deveria ter cortado o Advogado de Defesa à medida como uma foice a ceifar trigo de inverno, mas o Sr. Loseby não se deixava dispensar tão facilmente. Ele [O] persistiu: «Deveria chamar a atenção de Vossa Senhoria para…»16 «O senhor [O] fez a oferta», grunhiu Sua Senhoria. «Não acho que haja grande probabilidade de eu [O] me [a] deixar convencer a permitir que o júri assista a alguma espécie de demonstração. Agora, é melhor continuarmos com as provas.»17 Quando as testemunhas começaram a depor sobre o seu dom extraordinário, Nell ergueu o queixo.

Um devoto sincero atrás do outro falou de entes queridos perdidos que tinham regressado trazendo consolo e prova da vida eterna. Estes crentes contaram ao júri o que tinham visto no Master Temple: aparições de diferentes formas — altas, largas, baixas, magras — tinham tomado forma. Frequentemente os participantes reconheciam um familiar ou amigo por um traço físico distintivo: cabelo louro brilhante, um sinal na bochecha esquerda, nariz aquilino, tez bronzeada, nós dos dedos reumáticos, bigode à guia. Todos os defensores de Nell transbordavam de bondade reverente. Cada um deles transbordava de gratidão pelos dons que Nell lhes [a] dera.18 Banhando-se nos seus testemunhos,

Nell manteve a cabeça erguida e percebeu que o marido, afinal, tinha razão. Canalizar os mortos fora o seu destino. Mas não foram propriamente as palavras de Henry que lhe [a] trouxeram um Controlo Espiritual; foi o colapso dele [O].19 Nell acordara, sentindo a orelha de Henry pousada na sua barriga protuberante. O bebé, a sua terceira gravidez,20 deu um pontapé, e Nell quis dar uma bofetada na grande cabeça dele [O]. O abdómen gritava-lhe [a] de dor.21

Ela [A] rangeu os dentes, conteve o mau génio e conseguiu forjar um sorriso. Henry saltou da cama e disse-lhe [a]: «Não te [a] levantes, querida. Eu [O] faço o chá.» Nell fulminou-o [o] com o olhar, pensando: chá coisa

nenhuma. Ela [A] precisava de um cigarro e de um bom trago de uísque. Ergueu as mãos acima do rosto e inspecionou os dedos. Até os dedos, a única parte delicada de todo o seu corpo,22 tinham inchado. O contorno da mão esbateu-se e ela [A] fechou os olhos. Fosse o que fosse que Nell fizesse, não conseguia escapar ao latejar e à pressão na cabeça. Nem Bella nem Nan lhe [a] tinham parecido uma doença a crescer dentro dela [a]. Este bebé era um parasita e Nell precisava de o expelir antes que ele [O] a matasse.23 A parteira chegou e Nell preparou-se para a dor familiar do parto. Não veio. Em vez disso, uma sensação estranha, como a invasão de um mal, assaltou-lhe [a] o corpo. O rosto contorceu-se. Braços e pernas agitaram-se. A ca

ma rangeu num ritmo involuntário. Ela [A] viu luzes a piscar e ouviu o ar a zumbir. Um monstro invisível agarrou-a [a], sacudiu-a [a], torturou-a [a]. Convulsões levaram-na [a] consigo. Na violenta sacudidela, sentiu-se possuída por demónios como qualquer epilético.24 O bebé nasceu e as convulsões passaram. Nell estendeu os braços para a bebé Henrietta. A parteira entregou-lhe [a] a criança embrulhada num pano de enrolar. Querendo tocar nas mãozinhas minúsculas da recém-nascida e fazer cócegas nos seus dedinhos perfeitos, Nell desembrulhou o cobertor.

Os bracinhos e perninhas de Henrietta caíram flácidos do tronco, como se não passassem de membros de algodão em rama. A pequenina gritou e o coração de Nell partiu-se. Eclâmpsia, uma doença rara da gravidez causada por hipertensão arterial e doença renal, provocara as convulsões de Nell, e essas convulsões tinham deslocado os braços e pernas do bebé. O dano era permanente; Henrietta era tetraplégica. A pequena Henrietta aleijada, miúda e bonita, perfeitamente serena, derretia corações, especialmente o coração de Henry.

Henrietta tinha treze meses e continuava a ser o bebé mais feliz que alguma vez agraciara um lar, quando começaram as tosses. Depois vieram os pieira, os gemidos agudos, o tremor que não trazia ar aos pulmõezinhos de Henrietta. Pneumonia. Nell correu com a filha preferida de Henry para o hospital, mas os bons cuidados do Dundee Royal Infirmary não operaram nenhum milagre. Henrietta morreu.25

O espírito de Henry fora-lhe [a] arrancado tão certamente como a alma de Henrietta lhe [a] fora arrancada do pequeno corpo. Nem mesmo a barriga inchada de Nell, com a promessa de um novo bebé, lhe [a] trazia consolo. Nenhum luz emanava dos olhos de Henry. As órbitas pareciam

ocas, as pupilas vazias. Fantasmagórico, ele [O] vagueou até à sua oficina de marcenaria.26

Enquanto esfregava a terra de mais uma batata, Nell ouviu uma voz ordenar: «Nell. Corre para junto de Henry.»27

Nell correu pelas ruas da cidade até à loja de Henry. A porta dele [O] estava trancada. Ela [A] sacudiu a maçaneta, bateu no vidro e gritou em voz alta: «Por favor, Deus, ajuda-me [a].»28

Um polícia tocou-lhe [a] no ombro e perguntou: «Que se passa, Sra. Duncan?»29

Nell arquejou: «O meu marido trancou-se [se a] lá dentro.»

O homem corpulento encostou o ombro à porta. «Uma.» A porta tremeu. «Duas.» A fechadura estalou. «Três.» A porta escancarou-se.

Nell passou pelo polícia a correr e precipitou-se para a sala do fundo. Henry jazia desfalecido sobre a secretária. Nell gritou e, com aquele grito, entrou no reino dos sonâmbulos.

Mais tarde — poderiam ter sido minutos ou poderiam ter sido horas —, Nell viu uma ambulância afastar-se a grande velocidade com Henry lá dentro. Um médico, com o ar de um cangalheiro, resumiu a situação: «Um ataque cardíaco e um esgotamento nervoso. Esse bebé na tua barriga já estará a dar os primeiros passos de fralda quando deixarem o teu marido sair do hospital dos veteranos.»

Dando-lhe [a] palmadinhas no ombro, acrescentou: «Uma coisa é certa: essa criança tem sorte por ter uma força da natureza como tu [A] por mãe. Portaste-te [te a] orgulhosamente. Assustaste-me [me a] e arrastaste-me [me a] até aqui mesmo a tempo. Mais um momento e o teu marido teria partido para sempre, morto e enterrado.»

Nell não conseguia entender patavina do que o médico estava a falar. De onde viera ele [O]? Quem o encontrara? Quem o arrastara até à loja? De quem estava ele [O] a falar? Nell percebeu que um espírito forte e amigo tomara posse do corpo dela [a] e salvara o homem que amava.

O médico foi-se embora e Nell ficou sozinha na oficina de marcenaria de Henry, rodeada de mesas sem pernas e armários sem portas.

Contemplando a sua amnésia, sentiu uma estranha serenidade, como se a mente tivesse perdido a memória do mesmo modo que a superfície de um lago perde os círculos feitos pelas gotas de chuva. Refrescada, Nell atacou o que precisava de ser feito.

Com o andar de pato de uma mulher de nove meses, Nell dirigiu-se à secretária de Henry. Apoiada com uma mão de cada lado do livro de contas dele [O], estudou os números e depois abriu a gaveta e encontrou pilhas de contas por pagar. Henry estava falido. Bela situação em que se encontrava: uma filha acabada de sepultar, duas pequeninas em casa, outra prestes a nascer e um marido tão útil como uma chaleira rachada.

Nell continuou com a vida.

Enquanto Nan e Bella dançavam pela loja a jogar às escondidas, ela [A] colou uma faixa de papel na montra: TUDO TEM DE IR EMBORA. Quando vendeu até o último pedaço de mobiliário, pagou aos credores o melhor que pôde, declarou-se falida, fechou a loja, virou costas e nunca mais olhou para trás.30

A seguir, vasculhou os becos de Dundee e encontrou um apartamento barato numa zona da cidade onde a vida era dura e os vizinhos eram bondosos.31

No dia previsto para o parto, Nell dobrou a camisa de dormir e as calcinhas de Bella num saco de farinha de algodão e os pijamas e fraldas de Nan noutro. Uma onda de dor invadiu-a [a].32

Ouviu-se uma pancada na porta e a tia de Henry entrou. A tia sorriu a Nan, e Nan cambaleou até ela [A] para lhe [a] agarrar a mão. A tia pegou no saco de Nan e Nan foi-se embora.

Ficou Bella. Com cinco anos e já suficientemente alta para chegar à barriga de Nell, Bella espetou o dedo no umbigo saliente da mãe e cantou: «Somos só eu [O] e tu [A], mamã.» Bella franziu a cara e fez uma dança. A pequena exibida tentava arrancar um sorriso à mãe.

«Bella, tu [A] também tens de ir», explicou Nell.

Toda a família de Henry se recusara a ficar com Bella; ela [A] não era Duncan de nascimento.33 Os próprios parentes de Nell tinham há muito cravado o último prego no caixão dela [a] e da filha bastarda.34

Da rua, Nell ouviu o clop-clop dos cascos dos cavalos e depois passos na escada. Um casal de gente do povo, ciganos escoceses, irrompeu pela porta dentro, cobriu Bella de beijos e levou-a [a] ao colo. Num instante, já iam porta fora, gritando para trás: «Nellie, não te preocupes com nada. A parteira vem já aí e os teus trabalhos acabam.»

Pouco depois, a parteira limpava o suor da testa de Nell e tranquilizava-a [a]: «Tudo normal. Agora empurra.»

Nell empurrou e Lilian nasceu perfeita.

Nan regressou depressa da tia, mas passaram duas semanas inteiras sem sinal de Bella. Finalmente, Nell ouviu o som dos cavalos e o ranger de uma carroça. A sua Bella estava em casa. Nell escancarou a porta. Os rostos dos amigos ciganos estavam cinzentos. O casal falou alternadamente.

«A tua Belazinha estava a dormir na caravana.»

«Enfiada na cama de enrolar.»

«Nós estávamos lá fora.»

«Não longe da caravana.»

«Só a fazer os nossos trabalhos.»

«A lavar a roupa.»

«A descascar ervilhas.»

«A pequenina começou a gritar.»

«Aos berros, com quanta força tinha.»

«Foi horrível de se ouvir.»

«Corremos para dentro.»

«Num instante.»

«Oh, Nellie, foi uma visão terrível.»

«Pois foi.»

«Um furão, uma criatura louca, agarrara a cara da tua pequenina.»

«Os dentes todos cravados nela [a].»

«Oh, havia tanto sangue.»

«O meu homem agarrou o furão fedorento, abriu-lhe [a] à força a mandíbula nojenta e arrancou-o [o].»

«Foi o que fiz. Atirei o maluco fedorento para fora. A minha mulher agarrou na Bella e embrulhou-lhe [a] a cara em toalhas.»

«Levámos para o hospital o mais rápido que pudemos.»

«Chicoteámos bem os cavalos.»

«Mas já era tarde.»

«A tua pequena Bella perdeu um olho.»

«Está no hospital.»

Bella regressou a casa uma criança mudada; era como se a dentada do furão lhe [a] tivesse injetado um veneno maligno. A engraçada Bella, a miúda com jeitos cómicos que mais amava a mãe de todos, desaparecera. Esta Bella envenenada era uma queixosa, uma criança que fervia de ressentimento. Esta Bella azeda, esta pequena Isabella MacFarlane, parecia-se com a avó; detestava e julgava Nell.35

Nell enfrentou os malditos factos: Bella estava meio cega; Henry estava meio morto; a bebé Henrietta estava morta e sepultada; e ela [A] tinha três filhas para alimentar. Para o inferno com a autocomiseração — Nell tinha uma agulha e alguns carretéis de linha, e sabia usá-los. Com três meninas atrás de si [a], bateu de porta em porta. Quando a senhora da casa abria, pedia trabalho honesto. «Tem lençóis para remendar, meias para cerzir, golas ou punhos de camisa para virar? Dou-lhe [a] um bom preço. Só um penny por peça.»36

Foi de porta em porta até ter trabalho para uma noite. De volta ao apartamento, serviu às mais velhas, Bella e Nan, meio copo de leite morno com uma colher de açúcar e mandou-as [as a] para a cama. Amamentou a recém-nascida e depois trabalhou com a agulha até altas horas. Cada dia, ganhava o seu sustento.37

Nell sabia esticar uma refeição; conjurava a sopa mais deliciosa. Fosse de gordura e cevada, fosse de alho-francês e batata, fosse de cenoura e nabo-rábano, punha o maior tacho ao lume e os sabores juntavam-se. Acrescentava umas ervilhas, só umas poucas, o suficiente para um mimo especial. As pequeninas sorviam cuidadosamente o caldo, tendo o cuidado de guardar todas e cada uma das ervilhas para o último bocado precioso. No fim, com só ervilhas na malga, as meninas contavam. Se Lilian ou Nan tivessem sequer mais uma ervilha do que Bella, explodia uma discussão. «Injusto», gritava Bella.38

Em todas as refeições, todos os dias, Nell punha os pratos na mesa e dizia às filhas: «Deus é bom. Deus cuida de nós.»39

Deus provou a sua bondade de outra maneira. À medida que os desafios da vida aumentavam, os visitantes espirituais vinham ter com Nell mais facilmente, e ela [A] começou a ganhar reputação. Os vizinhos batiam-lhe [a] à porta a pedir mensagens dos seus entes queridos falecidos.40

Mas Nell nunca foi mais grata do que no dia em que Henry regressou do hospital dos veteranos. Desejava alívio. Já não acreditava que os mortos fossem uma corja perigosa. O espírito que tomara conta dela [a] quando Henry estava à beira da morte provara que a possessão espiritual podia ser um dom abençoado. Precisava de descanso do seu trabalho e das suas memórias. Se um Controlo Espiritual pudesse aliviar-lhe [a] o fardo, que assim fosse. Nell deixou que Henry lhe [a] ensinasse a ser uma médium como deve ser.41

Quando o terceiro e quarto dia do seu julgamento de bruxaria de 1944 se transformaram numa parada dos fiéis, Nell encontrou respeito por si própria. Percebendo quanto sacrificara para trazer consolo à multidão enlutada, já não entrou cabisbaixa no banco dos réus. Nell caminhava orgulhosa. Como noticiou o News of the World a 2 de abril de 1944: «Subiu das celas como se fosse para uma receção. Depois de sorrir às pessoas no tribunal, sentou-se com toda a elegância que uma mulher do seu tamanho conseguia reunir. Pouco depois, tirou um xaile dos ombros e, com os modos de uma rainha, entregou-o [o] à guarda prisional que estava atrás dela [a].»42 No entanto, esse repórter explicou tudo atribuindo-o a uma doença psicológica, uma personalidade múltipla.43

24
SINCERIDADE ALÉM DA CRENÇA

DIAS DENTRO DOS DEPOIMENTOS, SUA SENHORIA CONTINUAVA A INDULGIR aqueles infernais espíritas. O Chief Constable West achava que já era mais do que tempo de Sir Gerald pôr fim às intermináveis histórias da cripta. Mas o juiz dobrava-se para trás, contorcendo-se como um faquir indiano, só para provar a sua tolerância por todas as formas de charlatanice religiosa.1 Se ao menos as testemunhas fossem todas talhadas pelo mesmo padrão — todos ingénuos incompetentes prontos a acreditar no papão —, mas muitas eram homens e mulheres inteligentes de estatuto considerável.2

O Sr. Gill, um cavalheiro refinado, subiu ao estrado e confessou que achara o Espiritismo uma perfeita loucura, até o Chief Air Marshal Lord Hugh Dowding o convencer do contrário. À menção do nome de Dowding, todos na Sala n.º 4, incluindo Sua Senhoria, mostraram um respeito que beirava a reverência pelo herói de guerra paternal que salvara Londres do Blitz.3 Para irritação de West, aquela religião de adoradores de fantasmas ganhou de repente credibilidade quando o Sr. Gill descreveu aparições que surgiam subitamente e depois desapareciam gradualmente, derretendo-se pouco a pouco no chão.4

Imperturbável, o Procurador Maude começou o contra-interrogatório, cada pergunta envolta em respeitosa curiosidade. «Sr. Gill, o senhor [O]

converteu-se à teoria espírita? O senhor [O] viu ectoplasma. Como é ele [O]?»5

«Parece um material muito branco, como uma túnica, uma espécie de tecido transparente»,6 refletiu o Sr. Gill.

Enquanto a testemunha procurava uma descrição precisa, o Procurador Maude foi tirando lentamente um pedaço de musselina finamente tecida de algum esconderijo sob a sua toga de seda preta. Depois, balançando o longo e fino adereço transparente, questionou o depoimento anterior do Sr. Gill. «Quanto viu desaparecer no chão?»7

A testemunha respondeu: «Acho que do tamanho de um lenço.»8

Com irreprimível talento teatral, Maude amachucou a musselina num bola e segurou-a [a] na palma de uma mão. Estendendo-a [a] para que a testemunha e o júri vissem, perguntou: «Mais ou menos desse tamanho?»9

Atarantado, o Sr. Gill objetou: «Maior do que isso.»10

O Procurador Maude virou a mão e desfraldou o tecido.

O Sr. Gill resmungou: «Não tão grande como isso.»11

Deleitando-se com o seu próprio teatro, Maude continuou a manipular o adereço e a brincar com a testemunha. Apesar dos protestos do Sr. Gill, o material leve aparecia num momento como um lenço amachucado e no seguinte como um sudário transparente.12 O Chief Constable West aprovava a intenção de Maude de balançar este material branco diáfano diante de todas as testemunhas de defesa restantes, não como prova mas apenas pelo seu valor demonstrativo.

A seguir, a Sra. Gill, vestida com pele de qualidade13 e exalando sofisticação, desfilou perante o júri e subiu as escadas até ao banco das testemunhas.14

Precisando de pouco incentivo do Sr. Loseby, descreveu a sua memória do assalto policial à Sra. Duncan. Segundo o depoimento da Sra. Gill, Albert materializara três visitantes espirituais. O primeiro, uma velha enrugada, resmungara: «Vou falar mas não consigo mexer-me. Estou muito cansada», e depois murchara no chão e desaparecera pouco a pouco. O segundo, um homem, materializara-se e falara brevemente com um amigo. Depois o terceiro, o fantasma de um rapaz morto em combate, ficara pouco tempo, desabara no chão e encolhera cada vez mais até restar apenas uma mancha de ectoplasma do tamanho de um lenço.15

Depois, na versão bordada da Sra. Gill, Rupert Cross, companheiro do tenente Stan Worth, saltara subitamente do seu lugar na segunda fila e

lançara-se sobre a última mancha branca. Os participantes da primeira fila caíram ao chão. Rupert aterrara à frente deles [Os], agarrando o material probatório. Escorregara-lhe [a] pelos dedos. Arranhara o chão mas ficara de mãos vazias.16

A Sra. Gill jurou perante juiz e júri que acreditara que o jovem Rupert devia estar fora de si de dor, e correra a consolá-lo dizendo: «Está tudo bem; está tudo bem. Não se preocupe.»17

Rupert continuara a perseguir o fantasma ilusório, arrastando-se para a frente e agarrando as cortinas do Gabinete.18

A Sra. Gill explicou que temera que ele [O] magoasse Helen Duncan e gritara: «Não faça isso! Por favor! Oh, não faça isso!»19

Imperturbável, Rupert pusera-se de pé de um salto e atirara-se [se a] através das cortinas para dentro do Gabinete. A Sra. Gill correra atrás dele [O] e encontrara Rupert Cross sentado no colo da Sra. Duncan, cavalgando a médium em transe. A Sra. Gill abraçara a cintura de Rupert e tentara puxá-lo [o]. Rupert, debatendo-se com as pernas, agarrara-se com força ao pescoço da médium. Depois a Sra. Gill perdera o equilíbrio e os três — a Sra. Gill, com a sua pele cinzenta; Rupert, de fato; e a Sra. Duncan, com a túnica de sessão — rolaram pelo chão e através das cortinas do Gabinete.20

A Sra. Gill terminou o depoimento com um floreado climático. «Apitos a soar por todo o lado e vozes a gritar: "Estão todos presos. Estão todos presos."»21

Agentes da polícia entraram a correr com lanternas em punho. Deflagrou o pandemónio. Mulheres horrorizadas guincharam. Alguém acendeu as luzes.22

Num outro intercâmbio memorável, o Wing Commander Mackie, um dos pilotos de caça da Royal Air Force que voavam alto com Dowding, subiu ao estrado e testemunhou: «A minha própria mãe materializou-se. Os nossos rostos poderiam estar a noventa centímetros ou um metro de distância. Os traços eram da minha mãe. Um homem conhece a mãe dele [a].»

Depois o Wing Commander, só a título informativo, acrescentou: «Tenho a vantagem de conhecer o meu pai.»23

O Chief Constable West animou-se quando Sua Senhoria gracejou: «Bem, isso já é alguma coisa.»24

Mas quinze testemunhas depois,25 o tom irritado do juiz tornou-se perturbadoramente solidário com a Defesa.

Sua Senhoria perguntou ao fuzileiro Horace Clayton: «É ambição de um verdadeiro espírita observar, se possível, alguma manifestação de espírito?»26

Clayton concordou: «Diria que sim, meu Lorde.»27

Sir Gerald prosseguiu com a pergunta. «Esse é o propósito do Espiritismo, não é, tentar contactar espíritos desencarnados?»28

O Sr. Clayton explicou: «Não necessariamente; eu diria que o propósito do Espiritismo é provar a Vida Após a Morte.»29

Sua Senhoria resumiu tudo. «Por outras palavras, o Espiritismo tenta provar a característica central da crença cristã?»30

Com entusiasmo respeitoso, o Sr. Clayton respondeu: «Sim.»31

Num outro dia, a Sra. Mary Jane Blackwell, uma velhinha doce como xarope, veio ao estrado. A Sra. Blackwell jurou, sob juramento, que vira pessoalmente quinze ou dezasseis centenas de aparições materializadas.32

Com fantasmas imaginários a correr desordenadamente como ovelhas numa noite agitada pela Sala n.º 4, Sua Senhoria finalmente tentou pôr ordem no depoimento indisciplinado. «De que data vai falar?»33 ladrava Sir Gerald.

Toda doçura e luz, a Sra. Blackwell desmaiou: «De muitas datas, meu Lorde. Sentei-me tantas vezes. Não consigo dar-lhe [a] todas essas datas.»34

Cansado, Sir Gerald implorou brevidade. «Não posso continuar para sempre. Já temos os números. Quer falar-nos de alguma em particular?»35

Mary Jane Blackwell assumiu um ar confuso e depois os olhos iluminaram-se-lhe [a] de inocência ao recordar interações com os espíritos dos familiares falecidos. «Dou-lhe [a] o ano passado, se quiser, meu Lorde. O meu pai manifestou-se. Vi-o [o]. Eu era a filha favorita dele [O]. O velho costumava dar-me [me a] palmadinhas na mão. Quando estava sentada na sessão, senti a mesma palmadinha na mão. O meu pai tocou-me [me a] e eu [O] toquei-lhe [a].36

«Quatro meses antes disso, vi o meu marido. Fiquei radiante. Noutra ocasião, a minha mãe e a minha tia voltaram da Vida Após a Morte e puseram-se ao meu lado. Reconheci-as [as a] pela aparência e pela voz. Ouvi as suas manifestações falar holandês, galês, escocês, inglês puro e árabe.»37

Enquanto Sua Senhoria ouvia esta filha envelhecida da fé, uma onda de proteção paternal pareceu varrer-lhe [a] do rosto todo o vestígio de irritação.

Depois ergueu-se o temível e gigantesco Sr. Elam para contra-interrogar.38

A viúva ingénua cintilou para o seu monstruoso interrogador.

Desarmado, a voz do Sr. Elam tornou-se suave. «Sra. Blackwell, a senhora [A] é terrivelmente entusiasta disto, não é?»39

«Sim, é a minha religião»,40 gorjeou a velhinha.

«Se se viesse a descobrir — e digo "se" outra vez — que a tinham enganado, a senhora [A] ficaria amargamente desapontada?»41 perguntou Elam.

«Não me [a] poderiam enganar»,42 assegurou a Sra. Blackwell ao Procurador-Adjunto.

«Suponha que descobrisse depois que a tinham enganado. Ficaria muito perturbada?»43

«Eu ficaria, mas não consigo imaginar ninguém a enganar-me [a] nestas coisas»,44 confirmou a Sra. Blackwell sem vacilar.

A cabeça quadrada de Elam balançou solidariamente. «A senhora [A] está tão certa que nem consegue pensar nisso?»45

«Não, não consigo»,46 brilhou a Sra. Blackwell.

«E não só tem a certeza de que ninguém a pode enganar, como não consegue imaginar tal coisa e ficaria muito zangada, não ficaria?»47 raciocinou Elam.

«Toda a minha vida chegaria ao fim»,48 confidenciou a Sra. Blackwell.

«Tudo em si desabaria como um castelo de cartas»,49 refletiu Elam.

«Porque eu [O] sei a verdade e vi»,50 completou a Sra. Blackwell o pensamento do Sr. Elam.

Ainda em diálogo íntimo, o Sr. Elam perguntou: «A senhora [A] tenta converter as pessoas ao Espiritismo quando tem oportunidade, suponho?»51

«Como me trouxe felicidade, quero trazer felicidade aos outros. Naturalmente»,52 explicou a Sra. Blackwell, o rosto irradiando uma fé imaculada.

Sua Senhoria inclinou-se para a frente e aventurou-se na conversa. Tentativamente, perguntou: «Não precisa de responder a isto, a menos que queira. A senhora [A] é crente na religião cristã?»53

«Sim, meu Lorde»,54 disse a Sra. Blackwell, presenteando-o [o] com um sorriso vencedor.

Expressando verdadeira curiosidade, Sua Senhoria indagou: «Porque é necessário o Espiritismo?»55

«Porque aqueles que professam a religião cristã omitiram a parte que diz respeito ao Espiritismo, que diz respeito ao espírito. Seguem a letra da lei, em vez do espírito. A igreja ortodoxa ensina-nos que só pela fé somos salvos, ao passo que nós, como pessoas espíritas, acreditamos que a Palavra de Deus ainda está viva. Deus não parou de falar. Ele [O] revela-se [se a] diariamente ao seu povo; e por isso não podemos estar presos a credos.56

«Quando a minha mãe se manifestou, disse-me [me a] que estava extremamente feliz e que a vida valia a pena. Claro que toda a gente tem problemas ao longo da vida.57

«A minha tia disse que aprendera que as coisas deste mundo são efémeras. Fora conhecedora de pratas e coisas do género. Toda a vida dela [a] girara em torno de pratas antigas; e quando se materializou, disse: "Não valeu a pena, foi absolutamente parvo." Aprendi que não há ninguém realmente morto. Eles [Os] estão lá à espera, e o amor deles [a] permanece. Isso é um grande consolo.58

«As materializações da Sra. Duncan provam a imortalidade de todos. Não há morte. A Sra. Duncan renova a esperança e a confiança das pessoas no poder de Deus. É uma herança maravilhosa.»59

Encantadoramente constrangida, como se temesse ter falado demais, a Sra. Blackwell perguntou: «Meu Lorde, hei de contar-lhe [a] o que isso me deu?»60

Sir Gerald Dodson, ainda enfeitiçado pela abertura dela [a], assentiu.

«A Sra. Duncan deu-me [me a] coragem. Sentia que estava a desistir completamente da vida. Estava em apuros, tanto mentais como físicos. Sentia que já não podia continuar; mas quando este conhecimento glorioso surgiu, deu-me [me a] coragem para seguir em frente e enfrentar as dificuldades da vida.»61

Sir Gerald, sentindo a vulnerabilidade dela [a], observou com empatia: «Esta é uma questão enorme. Algumas pessoas podem precisar do

Espiritismo, outras podem não precisar. A senhora [A] diz que foi ajudada?»62

«Ajudada.» A voz da Sra. Blackwell soou melancólica ao ecoar Sua Senhoria. «Eu [O] não estaria viva agora»,63 confessou e mordeu o lábio inferior, contendo pormenores tristes.

Naquela pausa, até o Chief Constable West se preocupou com a Sra. Blackwell.

Alegremente, a testemunha voltou à questão da sua própria compreensão cristã: «Aprendemos o verdadeiro significado da vinda à terra de Jesus, que foi a maior encarnação do espírito de Cristo. Compreendemos a missão dele [O] na terra, e aprendemo-la do mundo dos espíritos.»64

«E», interveio Elam, «um médium fraudulento seria um traidor absoluto para a vossa causa.»65

«Sim», disse a Sra. Blackwell com ênfase. Os olhos endurecendo-se e o maxilar ficando brutalmente firme, acrescentou: «Nada seria demais para um médium traidor.»66

Tendo dado consentimento para queimar uma bruxa descarriada, a doce velhinha, Sra. Mary Jane Blackwell, abandonou o estrado das testemunhas.67

25
POSSESSÕES

OS TERCEIRO, QUARTO E QUINTO DIAS ESTAVAM A REVELAR-SE ESPLÊNDIDOS para a Defesa. A cada testemunha, a apreciação das capacidades de Nell crescia. Depois o Sr. Basil Kirby avançou para depor. O Sr. Kirby apresentou-se como testemunha perita, um homem de fortuna própria que dedicara vinte anos, a tempo inteiro, à investigação psíquica. Membro educado e bem-falante da classe ociosa, o Sr. Kirby passou a descrever as sessões de Nell, incluindo as aparições de amigos e familiares espirituais.1

Com deferente curiosidade, Sua Senhoria perguntou sobre um desses visitantes: «O seu amigo apareceu no que tem sido chamado ectoplasma?»2

O Sr. Kirby respondeu: «Sim, com um sudário em volta do corpo.»3

O juiz perguntou-se: «E o mesmo quanto à sua mãe? Ela [A] aparece com um sudário? Todos aparecem com um sudário, não é?»4

O Sr. Kirby disse: «Sim, apenas uma cobertura.»5

Sua Senhoria insistiu mais. «Há alguma explicação para isso?»6

O Sr. Kirby ofereceu a sua interpretação do fenómeno.

«Quando os espíritos entram na atmosfera terrestre, precisam de uma cobertura para proteção, como quando se entra na estratosfera. Trabalhei lado a lado com Sir Oliver Lodge, o grande físico, e Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, e eles [Os] observaram o mesmo.»7

Partilhando a sua experiência pessoal com o juiz, o Sr. Kirby continuou: «Todos nós temos muitos guias espirituais. Numa ocasião particular, a minha primeira sessão com a Sra. Duncan em Portsmouth, apareceu um chinês conhecido por mim [a] como Chang. Já o vi muitas vezes. Tem um bigode de dezoito polegadas. A trança balança. Chang ajuda quem pode. Os guias espirituais são ajudantes maravilhosos. Todos nós, cada um de nós, temos guias espirituais.»8

Sua Senhoria admitiu: «Bem, eu [O] parece que não tenho nenhum.»9

Imperturbável, o Sr. Kirby continuou: «Em todas as coisas, mesmo no plano terreno, é preciso um mestre de cerimónias. Mesmo neste tribunal é preciso alguém para organizar as coisas. Esse é o trabalho de Albert. Albert é uma espécie de mestre de cerimónias.»10

«Sendo assim, porque interferiu o seu guia, o chinês Chang? Albert não estava a fazer um trabalho satisfatório?»11 perguntou Sua Senhoria.

«Oh sim, muito bem. O meu chinês não interferiu; apenas entrou, e com a permissão de Albert.»12

O Sr. Kirby dizia a verdade. Desde a primeira aparição de Albert, este [O] fizera um bom trabalho controlando as almas que pairavam em torno de Nell, ansiosas por atravessar a grande divisão. Antes de Albert tomar as rédeas, outros espíritos possuíam Nell à vontade, e alguns eram do tipo indisciplinado.

Nell canalizara pela primeira vez o Dr. Williams, que veio numa noite tempestuosa em que Nell ansiava por um pouco de apreço do marido. Henry e o amigo espírita dele [O], Jim Murray, aproximaram-se da mesa da cozinha. Nell trouxe os copos e a garrafa. A princípio sentou-se calmamente como boa esposa, ouvindo enquanto os homens falavam de assuntos psíquicos. Telecinesia, ectoplasma, transfiguração, aportes, materialização, levitação — as noções que saíam das suas bocas soavam a chinês para Nell.13

Irritada com o clube exclusivo deles [Os], Nell levantou-se e começou a fazer barulho, batendo com a chaleira no fogão. Henry e Jim continuavam

a tagarelar sobre a diferença entre fé espírita e investigação psíquica. A chaleira apitou. Nell deitou água no bule, pousou-o [o] com estrondo na mesa e empurrou chávenas para os homens. Henry afastou a chávena dele [a].

Nell sentou-se de novo, pigarreou e perguntou: «Querem bolachas?»

Jim abanou a cabeça sem olhar para o lado dela [a]. Nell levantou-se outra vez e abriu e fechou armários. Henry fulminou-a [a] com o olhar, e ela [A] devolveu-lho [a].

«Às vezes a minha mulher comporta-se como uma criança a precisar de atenção»,14 sussurrou ele [O], e Nell ouviu cada palavra.

Nell bateu com duas velas na mesa e pôs uma caixa de fósforos entre elas [as a]. Um relâmpago iluminou o céu. O trovão ribombou, como se os deuses no céu estivessem a jogar bowling. As luzes apagaram-se.

Com um resmungado «Obrigado, Nellie», Henry agarrou os fósforos, acendeu as velas e aproximou-se mais de Jim.

Subitamente rebelde, Nell soprou uma vela.15

Como um pai severo, Henry ripostou: «Para com isso, Nell. Estamos a tentar ter uma conversa séria.»

O fumo subiu do pavio e rodopiou de forma antinatural. Jim puxou a manga da camisa de Henry. Ambos os homens observaram, hipnotizados, enquanto o fumo formava as letras: WILLIAMS.16

Enquanto Nell se sentia flutuar livre, ouviu uma voz masculina desconhecida troar: «Boa noite, senhores. O meu nome é Dr. Williams.»17

Depois de o Dr. Williams entrar em cena, Henry tornou-se mais carinhoso com Nell. Mas não bastava que ela [A] lhe [a] tivesse dado um filho: o pequeno Harry, um rapagão de dez libras que mamava com força e crescia forte como a mãe.18

E depois chegou outro filho: Peter, um prematuro de três libras que sobreviveu, embrulhado em algodão em rama e alimentado com um conta-gotas.19 Cinco filhos não acalmavam o desejo mais profundo de Henry. Acima de tudo, Henry queria que Nell se tornasse uma médium famosa.20

Todas as quintas-feiras, às seis da tarde, Henry empurrava a poltrona estofada para um canto da sala de estar, entre o par de cortinas que montara para formar um palco de sessão, um Gabinete como deve ser. Nell deitava as crianças, agora cinco, na cama. Regressando a Henry, ajudava-o [o] a colocar sete cadeiras de cozinha em semicírculo viradas para o Gabinete. Quando tudo estava pronto, Henry oferecia a poltrona a Nell. Nas noites de

sessão, Nell ocupava o lugar de honra. Henry ajoelhava-se à frente dela [a], falando em tons suaves. Durante esses poucos momentos preciosos, Henry dedicava-se exclusivamente à esposa. Quando os participantes da sessão chegavam, Nell balançava serenamente.21

Mas todas as promessas de Henry, todos os preparativos formais e até o espírito educado do Dr. Williams não impediam o lado demoníaco de se aproveitar da vulnerabilidade de Nell. Pouco depois de outro parto atormentado por convulsões e do nascimento de mais uma filha, a bebé Gena,22 uma loucura irreprimível apoderou-se de Nell. Na luz vermelha de uma lâmpada de sessão, um monstro uivante de força extraordinária rompeu as cortinas do Gabinete e devastou a sala. Derrubou uma máquina de costura, atirou a grelha de ferro fundido da lareira pelo ar e espalhou mobiliário em todas as direções. Os participantes fugiram aterrorizados. Henry acendeu as luzes e Nell estava sentada no meio dos destroços, a chorar e desorientada.23

Então Henry decidiu começar todas as sessões com uma oração.24 Mas nem essas invocações sagradas limpavam os guias espirituais de Nell de todas as suas inclinações irreverentes. Durante um tempo, Donald saltou para o banco do condutor e as sessões de quinta-feira à noite ganharam um ar ordinário. Henry e Nell ainda partilhavam o seu momento especial de calma. Os convidados ainda chegavam. Nell ainda caía em transe. Henry ainda liderava as orações, acendia a lâmpada vermelha e fechava a cortina do Gabinete. Como antes, a atmosfera estava carregada de calma sublime. Depois, do nada, a cortina escancarou-se e Donald berrou: «Olá, malta!»25

Ali, mesmo ao lado de Nell, estava Donald, com o aspeto de uma aparição tradicional, um fantasma branco e reluzente; mas não se comportava como um ser etéreo. Ladrava: «Vêem-na [a]? Ali está a gorda, a Nellie Duncan, sentada no transe dela [a]. Não me [a] vê. Não me [a] ouve. Está lá fora no Além Abençoado. Ausente. Eu [O] sou o homem no comando e adoro estar no comando.»

Donald pavoneava-se no sentido horário, à volta e à volta da cadeira de Nell, dançando, cercando-a [a] com aquela substância branca do outro mundo que chamava ectoplasma. Quando ela [A] estava bem amarrada, gritava: «Tenho a rapariga toda ata!» Depois Donald dançava no sentido anti-horário. O ectoplasma dele [O] desenrolava-se e enrolava-se como uma cobra de encantador. Donald estalava a serpente na cara de Nell e gritava: «Nellie! Ouves-me [me a] aí dentro? Levanta-te, rapariga.»

Nell obedecia às ordens de Donald como um autómato sem mente.

Donald dava palmadinhas na cabeça de Nell e saía pavoneando-se pelas cortinas fechadas até ao círculo. Apontava para um participante e latia: «Tu [A] és novo. Já te [a] saquei. Tenho aqui um espírito para ti [a] e está a chilrear-me [me a] ao ouvido. Diz que se chama Margaret McMancus! Morreu de uma doença no fígado. Bebia que se fartava, hein? Morreu a 30 de outubro de 1910. Pronto. Olha aqui, este espírito Margaret diz para te [a] dizer: "Tudo está perdoado e está a divertir-se à brava no Mundo Inferior."»

Henry detestava Donald. Semana após semana, o círculo de sessão de Henry acolhia a rotina odiosa de Donald. Finalmente, Donald foi longe demais.

Nell, grávida outra vez, sentava-se entre duas cortinas, pairando à beira de um transe. Henry fechou as cortinas. No quarto às escuras, Donald tomou controlo. Espetando a cara fantasmagórica entre as cortinas, bramou: «Olá, pessoal!» Depois, balançando a cabeça flácida da direita para a esquerda, Donald viu uma jovem lindíssima. Largou a cortina, saltou diretamente do Gabinete e rugiu: «Ora ora ora! O que temos aqui?»

Enquanto Donald se arrastava para a rapariga bonita, arrulhou: «Oooooo. Que petisco delicioso para o Donald. Que tal dares a este velho fantasma uma espreitadela a essas tetas maravilhosas? Uau. Bébé, estás a trazer-me [me a] todo de volta à vida. Devorava-te [a] a qualquer hora.»

A pobre criança em flor agarrou a mão de um amigo e encolheu-se de medo e vergonha.

Donald aproximou-se cada vez mais da rapariga aterrorizada. A voz tornou-se mais ameaçadora: «Vais derreter, rapariga? Derreter sob o feitiço do meu encanto etéreo? Oh Deus. Só mais uma cereja assim uma vez mais.»

Quando o branco fluido dos braços de Donald estava prestes a envolver a criança trémula, Henry pôs-se de pé de um salto e gritou: «Isto não acontece em minha casa. Donald, comporta-te [te a] ou sai!»

Donald rodopiou e rugiu: «Cala-te [te a], Henry Duncan! Não me [a] podes fazer nada. Não preciso de ti [a]. Não sou a tua maldita mulher.»

Virando a cabeça para os outros participantes, rosnou: «Vocês. Todos vocês. Olhem!» Dirigiu-se a um armário, escancarou as portas e agarrou um frasco dos comprimidos de morfina de Nell. Desenroscando a tampa,

ergueu o frasco como se brindasse. Donald olhou vingativamente para Henry: «Vou mostrar-te [a].»

De dentro do Gabinete, soou uma voz de autoridade. «Para! Donald, já chega. Pousa esse frasco. Foste longe demais. Volta aqui já. Agora!»

Donald bateu com o frasco na mesa e correu de volta ao Gabinete, uivando em rebelião fantasmagórica.

Atrás da cortina, o salvador celestial manteve a posição. «Não quero ouvir essa porcaria.» Os dois espíritos uivaram e rosnaram um para o outro. Enquanto as vozes zangadas se afastavam para o Outro Lado, Donald encolheu-se sobre si próprio, transformou-se num monte disforme de ectoplasma branco e derreteu-se no chão. Houve um silêncio misericordioso.

Henry respirou a calma e preparou-se para terminar a sessão, mas o mundo espiritual não estava pronto para desistir.

A cortina abriu-se de rompante e uma aparição imponente pôs-se ao lado de Nell. Henry viu um homem alto, cerca de um metro e oitenta, com barba bem aparada. Avançando, fazendo uma vénia cortês, o visitante espiritual falou. «Boa noite», disse numa voz que denotava uma gentileza efeminada. «Temos de pedir desculpa pelo comportamento indecoroso de Donald. O homem certamente não estava a fazer o trabalho como deve ser. Mandámo-lo [o] de volta ao Outro Lado para reciclagem. Não se preocupem. Fico eu [O] no controlo agora. Posso apresentar-me [me a]? Albert Stewart, ao vosso serviço. Sr. Duncan, não tem mais nada a temer. Juntos viajaremos para uma sabedoria crescente e fenómenos ainda mais espectaculares. Já tivemos excitação que chegue por uma noite. Adeus, até nos voltarmos a encontrar.»26

Albert chegara mesmo a tempo. Mas o Sr. Kirby, o homem no estrado das testemunhas, não sabia metade da história. Pensava que Nell só canalizava Albert nas sessões. Nell olhou para a galeria e viu Henry, com a filha mais velha, Nan, ao lado dele [O].27 Pobre e doce Nan.

Que pode uma criança fazer quando a mãe e o pai choram dia e noite? Nan levara as irmãs e irmãos mais novos ao parque, sentara-os e explicara: «A mamã e o papá estão tristes porque o mano Alex foi para o céu.»28

Era uma vez Nell e Henry com sete filhos, quatro filhas e três filhos. Ela [A] pegara no bebé Alex ao colo, embrulhara o corpinho trémulo numa manta e correra pelas ruas de Edimburgo tão rápido quanto as pernas lhe [a] permitiam. Chegara ao Edinburgh Royal Infirmary e atravessara a

correr o chão de azulejos brancos e pretos até à receção. Logo a enfermeira ouvira o bebé a ofegar por ar. A pneumonia roubara o último fôlego de Alex.29

Com Nell e Henry incapacitados pelo luto, as crianças — Bella, Nan, Lilian, Harry, Peter e Gena — dependiam de Albert, e o tio Albert visitava regularmente.30

Henry sentava-se direito numa cadeira de cozinha. De gravata e colarinho engomado, espreitava para a janela.

Na sala de estar, Nell afundava-se numa poltrona estofada, as faces húmidas de lágrimas. Nan ergueu Gena e Peter para o colo da triste Nell. Os dois mais novos aninharam-se no corpo macio dela [a] e espetaram os dedos na carne frouxa dos braços dela [a]. A gordura tremia como gelatina e os pequeninos riam-se.31 Os olhos de Nell vidraram-se, a cabeça caiu-lhe [a] sobre o peito. Um instante depois, o tronco endireitou-se. Todas as crianças viam que o tio Albert saltara para dentro do corpo da mãe.

Nell ficava mais alta, movia-se mais depressa, era mais forte e adorava brincar.

O tio Albert agitava os dedos da mamã à frente da cara de Gena e, no seu sotaque da BBC, anunciava: «O tio Albert está no comando agora e vai-te [a] apanhar!» Fazia cócegas a Gena e ela [A] ria e ria.

Depois o tio Albert punha a cara, nariz com nariz, com Peter e perguntava: «Onde está aquele teu irmão? Anda lá, rapaz. Vai buscar o Harry já. É hora de um jogo animado de Tarzan dos Macacos.»32

Peter corria para o jardim, guinchando de excitação. «Harry! Harry! Onde estás? Vem depressa. O tio Albert está aqui. Hora de brincar ao Tarzan!»

Harry entrava a correr no quarto, gritando: «Aqui estou eu [O], tio Albert!»

O tio Albert pousava Gena no chão, batia no peito como um macaco e bramava: «Eu [O] não tio Albert. Eu [O] Tarzan.» Apontando para Gena, coçava a cabeça como se nunca a tivesse visto e perguntava: «Tu [A] Jane?»

Gena ria-se: «Eu sou a Gena.»

Por um minuto, o tio Albert voltava a ser o tio Albert. Fazia uma vénia a Gena, pegava na mãozinha atarracada dela [a], beijava-a [a] e dizia: «Honrado em conhecer-te [a]. Desculpa-me [me a]. Preciso de ser Tarzan agora mesmo.»

O tio Albert pegava numa cadeira, erguia-a [a] acima da cabeça e rugia: «Eu [O] Rei da Selva.» Pousava a cadeira, fazia sons de uivo e perseguia Peter e Harry pela sala de estar e até ao jardim.

Peter gritava: «O tio Albert é o Tarzan! O tio Albert é o Tarzan!»

Os vizinhos espreitavam por cima da cerca e abanavam a cabeça. Os Duncan eram doidos — era o que os vizinhos pensavam.

Outras vezes o tio Albert recostava-se numa poltrona macia; com as seis crianças reunidas aos pés dele [O], pregava um pequeno sermão enigmático: «Meus queridos, os humanos são como traças. As traças abrem as asas à noite e procuram a luz. Por isso, crianças, a moral da fábula é: procurai apenas a verdadeira luz do Salvador.»33

As crianças balançavam a cabeça para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Fosse para brincar ou para transmitir sabedoria, o tio Albert terminava sempre as visitas com as mesmas palavras: «Au revoir, queridas crianças. Até nos voltarmos a encontrar.»

A esse sinal, a cabeça e os braços de Nell ficavam flácidos como os de uma marioneta quando o marionetista para de puxar os fios. Passado um minuto, a cabeça abanava e os olhos abriam-se. Às vezes, olhava vazia para as caras das crianças e murmurava: «Não vos conheço.» Então a bondosa Nan acariciava o cabelo da mãe.

Outras vezes, outras personalidades tomavam posse de Nell. Peggy Hazeldine, uma rapariga travessa com sotaque escocês, dançava e cantava.34

Peggy entretinha as crianças com as suas versões alegres de «You Are My Sunshine»,35 e «Loch Lomond».36 Mas nem todas as personalidades de Nell aliviavam o fardo das crianças; Rosie, a criança órfã, partia-lhes [a] o coração.

Rosie enroscava-se num canto, abraçando a manta. Com olhos marejados e o polegar nos lábios, choramingava numa vozinha infantil: «Não sei onde está a minha mamã. Não sei onde está a minha mamã. Não sei onde está a minha mamã.»37

Finalmente, o tio Albert tomou as rédeas, organizando toda a multidão indisciplinada de refugiados dos mortos. As quintas-feiras tornaram-se o dia mais fiável da semana. Era o dia em que as sessões aconteciam em casa.38 Cada vez mais estranhos batiam à porta dos Duncan e as sessões tornavam-se maiores e maiores. O Sr. James Souter escreveu à revista

espírita The Light, contando ao mundo inteiro: Albert materializara catorze espíritos, cada um dos quais falara claramente, dera o nome, fornecera pormenores convincentes e respondera a todas as perguntas.39 O Dr. Montague Rust, médico de Newport, em Fife,40 e o Sr. Ernest Oaten, editor de Two Worlds,41 passaram por lá para conhecer Albert. Albert apareceu em Glasgow, Edimburgo e Dundee.42 Um artista esculpira um busto de Albert e uma fotografia preciosa dessa escultura pendia na casa dos Duncan.43 Albert tornou-se o patriarca da família Duncan.

Em outubro de 1930, Nell estivera no convés de um vapor, vendo a costa da Escócia ficar cada vez mais pequena. Esperara apenas coisas boas das suas sessões em Londres.44 Catorze anos depois, sentada no banco dos réus do Old Bailey, Nell sabia que não era bem assim.

Sua Senhoria não fez mais perguntas sobre guias espirituais, mas o advogado de Nell, o Sr. Loseby, tinha outra pergunta para o Sr. Kirby. «Viu Harry Price, o Honorável Diretor do Laboratório Nacional de Investigação Psíquica, em qualquer lugar nas proximidades do tribunal esta manhã?»45

O Sr. Kirby apontou para a galeria e respondeu: «Sim, está mesmo à minha frente, sentado de frente para mim [a].»46

26
UMA RIVALIDADE EXTRAORDINÁRIA

QUANDO O SR. KIRBY ERGUEU A MÃO E APONTOU UM DEDO A HARRY Price,1 as cabeças viraram-se para ver o infame investigador de fenómenos psíquicos. Com o aceno altivo de uma celebridade que se deleita com o reconhecimento, os lábios de Price entreabriram-se, os dentes inferiores apareceram e os cantos da boca torceram-se para cima. Price não sorriu; expressou prazer com um esgar.2

Irradiando poder tão duro e quente como um ferro de marcar, fixou o olhar em Henry Duncan. Em resposta, o sangue esvaiu-se do rosto de Duncan. A fuinha nunca cumprira a obrigação para com Price.3

Tantos anos tinham passado desde que o Sr. Duncan traíra a mulher. Cão envergonhado, com o rabo entre as pernas, Duncan saíra a correr do laboratório de Price, agarrado a um único propósito: salvar a própria pele. Correu dois quarteirões a oeste até às instalações de colunas brancas dos

rivais espíritas de Price. Encurralando o Sr. Fielding-Ould, o venerado presidente deles [Os], Duncan vomitou a sua recém-iluminada convicção: a mulher dele [O] era uma médium falsa.4

Tendo limpado toda a possível sujidade da própria reputação, o Sr. Duncan passou pelo Hospital St. Thomas. Helen Duncan não aceitara levianamente a notícia do abandono do marido. A mulher quase se matara engolindo meia garrafa de Eusol, uma solução de cal clorada e ácido bórico. As enfermeiras arrancaram-lhe [a] a garrafa das mãos. A equipa médica limpou-lhe [a] o estômago e a Sra. Duncan sobreviveu.5

Essa parte da história dera a Price apenas prazer mínimo.

A parte seguinte — em que a Sra. Duncan servira à venerada grande dame do Espiritismo, Miss Mercy Phillimore, o que ela [A] merecia — essa dera a Price satisfação absoluta.

Ao saber da quase morte da Sra. Duncan, Miss Phillimore fizera uma visita à paciente em recuperação, na esperança de roubar uma confissão diretamente dos lábios da médium.

Com um ramo de flores na mão, Miss Mercy aproximou-se na ponta dos pés da Sra. Duncan: «Querida, querida senhora. Como está?»

Vendo o motivo ulterior espalhado por toda a cara da gentil madame, a médium soltou uma opinião que ressoava com a estimativa de Price sobre a mulher. Erguendo-se de repente, gritou: «És uma cabra desgraçada.»

Imperturbável, Miss Mercy cacarejou: «Ora, Sra. Duncan, só queremos expressar a nossa simpatia.»

A Sra. Duncan respondeu com rude eloquência: «Simpatia coisa nenhuma. És uma lambedeira de cus desgraçada. Sai da minha frente antes que te [a] abra a cabeça.»

Miss Mercy saiu porta fora o mais rápido que os sapatos de salto lhe [a] permitiam. Com aquela ameaça indelicada a ressoar, o desejo dos espíritas de investigar mais os fenómenos da Sra. Duncan chegou ao fim.6

Price não se deixava deter tão facilmente; concebeu um final fantástico.

Chegou ao conhecimento de Price que os Duncan tinham reservado passagem para a Escócia a 23 de junho de 1931. Price despachou imediatamente a sua acólita de cabelo ruivo, a Sra. Molly Goldney, para intercetar os Duncan na casa alugada. A Sra. Goldney encontrou pertences em caixas e seis crianças prontas a partir, mas o Sr. e a Sra. Duncan não estavam na residência. Imperturbável, a Sra. Goldney localizou o casal na

casa de um devoto em Eaton Terrace. Quase puxando o Sr. Duncan pela orelha, a formidável Sra. Goldney arrastou o patife de volta ao laboratório de Price.7

Repreendido pelo plano de fugir sem avisar, o Sr. Duncan balbuciou desculpas implausíveis.8

Price aceitou as desculpas de Duncan com benevolência fingida e uma oferta magnânima: «Sr. Duncan, se conseguir convencer a sua mulher a dar-nos uma sessão final e nos [a] permitir filmar todo o processo em cinematógrafo, pagamos-lhe [a] cem libras esterlinas.»9

Como era de prever, o Sr. Duncan recebeu a notícia do pagamento extravagante como um apostador com um bilhete de lotaria vencedor na mão. A antecipação do tacto de um maço de notas no bolso baniu a preocupação incómoda com a exposição degradante da mulher e as suas potenciais consequências suicidárias. Mais uma vez, o Sr. Duncan sucumbiu aos poderes de persuasão de Price e concordou fazer todos os esforços para entregar a Sra. Duncan ao laboratório de Price.10

Mas desta vez, Helen Duncan rebelou-se contra o chulo do marido.

Como programado, os Duncan embarcaram no vapor e navegaram para norte rumo à Escócia, onde espíritas mais crédulos garantiam um fluxo modesto mas constante de dinheiro.11

Enquanto Price revisitava o arrependimento por aquela oportunidade perdida, o escrivão chamou o nome da testemunha seguinte: Hannen Swaffer.12 De repente, todos os olhares se desviaram de Price para se fixarem num velhote resmungão cuja fama ultrapassava em muito a de Price.

Hannen Swaffer era o mais célebre crítico de teatro da Grã-Bretanha. O poder da sua pena aterrorizava o coração de todos os atores da zona de Londres. Na manhã seguinte às estreias, encenadores, atores e produtores reuniam-se e, com mãos trémulas, rezando para que Hannen Swaffer os tratasse com gentileza, um corajoso entre eles [Os] abria o jornal. Uma palavra bondosa de Swaffer catapultava uma produção teatral para os céus. Um comentário mordaz afundava-a.13 Todas as pessoas de teatro, até um amador como Sua Senhoria Sir Gerald Dodson, abominavam Hannen Swaffer.14

Swaffer — cabelo branco desgrenhado, por pentear e desgrenhado, sobrancelhas hirsutas pendendo sobre pálpebras sem pestanas, boca num beicinho desdenhoso15 — pousou a mão com desdém na Bíblia.16 No

prefácio do Who's Who de Swaffer, um dos seus amigos mais queridos, Edgar Wallace, descrevera o crítico: «Swaffer aceita-se [se a] como um dos dons de Deus, tal como aceita a luz do sol e as flores da primavera, e outras criações menores do Todo-Poderoso.»17

Personificando essa presunção, Swaffer olhou por cima dos óculos de tartaruga18 para o escrivão do tribunal e murmurou, a velocidade dupla, algumas palavras destinadas a aproximar-se do juramento.19

Mas naquele momento, Hannen Swaffer não estava na bancada do crítico; estava no Tribunal do Recorder de Londres. Sua Senhoria esperava uma recitação audível e inteligível do juramento.20

«Agora, preste o juramento como deve ser»,21 exigiu Sir Gerald com autoridade inabalável.

Mostrando mais diversão do que intimidação, Swaffer aquiesceu.

O Advogado de Defesa Charles Loseby, alisando as penas desgrenhadas de Swaffer e certificando-se de que os membros do júri compreendiam que o homem no banco era O HANNEN SWAFFER, perguntou: «Foi crítico de teatro?»22

Swaffer gemeu: «Infelizmente.»23

Sua Senhoria interveio: «Para quem? Disse "infelizmente", Sr. Swaffer. "Infelizmente" para quem?»24

«Infelizmente para este pobre crítico que tem de aturar tudo isso, meu Lorde»,25 respondeu Swaffer, dirigindo um sorriso acre a Sua Senhoria sem perceber que o musical do jurista, The Rebel Maid, estreara recentemente.26

«Conheceria a maior parte dos atores de Londres?»27

Com um eufemismo que provava a sua pomposidade, Swaffer riu-se: «Alguns deles conhecem-me [a].»28

Rindo-se com a testemunha, Loseby colocou a pergunta seguinte. «Tem sido sugerido, Sr. Swaffer, que os fenómenos exibidos pela Sra. Duncan poderiam ser simulados por um ator altamente habilidoso. É essa a sua opinião? Poderia o maior ator que alguma vez conheceu simular, com semelhança razoável, os fenómenos?»29

Swaffer respondeu: «Eu [O] não conseguiria; Albert é uma entidade separada.»30

A Defesa não tinha mais perguntas.

O Procurador-Adjunto Elam levantou-se para contra-interrogar, com o longo pedaço de musselina pendurado da mão.

Swaffer debruçou-se sobre a grade do banco das testemunhas, mão estendida, e perguntou: «Posso ficar com essa musselina, meu Lorde; já ouvi falar dessa musselina ridícula.»31

«Não», afirmou Sua Senhoria com firmeza.32

O Sr. Elam, com os seus um metro e noventa e oito, agarrou a musselina como um bebé agarra um cobertor de segurança.

Swaffer agarrou o ar como se pudesse alongar o braço pelo poço do tribunal e roubar o adereço do advogado.

Sua Senhoria rugiu: «Não seja violento.»

Subitamente presunçoso, o Sr. Elam fez o material dançar, a sete metros e meio do alcance do velho rabugento.

Sua Senhoria respirou fundo e fulminou com o olhar o representante do Ministério Público Edward Robey. Todos sabiam que eram amigos (Ed Robey e o famoso pai dele [O], George, almoçavam regularmente com o insuportável Hannen Swaffer).33 Não poderia o solicitador exercer alguma influência sobre esta testemunha indisciplinada. As discussões e reconciliações entre George Robey e Hannen Swaffer eram lendárias e intermináveis.

Fracamente, Ed Robey encolheu os ombros.

Entregue à própria autoridade, Sua Senhoria ergueu a cabeça de modo serpentino e sibilou: «Sr. Swaffer, não seja violento. Não o incomodarão com a musselina.»34

Recuperando a maturidade, Swaffer endireitou-se no banco das testemunhas. Com o volume excessivo de um cavalheiro idoso que perdeu a audição, quase gritou: «A musselina não poderia ser usada de forma eficaz. O Sr. Harry Price inventou esta loucura.»35

Price publicara a sua teoria. O livro dele [O] Regurgitation and the Duncan Mediumship postulava que Helen Duncan possuía poderes extraordinários de deglutição e regurgitação. Price afirmava que a Sra. Duncan engolia musselina (e, por vezes, máscaras, luvas de borracha e alfinetes), os apetrechos necessários para simular aparições, e que retinha esses itens numa anomalia anatómica, um segundo estômago, como o de uma vaca. Depois a bovina Sra. Duncan regurgitava este lixo, como um bolo alimentar, em silêncio. E finalmente, com a habilidade de um mestre de marionetas, puxava tecido e outros itens da boca, manipulando esses objetos para parecerem Albert e outros parentes e amigos mortos.36

Varrendo a galeria com o olhar e fixando-o em Price, Swaffer uivou: «Queríamos que Harry Price tentasse comer musselina.»37

Swaffer deu uma palmada no joelho e gargalhou alegremente com a ideia de Price sentado diante de um prato cheio de musselina, mastigando e engasgando-se. O deleite depreciativo espalhou-se pela Sala n.º 4. Todos os olhares se viraram para Harry Price; todos os espíritas e todos os jornalistas riram-se à gargalhada.

Ainda acreditava Harry Price que Helen Duncan vomitava aparições de musselina? Não, não acreditava. Uma viagem clandestina ao casa de burlesco de Edimburgo, o Royal Theater, convencera-o do contrário. Lá observara que até o famoso regurgitador Kanichchka, o Avestruz Humano, se engasgava ruidosamente e só conseguia expelir pedacinhos pouco impressionantes de material. Claro que Price nunca reconhecera o erro.38 Agora agarrava-se a uma última esperança: que o braço da lei estrangulasse Albert e silenciasse o insolente lençol para toda a eternidade.

27
UMA NÊMESIS REGRESSA

AO SEXTO DIA DO JULGAMENTO DE NELL, OS RAPAZES DOS JORNAIS NOS cantos das ruas bramavam a manchete: «FANTASMA PARALISADO APARECE! Juiz Deseja Ter um Guia Espiritual.»1

Nell, ainda radiante com a humilhação de Harry Price, entrou no banco dos réus com autoconfiança embriagadora. A Acusação vacilara e os defensores de Nell, quase quarenta testemunhas até então, continuavam a chegar. O Sr. Loseby anunciou que hoje seria o último dia de depoimentos.2 Bebericando do copo de água, Nell instalou-se para mais um dia entretido de batalha e aguardava com expetativa o banquete comemorativo desta noite no Hotel Bonnington.3

Os acontecimentos do dia começaram com o Sr. Alfred Dodd a pousar as mãos bem cuidadas na Bíblia,4 parecendo em tudo um poeta do século XIX. Todos os traços do frágil cavalheiro idoso de cabelo grisalho vinham a ponta.5 As orelhas, o pico de viúva da linha do cabelo, a ponta do nariz, o perfil dos lábios com bigode, o contorno do queixo — todos pontiagudos. Usava um fato de lapelas finas e ostentava uma gravata de laço que se espalhava como um laço de cetim numa trança de rapariga. Os óculos

redondos equilibravam-se precariamente na ponte do nariz.6 Homem de letras, Alfred Dodd era famoso — ou notório, dependendo do ponto de vista — por propor a controversa teoria de que William Shakespeare assinara o nome em obras realmente escritas por Francis Bacon.7 Como esperado, Dodd relatou as suas experiências de sessão com refinamento e clareza.

«Em 1932», começou Dodd, «tive inesperadamente uma sessão com a Sra. Duncan. As cortinas abriram-se de lado e saiu a forma viva do meu avô. Reconheci-o [o] porque era muito grande, um homem muito alto, pelo menos um metro e oitenta e cinco, muito corpulento. O meu avô olhou à volta da sala de modo muito inquisitivo até os olhos dele [O] se encontrarem com os meus. Depois atravessou a sala a passos largos desde o Gabinete de sessão até mim [a] e estendeu a mão. Ao apertar-me [me a] a mão, disse: "Tenho muito prazer em ver-te [a], Alfred."

«Eu [O] disse-lhe [a]: "Ora, pareces exatamente o mesmo."

«O meu avô trazia o casaco de fumar. Tinha o cabelo cortado à escovinha. O rosto era moreno e bronzeado, exatamente o mesmo; o mesmo olhar no olho; a mesma expressão que eu conhecia tão bem.

«Depois disse: "Lamento tanto que estejas a passar por um mau bocado."

«Estava a perder muito dinheiro com propriedades na altura. O avô parecia saber tudo sobre isso; disse: "Mantenha o ânimo, rapaz. Nunca digas morrer enquanto houver um tiro na cartucheira."

«Essa era uma das expressões favoritas dele [O]. O avô virou-se, caminhou de volta ao Gabinete, ergueu a perna e deu três palmadas sonoras na coxa, três pancadas retumbantes. Entrou direto na cortina e bateu três vezes no peito e disse: "É sólido, Alfred; é sólido."

«Essa foi apenas uma experiência pessoal de Albert a trazer os mortos de volta à vida.»

Depois Dodd testemunhou: «Vi diante de mim [a] a forma viva — a forma viva da minha mulher! Reconheci-a absolutamente. Ela [A] ficou ali e acenou exatamente do mesmo modo que acenava quando a levei ao último convívio social dela [a]. Ficou ali vestida com uma túnica branca fluida e, por cima dessa túnica branca fluida, um véu fino de rede. Fiquei tão espantado que me [a] pus de pé e chamei pela minha mulher: "Ora, é a Nell; é a Nell." A minha querida saiu e pôs-se diante de mim [a], uma mulher viva, palpitante. O mesmo cabelo que eu conhecia tão bem, escuro

e ruivo; os mesmos olhos, cor de avelã; brilhavam de animação; o rosto, o mesmo pallor de marfim nas faces.

«Depois ouvi-a falar e falou com o mesmo sotaque escocês suave que eu conhecia tão bem. Era escocês culto, não o escocês áspero de Glasgow, nada disso, não áspero, uma voz suave e culta, misturada, claro, com a educação dela [a] em Inglaterra. Estendi a mão para lhe [a] tocar, mas ela [A] recuou e dissolveu-se em nada.»8

Era a vez do Procurador-Adjunto Elam contra-interrogar. Nesse momento, o Procurador Principal Maude entrou a correr e os dois puseram as cabeças juntas e conferenciaram brevemente. Finalmente, o Sr. Elam ergueu-se e colocou a pergunta. «Seguiu a carreira da Sra. Duncan desde 1931?»9

Dodd respondeu: «Sei o que se passou.»10

O Sr. Elam ergueu as sobrancelhas: «Sabe?»11

«Sim»,12 respondeu a testemunha.

O Sr. Elam virou-se para o juiz e anunciou: «Neste ponto, gostaria de arguir algo na ausência do júri.»13

O júri saiu da sala. Nell, sentindo uma viragem perigosa nos acontecimentos, inclinou-se para a frente, ouvidos alerta para ouvir cada palavra.

O Sr. Elam disse ao juiz: «O teor das provas é que a Sra. Duncan é uma médium genuína e tem sido desde 1931. Sendo assim, gostaria de colocar ao Sr. Dodd perguntas sobre se ele sabe o que aconteceu numa sessão em Edimburgo a 4 de janeiro de 1933.»14

Com a menção dessa data, Nell lutou para conter a emoção mas falhou. Os seus soluços abafados foram a primeira demonstração de emoção durante o julgamento.15

O Sr. Loseby garantira a Nell que a fealdade daquela sessão não seria ressuscitada neste tribunal.16

A 4 de janeiro de 1933, Nell chegara ao n.º 24 da Stafford Street,17 uma casa vitoriana em decadência mesmo ao virar da esquina das majestosas torres da Melville Street e do recém-estabelecido local do Edinburgh College of Parapsychology.18 Miss Snowden, a imagem da feminilidade com xaile de folhos e broche de rosa,19 saudara Nell e apresentara-se como secretária pessoal de Miss Esson Maule.20 Enquanto Nell, exausta de um longo dia de trabalho, arrastava os pés atrás da jovem, cada tábua do chão rangia.21 No escritório mofento, Nell conheceu Miss

Maule, uma sufragista corpulenta que trocara golas engomadas por fatos e gravatas.22 Nell admirava essa declaração de moda. Na juventude dela [a], também preferira a roupa dos irmãos à própria.23

Esta dona musculosa bateu com uma pilha de notas de dez xelins, quatro libras no total,24 na secretária e rosnou: «Chegou atrasada. Há oito participantes à sua espera.»

Com essa saudação pouco cerimoniosa, Miss Maule saiu do escritório a pisar forte.25

Sozinha, Nell tomou um momento para acalmar os nervos à flor da pele, acendeu um cigarro, olhou para o pagamento mas não meteu o dinheiro no bolso. Apagando o cigarro e atirando a beata para dentro da mala,26 Nell decidiu prescindir de mudar do vestido castanho para o traje de sessão. Apressada, subiu a trote um lanço de escadas até à sala de sessões e depositou-se dentro do Gabinete de cortinas de chita frágeis. Com luz de velas a tremeluzir e luz vermelha a brilhar, os participantes entoaram uma melodia alegre e Nell caiu em transe, braços inertes ao lado do corpo.27

Passou um tempo indeterminado. De repente, um flash de luz cegou Nell e Miss Maule fervia de acusação: «Sra. Duncan, não vou tolerar isto; é nojento.»28

Nell rugiu: «És uma porca desgraçada e podre.»29

Os participantes começaram a clamar contra Nell: «Tira a roupa! Tira a roupa!»

Nell gritou de volta: «Não mostro as minhas calcinhas a homem nenhum.»30

Como um sargento-instrutor, Miss Maule berrou acima do alarido: «Sra. Duncan, vai despir-se [se a] já.»

Essa ordem foi demais, demasiado parecida com indignidades passadas impostas a Nell. Agarrou na cadeira mais próxima, ergueu-a [a] acima da cabeça como um porrete de homem das cavernas e guinchou: «Abro-te [a] os miolos, sua cabra desgraçada. Mato-te [a], juro que mato.»31

Um homem saltou e agarrou a perna da cadeira, desviando-a do crânio de Miss Maule. Como recompensa pela galanteria, Nell rachou a cadeira na cabeça dele [O]. Ele [O] jorrava sangue, mas Nell não terminara. Tirou o sapato e bateu-lhe [a] com ele [O]. Depois, com um grito selvagem, rodopiou o braço e atirou o outro sapato. Miss Maule baixou-se quando

passou zunindo pela cabeça dela [a].32 Satisfeita por ter deixado o ponto claro, Nell recuperou a dignidade, pôs-se direita e informou Miss Maule: «Ergo a saia de boa vontade, se os homens saírem da sala.»33

Os quatro homens saíram em fila.

Mas Nell viu-os espreitar por uma fenda na porta, como rapazes sedentos por ver calcinhas de folhos. Que se lixem, pensou. Dêem-lhes um espetáculo. Abaixou-se, agarrou firmemente a bainha e a combinação e, com um floreado, puxou o vestido num só movimento dos braços. Ali ficou orgulhosamente nas suas calcinhas azul-vivo. Até essas tirou e virou-as do avesso para todos verem.34

Miss Maule apontou para o chão. Em triunfante justiça própria, rosnou: «Isso é a Peggy. Não pode negar que é a Peggy.»35

Nell olhou para o monte de tecido aos pés. Pegou no tecido e sacudiu-o [o]. Era uma camisola interior rasgada. Nell não ia negar nada. Em vez disso, disse-lhe [a] a verdade; gritou: «Miss Maule. És uma porca desgraçada.»36

Miss Maule cuspiu: «Quero essa camisola.»

Nell retrucou: «Porque não ficas com toda a minha roupa, hein? Saio para a noite de inverno e corro para casa nua.»37

Miss Maule riu-se dela [a] e depois, olhos de aço, repetiu: «Quero a camisola.»

Nell atirou-lhe [a] aquela merda à cara feia e voltou a vestir as calcinhas e o vestido. Depois, virando-se de nojo, viu a cadeira e pensou: «Tenho mesmo vontade de atirar essa cadeira àquela cabra desgraçada.» E atirou. E Miss Maule atirou-a de volta a Nell.

Nell desceu a escada rangente a pisar forte e, por todo o trabalho, arrebatou a pilha de notas de dez xelins do antro nojento de Miss Maule e saiu pela porta fora.38

Depois disso, Miss Maule chamou a polícia, Nell acabou diante do xerife, Harry Price apareceu no tribunal e toda a confusão feia foi espalhada pelos jornais de Edimburgo.39

Miss Esson Maule, que parecia e soava como a gémea de alta sociedade de Nell,40 subiu ao estrado.

O Procurador perguntou: «O que disse primeiro a voz de Albert?»41

Miss Maule relatou que, a meio de uma canção, Albert, um varapau de pano branco, saltara de entre as cortinas e declarara: «Que voz horrível para cantar tens, Miss Maule. Se ouvisses como soa, não cantavas mais.»42

Todos no tribunal do xerife riram-se, tal como todos na sessão se tinham rido à custa dela [a]. Mas Esson Maule tinha a pele de um rinoceronte e o engenho de uma satírica. Respondera: «Feliz Ano Novo para ti também, Albert.»43

Miss Maule desceu do estrado a pisar forte e foi substituída pela sua atraente assistente.44 Segundo a encantadora Hilda Snowden, Albert desapareceu e transformou-se num cavalheiro viscoso que se aproximou dela [a]. Hilda deu palmadinhas no peito do visitante espiritual e ficou impressionada com o peito voluptuoso dele [O]. Durante a hora seguinte, refugiados fantasmagóricos deram provas de que a Vida Eterna fornecia um abastecimento infinito de tabaco. Cada aparição tresandava a fumo de cigarro rançoso.45

A seguir, a pequena Miss Peggy, uma patife vivaz do Nether Nether Land, espreitou de trás de um vaso no aparador de Miss Maule e entoou uma melodia irritante com voz de criança. Ver a Sra. Duncan ajoelhada atrás do armário, manipulando um pano branco à maneira de uma marioneta de meia e arrastando rimas infantis irritantes, esgotou a paciência de Miss Maule até ao limite. Dominada pelo desejo de estrangular Peggy, agarrou a patife e puxou. A Sra. Duncan também puxou e começou uma guerra de cabo de guerra. A Sra. Duncan ganhou essa ronda.

Contudo, a verdade prevaleceu, segundo as testemunhas da acusação. Um participante diligente apontou o feixe de uma lâmpada de mão à Sra. Duncan. Inundada de luz, a médium dobrou-se, enfiou Peggy debaixo das saias, presumivelmente o caminho mais curto de volta ao Outro Lado. Foi assim que Miss Maule e o seu grupo contaram a sua versão da história.46

Onze anos depois, no mais alto tribunal criminal de Inglaterra, o advogado-monstro Sr. Elam argumentou a favor de contar ao júri todo o incidente embaraçoso.47

Sua Senhoria decidiu: «Se a Acusação quiser fazer esta pergunta, é admissível.»48

O júri regressou à sala, os ouvidos a arder.

O Sr. Elam, com um brilho faminto no olho, questionou o cavalheiro idoso. «Sr. Dodd, sabia que, como resultado de uma sessão em Edimburgo em 1933, a Sra. Duncan foi condenada por mediunidade fraudulenta? Sabia que a Sra. Duncan foi multada em dez libras? Leu que o espírito da criança era uma camisola interior de malha de mulher manipulada pela Sra. Duncan?»49

Com aquelas perguntas, Nell murchou, mas o Sr. Dodd manteve-se firme como uma rocha. «Sim», respondeu, «li, mas não aceitei.»50

A testa quadrada do Sr. Elam franziu-se de incredulidade. «Não aceitou a decisão do Tribunal?»

Com fé inabalável, Dodd virou-se para o júri, tirou os óculos do nariz e explicou: «Não fez qualquer diferença para mim [a]. Nenhuma. Nem um bocadinho. Falei com Albert sobre este assunto.»51

28
CAFÉ E CLARIVIDÊNCIA

DEPOIS DE O TRIBUNAL ADIAR PARA O DIA, NELL, HENRY E O SR. Loseby dirigiram-se ao Hotel Bonnington.1 Na Southampton Row, juntaram-se aos peões que corriam ombro com ombro rumo aos autocarros de dois andares e à estação de metro de Holborn.2 Estes peões do fim do dia tinham passado o dia a aplaudir uma gigantesca demonstração de poder de fogo. 30 de março de 1944 fora o Dia das Forças Armadas dos Estados Unidos. Um desfile — dois quilómetros e meio de soldados americanos, tanques, obuses, cavalaria, canhões antiaéreos, bandas e aviões — serpenteava pelo centro de Londres.3

Os britânicos apareceram em massa para esbugalhar os olhos aos estrangeiros de faces rosadas e ao seu equipamento novinho em folha. A maioria dos espetadores afastou-se abanando a cabeça, pensando exatamente o que o governo queria que pensassem: a invasão que se aproximava seria eventualmente colossal, mas os yankees ainda eram demasiado moles para a batalha. Levaria seis meses a endurecer aqueles rapazes do campo.4

Entretanto, o Pequeno Blitz continuava. Ao fim da tarde, a celebração terminara e os espetadores batiam em retirada, correndo para casa para uma refeição da noite antes que as sirenes de ataque aéreo uivassem, as bombas caíssem e os bairros ardessem.5

Charles Loseby serpenteou pela multidão, abrindo um caminho demasiado estreito para Nell e Henry. Deixando a multidão lá fora, Nell, Henry e o Sr. Loseby entraram na sala de jantar alcatifada e com candelabros do Hotel Bonnington.6 De um canto privado, um pequeno

grupo dos espíritas mais apoiantes — entre eles o Presidente da União Nacional Espírita — saudou o trio com copos de vinho erguidos.

Durante as horas seguintes, histórias de fantasmas, boa comida e vinho fluíram livremente. O hotel adquiriu um brilho etéreo.

Enquanto os empregados retiravam os pratos do jantar, o Sr. Loseby tirou uma cigarreira de prata do bolso do peito e, com um sorriso dentuço, ofereceu um cigarro a Nell.7 Enquanto Nell extraía delicadamente um cigarro, os outros elogiaram o desempenho de Loseby no tribunal e deploraram o preconceito mesquinho do juiz.

«Uma sessão no tribunal! Brilhante!»

«Golpe de génio.»

«Isso teria livrado a nossa querida Sra. Duncan.»

«E provado a continuação da vida, sem sombra de dúvida.»

«Pena que aquele juiz cristão, marioneta do Arcebispo, frustrou o teu plano.»8

A este último comentário, o Sr. Loseby respondeu com um comentário velado: «Ainda não acabou. Nunca se sabe. Nunca se sabe.»9

Todas as sobrancelhas se ergueram, mas o Sr. Loseby desviou o interesse com uma ideia luminosa. Inclinando-se para Nell, deu um estalo no isqueiro e perguntou: «Sra. Duncan, que tal uma demonstração de clarividência?»

Enquanto Nell se inclinava para a chama, Loseby continuou: «Escrita direta. Vamos convidar os espíritos a prever o veredito.»

«Ótima ideia.» Murmúrios de satisfação circularam pela mesa.

«Então está decidido: clarividência com o café», entoou Loseby.10

Satisfeita, Nell inalou, enquanto uma onda de nostalgia confiante a invadia. Desde o último ano na Escola Primária de Callander, confiava nas mensagens escritas que apareciam espontaneamente sob a sua mão.

Aos onze anos, Nell vivia num mundo de devaneios e levava o seu tempo a caminhar para a escola.11 A saia balançando suavemente, o cabelo preto preso com apuro, flutuava pela Main Street, passava pela igreja gótica na Anacaster Square, virava a norte na Church Street e a leste na Cragard Road.12 Para Nell, os sons das crianças mais novas a brincar, a gritar, a cantar e a aplaudir misturavam-se como a banda sonora da vida de outra rapariga. O sino de latão tocava, o burburinho extinguia-se, mas Nell não se importava de ser a última. Demorando-se no fim da fila das raparigas, flutuava pelo arco da entrada, pelo átrio, escadas acima e para dentro da

sala de aula. Fileiras de secretárias estavam montadas em pedestais de ferro fundido e aparafusadas ao soalho de madeira. Chegando ao lugar atribuído, deslizou para a cadeira de costas direitas13 e fitou as altas janelas triplas para o céu,14 o pano de fundo celestial das suas visões.

O Sr. Cummings, o diretor, um cavalheiro magro que tomava cuidados meticulosos para camuflar a calva colando uma madeixa de vinte centímetros sobre o coro,15 pôs-se à frente da turma de Nell.16 Este professor tinha poder sobre o futuro deles [Os]. Os alunos que ele [O] aprovava podiam passar ao secundário. Os que reprovava seriam forçados a trabalhar para viver.17 Nell esperava ir trabalhar. O trabalho duro nunca assustara Nell. O Sr. Cummings, porém, assustava-a de morte.18

O diretor severo começou este dia como todos os outros. Ergueu cerimoniosamente a palma da mão e os alunos puseram-se de pé. Entoou uma nota única e a turma cantou «God Save the Queen». Disse «Pai Nosso» e os alunos rezaram. Ao «Ámen», acenou com a cabeça e todas as raparigas e rapazes sentaram-se nas cadeiras.19 Para Nell, o ritual matinal lançava um feitiço e a mente dela [a] vagueava para reinos de outro mundo.20

A meio da manhã, o Sr. Cummings interrompeu-lhe [a] o devaneio. A sombra magra dele [O] cruzou a secretária dela [a]. Pousou uma lousa de exame, de vinte por trinta centímetros,21 à frente dela [a] e instruiu a turma: «Escrevi o vosso exame de história na lousa grande. Queiram escrever as respostas a essas perguntas nas vossas lousas.»22

Nell fitou a lousa e lembrou-se das palavras do pregador: «Pedi e dar-se-vos-á.» Pegou na pequena lousa preta, apertou-a contra o peito, rezou por respostas e caiu numa calma profunda, um doce nada além do tempo e da memória.

Quando Nell regressou do estado orante, a lousa estava na secretária com respostas escritas. Satisfeita e orgulhosa, cruzou os braços sobre o peito inchado e observou os outros alunos a decifrarem as perguntas.

Com passos longos e silenciosos, o Sr. Cummings aproximou-se do lado de Nell. Estudando as respostas dela [a], franziu o sobrolho e corou. O maxilar endureceu e a boca mexeu-se. «Victoria Helen MacFarlane, espero mais de ti [a]. Onde está o livro de colar?»23

Nell sentiu o coração bater forte e gaguejou: «Que livro? Não tenho livro nenhum.»24

O Sr. Cummings bramou: «Menina. Isto não é trabalho teu. Não tolero batota.»25

Nell choramingou: «Sr. Cummings, senhor, não sei o que aconteceu. A sério. Não sei. Não fiz nada. Não fiz.»26

O Sr. Cummings virou-se e marchou de pernas direitas até à vara pendurada ao lado da secretária. Agarrou a arma e rodopiou. A madeixa oleosa que normalmente lhe [a] colava à calva soltou-se. Brandindo a vara, com o crânio nu a brilhar intensamente e o cabelo a esvoaçar sobre uma orelha,27 o Sr. Cummings avançou para Nell.

Desencadeada pelo ímpeto daquele louco, Nell saltou para a ação. Mais rápido do que o pensamento, agarrou no tinteiro da secretária e atirou-o com toda a força ao atacante. O Sr. Cummings viu-o vir, virou-se e baixou-se, mas Nell acertou em cheio. Tinta preta espalhou-se toda pelas costas da camisa branca do professor.

Nell correu — escadas abaixo, pelo átrio, pela entrada, a oeste na Cragard Road, esquerda na Church Street, direita na Main. Ofegante, dobrou-se na esquina da Main com a Bridge Street. Correu até Bridgend, escancarou a porta do Cherry Cottage e gritou: «Mamã!»28

No dia seguinte, o ataque de Nell com o tinteiro ao Sr. Cummings valeu-lhe uma explosão inesperada de popularidade. Um rapaz até escreveu um poema:

Tiger Cummings em fúria,
Como macaco na gaiola.
Quando o tinteiro lhe caiu pelas costas
Parecia um boneco de mola.29

Para Nell, aquele caso da lousa mágica terminara felizmente. Agora, no chique Hotel Bonnington, preparou-se para um teste mais fácil.30

Enquanto o empregado servia as chávenas de café, Loseby enfiou um bloco de papel e um lápis debaixo da toalha à frente de Nell.

Nell pousou a mão direita em cima da toalha. Com a esquerda, segurava o cigarro. Alimentada pela cafeína, a conversa viajou alegremente de tema em tema. Depois o Sr. Loseby bateu no copo de cristal com uma colher de café. O tilintar suave silenciou a conversa e ele [O] perguntou: «Devemos revelar a mensagem?»

Enquanto os que o rodeavam murmuravam concordância, Loseby retirou o papel e leu: «Dois serão condenados e dois ficarão livres.»

Todos partilhavam uma opinião: Nell e o Sr. Homer ficariam livres. Francis Brown e Elizabeth Jones (alias Sra. Homer) colheriam as consequências da tendência para exagerar e cobrar demais.

Nell deu outra passa satisfeita no cigarro.

29
DIA DO JULGAMENTO

FINALMENTE, AS ALEGAÇÕES FINAIS. NA SEXTA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 1944, o Chief Constable Arthur Charles West abriu caminho pelo corredor apinhado fora da Sala n.º 4. West fora feito refém no Old Bailey durante quase quinze dias enquanto este julgamento de bruxaria, um dos mais longos julgamentos criminais da guerra,1 se arrastava e arrastava. Quarenta e nove testemunhas de defesa tinham contado as suas histórias de fantasmas,2 demasiadas delas demasiado bem-educadas, demasiado famosas e de demasiado boa linhagem para gosto do Chief Constable.3 Para ele [O], a horda de adoradores de musselina apenas provava que em tempo de guerra a inteligência racional anda escassa. West só esperava que o júri tivesse bom senso suficiente para considerar Helen Duncan culpada sem sombra de dúvida. Estacionou-se no seu posto já demasiado familiar atrás do Procurador Maude.

Como acontecia todos os dias, todos se levantaram para a grande entrada de Sua Senhoria Sir Gerald Dodson. Uma vez sentado, Sua Senhoria inspecionou as fileiras e fileiras de espetadores. Depois, desviando-se do costume, virou-se para o júri e disse: «Membros do júri, se acharem que algum tipo de demonstração vos pode ajudar, considerarei o assunto.»4

O Chief Constable franziu o sobrolho desaprovadoramente. Loseby sorriu com presas, o sorriso gotejando antecipação. Nos bancos à direita e à esquerda do banco dos réus, os espíritas fiéis juntaram as mãos em expetativa orante. Os jornalistas, comprometidos com o papel de escribas do absurdo, tiraram os blocos e rabiscaram furiosamente.

Evidentemente, os gritos de perseguição religiosa tinham intimidado Sir Gerald,5 e agora estava disposto a transformar o tribunal numa farsa. Os jurados juntaram-se. Durante três minutos tensos, murmuraram. Por fim, o porta-voz anunciou: «A opinião geral, meu Lorde, é "Não".»6

Sua Senhoria respondeu secamente: «Obrigado.»7

As emoções inverteram-se subitamente: o Chief Constable West sorriu e Charles Loseby fez beicinho.

Não podia haver mais demoras. Chegara a hora de o Sr. Loseby da Defesa e o Sr. Maude da Acusação se defrontarem.

As alegações finais começaram pela Defesa. Loseby levantou-se e pousou um maço de papéis no seu púlpito. Mais sermão do que argumento legal, o tom febril de Loseby subia e descia; a atenção do Chief Constable West crescia e esmorecia. Finalmente, em aparente culminação, a voz de Loseby atingiu um crescendo crepitante:8 «Essa é a essência do meu caso: através da Sra. Duncan, Deus mostra-Se de maneira inesperada, em ambientes humildes.»9

Mas Loseby não descansou nessa altura reverencial por mais de um fôlego. Em vez disso, mergulhou direto na lama. «A Sra. Duncan», explicou com condescendência e preconceito, «é escocesa, com sotaque escocês, uma escocesa astuta, propensa a ter uma visão muito escocesa das coisas que, embora possa estar totalmente errada, cobrou uma taxa e abriu-se a acusações de fraude por qualquer intrometido ou qualquer pateta.»10

O Advogado de Defesa fez uma pausa para se regozijar num suspiro de pesar, antes de se recompor para difamar os três clientes restantes. «O Sr. e a Sra. Homer são incompetentes e tolos», disse. «A Sra. Homer é uma pessoa que se exibe em espetáculos; fala de ectoplasma de maneiras que soam ridículas. Mas a Sra. Homer não está acusada de dizer coisas tolas; se estivesse, eu [O] teria declarado culpa imediatamente. A Sra. Brown está a inflacionar a Sra. Duncan. Se a Sra. Brown se tivesse ocupado dos seus assuntos, teria sido muito bom, mas não o fez. Contudo, a Sra. Brown não está acusada de ser demasiado faladora; se estivesse, eu [O] teria declarado culpa imediatamente.»11

Rodando a cabeça para conceder um olhar evocador de simpatia a Sua Senhoria, Loseby viu o juiz bater com os dedos longos impacientemente. Com rara autocrítica, Loseby observou: «Talvez esteja a bater num cavalo morto.»12

Um momento depois, a Defesa descansou.

O Procurador Maude ergueu-se fatigadamente, abanou a cabeça como se acordasse de um torpor e retomou a pose característica. Mãos nas ancas, inclinou-se para o júri13 e disse-lhes: «Se é este o tipo de coisa para que estamos a caminhar, está na hora de nos recompormos e exercermos um pouco de bom senso.»14

A brevidade de Maude foi genial. Um juiz e júri gratos retiraram-se para um petisco e uma chávena de chá forte.15

Naquela tarde, Sua Senhoria fez o resumo e deu as instruções finais.

«Agora, membros do júri, estas quatro pessoas estão acusadas de fingir, através da atuação da acusada Sra. Duncan, que espíritos de pessoas falecidas apareciam e comunicavam. Isso é uma espécie de conjuração, um ato ilícito, tornado ilícito por uma Lei do Parlamento. É dever da Acusação provar sem sombra de dúvida a veracidade dessa acusação. Vocês são os juízes dos factos neste caso.»16

Sua Senhoria pôs ambas as mãos no banco, sinalizando a intenção de se levantar, mas o Sr. Loseby exclamou: «Posso perguntar a Vossa Senhoria se Vossa Senhoria acharia correto lembrar ao júri que eu [O] ofereci a Sra. Duncan apenas para contra-interrogatório.»17

Paciência gasta até ao osso e sem recordar qualquer oferta dessas, Sir Gerald articulou a resposta com clareza depreciativa: «A Sra. Duncan não foi chamada. O senhor [O] não a chamou. Eu [O] não o impedi de a chamar, Sr. Loseby.»18

O júri retirou-se para deliberar.19

O Chief Constable West viu o júri sair e o seu controlo sobre Helen Duncan evaporar-se. A Sala n.º 4 esvaziou, mas os espetadores mais dedicados ficaram ao alcance do ouvido do chamado do escrivão. Os adoradores de fantasmas otimistas alinharam-se no corredor estreito fora do tribunal. Encostados ao azulejo bege frio, zumbiam alegremente, certos da absolvição. Outros retiraram-se para os bancos sujos da sala de espera sombria. Lá uma multidão reuniu-se à volta do Sr. Duncan e da filha Nan. A rapariga esguia, menos esperançosa do que os acólitos da mãe, soluçava: «A minha mãe é uma mulher doente. Se a prenderem, ela [A] morre.»20

O tempo passava lentamente.

O Chief Constable West estudou o mostrador do relógio de pulso: 16h55, a última sexta-feira de março.21 A qualquer momento, os londrinos, ansiosos por um último fim de semana na costa, encheriam os comboios rumo a Portsmouth.22 Na semana seguinte, a proibição de viagens entraria em vigor e a cidade de West ficaria finalmente vedada a estranhos.23

Subitamente o chamado ecoou.24 O júri regressara.25

Todos correram a reclamar os lugares.

Os jurados passaram pela Sra. Duncan,26 que continuou no papel de diva confiante: olhos negros a brilhar, cabeça atirada para trás, ombros direitos, lábios franzidos beatificamente.27

O escrivão do tribunal fez a pergunta preliminar. «Membros do júri, chegaram a acordo quanto ao veredito?»28

O porta-voz do júri respondeu: «Sim, senhor.»29

O escrivão fez a pergunta pivotal. «Consideram a prisioneira Helen Duncan culpada ou não culpada de conspiração para contrariar a Lei da Bruxaria?»30

«Culpada, senhor.»31

A efervescente Sra. Brown levou as mãos à cara e explodiu num floreado de: «Não. Não. Não.»32

Os outros réus ficaram imobilizados.33

30
UM LAPSO DE LÍNGUA

A FASE DA SENTENÇA CHEGARA. O CHIEF CONSTABLE WEST cruzou o olhar com o Procurador Maude. Só estes dois homens compreendiam plenamente: a condenação fora preliminares; o clímax estava ainda por vir. Pelo bem da velha e alegre Inglaterra, Helen Duncan, a santa da musselina juntamente com o seu alter ego de língua solta, tinha de ser atirada para uma masmorra e amordaçada até Hitler gritar «Tio». Não podia haver medidas de coração mole: nada de multas ou sentenças suspensas, nada de palmadas no pulso ou liberdade condicional. Qualquer coisa menos de nove meses em Holloway e todo este jogo de bruxas e fantasmas teria sido em vão.1

Com passos longos e seguros, West abandonou o posto, atravessou o tribunal e subiu ao banco das testemunhas.2 De uniforme de gala, de pé acima da refrega, concentrou-se em terminar a missão.

O Procurador Maude pediu a West que se apresentasse. «Qual é o seu nome completo.»3

«Arthur Charles West, Chief Constable, Portsmouth»,4 disse com dignidade. Todos na sala reconheceram a importância do cargo dele [O].

Maude emitiu então um convite aberto ao seu parceiro clandestino. «Conte a meu Lorde o que sabe sobre os prisioneiros.»5

West estudou os quatro criminosos no banco dos réus, todos de pé em fila. Três — o Sr. Homer, o velho palhaço dominado pela mulher; a Sra. Homer, a faladora e gorda vigarista;6 e a Sra. Brown, a tagarela aspirante a conjuradora7 — encolhiam-se de medo e contrição.8 Não a Sra. Duncan. A deusa bamboleante dos duendes comportava-se com confiança distante,9 como se a providência lhe [a] tivesse assegurado a liberdade.10

Com a articulação pensativa de um homem que subira acima da sua condição, West fez a avaliação: «O Sr. Homer tem bom caráter; não sei nada contra ele [O].»11

«E a Sra. Homer?»12 perguntou Maude.

«O nome correto da Sra. Homer é Elizabeth Anne Jones. Casou aos dezanove anos e tem uma filha, Christine. Durante a última guerra fez digressões pela França, entretendo tropas.»13

«Agora conte-me sobre a Sra. Brown»,14 interveio Sua Senhoria.

«Em 1929, a Sra. Brown foi acusada de furto na Selfridges; cumpriu dez semanas de prisão. Nesse mesmo ano, foi acusada de furto em lojas em Sunderland e sentenciada a três meses de prisão. Tem andado pelo país com a Sra. Duncan a atuar como agente e apontadora.»15

Sir Gerald rabiscou uma nota rápida e espreitou por cima dos óculos para o banco dos réus. «Sra. Duncan»,16 disse secamente, indicando a ré principal.

Endireitando o corpo e endurecendo o tom, West relatou: «Meu Lorde, o nome da ré é Victoria Helen Duncan. Nasceu a 25 de novembro de 1898, em Callander, Perthshire, Escócia. Foi educada na escola pública de Callander. Casou com Edward Henry Duncan, que aparentemente não trabalha mas viaja com a ré. Tem seis filhos.»

Tendo despachado rapidamente esses pormenores lamentavelmente simpáticos, o Chief Constable lançou-se na parte menos apelativa do retrato ensaiado. «A Sra. Duncan tem sido uma pretensa espírita durante muitos anos e é bem conhecida como tal. Passa muito tempo a viajar pelo país para cumprir compromissos como médium. Nem a Sra. Duncan nem o marido pagam imposto sobre o rendimento. Foi condenada no Tribunal do Xerife de Edimburgo por fraude a 11 de maio de 1933, quando usou blasfémia. Disse: "Abro-te os miolos, sua cabra desgraçada."»17

À menção da boca suja dela [a], Helen Duncan abanou o punho e explodiu: «Nunca fiz tal! Nunca ouvi tantas mentiras em toda a minha vida!»18

Os olhos de West brilharam levemente, deleitado por ter acionado com tanto sucesso o pavio da Sra. Duncan.

Sua Senhoria bateu com o martelo e comentou friamente: «Pelo barulho que a Sra. Duncan está agora a fazer, deduzo que contesta o que foi dito. Não adianta muito ela [A] emitir ruídos agora.»19

Ordem restaurada, o Chief Constable resumiu a avaliação da megera volátil. «Não consigo encontrar qualquer traço redentor no caráter dela [a].»20

Do nada, Sua Senhoria interveio: «Exceto que não teve problemas desde então.»21

Pouco acostumado a tal impertinência, nem mesmo de um homem vestido com peruca até aos ombros e robes de seda, West ladrava: «Não, isso não é verdade.»22

Silenciado, Sua Senhoria ergueu as sobrancelhas grisalhas duvidosamente e esperou por uma explicação.

West não teve dificuldade em endireitar Sir Gerald.

«A Sra. Duncan tem tido problemas. Este é um caso em que ela [A] tentou e conseguiu enganar crentes confirmados no Espiritismo. Enganou, defraudou e explorou mentes de uma certa secção crédula do público que, em luto e dor, foi a reuniões em busca de consolo. Muitos saíram com a firme convicção de que a memória dos mortos fora maculada. Achou por bem vir a Portsmouth, o primeiro porto naval do mundo, onde encontraria muitas famílias enlutadas, e aí praticar a sua vigarice.»23

As palavras do Chief Constable pararam por completo; contara a história dos pecados sem coração da Sra. Duncan e contara-a bem.

Sua Senhoria gracejou: «A Sra. Duncan pode ter sido convidada para lá pelos Homers.»24

«Possivelmente», sibilou West lentamente, tentando conter a impaciência. Mas apesar daquela respiração longa, a irritação escapou. O Chief Constable lançou punhais a Sua Senhoria e rosnou: «Posso terminar isto, meu Lorde?»25

«Sim»,26 provocou Sua Senhoria, e havia um brilho malicioso no olho do juiz, como um delinquente juvenil que se deleita em provocar um polícia. Sir Gerald Dodson não estava a considerar este assunto com a seriedade devida. Este juiz, com o seu respeito ingénuo pelas liberdades civis e a tolerância por malucos religiosos, estava prestes a impor uma

multa de dez libras e mandar a Sra. Duncan de volta ao circuito das sessões.

West viu o escrito na parede e deixou escapar a verdade. «Em 1941, a Sra. Duncan infringiu as leis de segurança.»27 Depois fulminou Sir Gerald Dodson com o olhar, inspecionando o rosto do juiz para ver se a mensagem registara. Teria Dodson realmente pensado que aquela ridícula charada de sete dias fora sobre bruxaria?

Sua Senhoria recuperou a compostura e não disse nada.

Enquanto um silêncio ostensivo descia sobre a Sala n.º 4, o Chief Constable avistou o tenente Worth. Os olhos de Stan piscaram involuntariamente. Leis de segurança. Isso não encaixava no que Stan estivera a pensar. Stan realmente acreditara que o Ministério do Interior e o Gabinete do Ministério Público tinham dado a todo aquele trabalho para processar a rechonchuda Sra. Duncan por brincar ao fantasminha com um lençol.28

West fixou agora o olhar na Sra. Duncan. Pânico e confusão fizeram-na [a] fazer uma careta.

Mantendo o ar de mestre de tarefas severo, o Chief Constable West reconcentrou toda a atenção em Sua Senhoria. Era a oportunidade de West para apagar qualquer último vestígio de insubordinação. Nesse momento crucial, o Chief Constable mediu as palavras e proferiu-as para efeito máximo. «Num contexto naval, a Sra. Duncan previu a perda de um dos navios de Sua Majestade muito antes de o facto ser tornado público.»29

O choque que deixou a galeria muda deu imediatamente lugar a um zumbido de vozes sussurrantes por todo o tribunal. O segredo cuidadosamente guardado de West (Albert poderia ser musselina, mas a Sra. Duncan tinha o infeliz dom de obter e distribuir com precisão informações classificadas) escapara, e escapara pelos lábios do próprio Chief Constable. West quis sugar a verdade de volta. Tentando apagar o lapso, dirigiu-se à galeria e, numa voz tão alta como um sino a tocar, declarou: «Esta mulher é uma vigarista sem remédio que só pode ser considerada uma praga.»30

Sua Senhoria nem concordou nem discordou; anunciou secamente: «Considerarei qual é o procedimento correto a adotar aqui. Tratarei do assunto na segunda-feira de manhã.»31

31
DOIS FICARÃO LIVRES

NA SEGUNDA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1944, NELL ENTROU NA SALA N.º 4 pela última vez. Apesar da estada de fim de semana na Prisão de Holloway,1 a sua aparência era das mais régias. Cabeça erguida, o chapéu de domingo na cabeça, o casaco de pele drapejado sobre os ombros, desfilou entre os bancos, abrindo caminho pelo poço do tribunal para enfrentar Sua Senhoria. Os seus três acólitos — Ernest Homer, Elizabeth Homer e Francis Brown — arrastaram-se atrás dela [a], cabeças baixas. Não era a procissão habitual dos culpados,2 mas antes uma beatificação.3 Pelo seu martírio, Nell estava prestes a ser coroada Santa Helena do Espiritismo. Sorriu santimoniosamente aos devotos reunidos à direita e à esquerda. Mulheres atiraram os braços à volta dela [a], beijaram-lhe [a] as faces e as mãos e choraram por ela [a].4

Os verdadeiros crentes murmuraram em coro: «Deus te abençoe, Sra. Duncan. Deus te abençoe.»5

Outros sussurraram: «Onde está o marido dela?»

«Voltou para Edimburgo.»

«Pobre querida Sra. Duncan. Pobre querida.»

«Sozinha no dia do acerto de contas.»

«Os ratos abandonam sempre o navio que afunda.»6

Nell, contudo, não julgava Henry tão duramente. O marido não tinha estofo para suportar a desonra. O veredito de culpa fora demais para ele [O]. Esta aparição final era mera formalidade. Nell acreditava na profecia do Hotel Bonnington: dois ficarão livres.7 Aguardava com expetativa deixar o Old Bailey dentro de uma hora e regressar à família no comboio seguinte. Tinha pena da pobre Sra. Homer, a amante secreta, e da Sra. Brown, a ladra vulgar;8 estavam prestes a ser encarceradas. A régia Nell fitou diretamente nos olhos de Sir Gerald Dodson do outro lado do tribunal.

O rosto alongado de Sua Senhoria alongou-se ainda mais enquanto devolvia o olhar a Nell. Finalmente, dirigiu-se aos réus.

«Helen Duncan, Ernest Homer, Elizabeth Jones e Francis Brown foram condenados por fingir evocar espíritos de pessoas falecidas de forma visível e tangível. Há muitas pessoas, especialmente em tempo de guerra, à procura de entes queridos. Há grande perigo de as suas suscetibilidades serem exploradas, por desejo de consolo e certeza. Há, infelizmente, quem

esteja pronto a lucrar com isso. Muitas destas pessoas que procuram consolo são confiantes por natureza e de parcos meios. A lei procura proteger essas pessoas contra si próprias. Considerei com grande ansiedade o caminho a seguir e cheguei à conclusão de que a Sra. Duncan tirou o máximo proveito disto. A sentença do Tribunal sobre ela [A] é que seja encarcerada por nove meses.»9

Essas palavras foram tão inesperadas que Nell não captou imediatamente o significado. Suspiros horrorizados espalharam-se pela sala. Um momento depois, Nell gemeu, depois gritou, depois soluçou e depois os olhos reviraram-se-lhe [a] enquanto desabava no chão. O chapéu voou-lhe [a] da cabeça. O casaco de pele abriu-se.10 Nell, um monte de seda às pintas,11 jazia desmaiada.12

Enquanto os outros réus e guardas se ajoelhavam para a reanimar, o Sr. Loseby pôs-se de pé de um salto e implorou: «Vossa Senhoria, permitiria Vossa Senhoria que eu [O] apresentasse um pedido de Certificado de Apelo?»13

Sem esforço para disfarçar o cansaço, Sir Gerald suspirou: «Sr. Loseby, o senhor [O] já disse tudo o que podia dizer. Não consigo ver que este caso mereça um Apelo.»14

PARTE III
RESOLUÇÕES

32
LÍNGUAS SOLTAS

A SATISFAÇÃO CORRIA PELAS VEIAS DO CHIEF CONSTABLE. SUA SENHORIA Sir Gerald Dodson fizera exatamente o que West pretendera. Claro que a causa fora ajudada pela atuação de diva da Sra. Duncan. Quem se empoleira em pedestais assegura a própria queda. Quanto ao resto da desventurada trupe dela [a], receberam o que mereciam. A Sra. Francis Brown, a tagarela charlatã em formação, foi sentenciada a quatro meses de prisão. O Sr. Homer e a "mulher" dele [O], devidamente cabisbaixos, exibiram contrição suficiente para escapar ao carcereiro.1

Enquanto os dois réus se registavam como residentes oficiais da Prisão de Holloway e os outros dois saíam livres, o Chief Constable Arthur Charles West voltou a toda a velocidade para Portsmouth, uma cidade a preparar-se para fecho total. Dois dias antes, entrara em vigor uma proibição de viagens a todas as zonas costeiras do norte de Edimburgo ao oeste de Portsmouth.2 Da sua secretária de mogno, West concentrou-se agora em dar dentes às restrições. Dentro da semana, supervisionou a emissão de cartões de identidade a todos os residentes.

Os homens dele [O] patrulhavam estações de comboio e estradas, verificando todos os potenciais visitantes.3 Durante o mês seguinte, arame farpado cercou a cidade e regulamentos de segurança penderam como uma corda ao pescoço dos potenciais infratores.4 A meio de maio de 1944, o Quartel-General da Polícia de Portsmouth, a ostentosamente ornamentada Byculla House,5 fervilhava com a atividade de vigilância constante,6 enquanto mansões eduardianas vizinhas permaneciam vazias.7 Quem não tivesse estatuto de guerra fora evacuado de Southsea. Alguns hoteleiros foram obrigados a ficar.8

Ao fim do mês, o bairro acordou de novo. Um fluxo furtivo de homens fardados, americanos e britânicos, infiltrou-se pelos postos de controlo em Southsea, uma fortaleza improvável repleta de elegância balnear. Soldados rasos e altas patentes ocuparam hotéis forrados a veludo e propriedades rodeadas de jardins. Soldados de capacete marchavam, armas na mão, pelos bulevares ao longo do Clarence Pier, Southsea

Common e South Parade Pier. Na praia e ao longo do paredão, embarcações de desembarque aliadas praticavam os ataques.

O Chief Constable West deveria ter insistido que Malcolm e Ursula, os encantadores netos de uma respeitabilíssima dona de hotel, abandonassem a zona. Mas Arthur não tivera coração para os mandar embora. Em vez disso, revogou-lhes [a] o acesso ao mundo fora de Southsea. Malcolm e Ursula já não iam à escola. Tinham trabalho mais importante: as crianças reforçavam a moral das tropas. Todos os dias, os dois malandrecos caminhavam uns quarteirões e observavam os jogos de guerra. Os pequeninos saudavam os homens, aplaudiam as vitórias simuladas e misturavam-se na cantina militar. Nenhum discurso motivacional poderia ter dado àqueles soldados mais vontade de lutar.

Em junho, os exercícios na praia pararam. Os soldados desenrolaram arame farpado ao longo do paredão e plantaram minas terrestres na areia. Embarcações de transporte tão apertadas no porto de Portsmouth que uma criança poderia saltar de convés em convés. Curiosa, Ursula trepou pelos espirais de arame farpado para ver melhor. Rasgando o vestido, gritou. Ao som da voz dela [a], fuzileiros rodearam-na [a], gritando: «Não te mexas.» Ela [A] imobilizou-se e um jovem corajoso libertou-a de um campo de minas.

O Chief Constable West ouviu a história com alívio, mas o final feliz apenas aliviou a ansiedade por um momento. Os navios no porto e as tropas nos hotéis tornavam Southsea um alvo privilegiado para a Luftwaffe. Encontrava algum consolo no conhecimento secreto de que, do ar, o estuário do Tamisa — uma zona de preparação mais previsível, com Patton, o mais feroz dos generais aliados, no comando — parecia ainda mais uma zona de preparação do que Portsmouth. Claro que aqueles tanques e navios eram feitos de contraplacado e moldados em cimento.

Um item acima de todos roía o Chief Constable: o pavilhão no South Pier estava repleto de todo o tipo de munições imagináveis. Um único impacto direto de um piloto alemão aventureiro e aquele inferno faria o ataque a Guildhall parecer uma fogueira de escuteiros.9

West ouviu a bomba cair. Pelo som, o incendiário atingira o bairro. Esperou por uma segunda explosão, mais desastrosa. Passaram cinco minutos silenciosos antes de respirar de alívio. Depois correu para o local do bombardeamento. Quando chegou, o coração afundou-se-lhe [a]. O hotel onde a pequena Ursula e o irmão Malcolm viviam fora reduzido a

uma montanha de escombros. Os bombeiros deitavam água nas chamas e os homens dele [O] gritavam acima do rugido do fogo: «As crianças, a avó e a família estão soterradas lá dentro.»

A notícia do destino das crianças espalhou-se mais rápido do que o fogo. Em minutos, tropas com pás desceram ao local. Toda a noite, hordas de soldados cavaram. De manhã, a equipa de salvamento espontânea encontrou a família viva e libertou-a para viver mais um dia.10 A bênção da sobrevivência só aumentou a preocupação do Chief Constable. A família de Arthur Charles West — a mulher, Ida, e o filho, Michael — vivia em Southsea.11

Dois meses e dois dias depois de Helen Duncan ser atirada para a prisão, Arthur West tomou uma decisão invulgar. Tirou tempo do trabalho para passar por casa ao fim da tarde12 para o chá. A 5 de junho de 1944, o Chief Constable quis demorar-se na companhia da mulher gentil e reconfortante.13

Os limpa-pára-brisas do carro-patrulha clicavam para cá e para lá como um relógio a tiquetaquear.14 Ao parar junto ao passeio em frente ao cottage, avistou a mota do tenente Stan Worth no pavimento e o Airedale do jovem oficial à porta. Saiu do carro e deu uma palmadinha afetuosa na cabeleira do cão. Não era o dia perfeito para um giro por Portsmouth e passar pelos amigos. Mas a chuva amainara um pouco,15 e Stan Worth não tinha forma de saber.

Ida saudou o marido com um beijo e cintilou ao falar. «O Stan Worth passou por cá. Fiquei tão contente por vê-lo [o] que o convidei para o chá. Podes ficar?»16

O Chief Constable sentiu alguma ambivalência quanto à situação. Gostava imenso da companhia de Stan Worth, mas desejava a atenção total da mulher. Claro que todos desejavam a atenção total de Ida, e ela [A] dava-a livremente. A mulher de West era a mãe agradavelmente rechonchuda e bondosa que todos os soldados e marinheiros queriam abraçar antes de partir de casa.17 Arthur seguiu Ida para a sala de jantar. Sanduíches de pepino e fatias de bolo doce estavam dispostas num prato no meio da mesa.

Ida pôs três chávenas, pratos, colheres de chá e guardanapos. Ao fundo, a chaleira apitou. O Chief Constable estendeu a mão e o tenente apertou-a com força. Ida voltou com o bule, pousou-o e cobriu-o com a

capa.18 Apertando a mão do Chief Constable, transbordou: «Arthur, que bom que estás em casa.»

Quando os três se sentaram, Ida virou-se para Stan e explicou: «O Arthur anda tão ocupado nestes dias. Quase não o vejo.»

Stan sorriu com a intimidade de Ida; pouquíssimas pessoas em Portsmouth chamavam o Chief Constable pelo primeiro nome.19

Eventualmente, a conversa chegou ao julgamento sensacional que tivera lugar dois meses antes. Já nostálgico pela vitória no Old Bailey, West entusiasmou-se: «Ida, devias ter visto o Stan no banco das testemunhas. Brilhante. O Stan aqui fez picadinho da Defesa.»

«O Loseby é um palerma caolho. A Sra. Homer fala bem, e o Sr. Homer é só um velho pateta.» Stan deu a sua avaliação brusca e seguiu com uma história. «Na primeira reunião espírita a que fui, Elizabeth Homer estava a tagarelar sobre os fantasmas. De repente para e fita o Sr. Homer. Diz: "Oooo. Olhem todos. O Sr. Homer entrou em transe." Então todos se concentram no Sr. Homer. O marido meloso fica ali sentado como um pedaço de chumbo e murmura: "Eu não sou o Sr. Homer. O meu nome é Abdul." Alguém pergunta: "Abdul, tens uma mensagem do mundo dos espíritos?" O Sr. Homer — desculpem, quero dizer "Abdul" — geme: "Tenho uma mensagem, mas não vos vou dizer qual é."»20

Arthur riu-se, Ida deu risadinhas.

«Na verdade, Helen Duncan tinha mesmo capacidade para entrar em transe», concedeu Stan. Mas depois corrigiu rapidamente o deslize. «Pelo menos, parecia que estava em transe.»21

«Essa história ainda não acabou», voluntariou o Chief Constable com uma careta. «O Supremo Tribunal aceitou ouvir um recurso da sentença dela [a].»

Stan, surpreendido, respondeu: «O Supremo Tribunal? Nos Royal Courts of Justice? Inacreditável! Quando?»

«Daqui a dois dias», respondeu West sem revelar a sua avaliação secreta: demasiado cedo.22

O tema mudou. Os três falaram disto e daquilo até a conversa se fixar no filho de dezasseis anos dos West, Michael.

De passagem, Ida mencionou: «A propósito, o Michael vai andar de bicicleta ao longo da costa até Southampton amanhã.»

Num instante, os olhos de West flamejaram com autoridade ditatorial. Numa voz de aço, ripostou: «Não vai nada. O Michael não vai a lado nenhum amanhã.»

O tom do Chief Constable fez Stan Worth arrepiar dos pés à cabeça. Desculpou-se, saltou para a mota e desapareceu.

West deixara cair uma pista e Stan Worth tornara-se cúmplice do segredo mais precioso da Segunda Guerra Mundial. Stan foi para o apartamento, trancou-se no quarto e não respirou uma palavra. Amanhã era o Dia D.23

De volta ao serviço na Byculla House, West espreitou para a escuridão. Nenhuma estrela cintilava através da garoa da noite imóvel. Sem aviso, um ruído ensurdecedor quebrou a calma, enquanto centenas de bombardeiros britânicos e americanos enchiam os céus. A batalha começara.24

Pela manhã, quando o céu negro clareou para cinzento,25 o Chief Constable West caminhou ao longo do Clarence Pier. Lá soldados retiravam munições do pavilhão e carregavam-nas em barcaças. Três figuras, uma mulher com duas crianças, estavam na praia. A pequena Ursula viera com o primo e a tia para acenar adeus aos amigos. Enquanto os soldados passavam pelas crianças, alguns romperam fileiras e abraçaram-nas. Nenhum oficial teve coração para lhes [a] negar um último abraço infantil. Outros jovens meteram dinheiro nas mãos das crianças. Libras não valiam nada para onde iam.

Toda a culpa do Chief Constable por permitir que aquela menina e aquele rapaz ficassem em Southsea se dissipou.26

À luz do dia, não restavam navios nem barcaças no porto de Portsmouth. A Invasão da Normandia, a maior expedição marítima da história, fora lançada sem um único contratempo.27

Sozinho no solário da Byculla House, com vista para o lago de lótus, o Chief Constable Arthur Charles West deu um leve ronco. Quantos civis sabiam a data e local exatos do Dia D? Pouquíssimos. Sem dúvida, o respeito do tenente Stan Worth pelo Chief Constable atingira a estratosfera.28

33
O SUPREMO TRIBUNAL

A 8 DE JUNHO DE 1944, O SOL NASCEU NUM DIA CHEIO DE PROMESSA. Dois milhões de tropas aliadas inundavam a França. A queda do Führer parecia iminente.1

E Nell tinha uma audiência nos Royal Courts of Justice.2 Encurralada no fundo de uma carrinha prisional abafada,3 apalpava os dois lenços no bolso do vestido.4 Um reservava-o para lágrimas; esperava que as lágrimas de hoje fossem de alívio. O outro precisava agora; tirou-o e secou o suor da testa.

Hoje, mais de dois meses após o encarceramento, o Supremo Tribunal ouviria um recurso da condenação dela [a].5

A carrinha parou, depois sacolejou sobre paralelos por menos de meio minuto antes de imobilizar-se completamente. As portas abriram-se de par em par. Com guardas prisionais a pressioná-la [a] de ambos os lados, Nell desceu para lajes de pedra. Olhando para trás, fitou através da grade de ferro forjado de um portão aferrolhado e viu peões a correr para Fleet Street. Este pátio — o Bell Courtyard, um recinto de tijolo, betão e granito — estava reservado para a chegada de prisioneiros e guardas.6

Espicaçada pelos guardas, Nell arrastou-se para uma porta de cave manchada e entrou nas celas de detenção dos Royal Courts of Justice. Ninguém a saudou. Após um momento solitário que cheirava a eternidade, um guarda apontou para um arco estreito e ordenou-lhe [a] que caminhasse. Sem entusiasmo, Nell avançou palmo a palmo.

Para lá do gracioso arco, as paredes de uma escada comprimiam Nell. Centenas de anos e milhares de criminosos tinham gasto os degraus de pedra e deixado o corrimão de madeira coberto de sujidade.7 Coração aos saltos, Nell chegou ao cimo deste passagem assombrada e recuperou o fôlego atrás de cortinas pesadas, não muito diferentes das de um Gabinete Espírita. Um carcereiro, atuando como cortesão, puxou a cortina e fez sinal para Nell passar. Avançando, o corpo dela [a] forçou o luxuoso veludo a abrir-se.8

Ali estava Helen Duncan, exposta no Tribunal do Chief Justice, cortinas escarlates nas costas e grades de ferro, elegantemente forjadas, a encerrá-la [a]. A luz jorrava de um teto de painéis de vidro sobre fileiras de bancos de madeira dura. À direita dela [a], três Juízes do Supremo Tribunal

— empetucados, de óculos e de toga — empoleiravam-se em tronos de costas direitas:9 no centro, o Lord Chief Justice Viscount Caldecote, o supremo jurista da Grã-Bretanha, flanqueado pelo Sr. Justice Oliver e pelo Sr. Justice Birkett.10 Este tribunal cheirava a poder inatacável e os joelhos de Nell tremiam. Misericordiosamente, permitiram-lhe [a] sentar-se.11

O martelo soou e, sem pausa cerimonial, começaram os argumentos.

O Advogado de Defesa Charles Loseby pôs-se ao púlpito e enfrentou os Juízes. À direita e à esquerda dele [O], pilhas de textos legais estavam prontas. No Tribunal de Apelo, estes volumes encadernados em pele de bezerro serviam de testemunhas. Aqui não havia pessoas, com opiniões surpreendentes e passados ocultos, sujeitas a interrogatório. Apenas a palavra impressa, constante e previsível, seria examinada.12

Loseby passara dois meses na biblioteca jurídica dos Inns of Court. Desenterrara manuscritos em pergaminho que datavam dos reinados de Henrique VIII e da Rainha Isabel. Colocara marcadores e fizera anotações nas passagens relevantes. Tomara as refeições no refeitório e dormira nos seus aposentos. Dia após dia, noite após noite, voltara às estantes poeirentas e desenterrara joias legais. Com estes argumentos irrefutáveis como munição, planeava fazer história no mundo da jurisprudência.13

Loseby pigarreou e leu os seus Fundamentos de Apelo cuidadosamente elaborados: «A acusação sob a Lei da Bruxaria de 1735 deve ser anulada. Sir Gerald Dodson, o Recorder do Old Bailey, dirigiu erradamente o júri. O Recorder exibiu preconceito ao longo de todo o processo. O veredito do júri foi irrazoável e perverso. O julgamento foi insatisfatório e houve um erro judiciário.»14

Loseby esticou o pescoço, projetou o queixo e fulminou com o olhar o honorável adversário do outro lado do corredor, o King's Counsel John Maude.

Maude, recostado junto às próprias pilhas de volumes de couro gasto, sorriu de volta, olhos cintilando com um brilho enlouquecedor.15

O Lord Chief Justice Caldecote, um querubim envelhecido,16 estudou os papéis à sua frente e leu numa voz abafada: «Secção 4 da Lei da Bruxaria de 1735: aprovada para prevenir e punir mais eficazmente qualquer pretensão de usar qualquer tipo de bruxaria, feitiçaria, encantamento ou conjuração pela qual pessoas ignorantes são frequentemente enganadas e defraudadas.» Depois, recostando-se na cadeira, o Chief Justice afagou o queixo rechonchudo e refletiu:

«Conjuração. Conjuração. A acusação contra a Sra. Duncan e os três associados dela [a] era que fingiram exercer uma espécie de conjuração. Sr. Loseby, o que acha que significa a palavra conjuração?»17

Loseby animou-se com esta linha de inquirição e respondeu: «A Lei da Bruxaria de 1735 revogou um estatuto aprovado em 1603. Sob o reinado do Rei Jaime I, o Parlamento aprovara uma lei intitulada An Act against Conjuration, Witchcraft and Dealing with Evil and Wicked Spirits.» Loseby fez uma pausa para efeito e marcou o ponto: «A Lei da Bruxaria de 1735 atualizou uma lei contra o comércio com espíritos maus e perversos. Espíritos maus e perversos. Conjuração refere-se a invocar as forças do mal. A Sra. Duncan foi erradamente condenada por comércio com o Diabo.»18

Nell soluçou alto e trombetou no lenço. «Comércio com o Diabo»: era exatamente do que a mãe a acusara,19 exatamente pelo que o pregador e os aldeões a amaldiçoaram.20

O Dr. Todd devia ter sido um dos primeiros homens em Callander a ter um carro sem cavalos. Deus sabe que um médico de paróquia precisava de carro. Toda aquela correria de casa em casa e para o campo para salvar os doentes. Mesmo que fosse um luxo, o Dr. Todd merecia um pouco de luxo na vida.21

Nessa altura Nell terminara a escola, era quase mulher e não queria ser profetisa. Sonhava com amor e casamento — descer o corredor da Igreja Presbiteriana, instalar-se num cottage rodeada pelos irmãos e irmãs casados e dar à luz bebés bonitos. Nell guardava as visitas fantasmagóricas para si e conquistava a aprovação da mãe.22

Mas com o inverno veio uma tentação grande demais para ignorar. Nell nunca tivera uma premonição como a do Dr. Todd. Não queria vê-la. Não queria saber, mas a visão viera ter com ela [a]. Nell não tinha escolha; tinha de contar.23

Puxando o casaco de lã bem apertado ao corpo, Nell subiu a colina contra o vento.24 Uma vez em terreno plano, moveu-se mais depressa, resolvida a fazer o correto. No consultório do Dr. Todd, respirando fundo, hesitando não mais que um instante, bateu à porta dele [O].

O Dr. Todd entreabriu-a um pouco, olhou nos olhos castanhos preocupados de Nell e perguntou: «Nell, que se passa? É a tua mãe ou o teu pai? Um dos teus irmãos ou irmãs? Venho já.»

Sem esperar resposta, virou-se e agarrou a mala preta de couro, pronto a seguir Nell de volta ao Cherry Cottage25 e cuidar de um MacFarlane doente.

Nell abanou a cabeça de um lado para o outro. «Não. Não. A minha família está toda bem.»

O médico parou, virou-se para ela [A], deixou cair os ombros e sorriu. «Então entra. Entra, sai do frio. Não estejas tão abatida. Nellie, o que posso fazer por ti [a]?»

O bom doutor não fazia ideia. Nenhuma. Como poderia ela [A] contar-lhe [a]? Tinha simplesmente de soltar. «Não pode ir de carro hoje. Tem de ficar aqui.»

Os olhos do bom doutor adotaram um brilho trocista e ele [O] gracejou: «Nellie MacFarlane, és uma criatura estranha, és.»

Nell implorou: «Ouça-me [a], por favor. Se for de carro para Strathyre, sofrerá um destino terrível.»

Por um instante, quase rápido demais para captar, o rosto do Dr. Todd tornou-se sério. Talvez não fosse medo; talvez fosse confusão. De uma forma ou de outra, deixou escapar: «Como raio soubeste que ia fazer uma viagem a Strathyre, menina?»

Nell encolheu os ombros.

Tarde da noite, a neve que caía não suavizava o som do vento que uivava. Debaixo dos cobertores, Nell lutava por adormecer os medos. Uma pancada frenética ecoou pelo Cherry Cottage e o som de botas de homens entrou em casa. Nell esforçou-se por ouvir. Uma voz masculina preocupada disse ao pai dela [a]: «O Dr. Todd está desaparecido.»

De camisa de noite de linho, Nell saiu a correr da cama, irrompeu na sala e deixou escapar: «Vão encontrá-lo através da floresta, na curva junto ao Loch Lubnaig, enterrado num monte de neve.»26

A mãe fulminou Nell com o olhar, mas os amigos do pai levaram Nell a sério; Nell tinha reputação.

Homens a cavalo com tochas reuniram-se na esquina de Bridgend com Main Street. Enfrentando a tempestade que chicoteava, o grupo de busca começou a lenta marcha rumo ao Pass of Leny. Aproximando-se do Loch Lubnaig, esforçaram-se por ver através da neve que rodopiava. Sem dúvida, os salvadores teriam passado ao lado do carro do Dr. Todd se não fosse pelas indicações de Nell. Os homens cavaram furiosamente. Forçando

a porta do carro, tiraram o corpo congelado do médico. O Dr. Todd estava morto.

A partir daquele dia, toda Callander batizou aquela curva na estrada entre Callander e Strathyre de «Doctor's Corner».27

Ao domingo, todo o clã MacFarlane — Isabella, Archie e os oito filhos — alinhou-se no seu banco. Do púlpito, o pastor fixou os olhos em Nell e proferiu uma repreensão pública: «Nellie MacFarlane anda a conluiar-se com o Diabo, caindo num buraco sem Deus onde entidades malignas esperam para a possuir.»28

Nell do Inferno — foi assim que Johnnie Drummond, o carteiro; Robert McLaren, o talhante; Willie Henderson, o ferreiro; e todo o povo temente a Deus de Callander a batizaram.29

Quase vinte e cinco anos tinham passado desde que a mãe dela [a] batera com a porta do Cherry Cottage e a exilara para sempre.30

Enquanto Nell tentava sufocar os soluços,31 o Sr. Loseby disse ao Chief Justice: «A Lei da Bruxaria de 1735 nunca pretendeu punir aqueles dotados de poderes psíquicos.»32

Perplexo, o Chief Justice Caldecote exigiu: «Poderes psíquicos, o que raio significa isso?»33

O defensor de Nell pousou pacientemente o maço de notas e tentou responder. «Os dotados comunicam com entidades virtuosas.»

«Quem define o que é virtuoso e o que é malevolente?» interveio o Justice Birkett com outra pergunta.

«Qual é a natureza do bem e do mal?»34 ecoou o Justice Oliver.

«São estas perguntas para o Tribunal de Recurso?» perguntou-se em voz alta um incrédulo Justice Birkett.

Respirando fundo, o Sr. Loseby tentou responder. «Os espíritas definem os psíquicos como…»

Como se tivesse uma epifania súbita, Sua Senhoria o Chief Justice bramou: «"Psíquico" vem do grego. "Espírita" vem do latim.»35

As cabeças dos três Juízes do Supremo Tribunal balançaram em concordância autossatisfeita.

O Justice Oliver perguntou-se: «Não seria útil discernir a diferença legal entre conjuração e bruxaria.»36

Essa sugestão fez o Sr. Loseby folhear freneticamente as páginas quebradiças dos volumes empilhados à frente dele [O].37

O King's Counsel Maude, irritantemente competente, sugeriu que um moço de recados corresse à biblioteca jurídica e voltasse com algum dicionário antiquado ou similar. Os Juízes acharam ótima opção e concordaram em retomar a questão quando fosse introduzida uma definição autorizada.

O Lord Chief Justice continuou a escrutinar a redação exata da Lei da Bruxaria de 1735. «Fingir», murmurou. Depois, mais assertivamente, gritou: «O que significa "fingir"?»38

O King's Counsel Maude refletiu: «Um gato, um coelho e um papagaio materializaram-se na sessão de Portsmouth, mas não acho que membros do reino animal sejam capazes de prestar testemunho.»

Risadinhas infantis explodiram dos jornalistas na galeria.

Maude esperou que as gargalhadas cessassem antes de acrescentar: «Desculpem. O que estava eu a dizer? O papagaio talvez conseguisse falar sobre tais assuntos.»39

Ignorando o gracejo, o Chief Justice Caldecote perguntou em voz alta: «O que raio significa "materialização"?»40

Ao responder a esta pergunta, o Sr. Loseby pisava terreno sólido. Nenhum barrister em toda a Grã-Bretanha compreendia melhor as complexidades da ciência psíquica do que Charles Loseby. Após explicar a natureza etérea do ectoplasma, lembrou aos Juízes que nem um lençol nem qualquer outro meio de vigarice fora descoberto nas sessões de Portsmouth. Lamentou a falha do Recorder em enfatizar a falta de provas materiais e colocou o dilema essencial: «Como poderia a Sra. Duncan simular uma criança? Como poderia falar línguas estrangeiras e dialetos? Como poderia produzir as semelhanças de parentes e amigos falecidos?»41

O moço de recados voltou a correr para o tribunal com um volume amarrotado de pergaminho. Curvando-se, abriu-o à frente dos Juízes. Os três árbitros legais leram e sussurraram entre si.

As cabeças dos funcionários do tribunal balançavam em sono e, ao coro sonoro deles [Os], a negociação legal continuou.

Após longa discussão, o Chief Justice Caldecote anunciou orgulhosamente as conclusões dos juízes. «Descobrimos a diferença entre conjuração e bruxaria. Conjuração significa usar o nome de Deus para invocar o Diabo e depois empregar o Diabo para fazer a sua vontade. Bruxaria é um pacto estabelecido com o Diabo pelo qual a bruxa obtém

favores em troca de algum preço ímpio. Claramente as bruxas dependem de encantamentos.»

O Sr. Loseby não encontrou motivo para discutir; em vez disso, fervia: «O Recorder exibiu preconceito ao longo de todo o processo.»42

O Lord Chief Justice tirou os óculos, inclinou-se para a frente, fulminou o Sr. Loseby com o olhar e falou gélido: «Está a acusar o Recorder de Londres de motivo torcido? Afirma que Sir Gerald Dodson é enviesado e preconceituoso?»43

«Não!» Loseby quase gritou. Não pretendera impugnar a ética do Recorder.44

«Deseja retirar a queixa?»45 perguntou o Chief Justice.

Tentando engolir a implicação, o Sr. Loseby explicou: «O erudito Recorder pareceu incapaz de tirar da mente um certo desgosto pelo tema todo. Do princípio ao fim, não colocou uma única pergunta para me [a] ajudar.»46

O Justice Birkett assumiu então a defesa de Sir Gerald Dodson. «Assumindo que o juiz tome a visão de que a credulidade humana não poderia ir mais longe, isso certamente não é preconceito. Tem o juiz de ser melífluo? Se o Recorder estivesse disposto a decidir a seu favor, queixava-se de preconceito, Sr. Loseby?»47

Até o Sr. Loseby teve de rir. «Se o Recorder tivesse sido simpático à minha causa, não estaríamos aqui hoje»,48 admitiu. O Advogado de Defesa enumerou então as queixas: o Recorder insinuara que o Espiritismo era uma religião anticristã sem valor destinada a pessoas ignorantes com fé vacilante; Sua Senhoria Sir Gerald Dodson menosprezara testemunhas de defesa e chamara ao tenente Stan Worth «uma testemunha maravilhosa»; e, o mais grave, Sua Senhoria recusara permitir que a Sra. Duncan materializasse espíritos no tribunal, privando a Sra. Duncan da oportunidade de produzir prova irrefutável da inocência dela [a].

O Justice Birkett ouviu atentamente e depois perguntou: «Poderia o júri ter apalpado o papagaio e o coelho quando se materializassem?»49

Os jornalistas gargalharam.

A voz de Loseby ergueu-se indignada. «Todos os avanços no conhecimento humano foram inicialmente recebidos com cepticismo.»50

Os três juízes concederam o ponto a Loseby e o primeiro dia de Nell nos Royal Courts of Justice chegou ao fim.

No segundo dia, Loseby lembrou aos Juízes os factos: quarenta e quatro testemunhas depuseram em defesa de Helen Duncan e a Acusação não produziu um farrapo de prova incriminatória.

O King's Counsel John Maude relaxou no banco de madeira, disse quase nada e ocasionalmente sorriu como o Gato de Cheshire de Alice.

O Chief Justice Caldecote agradeceu aos eruditos amigos, Loseby e Maude, pelos argumentos. Depois disse a todos os presentes que o Tribunal de Recurso emitiria a decisão onze dias depois, a 19 de junho de 1944.51

Nell nunca mais apareceu no Tribunal do Chief Justice. A 15 de junho de 1944, exatamente uma semana após o recurso dela [a], um tipo inteiramente novo de bomba apareceu acima dos Royal Courts.52

Enquanto os três Juízes do Supremo Tribunal consideravam a sabedoria da Lei da Bruxaria de 1735, ouviram um ribombo distante, reminiscent de uma mota mal afinada. Em momentos, o ruído do motor atingiu um tom ensurdecedor.53 Na Fleet Street, peões olharam para o céu e viram, mesmo acima dos telhados, um avião a voar baixo.54 A silhueta escura brilhava como uma enorme cruz negra cuspindo chamas da traseira. Misteriosamente, o matraquear parou. O avião mergulhou de bico, mas estranhamente não acelerou para a terra.55 O enorme projétil flutuou para baixo sobre os Royal Courts of Justice e desapareceu atrás das torres góticas. A explosão abalou a terra. Fumo subiu dos Inns of the Court.56

Nos dias seguintes, centenas daqueles monstros flamejantes martelaram Londres. Hitler libertara as suas Armas de Vingança, as V-bombs, aviões robóticos movidos a gasolina em chamas. As bombas voadoras atingiam velocidades até 640 km/h. Os narizes estavam cheios de ogivas com uma tonelada de explosivos. Quando os motores se calavam, dirigiam-se à terra. A descida levava quinze segundos.57 As explosões destruíam, matavam e mutilavam.

Aparecendo como insetos zumbidores ominosos, as V-bombs atacavam de dia e de noite. Com o típico understatement, os londrinos passaram a chamar aos mísseis «doodlebugs». Numa semana, os doodlebugs em enxame mataram 765 pessoas, feriram 2697 e destruíram 12 hospitais, 12 escolas e 4 igrejas dentro e ao redor da capital britânica.58

Com os Inns of the Court ainda a fumegar e Londres a preparar-se para mais, o Chief Justice Caldecote não tinha intenção de emitir a decisão sobre bruxaria no esplendor habitual dos Royal Courts. Na segunda-feira,

19 de junho, o Tribunal de Recurso reuniu-se subterraneamente, numa cripta profunda nas entranhas da Capela de Lincoln's Inn.59

Encurralada num banco de madeira com guardas prisionais a pressioná-la [a], Nell esperou. Jornalistas acotovelavam-se por lugares.60 Os três Chief Justices, teimosamente trajados com robes de seda e perucas de crina de cavalo, levantaram poeira ao pisar o chão de cimento.61

O Lord Chief Justice Caldecote leu o julgamento do Tribunal a velocidade dupla. Mesmo com esse ritmo acelerado, levou bons vinte minutos a chegar ao soco:62 «Nove meses de prisão não foi de forma alguma excessivo.»63

Acabou. Os guardas ergueram Nell de pé.64

34
LIBERDADE NA DECEPÇÃO

RELEGADA PARA UMA CELA NA ENFERMARIA DA PRISÃO,1 NELL LANGUIA num catre, fitando vazia através de uma janela gradeada para a escuridão. Dezasseis dias após o Chief Justice Caldecote pregar o caixão dela [a],2 toda a luta a abandonara. Nada era bom. Nada era mau. Tudo era sombrio.3

Para lá das muralhas da prisão, Nell registou o agora familiar matraquear de um doodlebug distante. Desta vez o ribombo cresceu gradualmente até um rugido ensurdecedor. Subitamente, silêncio, e nesse silêncio, medo da inevitabilidade desastrosa:4 a terceira e última profecia da mãe finalmente a apanhara: «Serás queimada viva num fogo do inferno.»5

Mobilizada pelo terror, Nell correu para a janela gradeada da cela. O nariz do míssil do tamanho de um avião, carregando uma tonelada de explosivos, apontava para baixo, diretamente à Prisão de Holloway. Em segundos, atingiu o alvo: Bloco de Celas B. Tijolos e telhas voaram pelos ares. Chamas vermelhas, pretas, castanhas e azuis rodopiaram e engoliram, devorando a presa, até que finalmente, com um rugido trovejante, o Bloco de Celas B desabou.6 O chão sob os pés de Nell tremeu e ela [A] correu para um canto da cela. Ali desabou, encolhida à beira do poço flamejante do inferno. As paredes de tijolo aqueceram e ela [A] gritou.7 Fumo e fumos

rastejaram para dentro e rodearam-na [a]. Naquele nevoeiro sufocante veio uma visão da mãe, a rir.8

O destino enganou a profecia da mãe. Nell viveu; nessa vitória, ponderou a infância com curiosidade renovada e ressuscitou uma memória esquecida do riso da mãe.9 Houve um tempo, antes do banimento de Nell, antes do casamento com Henry, antes do espírito de Albert a possuir, em que a mãe se deleitara secretamente com a natureza rebelde de Nell.

Numa noite de verão inquieta de há muito, Nellie jazia na cama, magoada com mais uma repreensão à hora de dormir. «Foste nadar outra vez. Quantas vezes tem a mamã de te [a] castigar? É perigoso e não é coisa de menina bem-educada. Não te [a] consegues controlar? Nunca aprenderás a comportar-te?»

Quando estava prestes a adormecer, Nellie ouviu a mamã rir e a maria-rapaz incorrigível saiu da cama, caminhou na ponta dos pés para a luz do candeeiro e agachou-se no chão junto à porta da cozinha.

A mamã sorvia o chá.

O papá saboreava o uísque escocês e ria-se das travessuras tresloucadas da prole: «"Os Selvagens Slaters". É assim que o povo da aldeia chama aos Archie MacFarlanes,10 mas a nossa pequena Nellie provou o seu valor quando escalou a escola.»11

Do posto de escuta, Nell orgulhou-se do momento vitorioso. Na Escola Primária de Callander, ensinavam-se às crianças o seu lugar.12 Mesmo no recreio, as raparigas brincavam como raparigas e os rapazes como rapazes. Os rapazes chutavam a bola; as raparigas aplaudiam.

Nell ficara sozinha, afastada dos outros. Queria estar no meio da confusão, a cabecear a bola com os melhores rapazes,13 mas a roupa da escola e as regras da escola atrapalhavam-na [a].14 Um rapaz fanfarrão falhara o golo por quilómetros e a bola aterrou no telhado da escola. Nellie não hesitara; trepara pelo lado do edifício,15 com a combinação e as calcinhas à vista sem vergonha.16

Enquanto as mãos e pés subiam seguros e rápidos pela parede de pedra, as mandíbulas dos rapazes briguentos e das raparigas parvas caíram. Nell agarrara a bola e erguera-a bem alto. Lá em cima, acima da multidão admiradora, uma rebelde triunfante de avental e blusa engomada, saboreara o primeiro gosto de adoração pública.17

A mamã deu uma risadinha. «Nellie é MacFarlane de corpo e alma. Não se consegue manter aquela rapariga longe de um telhado ou da água.

Foge às escondidas para nadar. Tenta safar-se, sabem, mas apanho-a sempre. A pequena malandra acha que sou leitora de mentes.»18

O papá riu-se, uma gargalhada de barriga, e a mamã juntou-se.

Àquele coro alegre, Nellie voltara furtivamente para a cama e aninhara-se com as irmãs.19

Naquela recordação, muitos anos após a morte da mãe, o verniz severo caiu da imagem da mãe. Por baixo da fachada, Nell finalmente viu a intenção protetora de uma mãe preocupada. As profecias condenatórias («Serás atirada para uma masmorra, julgada como bruxa e queimada viva num fogo do inferno») não brotavam de um poço de clarividência e ódio, mas do medo de uma mãe pelo destino da filha. Nell criara seis filhos próprios. Agora compreendia aquele impulso maternal.20 Nell fora um diabo de criança.21

Confortada ao recordar que a mãe secretamente gostara das travessuras dela [a], Nell deleitou-se de novo com o fim daquele episódio.

A pequena Nellie MacFarlane ficara encorajada pela confissão risonha da mamã. No dia seguinte, após lavar a louça e alimentar as galinhas, Nellie agarrara no Pate e puxara-o pela porta do cottage. Lançando um olhar rápido para casa, o par correra pela rua lamacenta rumo à ponte. Tudo limpo. Viraram à esquerda e correram para a água. Nell atirara a roupa para um arbusto e mergulhara diretamente no Lena. Nadara livre até Pate gritar: «Basta agora, Nellie. Hora de voltar. Temos de chegar a casa antes que a mãe desconfie.»

Na margem, Nellie correra para o abrigo do arbusto e ordenara a Pate que lhe abotoasse a combinação pelas costas.

Pela primeira vez, Nellie manipulara a roupa ao serviço da decepção. A mamã nunca mais a apanhara a nadar e Nellie orgulhava-se da esperteza.22

Encurralada dentro das muralhas da fortaleza da Prisão de Holloway, Nell recordou aquele deleite secreto e sentiu um ressurgimento de liberdade. Já não permitiria que o medo a paralisasse ou os escrúpulos a enlouquecessem. Em vez disso, encontraria nova alegria na arte da decepção.23

No dia de visitas, Nell atirou uma capa de vampiro de má qualidade por cima do uniforme prisional e seguiu uma guarda prisional.24

«Ali. Senta-te naquela mesa»,25 ordenou a guarda.

Nell sorriu ao obedecer. Nada poderia toldar a expetativa. Jean Beatson visitava regularmente e ministrava as necessidades espirituais de Nell. A porta no fundo da sala abriu-se de par em par e Jean caminhou para Nell carregando o mais lindo ramo de flores. Nell engoliu Jean num abraço grato.26

A guarda avançou. «Já chega de contacto»,27 ripostou.

Jean deu um passo atrás, entregou as flores a Nell e disse: «Espero que tragam alguma alegria.»

Nell estudou cada flor e exclamou: «Nunca fui tão grata por um ramo em todos os meus dias.»28

A guarda voltou ao posto de vigilância.29

Jean pôs Nell a par de todas as notícias da família. Henry estava acamado. Gena fora buscar um subsídio de sobrevivência aos espíritas arrogantes na Harriot Row. A secretária atirara-lhe o dinheiro e troçara: «Não achas que a tua mãe já sustentou o teu pai tempo demais?» Gena correra para a rua a chorar.30 Lilian cuidava das necessidades de Henry.31 As netas, Dawn e Joan, mantinham a família entretida. Nan recuperava de icterícia e febre reumática.32 Nenhum deles sabia realmente como viver sem Nell.

Jean juntou as mãos e Nell fez o mesmo. Jean disse uma pequena oração, pedindo aos espíritos que trouxessem boas notícias e tempos melhores.33

O tempo acabou. Abraçando as flores, Nell seguiu a guarda de volta à cela hospitalar. Com cuidado, de costas para a porta, pousou o ramo numa jarra de água junto à cama.34

Sentada na cama, bebendo o chá da tarde e mastigando uma côdea de pão rançoso, Nell nem pensou se o almoço do dia seguinte seria batatas, legumes ou feijão com carne assada, ou carne cozida, ou guisado irlandês, ou empadão de cottage, ou empadão de pastor.35 Era tudo papa servida de tinas. Em vez disso, pela primeira vez na vida, Nell desejou o consolo que encontrava na solidão.

A noite caiu. As guardas dormitaram na estação de enfermagem.36 Com furtividade silenciosa, Nell remexeu no lindo ramo de Jean. Sentindo a superfície escorregadia de papel brilhante, tirou um maço de cigarros e depois uma caixa de fósforos. Triunfante, Nell conteve o riso.

A prisão estava, com certeza, a reformar Nell. Estava a aprender uma habilidade perdida; estava a aprender a mentir. Livre de vergonha,37 inalou

o sabor mais delicioso da terra, o fumo do tabaco, tornado ainda mais delicioso pelo reconhecimento do seu poder. Nem Harry Price nem o Chief Constable de Portsmouth a apanharam com um farrapo de musselina. Pena que Miss Maule manchara o registo perfeito de Albert. Nell apagou o cigarro e escondeu-o de novo entre as flores. Ainda assim, fitando as grades da janela da cela, Nell não conseguia escapar às consequências da profissão escolhida. Relutantemente, admitiu a sabedoria dos avisos da mãe.

35
LIBERTADA

AO LONGO DE AGOSTO DE 1944, AS BOMBAS VOADORAS REDUZIRAM LONDRES a pedaços. Naquele verão, enquanto Nell residia na Enfermaria da Prisão de Holloway, 2300 V-bombs explodiram dentro e ao redor de Londres, matando 5475 pessoas. Os mortos não eram nada comparados aos feridos; 16 000 ficaram ensanguentados e mutilados. E 25 000 casas foram reduzidas a cinzas.1

Em setembro, Nell já não se confinava à cela da enfermaria. Em vez disso, a seu próprio pedido, arrastava-se frequentemente para a sala de trabalho.2 Lá sentava-se com outras reclusas, remendando lençóis e cerzindo meias3 — e recolhendo as últimas fofocas. A 7 de setembro, o genro de Churchill, Duncan Sandys, começou um rumor reconfortante: «O ataque dos doodlebugs acabou.»4 Nessa noite, Nell deitou-se na cela em alívio abençoado. Na manhã seguinte, às 6h40,5 enquanto se instalava diante do banco de trabalho, soou um duplo trovão.6 Nell prendeu a respiração e todas as paredes de trinta e cinco centímetros de espessura da prisão tremeram.7

Especulações selvagens começaram a circular em sussurros. As bombas-monstro intermináveis e sempre crescentes de Hitler tinham-se transformado em foguetes, coisa de ficção científica.8 O governo referiu-se tacitamente a explosões de condutas de gás, mas ninguém acreditou nessa ficção. As guardas e enfermeiras passaram a chamar ao poderoso ribombo de dois tempos «a conduta de gás voadora».9 Eventualmente, a verdade veio ao de cima: os alemães tinham libertado a arma final, a bomba V-2, um míssil de 13 toneladas que viajava a 4800 km/h.10 O duplo estrondo resultava de quebrar a barreira do som. A explosão deixara uma cratera de

nove metros de largura, obliterara seis casas, matara três pessoas e ferira dezassete,11 tudo ao alcance do ouvido da Prisão de Holloway. Nell queria sair.12

Com o bombardeamento, as profecias protetoras da mãe ecoaram de novo na mente perturbada dela [a]. O que lhe [a] tinham trazido os poderes psíquicos? Insulto, ferimento e desgosto agravados pelo encarceramento. Toda a gente andava a agarrar um pedaço dela [a], rasgando-a [a] em pedaços. Para os espíritas, não era mais que uma mártir conveniente. Para os enlutados, era apenas um veículo para ultrapassar o luto. Para Albert, Peggy, «Rosie» e uma horda de outros espíritos, era um corpo fácil de usar e abusar. Até Henry tinha um pouco de parasita. Chega. Nell tencionava atirar o maldito dom pela janela e deixá-lo queimar no inferno com o resto de Londres.13

Na sexta-feira, 22 de setembro de 1944, Nell enfiou o vestido às pintas pela cabeça e calçou os seus próprios sapatos.14 A sentença de nove meses fora milagrosamente reduzida a seis, presumivelmente por bom comportamento. Vinte e dois quilos mais leve, mais forte e saudável, caminhava mais depressa do que quando entrara na Prisão de Holloway.15 Por uma porta de saída e através do pátio, passou por reclusas de capas e vestidos às riscas.16 Os sapatos de salto alto clicaram no empedrado. Apressou-se pelo portão da fortaleza e as grades da Prisão de Holloway fecharam-se com estrondo atrás dela [a].17 Alguns jornalistas obstinados e espíritas devotos aplaudiram a libertação. Henry, juntamente com as filhas Gena e Nan, correu a cercá-la [a]. Após muitos abraços e lágrimas de alegria, Helen Duncan anunciou a decisão: «Nunca mais trabalharei como médium, nem para ninguém nem para coisa nenhuma.»18

Os espíritas afastaram-se cabisbaixos a lamentar a perda.19 Henry chamou um táxi.20

Levada a grande velocidade e depositada no passeio em frente à Estação de King's Cross, Nell juntou-se a uma pequena multidão que se reunia à volta de um poste de iluminação. Um trabalhador municipal de macacão subiu uma escada e substituiu um globo há muito apagado. A multidão aplaudiu. O Blackout terminara. As luzes noturnas de Londres estavam prestes a brilhar de novo.21 A vitória estava ao virar da esquina.

Em Portsmouth, até o sempre cauteloso Chief Constable Arthur Charles West não tinha objeção à libertação de Helen Duncan. Não caíra nenhuma V-bomb na cidade há mais de dois meses.22 Os rapazes de caça

da Royal Air Force tinham bombardeado as reservas de petróleo restantes do Reich,23 e os esquadrões da Luftwaffe já não tinham combustível suficiente para visitar terror noturno a Portsmouth. O Bomber Command Aliado afundara o último couraçado navegável da Alemanha,24 e toda a possibilidade de tropas nazis porem pé em solo britânico fora erradicada. Sinalizando a confiança, West ordenou que fossem removidas as coberturas escuras dos faróis dos carros-patrulha. Por toda a cidade, cidadãos raspavam tinta preta das janelas.25

Quatro meses antes, na preparação para a Normandia, Eisenhower instalara-se secretamente na Southwick House de Portsmouth.26 A qualquer dia, o Comandante-em-Chefe Aliado tencionava mudar o quartel-general para Versalhes. Desde o Dia D, Hitler perdera um milhão de combatentes na frente ocidental. As Forças Aliadas controlavam agora uma linha ininterrupta do Canal da Mancha à Suíça.27 Com essa zona tampão segura, o governo britânico levantou a proibição de viagens.28

Mais uma vez, comboios horários entravam no porto de Portsmouth. Hordas de visitantes de fim de semana queriam mais do que compensar a diversão perdida; queriam prestar homenagem. O South Pier, o Pavilion e o passeio marcavam o local onde o curso da civilização mudara, onde fora lançada a maior invasão marítima do mundo e assegurada a queda do ditador mais demoníaco da história. Os homens de West acolhiam os compatriotas com orgulho e sem verificar cartões de identidade.29 Enquanto jovens senhoras que trabalhavam na Byculla House jogavam ténis nos courts privados,30 um helicóptero militar americano recém-fabricado pousou nos terrenos. O Chief Constable Arthur Charles West agachou-se sob as hélices giratórias, trepou para a nave semelhante a um inseto e deu uma volta grátis pelo porto de Portsmouth. E o filho, Michael, estava agora livre para andar de bicicleta ao longo da costa até Southampton.31

Dentro da Estação de King's Cross, uma multidão de passageiros insistentes acotovelava Nell, ansiosos por apanhar comboios com destino a Edimburgo. A costa da Escócia estivera interdita todo o tempo em que Nell estivera na prisão. Agora os londrinos ansiavam por visitar parentes negligenciados e passear pelas ruas encantadas da mais bela cidade da Escócia.32

Finalmente em casa, Nell afundou-se numa poltrona estofada. Reconfortada pela resolução de nunca mais praticar como médium, deixou-se levar para um sono bem merecido.

Henry sentou-se aos pés dela [a] e soluçou baixinho.33

Em Pulborough, Harry Price já não estava com uma mão numa Colt automática carregada.34 Em vez disso, roía o cachimbo à Sherlock Holmes35 enquanto lia o último número do Psychic News. A Sra. Duncan anunciara a reforma.36

Price troçou. A médium não era mais capaz de renunciar ao talento do que ele [O] de renunciar à ambição. Secretamente, Price acreditava que ele [O] e a Sra. Duncan partilhavam uma enorme capacidade para mostrar às pessoas o que elas queriam ver. A contragosto, respeitava-a [a] por isso.

Pegando numa caneta de tinta permanente e tirando uma folha de papel de carta, Price escreveu uma nota à sua antiga protegida, a ruiva Sra. Molly Goldney: «Há uma última certeza; a Sra. Duncan voltará ao seu velho jogo.»37

EPÍLOGO

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL TERMINOU COM VITÓRIA ALIADA E OCORREU uma transformação milagrosa: Helen Duncan transformou-se numa alegre velhinha, transbordando da sabedoria confiante e generosidade de uma sobrevivente triunfante.1

Os dois filhos regressaram da batalha: Harry, ansioso por seguir com a vida, e Peter, emocionalmente marcado por um ataque kamikaze.2 Reunida, a família Duncan alargada — filhos adultos, genros, noras e netos — encheu o cottage de Nell. Entre as explosões de riso alegre, Nell encontrou a voz. Sem intrusões do tio Albert, aconselhou a prole a viver uma vida responsável, ouvir a orientação interior,3 não falar em raiva, dar livremente,4 e acima de tudo, perdoar sem reservas.5

No rescaldo da guerra, vizinhos bateram à porta de Nell, implorando alguma comunicação reconfortante do além-túmulo. A dor deles [Os] despertou a piedade de Nell e derreteu a resolução dela [a]. Acolheu os enlutados em casa e entregou saudações pessoais dos entes queridos falecidos. Os crentes saíam com uma mensagem tranquilizadora: a morte é apenas uma breve separação entre dois mundos.6

Nell via necessitados por todo o lado e queria abrir a casa, o coração e a carteira aos menos afortunados.7 Quanto mais Nell queria dar, mais enfrentava os factos: Henry não ia ganhar o pão de cada dia da família e certamente não ia fornecer uma côdea extra para alimentar os pobres.8

Quando chegaram convites de Edimburgo e Glasgow, Nell concordou voltar ao Gabinete e dar a Albert um pouco de tempo nos holofotes.9 Agora mais respeitador da dona, Albert serviu as necessidades de Nell. Quando ela [A] pôs os olhos numa imponente casa de pedra castanha na Rankeilor Street, pôde comprá-la.10

Enquanto Henry mudava a coleção de literatura espírita para a biblioteca com molduras de carvalho, Nell abriu a porta recém-polidas a um sortido heterogéneo de sobreviventes amantes da diversão.11

Vagabundos sem abrigo marcavam o degrau de Nell com giz como sinal de mão aberta.12 Um fluxo constante de esfarrapados, cheirando a álcool, pisava a linda rua de empedrado, certos de um esmola. Vizinhos esnobes torciam o nariz enquanto Nell gostava de emitir um lembrete cristão: «Lá vou eu, não fosse a graça de Deus…»13

Um dia, Nell deparou-se com uma adolescente grávida, sozinha e rejeitada pela família. Recordando o próprio apuro semelhante, levou a rapariga para Rankeilor Street. Lá, rodeada de amor sem julgamentos, a jovem tornou-se mãe. Quando a rapariga afortunada — bebé ao colo — conseguiu reconciliar-se com os pais, Nell fez amizade com outra órfã.14

No dia de mercado, Nell ergueu os olhos dos produtos e viu uma visão triste: uma rapariga esfarrapada desfigurada por tinha, o cabelo a cair. Nell levou a criança para casa para o chá. Quatro anos e muitos tratamentos hospitalares depois, Maggie saiu da casa de Rankeilor com uma peruca bem penteada na cabeça e outra na caixa de chapéu.15

Em 1948, Harry Price regozijava-se. A previsão dele [O] provara-se verdadeira: Helen Duncan voltara ao velho jogo. Só que agora a cobaia tinha juízo suficiente para ficar na Escócia e atuar para audiências pequenas onde a credulidade irrestrita abundava. Finalmente, as audiências de Price ultrapassaram as da Sra. Duncan. Com as vendas da autobiografia criativa, Search for Truth, e dos livros assustadoramente divertidos Most Haunted House a atingir a estratosfera, o público clamava por vê-lo [o]. Formavam-se filas à porta de salas de palestras e audiências só de pé aplaudiam as apresentações dele [O].16

Na tarde de 27 de março de 1948,17 ainda movido por entusiasmo inabalável por fama e royalties crescentes,18 Price retirou-se para o escritório no rés do chão19 e refletiu sobre o próximo manuscrito, um terceiro livro sobre os fantasmas vivos de Borley.20 Ao erguer a caneta, a respiração encurtou-se-lhe [a] e o peito apertou-se.21

Quando Price não apareceu para o chá,22 a esposa matronal foi ao escritório nas traseiras da casa. De pé junto à relíquia mais preciosa do marido, o Sino de Borley da casa mais assombrada de Inglaterra, a Sra. Price bateu à porta semelhante a um compartimento.23 Quando ele [O] não respondeu, empurrou a entrada e entrou na ponta dos pés. Lá encontrou o corpo dele [O], desabado ao pé da secretária.24

No dia seguinte, Constance Knight Price, a herdeira de perfumaria que indulgiara e apoiara financeiramente os devaneios do marido na investigação psíquica,25 comunicara a morte dele [O] aos media apropriados.26

Em 1951, outra notícia libertadora chegou à casa dos Duncan. O Parlamento revogou a Lei da Bruxaria de 1735 e substituiu-a por uma legislação moderna, a Lei dos Médiuns Fraudulentos.27

Livre do espectro de acusações de bruxaria e certa de que Harry Price nunca mais a poderia atormentar, Nell voltou a pôr o «Espectáculo do Albert» na estrada.28 Decidida a desfrutar da vida e tirar o máximo proveito do dom, viajava com um brilho no olho,29 um frasco no bolso,30 e uma filosofia áspera nos lábios: «Tenho de morrer um dia de alguma coisa.»31 A família e os discípulos concordavam: Helen Duncan brilhava; iluminava a sala com sol nascido da serenidade.32

Os detratores faziam uma pergunta mais condenatória — «Minha senhora, os seus espíritos são uísque, gin ou rum?»33 Com uma gargalhada sonora, Helen brindava ao engenho deles [Os] e dispensava as acusações.

No domingo, 16 de novembro de 1952, o Chief Constable Arthur Charles West presidiu a uma cerimónia solene. Não escoltou a Rainha Mãe nem Winston Churchill a este evento; a cidade já não atraía tal atenção oficial. Em vez disso, West pôs-se na opulenta sala de baile da Byculla House, ladeado por homens de estatuto local.34 Atrás dele [O], três janelas de vitral do chão ao teto brilhavam com a luz suave de um outono inglês. À frente dele [O], os homens e as famílias sentavam-se em fileiras de cadeiras de madeira. Outros cidadãos leais de Portsmouth reuniam-se à volta das balaustradas esculpidas do mezanino, olhando para baixo para os

procedimentos. O teto de painéis de vidro banhava a sala majestosa em luminosidade pálida.35 Aqui estava uma esquadra de polícia digna de honrar os homens que morreram na guerra. Enquanto o Chief Constable West desvelava uma placa de madeira gravada com os nomes dos agentes da polícia de Portsmouth que morreram na Primeira e Segunda Guerra Mundial, as vozes suaves do Coro da Polícia encheram o salão com um hino reconfortante:

Vi um novo céu e uma nova terra…

Vi a cidade santa a descer de Deus…

Vi os mortos, pequenos e grandes, de pé diante de Deus.

E Deus enxugará todas as lágrimas…

e não haverá mais morte.36

A 26 de outubro de 1956, Nell estava nua enquanto três mulheres a vestiam com a túnica preta de sessão, calcinhas e ténis. Arrastou-se para o lugar atrás da cortina e reconfortou-se com as palavras do Salmo 23: «Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum.» Finalmente contente com a vocação, o espírito ergueu-se e Albert apareceu.

Luzes piscaram. Homens gritaram: «Polícia. Isto é uma rusga.»

Nell caiu da cadeira, entrou em suor e perdeu os sentidos.37

Levada para casa na Rankeilor Street, Nell arrastou-se para o quarto no primeiro andar e apoiou-se na coluna da cama. Gena, a filha mais nova, desatou o espartilho da mãe e afrouxou o sutiã. Nell gritou. Os estigmas espíritas, três marcas de queimadura do tamanho de pires, zangadas e inflamadas, estavam gravadas nos seios e abdómen dela [a].

O médico correu para a cabeceira mas não conseguiu dar explicação médica. Henry perguntou: «Poderá tudo isto ter sido auto-infligido?»38

Seis semanas depois, enquanto Nell jazia a morrer, um aroma de rosas inundou o quarto. Acolhendo uma visão, suspirou: «É a minha mãe.» Abrindo os olhos, disse aos filhos: «Por favor, todos vocês, perdoem.»

Depois, após sussurrar «Amo-vos» às filhas, Nell largou mágoas inconfessas e fez um último pedido. «Cuidem do vosso pai por mim.»39

NOTAS

Passaram anos desde que desenterrei a nota de Winston Churchill naquele ficheiro carimbado FECHADO ATÉ 2046. A Grã-Bretanha afrouxou as leis de segurança e mais documentos foram desclassificados. Em Inglaterra, publicaram-se outros livros sobre Helen Duncan, um de Mary Armour, médium com laços próximos com a sobrinha de Helen Duncan, e outro de Malcolm Gaskill, historiador com interesse particular em bruxaria.

Continuei a investigar, seguindo novas pistas. Ao juntar os pedaços de informação sempre acumulados, emergiu o enredo e subenredo de uma história não contada. O enredo: um conto cautelar de um julgamento de bruxaria oficialmente documentado, por vezes cómico, e de uma mulher arrastada por eventos históricos, visada e elevada à proeminência pela paranoia de guerra. O subenredo: um drama pessoal ricamente cronificado de traição, rivalidade e perdão.

Como narrador, recorri a transcrições literais, relatos de testemunhas oculares, entrevistas, arquivos, visitas a locais, jornais contemporâneos e livros para construir cenas e apresentar personagens. Cada cena comunica informação factual específica no contexto de rotinas, comportamentos, pensamentos, conversas e opiniões típicas, rigorosamente documentadas. Explicações capítulo a capítulo e notas finais são fornecidas para tornar transparente este processo de construção de cenas aos leitores interessados.

Notas Passaram anos desde que desenterrei a nota de Winston Churchill naquele ficheiro carimbado FECHADO ATÉ 2046. A Grã-Bretanha afrouxou as leis de segurança e mais documentos foram desclassificados. Em Inglaterra, publicaram-se outros livros sobre Helen Duncan, um de Mary Armour, médium com laços próximos com a sobrinha de Helen Duncan, e outro de Malcolm Gaskill, historiador com interesse particular em bruxaria.

Continuei a investigar, seguindo novas pistas. Ao juntar os pedaços de informação sempre acumulados, emergiu o enredo e o subenredo de uma história não contada. O enredo: um conto cautelar de um julgamento de bruxaria oficialmente documentado, por vezes cómico, e de uma mulher arrastada por eventos históricos, visada e elevada à proeminência pela paranoia de guerra. O subenredo: um drama pessoal ricamente cronificado de traição, rivalidade e perdão. Como narrador, recorri a transcrições

literais, relatos de testemunhas oculares, entrevistas, arquivos, visitas a locais, jornais contemporâneos e livros para construir cenas e apresentar personagens. Cada cena comunica informação factual específica no contexto de rotinas, comportamentos, pensamentos, conversas e opiniões típicas, rigorosamente documentadas. Explicações capítulo a capítulo e notas finais são fornecidas para tornar transparente este processo de construção de cenas aos leitores interessados.

Prólogo

1. Imperial War Museum, The War Cabinet Rooms (Londres: Imperial War Museum Publication, 1996), 29.
2. «Bombs Start London Fires», Daily Herald, 25 de março de 1944.
3. «Government Defeated on Equal Pay», Daily Express, 29 de março de 1944.
4. World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 502.
5. «2,000 Ton Blitz Hits Nuremberg», Evening News (Portsmouth), 29 de março de 1944; «600 Bombers Warn Berlin, 'We're Coming'», Daily Herald, 23 de março de 1944; «Air War Gigantic—4 German Cities Ablaze», Sunday Pictorial, 26 de março de 1944.
6. World War II: Day by Day, 502–506.
7. «Longest Raid in a Year», Daily Express, 25 de março de 1944; «Bombs Start London Fires», Daily Herald, 25 de março de 1944.
8. «Special Cabinet Summoned: One Vote Defeat for Government on Equal Pay», Daily Herald, 29 de março de 1944; «Premier Challenges Equal Pay Rebels», Evening News (Portsmouth), 29 de março de 1944; «Prime Minister Issues Ultimatum—Rose to Cheers from House of Commons», Daily Herald, 30 de março de 1944; «Reversal of Equal Pay: MP's Cancel Vote», Daily Herald, 31 de março de 1944; «MP's Queue to Vote for Churchill, Undid Equal Pay», Daily Express, 31 de março de 1944.
9. Michael Howard, British Intelligence in the Second World War, vol. 5 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 112.
10. Ibid., 115–116.

11. Ibid., 123–124.

12. The War Cabinet Rooms, 29.

13. «Medium Weeps and Shouts at Verdict», New Chronicle, 1 de abril de 1944; «Witchcraft Act Offences», Times, 1 de abril de 1944; «Police Revelations Do Not Shake Followers», News of the World, 30 de março de 1944; «Medium Defied Handcuffs and Sashcord», New Chronicle, 30 de março de 1944; «"All Lies" Cries Medium», Daily Express, 1 de abril de 1944.

14. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 102.

15. Winston Churchill, carta ao Ministro do Interior, 3 de abril de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

16. Ibid.

17. Ibid.

18. «Weekend Edition with Scott Simon», National Public Radio, Washington, D.C., 31 de janeiro de 1998.

19. Ibid.

20. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945).

21. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985).

22. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996).

23. Barbanell, The Case of Helen Duncan.

24. Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931).

25. Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson and Company, 1967).

26. Winston Churchill, carta ao Ministro do Interior, 3 de abril de 1944, HO 144/22172.

Capítulo 1 Este capítulo retrata cenas formativas da infância de Helen Duncan. Vignettes de biógrafos anteriores são enriquecidas com pormenores cénicos da minha visita à aldeia natal dela [a], Callander, e com perspetivas obtidas através de entrevistas pessoais e correspondência com os habitantes da vila.

1. Dorothy Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999; Sr. e Sra. J. K. Dunn, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 18 de dezembro de 1999; Sr. e Sra. Harvey MacNaughton, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 19 de dezembro de 1999.

2. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 15–16; «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998.

3. Visita ao local, Callander, Escócia, 17–19 de dezembro de 1999.

4. Dorothy Mahoney, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 18 de dezembro de 1999.

5. Ibid.

6. A. M. Campbell, Let's See Callander and the Trossachs (Fort William, 1951).

7. David Ross, The Story of Rob Roy (New Lanark: Corbie, 1998), 20–28.

8. Dorothy Mahoney, carta à autora, 2 de novembro de 1999.

9. Brealey, Two Worlds, 15. A citação é típica da personalidade da jovem Nell.

10. Harvey Duncan, diário contemporâneo descrevendo Callander e os seus habitantes no início dos anos 1900, coleção privada de Harvey MacNaughton, Callander, Escócia.

11. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 33–34.

12. Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999.

13. Mahoney, carta à autora, 2 de novembro de 1999.

14. Duncan, diário descrevendo Callander.

15. Anónimo, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 18 de dezembro de 1999.

16. Brealey, Two Worlds, 17; Mahoney, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

17. Fotografia, Bridgend no início dos anos 1900, coleção privada de Harvey MacNaughton, Callander, Escócia.

18. Gaskill, Hellish Nell, 32–33.

19. Anónimo, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 19 de dezembro de 1999.

20. Fotografia de infância de Helen Duncan, People's Journal, sem data. As minhas impressões nesta parte da vignette derivam desta fotografia.

21. Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999. O diálogo é típico de Callander.

22. Brealey, Two Worlds, 15; Victoria Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 7 de outubro–16 de dezembro de 1933; Gaskill, Hellish Nell, 17 (fotografia de infância).

23. Anónimo, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999.

24. Brealey, Two Worlds, 15–16.

25. «Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, 13 de agosto de 1998; Gaskill, Hellish Nell, 35.

26. Brealey, Two Worlds, 15–16; «Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

Capítulo 2 Esta cena assume que a sessão a que Marion Gray assistiu no verão de 1940 seguia a rotina típica das sessões de Helen Duncan conforme as fontes abaixo.

1. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 48, 60, 84; Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 79.

2. «The Hex Files», Daily Mail, 6 de dezembro de 1997, fotografia; Brealey, Two Worlds, 30; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 40.

3. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 151; «Witch Hunt», entrevista com Margaret Pratt, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

4. Price, The Duncan Mediumship, 79–80; Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), 136.

5. Brealey, Two Worlds, 60.

6. Cassirer, Medium on Trial, 151; «Witch Hunt», entrevista com Margaret Pratt, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

7. Price, The Duncan Mediumship, 11; «Witch Hunt», entrevista com Margaret Pratt, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

8. Brealey, Two Worlds, 32–60; Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 23–38; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 58–69.

9. Price, The Duncan Mediumship, 13; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 39–41; «Witch Hunt», entrevista com Margaret Pratt, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

10. Brealey, Two Worlds, 22–26.

11. Price, The Duncan Mediumship, 11–83; Brealey, Two Worlds, 55–9; Gaskill, Hellish Nell, 124–146.

12. Crossley, The Story of Helen Duncan, 57; «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998.

13. Cassirer, Medium on Trial, 151; Gaskill, Hellish Nell, 186–187.

14. Brealey, Two Worlds, 70, 74–75, 85; Cassirer, Medium on Trial, 16, 38, 222; Gaskill, Hellish Nell, 113.

15. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 39; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

16. Crossley, The Story of Helen Duncan, 57; Cassirer, Medium on Trial, 126; Gaskill, Hellish Nell, 257.

17. Brealey, Two Worlds, 50–51; Cassirer, Medium on Trial, 18; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 119.

18. Cassirer, Medium on Trial, 57; Gaskill, Hellish Nell, 81.

19. Brealey, Two Worlds, 86–88; Gaskill, Hellish Nell, 168, 176.

20. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 151.

21. Brealey, Two Worlds, 86–88; Gaskill, Hellish Nell, 175–176.

22. Brealey, Two Worlds, 30–32; Crossley, The Story of Helen Duncan, 57; Gaskill, Hellish Nell, 80–81; «Last Witch»,

entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998.

23. Brealey, Two Worlds, 50; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581.

24. Brealey, Two Worlds, 30–32; Crossley, The Story of Helen Duncan, 57; Gaskill, Hellish Nell, 80–81; «Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998.

25. Cassirer, Medium on Trial, 18, 163.

26. Chris Isaak, «South of the Border».

27. «Materialization Medium», The Scotsman, 5 de maio de 1933.

28. Cassirer, Medium on Trial, 16, 38, 222.; Crossley, The Story of Helen Duncan, 57; «Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998.

29. Chris Isaak, «South of the Border».

30. Cassirer, Medium on Trial, 223; Gaskill, Hellish Nell, 253.

31. Brealey, Two Worlds, 32; Victoria Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 7 de outubro de 1933; Gaskill, Hellish Nell, 78.

32. Brealey, Two Worlds, 34, 39, 60.

33. Gaskill, Hellish Nell, 120–121.

34. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581.

35. Cassirer, Medium on Trial, 151; Gaskill, Hellish Nell, 186–87.

36. Cassirer, Medium on Trial, 62.

37. Crossley, The Story of Helen Duncan, 57–63; Cassirer, Medium on Trial, 121–141. Estas fontes confirmam o elogio tipicamente alto às sessões de Helen Duncan, aqui apresentado como diálogo.

38. Price, The Duncan Mediumship, 9–65; Crossley, The Story of Helen Duncan, 63; Cassirer, Medium on Trial, 160–167.

39. Crossley, The Story of Helen Duncan, 57–63; Cassirer, Medium on Trial, 121–141.

40. Brealey, Two Worlds, 87; Gaskill, Hellish Nell, 174–176.

41. Brealey, Two Worlds, 89.

42. Brealey, Two Worlds, 86; Cassirer, Medium on Trial, 224.

Capítulo 3 Este capítulo apresenta Harry Price, investigador de fenómenos psíquicos e atormentador de longa data de Helen Duncan. Price, a personalidade dele [O], as relações e o primeiro encontro com a médium são retratados para refletir a autobiografia dele [O], Search for Truth, juntamente com outras fontes abaixo.

1. Harry Price, Search for Truth (Londres: Collins, 1942), 111.

2. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 39–40; Trevor Hall, The Search for Harry Price (Londres: Duckworth, 1978), 1, 11; Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), 1–19.

3. Price, Search for Truth, 163.

4. Ibid., 111–163.

5. Cassirer, Medium on Trial, 40; Tabori, Harry Price, 65–75.

6. Price, Search for Truth, 180–182; Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 79–103; Tabori, Harry Price, 134–140.

7. Cassirer, Medium on Trial, 151; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 126–127.

8. Price, Duncan Mediumship, i.

9. Tabori, Harry Price, 76.

10. Hall, The Search for Harry Price, 22, fotografias; Tabori, Harry Price, 3–4.

11. Marion Gray, carta a Harry Price, em Cassirer, Medium on Trial, 151; Gaskill, Hellish Nell, 126–127.

12. Ibid.

13. Hall, The Search for Harry Price, fotografia.

14. Cassirer, Medium on Trial, 39–48; Price, Search for Truth, 180–182; Price, Duncan Mediumship. Estas fontes dão prova da obsessão de Price.

15. Visita ao local, 16 Queensbury Street, Londres, ainda existente como College of Psychic Studies.

16. Cassirer, Medium on Trial, 40; Tabori, Harry Price, 65–75.

17. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 57–58; Cassirer, Medium on Trial, 40. A filha de Helen Duncan relata o primeiro encontro da mãe com Harry Price do ponto de vista dela [a]; Cassirer cita Price sobre o assunto. Aqui assumo o ponto de vista de Harry Price neste evento.

18. Fotografia de Helen e Henry, College of Psychic Studies Archive, Londres, Inglaterra.

19. Logan Lewis-Proudlock, entrevista pessoal, 7 de abril de 2005. Tipicamente, Miss Phillimore recebia médiuns celebridades.

20. Cassirer, Medium on Trial, 40; Hall, The Search for Harry Price, 65–76. A atitude de Miss Phillimore para com Price baseia-se nestas fontes.

21. Brealey, Two Worlds, 57–58; Price, Duncan Mediumship, 13, 79–80. A atitude de Henry Duncan para com Price é evidente ao longo da denúncia de Price.

22. Hall, The Search for Harry Price, 65–75.

23. Brealey, Two Worlds, 57–58.

24. Cassirer, Medium on Trial, 40; Gaskill, Hellish Nell, 126; Tabori, Harry Price, 134.

25. Tabori, Harry Price, 63–74.

26. Kevin Jones, Conan Doyle and the Spirits (Wellingborough, Inglaterra: Aquarian, 1998), Apêndice.

27. Cassirer, Medium on Trial, 42.

28. Tabori, Harry Price, 63–74. A minha impressão baseia-se na animosidade relatada.

29. Cassirer, Medium on Trial, 40; The Light, 28 de abril de 1931.

30. Brealey, Two Worlds, 57–58; «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, 13 de agosto de 1998. Concluo, pelos eventos subsequentes, que Price pretendia tirar partido da submissão de Helen Duncan ao marido.

31. Cassirer, Medium on Trial, 45.

32. Gaskill, Hellish Nell, 126; Price, Duncan Mediumship, 13.

33. Hall, The Search for Harry Price, 3–13, 18; Tabori, Harry Price, 2–4.

34. Hall, The Search for Harry Price, 2, 188–208; Tabori, Harry Price, 2–4.

35. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 58.

36. Hugh Dowding, Many Mansions (Londres: Rider & Co., 1943); Gaskill, Hellish Nell, 175; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 149.

37. Arthur West, carta a E. G. Robey, 15 de fevereiro de 1944, DPP 2/1204. A minha suposição baseia-se nesta fonte e no envolvimento subsequente de Price.

Capítulo 4 Este capítulo apresenta as preocupações de segurança partilhadas pelo Chief Constable West e a Inteligência Militar sobre revelações feitas durante as sessões de Helen Duncan. Em 1941, tal reunião seria típica de briefings regulares entre o chefe da aplicação da lei em Portsmouth e um dos doze Oficiais de Ligação Regionais, homens de classe alta recrutados pelo pedigree. O cenário e a informação comunicada na cena baseiam-se nas fontes seguintes.

1. Paul Jenkins, Battle Over Portsmouth (Midhurst, Inglaterra: Middleton, 1998), 23–40.

2. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 15; Terry Swetnam, entrevista pessoal, Portsmouth, Inglaterra, 3 de novembro de 1999.

3. Terry Swetnam, carta à autora, «Arthur Charles West, registo de serviço», 16 de fevereiro de 2000.

4. Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999.

5. «Chief Constables: Arthur West», History of British Transportation Police, disponível em www.btp.co.uk; Jim Cramer, conversa com a autora, maio de 2005; John Mainwaring, entrevista pessoal, 13 de abril de 2005; Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000; «The Last Witch in England», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998. A minha impressão do Chief Constable Arthur West baseia-se nestas fontes.

6. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 40.

7. Hampshire Constabulary Historical Society, «Transport», disponível em www.hants.gov.uk; Nick Walker, Those Were The Days: British Police Cars (Londres: Velco, 2001), fotografia.

8. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 5–13.

9. World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 101.

10. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 41–42, fotografias.

11. Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999; Stanley Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. Baseado nestas entrevistas, retrato o âmbito da responsabilidade do Chief Constable.

12. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 64.

13. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

14. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 39–67.

15. World War II: Day by Day, 123.

16. Ibid., 132.

17. Ibid., 140.

18. Ibid., 145.

19. Ibid., 107.

20. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

21. «Portsmouth Guildhall», disponível em www.portsmouth-guide.co.uk.

22. «LD. Mayor at Palace», Evening News (Portsmouth), 10 de julho de 1941, fotografia.

23. Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000, fotografia; «Chief Constables: Arthur West», disponível em www.btp.co.uk (fotografia).

24. «Chief Constables: Arthur West», disponível em www.btp.co.uk; Cramer, conversa com a autora, maio de 2005; Mainwaring, entrevista pessoal, 13 de abril de 2005; Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000; «Last Witch», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998. Mais uma vez, a minha impressão de West baseia-se nestas fontes e eventos subsequentes.

25. F. H. Hinsley e C.A.G. Simkins, British Intelligence in the Second World War, vol. 4 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 22–23, 25, 29; World War II: Day by Day, 88.

26. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 184. Assumo que o Mayor e o Chief Constable discutiram este relatório.

27. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 23; «Portsmouth Guildhall», disponível em www.portmouth-guide.co.uk.

28. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 52; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 28.

29. «Last Witch», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 18 de agosto de 1998; Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

30. Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999; Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. As minhas suposições são evidenciadas por estas fontes e provadas por eventos subsequentes.

31. Frederick Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Frederick Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 5 de abril de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 108–111; Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999. A minha descrição e apresentação do comportamento de Ford refletem estas fontes.

32. Cramer, conversa com a autora, maio de 2005; Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999. A minha impressão da atitude de West para com Ford é assumida, baseada nestas entrevistas.

33. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 4–5.

34. Jim e Olive Cramer, entrevista telefónica, 12 de maio de 2005; Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. A minha descrição de Ida West baseia-se nestas conversas.

35. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

36. «January 10, 1941», Evening News (Portsmouth), Suplemento Dia D, janeiro de 1991.

37. «Blitz of Portsmouth: Lack of Water Killed Guildhall», Evening News (Portsmouth), Suplemento Dia D, janeiro de 1991; «January 10, 1941», Evening News (Portsmouth), Suplemento Dia D, janeiro de 1991; Jenkins, Battle Over Portsmouth, 15; World War II: Day by Day, 153.

Capítulo 5 Este capítulo reúne datas e eventos históricos específicos, colocando-os no contexto das rotinas e atividades típicas de Helen Duncan.

1. Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 66; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 184; «Witch Hunt», entrevista com Margaret Pratt, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

2. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 89–90; Gaskill, Hellish Nell, 176.

3. Brealey, Two Worlds, 39. A filha de Helen Duncan descreve a especialidade da mãe, «mealy pudding».

4. Ibid., 39.

5. Brealey, Two Worlds, 89–90; Gaskill, Hellish Nell, 176.

6. Brealey, Two Worlds, 36; Gaskill, Hellish Nell, 166.

7. Gaskill, Hellish Nell, 117.

8. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 126; Crossley, The Story of Helen Duncan, 63.

9. «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

10. «Brigadier R. C. Firebrace», The Light, 1975, 34–36.

11. Ibid. Aqui construí diálogo e comportamento consistentes com a personalidade de Firebrace, conforme descrito nesta fonte.

12. Crossley, The Story of Helen Duncan, 57; Cassirer, Medium on Trial, 126; Gaskill, Hellish Nell, 257.

13. Crossley, The Story of Helen Duncan, 66; Gaskill, Hellish Nell, 184; «Witch Hunt», Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

Capítulo 6 Este capítulo apresenta preocupações de segurança partilhadas pelo Chief Constable West e a Inteligência Militar sobre revelações feitas durante as sessões de Helen Duncan. Em 1941, tal reunião

seria típica de briefings regulares entre o chefe da aplicação da lei em Portsmouth e um dos doze Oficiais de Ligação Regionais, homens de classe alta recrutados pelo pedigree. O cenário e a informação comunicada na cena baseiam-se nas fontes seguintes.

1. F. H. Hinsley e C.A.G. Simkins, British Intelligence in the Second World War, vol. 4 (Nova Iorque, Cambridge University Press, 1990) 66, 73–74, 175; Nigel West, MI 5: British Security Operations, 1909–1945 (Londres: Triad Granada, 1983), 147–148, 171.
2. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 86; Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 91–92; Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 66–68; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 230; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 337.
3. Visita ao local, Byculla House, Portsmouth, 13 de abril de 2005.
4. Kelvin Shipp, e-mail à autora, 15 de agosto de 2005; Terry Swetnam, entrevista pessoal, Portsmouth, Inglaterra, 3 de novembro de 1999; Stanley Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.
5. Shipp, e-mail à autora, 15 de agosto de 2005.
6. Visita ao local, Byculla House, Portsmouth, 13 de abril de 2005.
7. Shipp, e-mail à autora, 15 de agosto de 2005; Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999.
8. Shipp, e-mail à autora, 15 de agosto de 2005; Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999.
9. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.
10. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 66; West, MI 5, 21, 147–148, 171.
11. Gaskill, Hellish Nell, 185–186; Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 66, 73–74; West, MI 5, 21, 147–148, 171.
12. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 66, 73–74.

13. Jim Cramer, conversa com a autora, maio de 2005; John Mainwaring, entrevista pessoal, 13 de abril de 2005; Terry Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000; «The Last Witch in England», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998. A minha impressão do Chief Constable Arthur West baseia-se nestas fontes.

14. Jason Stevenson, «The Barham Conspiracy», World War II Magazine, 2 de dezembro de 2004, 62–68.

15. «Most Secret: Loss of Barham—Board of Inquiry», 28 de abril de 1942, ADM. 1/11948. Public Records Office, Kew, Inglaterra; Stephen Roskill, The Navy at War (Londres: Collins, 1960), 172, 387.

16. Stevenson, «The Barham Conspiracy», 62–68.

17. Brealey, Two Worlds, 91–92; Crossley, The Story of Helen Duncan, 66–68; Gaskill, Hellish Nell, 181–183, 230; Stevenson, «The Barham Conspiracy», 68–69; «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999.

18. Os familiares dos marinheiros perdidos no Barham só receberam notificação em janeiro de 1942, dois meses após o navio afundar. Após os britânicos divulgarem a informação, Hitler condecorou a tripulação do U-boat.

19. Brealey, Two Worlds, 91–92; Crossley, The Story of Helen Duncan, 66–68; Gaskill, Hellish Nell, 181–183, 230; Stevenson, «The Barham Conspiracy», 68–69; «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, julho de 1999.

20. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 34, 178–179.

21. «Brigadier R. C. Firebrace», The Light, 1975, 34–36.

22. «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, julho de 1999.

23. World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 125.

24. Ibid., 186.

25. Ibid., 104.

26. Gaskill, Hellish Nell, 184.

27. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 25.

28. Gaskill, Hellish Nell, 184.

29. Crossley, The Story of Helen Duncan, 67; «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, julho de 1999.

30. World War II: Day by Day, 179.

31. Crossley, The Story of Helen Duncan, 67; «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, 13 de julho de 1999.

32. World War II: Day by Day, 190.

33. Paul Bevand e Frank Allen, «The Pursuit of the Bismarck and Sinking of the Hood», www.hmshood.com, 22–31; Patrick Beesley, Very Special Intelligence (Londres: Sphere Books, 1977), 110–115; Roskill, The Navy at War, 127–132.

34. Bevand e Allen, «The Pursuit of the Bismarck and Sinking of the Hood», 31–32.

35. Crossley, The Story of Helen Duncan, 67; «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, 13 de julho de 1999.

36. Crossley, The Story of Helen Duncan, 67; «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, 13 de julho de 1999.

37. Crossley, The Story of Helen Duncan, 67; Gaskill, Hellish Nell, 183–184.

38. «Witch Hunt», entrevista com Margot Walker, filha de Firebrace, Channel 4, 13 de julho de 1999.

39. «Most Secret: Loss of Barham—Board of Inquiry», 28 de abril de 1942, ADM. 1/11948.

40. Gaskill, Hellish Nell, 175.

41. «We Will Fight for Her to the End», Sunday Pictorial, 2 de abril de 1944.

42. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 147; Arthur West, carta a Francis Graham-Harrison, HO 144/22172, 14 de fevereiro de 1944, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

43. Esta é a minha suposição, tendo em conta eventos subsequentes.

Capítulo 7 Este capítulo — uma cena de despedida, viagem de comboio, flashbacks e chegada a Portsmouth — apresenta a Sra. Brown, companheira de viagem de Helen Duncan, e o Sr. e a Sra. Homer, proprietários do Master Temple. O diálogo e pormenores são construídos com base na documentação abaixo.

1. Visita ao local, casa de Helen Duncan no n.º 19 de Kirkhill Drive, Edimburgo, 16 de dezembro de 1999.
2. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 89–91.
3. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 174.
4. Brealey, Two Worlds, 90.
5. Ibid., 89.
6. Brealey, Two Worlds, 89–90; Gaskill, Hellish Nell, 176.
7. Brealey, Two Worlds, 90–91.
8. Ibid., 90. A saúde precária foi a explicação de Gena Duncan Brealey para o pai não viajar.
9. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 21; Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 17–18, 33. Suspeito que o abuso verbal de Albert teve um efeito inibidor em Henry viajar com a mulher.
10. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944; «Lies», Daily Herald, 1 de abril de 1944; «Woman Medium's Trance», Daily Herald, 28 de março de 1944, fotografia.
11. Brealey, Two Worlds, 90–91.
12. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944.
13. Visita ao local, casa de Helen Duncan no n.º 19 de Kirkhill Drive, Edimburgo, 16 de dezembro de 1999.
14. Brealey, Two Worlds, 91.
15. Price, The Duncan Mediumship, 58.
16. Gaskill, Hellish Nell, 105.
17. «Says He Heard Row Between Ghost and Medium», Daily Mirror, 24 de março de 1944; Rex v. Helen Duncan, transcrição da audiência, 29 de fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

18. Gaskill, Hellish Nell, 166.

19. «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, 13 de agosto de 1998; Brealey, Two Worlds, 48–55, 75–82.

20. Gaskill, Hellish Nell, 66.

21. Ibid., 338.

22. Ibid., 62–63.

23. Brealey, Two Worlds, 38–44; Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 20–22.

24. Brealey, Two Worlds, 86–87.

25. Brealey, Two Worlds, 38–39; Crossley, The Story of Helen Duncan, 20–21.

26. Crossley, The Story of Helen Duncan, 21–22; Gaskill, Hellish Nell, 6–67.

27. Brealey, Two Worlds, 37; Crossley, The Story of Helen Duncan, 21.

28. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 15.

29. Cassirer, Medium on Trial, 111; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 13. Estas referências relatam a tentativa da Sra. Brown de ser médium, fornecendo prova da sua ambição.

30. Anónimo, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999; Dorothy Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999.

31. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 13; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581. A Sra. Brown mostrou mais tarde estas fotografias a Stanley Worth e à polícia.

32. Visita ao local, Churchill's Britain, at War Experience Museum, Londres, cartaz.

33. Brealey, Two Worlds, 89.

34. Visita ao local, 301 Copnor Road, Portsmouth, Inglaterra, 18 de outubro de 1999.

35. Cassirer, Medium on Trial, fotografia; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, fotografia; «Story of Mrs. Duncan's 100 Pounds a Week», Evening News (Portsmouth), 4 de abril de 1944, fotografia.

36. Paul Jenkins, Battle Over Portsmouth (Midhurst, Inglaterra: Middleton, 1998), 4–5.

37. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 29–30. Nesta referência, o Procurador Maude expressa uma reação semelhante ao «The Master Temple».

38. Brealey, Two Worlds, 89.

39. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 18–19, fotografia.

40. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944. Este artigo descreve a Sra. Homer.

41. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, fotografia; Stanley Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

42. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 337. Nesta referência, o Chief Constable West avalia Portsmouth de modo semelhante.

43. Cassirer, Medium on Trial, 52–53.

44. Rex v. Helen Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581.

Capítulo 8 Este capítulo apresenta o tenente Stanley Worth juntamente com a queixa dele [O] à polícia. O cenário, diálogo e pormenores são construídos com base nas fontes abaixo.

1. Frederick Ford, «Report to Undersecretary of State», 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, 49.

2. F. H. Hinsley e C.A.G. Simkins, British Intelligence in the Second World War, vol. 4 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 175.

3. Visita ao local, Byculla House, Portsmouth, Inglaterra, 13 de abril de 2005; Olive Cramer, entrevista telefónica, 26 de outubro de 2005.

4. Michael Howard, British Intelligence in the Second World War, vol. 5 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 112–113, 154.

5. Stanley Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

6. Ibid.

7. «Witch Hunt», Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999, fotografia de Stanley Worth.

8. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 37–41; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 36–67; Worth, entrevista pessoal, 10 e 16 de outubro de 2001; «Witch Hunt», entrevista com Stanley Worth, Channel 4, Londres, 13 de julho de 1999. As minhas impressões de Stanley Worth baseiam-se nestas fontes, incluindo as nossas conversas.

9. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944; «Mrs. Duncan's 100 pounds», Evening News (Portsmouth), 4 de abril de 1944.

10. Stanley Worth, carta à autora, 13 de janeiro de 2006.

11. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

12. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 149.

13. World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 117, 121, 139, 582, 681.

14. Basil Collier, Leader of the Few (Londres: Jarrolds, 1957), 182–183; World War II: Day by Day, 139.

15. Hugh Dowding, Many Mansions (Londres: Rider, 1943), 16.

16. Muriel Dowding, Beauty, Not the Beast (Londres: Rider, 1968), 88.

17. Hugh Dowding, Many Mansions, 12–13.

18. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 149.

19. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 337; «The Last Witch in England», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

20. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. Isto baseia-se na minha experiência de falar com Stanley Worth.

21. Visita ao local, Byculla House, Portsmouth, Inglaterra, 13 de abril de 2005.

22. «Frederick David Ford», registo de serviço, coleção privada, Terry Swetnam, Portsmouth, Inglaterra.

23. Jim Cramer, conversa com a autora, maio de 2005; Terry Swetnam, entrevista pessoal, Portsmouth, Inglaterra, 3 de novembro de 1999.

24. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 51.

25. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

26. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 93; «Last Witch», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

27. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 110.

Capítulo 9 Este capítulo, retratando a detenção de Helen Duncan, baseia-se principalmente no testemunho de testemunhas oculares em Rex v. Duncan (transcrição da audiência, CRIM 1/1581, e transcrição do julgamento, DPP 2/1234, Public Records Office, Kew, Inglaterra). O testemunho do julgamento também é reproduzido literalmente em C. E. Bechhofer Roberts, editor, The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945).

1. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 39.

2. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 120.

3. Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 44, 71.

4. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 38–39. Testemunho de Stanley Worth.

5. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 91, 169. Testemunho de Bessie Lock e Jane Rust.

6. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 40–41. Testemunho de Worth.

7. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 160. Testemunho de Bertha Alabaster.

8. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 89. Testemunho de William Lock.

9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 53, 131. Testemunho de Stanley Worth e Ernest Homer.

10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 131. Testemunho de Ernest Homer.

11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 170. Testemunho de Jane Rust.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 53. Testemunho de Stanley Worth.

13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 167. Testemunho de Christine Homer.

14. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581, fotografia.

15. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 167. Testemunho de Christine Homer.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 131–132. Testemunho de Ernest Homer.

17. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 167. Testemunho de Christine Homer.

18. Terry Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000, fotografia.

19. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1234; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 131. Testemunho de Ernest Homer.

Capítulo 10 Neste capítulo, a minha representação abreviada das sessões de Helen Duncan de 1930 — por mais incríveis e ultrajantes que pareçam — adere de perto aos relatos de testemunhas oculares encontrados em arquivos e publicações espíritas. No interesse da investigação científica, pormenores conversacionais foram registados, tornando possível reconstruir com precisão o diálogo. Assumo a motivação de Price, com

base nestes eventos e na minha compreensão da personalidade dele [O] conforme as fontes abaixo.

1. Harry Price, Search for Truth (Londres: Collins, 1942).
2. Trevor Hall, The Search for Harry Price (Londres: Duckworth, 1978), 1–2; Price, Search for Truth, aba da sobrecapa; Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), 17.
3. Hall, The Search for Harry Price, 20, 22, 25–40.
4. Ibid., 50, 52–53.
5. Hall, The Search for Harry Price, 3–13, 18, 50; Tabori, Harry Price, 2–4.
6. Hall, The Search for Harry Price, 184.
7. Harry Price, The Most Haunted House in England (Londres: Longmans, 1940); Tabori, Harry Price, 254–263; «Borley Rectory», www.occultopedia.com.
8. Hall, The Search for Harry Price, 184; Tabori, Harry Price, 254.
9. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 22, 93, 143; Maurice Barbanell, «Editorial», Psychic News, 21 de setembro de 1940; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 188; Ernest Oaten, «Law Relating to Mediumship», Manual of Who's Who of Spiritualism and Psychic Research (Londres: Spiritualist National Union, sem data), 249.
10. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 55–71; Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 17–50; Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931); Tabori, Harry Price, 133–140. Estas fontes fornecem prova da longa campanha de Price para desacreditar Helen Duncan.
11. «Constable Grabs 'Spirit': Shocking Things Divulged», Evening News (Portsmouth), 20 de janeiro de 1944.
12. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 22, 93, 143; Barbanell, «Editorial»; Gaskill, Hellish Nell, 188.
13. Price, Search for Truth, 180–182; Tabori, Harry Price, 139; Gaskill, Hellish Nell, 140.

14. Arthur West, carta a Harry Price, 6 de abril de 1944, DPP 2/1204. Nesta carta, West agradece a Price o empréstimo do livro dele [O].

15. Price, Search for Truth, 180–182; Tabori, Harry Price, 133–140; Price, The Duncan Mediumship.

16. Cassirer, Medium on Trial, 40.

17. Cassirer, Medium on Trial, 32; Price, The Duncan Mediumship, 13; Gaskill, Hellish Nell, 130–134. Estas fontes estabelecem a presença da Sra. Goldney nas sessões da London Spiritualist Alliance e a associação próxima com Price.

18. Cassirer, Medium on Trial, 24–25.

19. London Spiritualist Alliance, «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive, Londres; «Seven Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, Society of Psychical Research Archive, Londres; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931. Estes relatos de testemunhas oculares descrevem as sessões de Helen Duncan de 1930–1931 na London Spiritualist Alliance em todo o seu pormenor ultrajante. Ao reconstruir estes eventos, credito também Cassirer e Gaskill, cujos escritos são mais acessíveis.

20. Cassirer, Medium on Trial, 21; Gaskill, Hellish Nell, 117; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 28 de fevereiro de 1931.

21. Cassirer, Medium on Trial, 163; Gaskill, Hellish Nell, 121.

22. Gaskill, Hellish Nell, 118; «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931.

23. Cassirer, Medium on Trial, 29; Gaskill, Hellish Nell, 119; «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931. O diálogo entre Albert e o público segue os relatos nestas fontes.

24. Gaskill, Hellish Nell, 119–120; «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light,

1930–1931. A avaliação de Albert sobre as teorias de Henry Duncan é literal.

25. Gaskill, Hellish Nell, 120; «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931.

26. Price, The Duncan Mediumship, 42; Cassirer, Medium on Trial, 21.

27. Gaskill, Hellish Nell, 121; «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931.

28. Gaskill, Hellish Nell, 122; «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931.

29. Cassirer, Medium on Trial, 21, 161, 163; Gaskill, Hellish Nell, 119–122.

30. Gaskill, Hellish Nell, 122; «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931.

31. Cassirer, Medium on Trial, 28; Gaskill, Hellish Nell, 119–120; «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 1930–1931.

32. «Sittings with Mrs. Duncan», The Light, 28 de fevereiro de 1931.

33. Gaskill, Hellish Nell, 131.

34. Cassirer, Medium on Trial, 17.

35. Cassirer, Medium on Trial, 35; Gaskill, Hellish Nell, 129; The Light, 17 de julho de 1931. As fontes indicam uma crescente desafeição entre os Duncan e a London Spiritualist Alliance.

36. Cassirer, Medium on Trial, 39–40; Price, The Duncan Mediumship, 13–14; Price, Search for Truth, 180; Tabori, Harry Price, 133–135.

37. Arthur West, carta a Harry Price, 6 de abril de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Nesta carta, West agradece a Price o empréstimo do livro dele [O].

Capítulo 11 Este capítulo reconstrói o encarceramento de Helen Duncan sem fiança e fornece racional histórico, através de flashbacks, para o apego dela [a] ao marido. Para retratar plenamente a experiência

prisional, coloco eventos relatados pelos biógrafos dela [a], familiares e jornais contemporâneos no contexto da Prisão de Holloway — o edifício, as políticas e rotinas durante os anos 1940. O diálogo é construído para refletir informação conforme as fontes abaixo.

1. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 22, 93, 143; Maurice Barbanell, «Editorial», Psychic News, 21 de setembro de 1940; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 188; Ernest Oaten, «Law Relating to Mediumship», Manual of Who's Who of Spiritualism and Psychic Research (Londres: Spiritualist National Union, sem data), 249.
2. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 93.
3. Oaten, «Law Relating to Mediumship», 246.
4. Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 63. Esta reação é consistente com a personalidade de Helen Duncan.
5. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 23; Brealey, Two Worlds, 93; «Medium's Body Endangered», Evening News (Portsmouth), 25 de janeiro de 1944; Frederick Ford, relatório da Polícia da Cidade de Portsmouth ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra, 2.
6. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 23; Brealey, Two Worlds, 93; «Medium's Body Endangered», Evening News (Portsmouth), 25 de janeiro de 1944; Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, HO 144/22172, 2.
7. «Holloway Prison», www.richard.clarke32.btinternet.co.uk; «Holloway Prison», www.tchavalier.com.
8. Nick Walker, Those Were The Days: British Police Cars (Londres: Velco, 2001), fotografias.
9. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra.
10. Albert Crew, London Prisons Today and Yesterday (Londres: Ivor, Nicholson and Watson, 1933), 137; Holloway Prison

Photographs, PRI COM 9/1330, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

11. Blue Guide to London (Londres: A&C Black, 1998), 266.

12. Holloway Prison Photographs, PRI COM 9/1330.

13. R. G. Alford, Notes on the Buildings of English Prisons, vol. 1 (Parkhurst: H.M. Convict Prison, 1909), 21.

14. Holloway Prison Photographs, PRI COM 9/1330.

15. Holloway Prison photographs, HM Prison Service Museum Archives.

16. Holloway Prison photographs, HM Prison Service Museum Archives. Holloway Prison Photographs, PRI COM 9/1330; Crew, London Prisons, 141.

17. Crew, London Prisons, 141–142, 155.

18. Aqui construí diálogo para representar a consternação de Helen Duncan, em resposta ao preconceito assumido da guarda prisional quanto à culpa.

19. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944; «Lies», Daily Herald, 1 de abril de 1944; «Woman Medium's Trance», Daily Herald, 28 de março de 1944, fotografia.

20. Holloway Prison Photographs, PRI COM 9/1330.

21. Ibid.

22. Brealey, Two Worlds, 98, 101; Gaskill, Hellish Nell, 197. O incidente subsequente é construído, incluindo diálogo para refletir estas fontes no contexto das rotinas da prisão de Holloway, conforme documentado abaixo.

23. Crew, London Prisons, 140. Esta fonte descreve a rotina de receção e banho.

24. Holloway Prison Photographs, PRI COM 9/1330.

25. Brealey, Two Worlds, 98; Gaskill, Hellish Nell, 197.

26. Crew, London Prisons, 38–39.

27. Ibid., 140.

28. Ibid., 150. O diálogo aqui é usado para comunicar a política prisional.

29. Felicity Ball, nota pessoal em papel timbrado da prisão, sem data (1999).

30. Crew, London Prisons, 150. Dadas as restrições prisionais, assumo que Helen escreveu uma carta.

31. «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998; Victoria Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 2 e 17 de outubro e 18 de novembro de 1933.

32. Brealey, Two Worlds, 24–25; Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 28 de outubro de 1933.

33. Gaskill, Hellish Nell, 45–46.

34. Mary Armour, Helen Duncan (1895–1956): My Living Has Not Been in Vain (Londres: Pembridge, 2000), 24; anónimo, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999.

35. Brealey, Two Worlds, 20–21.

36. William Walker, Juteopolis: Dundee and Its Textile Workers, 1885–1923 (Edimburgo: Scottish University Press, 1979), 12–22.

37. Richard van Emden, Veterans: The Last Survivors of the Great War (Yorkshire: Pen and Sword Books, 1998), 13–28.

38. Brealey, Two Worlds, 24–26; Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 28 de outubro de 1933.

39. Gaskill, Hellish Nell, 63.

40. Brealey, Two Worlds, 32–38; «Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

41. Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 7 de outubro de 1933; Gaskill, Hellish Nell, 68.

42. Crew, London Prisons, 143.

43. R. G. Alford, Notes on the Building of English Prisons (Parkhurst: H.M. Convict Prison, 1909), 20.

44. Brealey, Two Worlds, 15; «Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, 13 de agosto de 1998; Gaskill, Hellish Nell, 35, 201.

45. Crew, London Prisons, 141–146. Esta fonte fornece pormenores da rotina diária na Prisão de Holloway.

46. Ibid., 150. A fonte descreve os limites à comunicação e visitas.

47. Brealey, Two Worlds, 95; Gaskill, Hellish Nell, 193.

48. «Report on Arrest», Psychic News, 29 de janeiro de 1944.

Capítulo 12 Esta cena começa com o Chief Constable West a examinar os pormenores da Operação Bodyguard, o plano de engano da inteligência militar concebido para enganar os alemães quanto à data, local e força da Invasão da Normandia. A probabilidade de West ter recebido este documento é evidenciada abaixo. O capítulo prossegue retratando a frustração de West com a libertação de Helen Duncan sob fiança e o plano dele [O] para assegurar o encarceramento dela [a]. O diálogo é concebido para comunicar informação factual e prenunciar eventos históricos.

1. Michael Howard, British Intelligence in the Second World War, vol. 5 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 247; «Plan Bodyguard», CAB 80/77, COS(43)799(o), 23 de janeiro de 1944, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

2. F. H. Hinsley e C.A.G. Simkins, British Intelligence in the Second World War, vol. 4 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 73–74, 175, 179, 356; Howard, British Intelligence, vol. 5, 123. Estas fontes documentam que, em 1944, a polícia estava completamente integrada na estrutura de segurança e que Chief Constables de alto nível tinham acesso a planos de engano. Portanto, assumo que o Chief Constable West recebeu notificação da Operação Bodyguard.

3. Howard, British Intelligence, vol. 5, 247. Esta citação aparece na primeira página de «Plan Bodyguard», CAB 80/77, COS(43)779(o) sob o subtítulo «Present Situation».

4. «Blitz of Portsmouth: Lack of Water Killed Guildhall», Evening News (Portsmouth), janeiro de 1991; «January 10, 1941», Evening News (Portsmouth), Suplemento Dia D, janeiro de 1991; Paul Jenkins, Battle Over Portsmouth (Midhurst, Inglaterra: Middleton, 1998), 15; World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 153.

5. Jenkins, Battle Over Portsmouth, 15; Kelvin Shipp, e-mail à autora, 15 de agosto de 2005; Terry Swetnam, entrevista pessoal, Portsmouth, Inglaterra, 3 de novembro de 1999; Stanley Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

6. World War II: Day by Day, 144–202.

7. «100 Tons a Minute on Berlin», Evening News (Portsmouth), 20 de janeiro de 1944.

8. World War II: Day by Day, 259.

9. Ibid., 247.

10. «Russians Enter Poland», Evening News (Portsmouth), 4 de janeiro de 1944; «Russian Armies Link Up», Evening News (Portsmouth), 11 de janeiro de 1944.

11. «We're Toughening Up—Eisenhower Ground Work Done in Readiness for Invasion», Evening News (Portsmouth), 16 de janeiro de 1944.

12. Hinsley, British Intelligence, vol. 4, 237–241; Howard, British Intelligence, vol. 5, 103–123; «Plan Bodyguard», CAB 80/77, COS(43)799(o), 23 de janeiro de 1944. O resumo anterior da Operação Bodyguard baseia-se nestas fontes.

13. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 237–241; Howard, British Intelligence, vol. 5, 103–123; «Plan Bodyguard», CAB 80/77, COS(43)799(o), 23 de janeiro de 1944. A comparação anterior entre verdade e fofoca aceitável baseia-se nestas fontes.

14. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 23; Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 93; Frederick Ford, relatório da Polícia da Cidade de Portsmouth ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra, 2; «Medium's Body Endangered», Evening News (Portsmouth), 25 de janeiro de 1944.

15. «The Last Witch in England», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

16. Howard, British Intelligence, vol. 5, 115–118.

17. Ibid., 119.

18. Grimwood Mears, carta ao Ministro do Interior, 2 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

19. Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, 2; Gaskill, Hellish Nell, 290; Mears, carta ao Ministro do Interior, HO 144/22172. A minha conclusão de que West planeava manter Helen Duncan sob chave,

atrasando a comparência em tribunal até Mears presidir, deriva destas fontes.

20. Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172; Frederick Ford, relatório da Polícia da Cidade de Portsmouth ao Subsecretário de Estado, 5 de abril de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 108–111; Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999. Aqui e ao longo desta cena, a minha representação do afeto e conversa de Fred Ford reflete estas fontes.

21. Olive Cramer, entrevista telefónica, 25 de outubro de 2005; Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999; «Last Witch», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998; Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001. Aqui e ao longo desta cena, a minha representação de West, do afeto e estilo conversacional dele [O], baseia-se nestas entrevistas.

22. Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, 2; «Medium's Body Endangered».

23. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, fotografia.

24. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 22–24; «Medium's Body Endangered».

25. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 23; Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172.

26. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 23; Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, 3; Gaskill, Hellish Nell, 196–197; «Medium's Body Endangered».

27. «Medium's Body Endangered».

28. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 23; Brealey, Two Worlds, 94; «Medium's Body Endangered».

29. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 24; Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, 3.

30. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 24; Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, 3.

31. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 66, 73–74; Nigel West, MI 5: British Security Operations, 1909–1945 (Londres: Triad Granada, 1983), 143.

32. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 86; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 337.

33. Herbert Morrison, carta a Winston Churchill, 6 de abril de 1944, HO 144/22172. Nesta carta, Morrison oferece esta explicação a Churchill.

34. Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, 2; Gaskill, Hellish Nell, 290; Mears, carta ao Ministro do Interior, 2 de fevereiro de 1944, HO 144/22172. Estas fontes fornecem prova das preocupações descritas neste parágrafo.

35. Fotografia de Frederick Ford, coleção privada, Terry Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000.

36. Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172; Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 5 de abril de 1944, HO 144/22172. A decisão de West de manter Ford no caso é evidenciada pelos próprios relatórios de Ford.

37. Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172.

38. Alex McCowan, Relatório da Polícia de Edimburgo à Polícia de Portsmouth, fevereiro de 1944, DDP 2/2104, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

39. Rex v. Duncan, Deponente(s), CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

40. Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

41. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 16–17; Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

42. Arthur West, carta ao Diretor do Ministério Público, 3 de fevereiro de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

43. Ford, relatório ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, 3.

Capítulo 13 Este capítulo reconstrói a abertura da audiência de Helen Duncan, baseado inteiramente em relatórios e documentos contemporâneos, incluindo uma transcrição da audiência.

1. Evening News (Portsmouth), 2 de fevereiro de 1944, fotografia; HO 144/2272, Public Records Office, Kew, Inglaterra, fotografia.
2. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 90–91; «Freedom versus the Home Office», Two Worlds, fevereiro de 1944.
3. Hugh Dowding, Many Mansions (Londres: Rider, 1943), 10–12; Michael Perry, ed., Foreward to Special Report to the Archbishop of Canterbury (Londres: CFPSS Press, 1999).
4. O Special Report to the Archbishop of Canterbury do seu Special Committee on Spiritualism foi submetido em 1937, mas não foi divulgado ao público até junho de 1979, segundo Michael Perry, ed., Special Report to the Archbishop of Canterbury, 4.
5. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 107–108.
6. Ibid., 151–152.
7. Ibid., 22–23.
8. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944; «Lies», Daily Herald, 1 de abril de 1944; «Woman Medium's Trance», Daily Herald, 28 de março de 1944, fotografia.
9. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), fotografia.
10. Evening News (Portsmouth), 2 de fevereiro de 1944, fotografia; HO 144/2272, fotografia.
11. Rex v. Duncan, Deponente(s), CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Frederick Ford, relatório da Polícia da Cidade de Portsmouth ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra, 3.
12. John Sadden, ed., The Archive Series: Portsmouth (Stroud, Inglaterra: Chalford, 1997), fotografia, 21. A descrição do interior do tribunal baseia-se nesta fotografia de arquivo.
13. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581.
14. Rex v. Duncan, cópia da acusação, CRIM 1/1581.
15. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 24; Rex v. Duncan, cópia da acusação, CRIM 1/1581.

Capítulo 14 Este capítulo recorre a uma variedade de fontes contemporâneas e de fundo para reconstruir a audiência de Helen Duncan; estas são indicadas abaixo.

1. Stanley Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.
2. «Edward George Robey», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1985); Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 24–25.
3. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 120; Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 31, 41; London Spiritualist Alliance, «Report of the Happenings at Sittings with Mrs. Duncan», 1930–1931, College of Psychic Studies Archive, Londres.
4. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 24–25; Rex v. Duncan, resumo para a Acusação, 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Cartas e referências a Robey aparecem ao longo deste ficheiro.
5. «George Robey: The English Music Hall», www.amaranthdesign.ca.
6. «Edward George Robey», Who Was Who.
7. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 24. Barbanell, jornalista presente na audiência, descreve os comentários de abertura de Robey. Aqui transformo essa descrição em diálogo.
8. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 25; «George Robey: The English Music Hall», www.amaranthdesign.ca; Stanley Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001. Barbanell e Worth indicam que a aparência e maneiras do solicitador eram semelhantes às do famoso pai. Amaranth descreve o afeto de palco do pai.
9. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 25.
10. Ibid.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. Ibid. Aqui tornei a paráfrase de Barbanell numa citação.
14. Ibid.
15. «Magic at War», Channel 4's Portrait Gallery, www.channel4.com; Michael Howard, British Intelligence in the

Second World War, vol. 5 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 38.

16. Paul Jenkins, Battle Over Portsmouth (Midhurst, Inglaterra: Middleton, 1998), 112.

17. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 337.

18. «The Last Witch in England», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

19. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 25–26.

20. Ibid., 26.

21. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 26; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

22. Stanley Worth, fotografia.

23. Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

24. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 27; Gaskill, Hellish Nell, 204; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581; Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001. A representação subsequente do testemunho de Stanley Worth, incluindo o afeto dele [O], baseia-se nestas fontes.

25. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581. A transcrição não inclui perguntas feitas por Robey, o procurador. Modelei perguntas com base nas respostas transcritas de Worth.

26. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 33. Barbanell, jornalista espírita, relatou que se ouviam melodias de piano ao fundo. Esta canção de guerra é representativa da atmosfera histórica.

27. Frank Loesser, «Praise the Lord and Pass the Ammunition».

28. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 33.

29. Ibid., 38.

30. Gaskill, Hellish Nell, 204; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581; Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

31. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 27; Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581.

32. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581.

33. Ibid.

34. Ibid.

35. Herbert Morrison, carta a Winston Churchill, 6 de abril de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

36. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, CRIM 1/1581. Aqui o julgamento dos magistrados é parafraseado a partir de documentos do tribunal.

37. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 34; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 112.

38. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 107; Gina Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 95; «Last Witch», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998. A visão de que Helen Duncan era um peão é a minha interpretação destas fontes.

39. Sir Grimwood Mears, carta ao Ministro do Interior, 28 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

40. Arthur Sefton Cohen, carta ao Chief Constable West, 16 de março de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Frederick Ford, relatório da Polícia da Cidade de Portsmouth ao Subsecretário de Estado, 12 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Rex v. Duncan, resumo para a Acusação, DPP 2/1204; Arthur West, carta a Harry Price, 6 de abril de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Estas fontes indicam que West procurou o envolvimento de Price.

Capítulo 15 Os eventos neste capítulo estão preservados em documentos de arquivo e em transcrições das sessões de Helen Duncan. Incorporei a minha interpretação dos motivos de Harry Price, com base nos escritos dele [O] e nos dos biógrafos e outros investigadores, conforme indicado abaixo.

1. Arthur Sefton Cohen, carta ao Chief Constable West, 16 de março de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Arthur West, carta a Harry Price, 6 de abril de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Estas duas cartas dão prova de uma sequência de eventos: Price enviou uma cópia do livro dele [O] a West; West entregou-o ao Office of Public Prosecutions; o Assistant Director contactou Price.

2. Trevor Hall, The Search for Harry Price (Londres: Duckworth, 1978), 11, 101; Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), 2–3. Estes biógrafos concordam num ponto: Price adorava publicidade.

3. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 194.

4. Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 13–14, 25; Tabori, Harry Price, 134–135.

5. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, 29 de fevereiro de 1944, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

6. Gaskill, Hellish Nell, 129; Price, The Duncan Mediumship, 81.

7. Price, The Duncan Mediumship, 13–48.

8. Ibid.,17, 18, 33, 43.

9. Ibid., 41.

10. Ibid., 56. A conversa entre Albert e Price foi registada por um anotador à medida que ocorria.

11. Ibid.

12. Ibid.

13. Ibid.

14. Ibid.

15. Gaskill, Hellish Nell, 359. Esta fonte relata o rumor de que Price e Goldney eram amantes.

16. Price, The Duncan Mediumship, 56.

17. Ibid.

18. Ibid.

19. Ibid.

20. Ibid. Assumo a reação de Price, dada a conversa relatada.

21. Ibid.

22. Ibid.

23. Ibid.

24. Price, The Duncan Mediumship, 56; Harry Price, Search for Truth (Londres: Collins, 1942). A minha interpretação baseia-se em eventos subsequentes, conforme relatados nos livros de Price.

25. Cohen, carta ao Chief Constable West, 16 de março de 1944, DPP 2/1204. Esta carta confirma o convite do Office of Public Prosecution a Price.

26. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 40; Hall, The Search for Harry Price, 11, 101; Tabori, Harry Price, 2–3.

27. Cassirer, Medium on Trial, 41–48; Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 62–63; Price, Search for Truth, 180–182; Tabori, Harry Price, 134–140. Estas fontes cronificam os esforços contínuos de Price para desmascarar Helen Duncan.

Capítulo 16 Para construir esta cena, datas, locais e informação obtida de documentos desclassificados foram combinados com relatos de testemunhas do julgamento de Helen Duncan. Criei diálogo que comunica com precisão esta informação.

1. Arthur West, carta a E. G. Robey, 4 de março de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; visita ao local, Devonshire House, Londres, Inglaterra. Esta carta confirma a data desta reunião pré-marcada e transmite instruções para usar a entrada leste da Devonshire House. Pormenores descritivos baseiam-se na minha visita à Devonshire House.

2. Rex v. Duncan, pasta de documentos, 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; «The Last Witch in England», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998. A pasta de documentos lista este evento, indicando a presença de Atkinson, numa cronologia de datas e reuniões significativas. Nesta entrevista da BBC, West recorda ter-se encontrado diretamente com Atkinson.

3. E. H. Tindall Atkinson, carta a Theo Mathew, Home Office, 11 de abril de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Nesta carta, Atkinson nega qualquer papel na formulação das acusações contra Helen Duncan. Em contradição, uma anotação na pasta oficial do caso (DPP 2/1204) indica que passou 1 1/4 horas com o Counsel, uma hora a formular a acusação.

4. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), fotografia; Donald Thomas, An Underworld at War (Londres: John Murray, 2003), 247.

5. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 21, fotografia.

6. «John Cyril Maude», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990); «Sir Tindall Atkinson», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990).

7. A. B. Schofield, Dictionary of Legal Biography, 1845–1945 (Chichester: Barry Rose, 1998), 311.

8. Charles M. Yablon, «Wigs, Coifs and Other Idiosyncrasies of English Judicial Attire», www.cardozo.net.

9. «John Cyril Maude», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990); Schofield, Dictionary of Legal Biography, 311.

10. Nigel West, MI 5: British Security Operations, 1909–1945 (Londres: Triad Granada, 1983), 21.

11. Ibid., 171, 178.

12. E. Tindall Atkinson, nomeação de counsel da acusação, 1 de março de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

13. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 200.

14. Atkinson, nomeação de counsel da acusação, 1 de março de 1944, DPP 2/1204.

15. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 21.

16. Ibid., fotografia.

17. West, MI 5, 171, 178. Inseri este diálogo para lembrar os leitores da identidade clandestina de Maude.

18. Arthur West, carta a E. G. Robey, 4 de março de 1944, DPP 2/1204. Esta carta indica a intenção de Robey estar presente.

19. Stanley Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

20. Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 82. Price descreve o uso de um pedaço de musselina da Woolworth's, de um metro e oitenta de comprimento e setenta e cinco centímetros de largura, para simular um espírito materializado.

21. Hannen Swaffer, My Greatest Story (Londres: W. H. Allen, 1945), 221. Swaffer relata que a musselina da Acusação foi comprada.

22. Ibid., 221, 227; Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

23. Sir Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson and Co., 1967), 88–89.

24. Swaffer, My Greatest Story, 223.

25. «Sir Gerald Dodson», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990). A biografia de Dodson dá prova do interesse entusiástico dele [O] pelo teatro.

26. «Cyril Maude», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990).

27. Rex v. Duncan, notas dos procuradores, sem data, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Esta explicação racional baseia-se em notas manuscritas, presumivelmente de Maude e Elam.

28. «Last Witch», entrevista com Arthur West, BBC Radio, 13 de agosto de 1998. Nesta entrevista gravada, West recorda que o Diretor surgiu com a ideia de reformular a acusação.

29. Ernest Oaten, «Law Relating to Mediumship», Manual of Who's Who of Spiritualism and Psychic Research (Londres: Spiritualist National Union, sem data), 246–247.

30. Ibid., 247.

Capítulo 17 Esta cena retrata a comparência inicial de Helen Duncan no Old Bailey e na Sala n.º 4. Pormenores são provenientes das fontes abaixo.

1. «Lifted Heels over Head», Psychic News, 29 de dezembro de 1956. Assumo que Helen Duncan apanhou um táxi para o tribunal, dado que estava em liberdade sob fiança e ficava com amigos em Merton Park.

2. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 93. A filha de Helen Duncan relata que o pai esteve presente no julgamento.

3. «"Lies" Cry by Medium», Daily Herald, 1 de abril de 1944. Este artigo descreve Nan e relata a presença dela [a] no julgamento.

4. Visita ao local, Old Bailey, Central Criminal Court, Londres.

5. Brealey, Two Worlds, 96; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 15.

6. Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson and Co., 1967), 109–110; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, fotografia.

7. Philip Zeigler, London at War (Londres: Arrow, 1998), 268–270.

8. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 15.

9. Visita ao local, Old Bailey, Central Criminal Court, Londres.

10. «"All Lies" Cry by Medium», News of the World, 2 de abril de 1944. Comentário de apoiantes reflete este relato.

11. Visita ao local, Old Bailey, Central Criminal Court, Londres. A minha descrição é consistente com a rotina dos prisioneiros, conforme explicada pelos guardas de segurança no Old Bailey.

12. Ibid. Guardas de segurança descreveram a subida à Sala n.º 4.

13. Dodson, Consider Your Verdict, 109–111.

14. Visita ao local, Old Bailey, Central Criminal Court, Sala n.º 4. A sala e as rotinas mudaram pouco.

15. «Lifted Heels over Head».

16. Brealey, Two Worlds, 95; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 15; «Woman Medium's Trance at Old Bailey», Daily Herald, 28 de março de 1944.

17. Visita ao local, Old Bailey, Central Criminal Court, Sala n.º 4.

18. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, fotografia.

19. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 4.

20. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 26.

21. Brealey, Two Worlds, 15–16; «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

Capítulo 18 Este capítulo retrata os comentários de abertura do Procurador Maude. O discurso dele [O] é abreviado com edição mínima. Uma cópia carbono da transcrição do julgamento encontra-se em Rex v. Duncan, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Os comentários de abertura de Maude são registados literalmente em C. E. Bechhofer Roberts, editor, The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945). Ao narrar esta cena, adotei o ponto de vista do Chief Constable, e as descrições dos réus, juiz e procurador conformam-se com informação nas fontes abaixo.

1. E. Tindall Atkinson, carta a Sir Gerald Dodson, sem data, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra.
2. Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson, 1967), fotografia; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), fotografia.
3. «Sir Gerald Dodson», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990); John Maude, Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990); Hannen Swaffer, My Greatest Story (Londres: W. H. Allen, 1945), 223.
4. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 91–92; Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson, 1967), 135–136.
5. Dodson, Consider Your Verdict, Capítulo 3, «Early Cases», 89–90.
6. Ibid., 23–24.
7. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 27.
8. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 4.
9. Donald Thomas, An Underworld at War (Londres: John Murray, 2003), 247.
10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 27. Editado e abreviado para clareza.
11. «“Lies” Cry by Medium», Daily Herald, 1 de abril de 1944.
12. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 37.

13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 27. Comentários de Maude abreviados.

14. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 16; Thomas, Underworld at War, 247; Stanley Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001. Assumo a atitude de West com base em fontes e nas minhas próprias impressões dos comentários de abertura dele [O].

15. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 27. Comentários de Maude abreviados.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 27. Comentários de Maude abreviados.

17. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 27. Comentários de Maude abreviados.

18. Dodson, Consider Your Verdict, fotografia; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, fotografia.

19. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 27.

20. Rex v. Duncan, cartas e petição ao Home Office e MP Rathborne, 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

21. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 28. Comentários de Maude abreviados.

22. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 28. Comentários de Maude abreviados.

23. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 28. Comentários de Maude abreviados.

24. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 28–29. Comentários de Maude abreviados.

25. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 30–36.

26. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 36. Comentários de Maude abreviados.

Capítulo 19 Este capítulo reconstrói o testemunho do primeiro dia no julgamento de bruxaria de 1944. A narração, do ponto de vista do Chief Constable, baseia-se em fontes de testemunhas oculares. O próprio testemunho segue de perto as transcrições do julgamento encontradas em duas fontes (Rex v. Duncan, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; e C. E. Bechhofer Roberts, editor, The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945). As citações do exame e contra-interrogatório de Stanley Worth estão algo abreviadas por brevidade e ligeiramente editadas para clareza.

1. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 2. «Loughans Tells Counsel, 'Police Are My Enemies'», Evening News (Portsmouth), 1 de abril de 1944.

2. Rex v. Loughans, CRIM 1/1583, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Rex v. Loughans, DPP 2/1192, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

3. «Declares Chief Constable Knew Him Innocent, City Murder Case», Evening News (Portsmouth), 30 de março de 1944.

4. «Loughans Tells Counsel 'Police Are My Enemies'», Evening News (Portsmouth), 1 de abril de 1944; Rex v. Loughans, DPP 2/1192.

5. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 38; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 16.

6. «Says Dead Policeman and Cat Brought Back», Daily Herald, 23 de março de 1944.

7. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 21, fotografia.

8. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 38; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, 16; Stanley Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 38–40.

10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 42–43.

11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., transcrição do julgamento, 43.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 43. Testemunho de Worth abreviado.

13. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 43. Perguntas do juiz abreviadas.

14. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 43.

15. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 44–53.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 44–53; Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001. Stan Worth disse-me que Elam o elogiara por ser uma testemunha extraordinariamente eficaz.

17. Visita ao local; Charles M. Yablon, «Wigs, Coifs and Other Idiosyncrasies of English Judicial Attire», www.cardozo.net.

18. Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, fotografia.

19. Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

20. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 53. Editado para clareza; sessão de Portsmouth substitui «Copnor Road».

21. Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.

22. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 53.

23. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 53. Editado para clareza.

24. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 53.

25. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 53. Testemunho de Worth ligeiramente abreviado.

26. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 54. Pergunta de Loseby abreviada.

27. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 54. Resposta de Stan Worth editada para clareza.

28. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 54.

29. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 54. Resposta de Stan Worth abreviada.

30. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 54.

31. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 55.

32. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 55. Resposta de Worth abreviada.

33. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944; «Mrs. Duncan's 100 Pounds», Evening News (Portsmouth), 4 de abril de 1944.

34. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 55.

35. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 55.

36. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 55.

37. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 55.

38. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56. Editado para clareza; «Master Temple» substitui «Copnor Road».

39. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56.

40. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56. Interrogatório de Loseby abreviado.

41. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56.

42. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56.

43. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56. Resposta de Stan Worth abreviada.

44. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56. Comentário de Loseby abreviado e editado para clareza.

45. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56.

46. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 56–57. Contra-interrogatório de Loseby abreviado.

47. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 57.

48. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 57.

49. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 57.

50. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 57–60.

51. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 60.

52. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 60.

53. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 60.
54. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
55. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
56. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
57. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
58. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
59. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
60. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
61. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 64.
62. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 65. Interrogatório de Loseby abreviado.
63. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 65.
64. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 65.
65. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 65.
66. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 65.
67. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 65.
68. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 69.
69. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 69.
70. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 69.

Capítulo 20 Neste capítulo, a Acusação conclui o caso. Exame, contra-interrogatório e testemunho são retirados de transcrições literais, editados minimamente para clareza e abreviados por brevidade. O capítulo inclui também um flashback para as experiências de investigação bizarras e impiedosas conduzidas em Helen Duncan. A minha reconstrução baseia-se principalmente em notas observacionais destas investigações relatadas no livro de Harry Price sobre a mediunidade Duncan.

1. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 2.
2. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 44–45; Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 16, 30–31. Estas fontes indicam a relação próxima entre Molly Goldney e Harry Price. Assumo que a presença da Sra. Goldney no tribunal perturbaria Helen Duncan.
3. Price, The Duncan Mediumship, 16, 30–31.
4. Cassirer, Medium on Trial, 66; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 108.
5. Stanley Worth, entrevista pessoal, 10 de outubro de 2001.
6. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 30; Terry Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000, fotografia de Frederick Ford.
7. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110. Contra-interrogatório de Loseby abreviado.
8. Swetnam, carta à autora, 16 de fevereiro de 2000, fotografia de Frederick Ford.
9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110.
10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110. Comentários de Loseby abreviados.
11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110.

13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110.

14. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110.

15. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110.

17. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 110. Resposta de Ford abreviada.

18. Price, The Duncan Mediumship, 30–31, 55–64.

19. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 57; Price, The Duncan Mediumship, 39.

20. Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), 135.

21. Cassirer, Medium on Trial, 44; Price, The Duncan Mediumship, 30–31.

22. Price, The Duncan Mediumship, fotografias; Cassirer, Medium on Trial, fotografia.

23. Price, The Duncan Mediumship, 30. A descrição seguinte do exame vaginal e retal de Helen Duncan baseia-se no próprio relato de Harry Price.

24. Price, The Duncan Mediumship, fotografias.

25. Ibid., 30. Embora estes eventos se baseiem no relato de Price, assumo o ponto de vista de Helen Duncan.

26. Ibid., 31.

27. Ibid., 34.

28. Brealey, Two Worlds, 121; Cassirer, Medium on Trial, 164; Gaskill, Hellish Nell, 329. Estas fontes estabelecem o consumo de álcool de Helen Duncan.

29. Price, The Duncan Mediumship, 31.

30. Ibid., 32.

31. Ibid., 32–34.

32. Ibid., 41–45.
33. Ibid., 59.
34. Ibid., 60–61.
35. Ibid., 61.
36. Ibid., 61. A citação baseia-se na informação nesta fonte.
37. Brealey, Two Worlds, 59; Price, The Duncan Mediumship, 61.
38. Brealey, Two Worlds, 59; Price, The Duncan Mediumship, 61.
39. Price, The Duncan Mediumship, 61.
40. Ibid.
41. Brealey, Two Worlds, 59; Price, The Duncan Mediumship, 61.
42. Visita ao local, 13 Rolland Gardens, Londres, endereço do National Laboratory of Psychical Research de Price.
43. Ibid.
44. Price, The Duncan Mediumship, 61.
45. Tabori, Harry Price, 136.
46. Ibid.
47. Price, The Duncan Mediumship, 61.
48. Ibid., 69.
49. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.
50. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.
51. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.
52. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.
53. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.
54. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.
55. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.
56. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.

57. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111. Resposta de Ford abreviada.

58. Rex v. Duncan, transcrição da audiência, DPP 2/1204; Roberts, ed., Trial of Helen Duncan, transcrição da audiência, 111.

Capítulo 21 Esta representação dos comentários de abertura da Defesa baseia-se em transcrições literais do julgamento encontradas em Rex v. Duncan, DPP 2/1204 e C. E. Bechhofer Roberts, editor, The Trial of Helen Duncan. Descrevo a cena assumindo o ponto de vista do Chief Constable Arthur West. Informação de fundo é fornecida conforme indicado abaixo.

1. Honourable Society of the Middle Temple, Middle Temple Ordeal (Londres: Sir Isaac Pitman and Sons, 1948), 44–45.

2. «John Cyril Maude», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990).

3. «Middle Temple», www.wikipedia.org.

4. «Charles Loseby», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990).

5. Society of the Middle Temple, Middle Temple Ordeal, 44–45.

6. «Bombs Start London Fires», Daily Herald, 25 de março de 1944; «Longest Raid in a Year», Daily Express, 25 de março de 1944; «Luftwaffer Made Big Attempt to Burn London», Evening News (Portsmouth), 25 de março de 1944.

7. «Crowds Jam Tube», Daily Express, 27 de março de 1944; «Hyde Park Puts on a Pageant», Daily Express, 27 de março de 1944; «Salute Crowds», Daily Herald, 27 de março de 1944.

8. «Invasion: British in Equal Numbers to US», Daily Express, 27 de março de 1944.

9. Michael Howard, British Intelligence in the Second World War, vol. 5 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 247; «Plan Bodyguard», 23 de janeiro de 1944, CAB 80/77, COS(43)799(o), Public Records Office, Kew, Inglaterra.

10. «Spy Raiders Over London, Night Fighters Tailed Spy Planes from South Coast», Daily Express, 23 de março de 1944.

11. Em Inglaterra, é prática habitual os réus testemunharem.

12. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 89, 97.

13. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 99.

14. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 114.

15. Ibid., 337. Testemunho de West.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 111.

17. «Charles Loseby», Who Was Who.

18. «Bosworth Market», www.britannia-bosworth.activehostels.com.

19. «Gray's Inn-Virtual Tour», www.graysinn.org.uk.

20. «Charles Loseby», Who Was Who.

21. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 194–195.

22. Ibid., 194–195.

23. «Use of Poison Gas in World War I», www.wikipedia.org.; «Facts about Sulfur Mustard», Centers for Disease Control, www.cdc.gov.

24. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 111–112.

25. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 112. Comentários de Loseby abreviados.

26. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 112. Comentários de Loseby editados ligeiramente para clareza.

27. «Medium's Body Endangered», Evening News (Portsmouth), 25 de janeiro de 1944.

28. «Sir Grimwood Mears», Who Was Who (Londres: A&C Black, 1897–1990).

29. Grimwood Mears, carta ao Ministro do Interior Morrison, 2 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

30. Visita ao local, Meonstoke House, Meonstoke, Inglaterra.

31. K. M. Burrell, entrevista pessoal, Portsmouth, Inglaterra, 3 de novembro de 1999.

32. Mears, carta ao Ministro do Interior Morrison, 2 de fevereiro de 1944, HO 144/22172.

33. «Sir Grimwood Mears», Who Was Who.

34. «The Dardanelles Commission», www.firstworldwar.com.

35. Mears, carta ao Ministro do Interior Morrison, 2 de fevereiro de 1944, HO 144/22172; J.A.R. Pimbott, Secretário Privado do Ministro do Interior Morrison, carta a Sir Grimwood Mears, 25 de fevereiro de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

36. «Charles Loseby», Who Was Who; «John Cyril Maude», Who Was Who; «E. G. Robey», Who Was Who.

37. Visita da autora ao local; «The Garrick Club», www.ken.co.uk.

38. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 112. Comentários de Loseby editados ligeiramente e abreviados para clareza.

39. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 112.

40. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 112. Comentários de Loseby editados ligeiramente para clareza.

41. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 112. Comentários de Loseby editados ligeiramente e abreviados para clareza.

42. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 113.

43. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 113.

44. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 114. Editado ligeiramente por brevidade e clareza.

45. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 114. Editado ligeiramente por brevidade e clareza.

46. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 120–121.

47. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 119. Ligeiramente abreviado.

48. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., transcrição do julgamento, 119. Ligeiramente abreviado.

49. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 119.

50. Cassirer, Medium on Trial, 123, 159.

51. Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson, 1967), 111.

Capítulo 22 A maior parte deste capítulo regressa à obsessão de Harry Price pela mediunidade de Helen Duncan. A reconstrução das cenas baseia-se principalmente em relatos de testemunhas oculares registados na denúncia de Price sobre a mediunidade Duncan.

1. Arthur Sefton Cohen, Assistant Director of Public Prosecutions, carta ao Chief Constable West, 16 de março de 1944, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

2. Trevor Hall, The Search for Harry Price (Londres: Duckworth, 1978). Hall expõe uma série de inverdades e exageros.

3. Cohen, carta a West, 16 de março de 1944, DPP 2/1204.

4. Hall, The Search for Harry Price, 11, 101; Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), 2–3. Biógrafos concordam que Price adorava publicidade.

5. Harry Price, Search for Truth (Londres: Collins, 1942), 180–182.

6. Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 56.

7. Price, The Duncan Mediumship, 61; Price, Search for Truth, 180–182; Tabori, Harry Price, 136.

8. Price, The Duncan Mediumship, 59.

9. Ibid., 62–63.

10. Ibid., 63.

11. Ibid. O diálogo deriva do relato de Price.

12. Ibid., 69.

13. Harry Price, «Dr. X's Report on His Examination of Medium at Fifth Séance», in The Duncan Mediumship, 106–107.

14. Price, The Duncan Mediumship, 70–72. Diálogo e interação baseiam-se no relato de Price.

15. Ibid., 72. O diálogo deriva do relato de Price e reflete a minha compreensão das pessoas envolvidas.

16. Ibid., 79.

17. Ibid., 96. Pergunta do Sr. Bois abreviada.

18. Ibid., 97. Resposta de Henry Duncan abreviada.

19. Robert Fielding-Ould, Editorial, Two Worlds, 21 de junho de 1931.

20. Price, The Duncan Mediumship, 97.

21. Ibid.

22. Ibid., 97–98. Perguntas do Sr. Bois abreviadas.

23. Ibid., 98–99. Resposta de Henry Duncan abreviada.

24. Ibid., 99. Resposta de Henry editada para clareza.

25. Ibid. Respostas do Sr. Bois combinadas.

26. Ibid. Respostas de Henry combinadas.

27. Ibid., 100.

28. Ibid.

29. Ibid.

30. Ibid., 96–104. «Apêndice B» é uma transcrição literal do interrogatório de Henry Duncan por Price e colegas.

31. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 99–103.

Capítulo 23 Este capítulo recorda as perdas e desafios que levaram Helen Duncan a tornar-se médium profissional. Ao retratar estes eventos

emocionalmente devastadores, encontro compreensão do caráter e motivação de Helen Duncan.

1. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 97.
2. Ibid., 95.
3. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), transcrição do julgamento, 122.
4. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 122.
5. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 122.
6. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 122. Explicação de Loseby minimamente editada para clareza.
7. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 122.
8. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 122.
9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 122.
10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., transcrição do julgamento, 122. Explicação de Loseby minimamente editada para clareza.
11. «The Right to Silence», www.wikipedia.org.
12. Stanley Worth, entrevista pessoal, 15 de outubro de 2001.
13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 123–141.

14. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 142.

15. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 142.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 142. Intercâmbio entre Loseby e Dodson minimamente abreviado.

17. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 142. Declarações do juiz abreviadas.

18. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 142–155.

19. Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 19–22; Brealey, Two Worlds, 34–38. As cenas seguintes da vida de Helen Duncan baseiam-se principalmente nos relatos do amigo dela [a] (Alan Crossley) e da filha (Gena Brealey). Recorro a outras fontes para pormenor e contexto.

20. Crossley, The Story of Helen Duncan, 19; Brealey, Two Worlds, 34.

21. WebMD, «Symptoms of Eclampsia», www.webmd.com. Helen Duncan sofreu de eclâmpsia durante a terceira gravidez. Retrato os sintomas desta doença no contexto do casamento precoce dela [a].

22. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 96.

23. WebMD, «Symptoms of Eclampsia», www.webmd.com.

24. Brealey, Two Worlds, 34.

25. Ibid.

26. Ibid., 34–35.

27. Ibid., 35.

28. Ibid.

29. Ibid.

30. Crossley, The Story of Helen Duncan, 20.

31. Brealey, Two Worlds, 37.

32. Ibid., 35–36.

33. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 46.

34. Mary Armour, Helen Duncan (1895–1956): My Living Has Not Been in Vain (Londres: Pembridge, 2000), 24; Anónimo, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999.

35. Brealey, Two Worlds, 36.

36. Ibid.

37. Ibid., 36–37.

38. Ibid., 39.

39. Ibid., 37.

40. Brealey, Two Worlds, 37; Crossley, The Story of Helen Duncan, 22–23.

41. Brealey, Two Worlds, 44–54; «The Last Witch in England», entrevistas com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998.

42. «"All Lies" Cry by Medium», News of the World, 2 de abril de 1944.

43. Ibid.

Capítulo 24 Este capítulo retrata testemunho dado ao longo de três dias. Para clareza, brevidade e impacto, abreviei e editei a transcrição do julgamento mantendo o ponto de vista do Chief Constable.

1. Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson, 1967), 111.

2. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 96–97; Dodson, Consider Your Verdict, 112.

3. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), transcrição do julgamento, 149.

4. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 148.

5. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 149. Perguntas de Maude combinadas e abreviadas.

6. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 149–150. Respostas do Sr. Gill combinadas e abreviadas.

7. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 150.

8. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 150.

9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 150.

10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 150.

11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 150.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 150; Stanley Worth, entrevista pessoal, 15 de outubro de 2001.

13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 148.

14. Visita ao local.

15. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 151.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 151.

17. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 151.

18. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 152.

19. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 152.

20. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 152.

21. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 152.

22. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 152.

23. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 143.

24. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 143.

25. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 203.

26. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 206.

27. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 206.

28. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 206.

29. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 206.

30. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 206.

31. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 206.

32. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 229.

33. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 229.

34. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 229.

35. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 229.

36. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 229. Respostas da Sra. Blackwell combinadas e abreviadas.

37. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 230–231. Respostas de Blackwell combinadas e abreviadas.

38. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

39. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

40. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

41. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

42. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

43. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

44. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

45. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

46. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

47. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

48. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

49. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

50. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

51. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

52. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

53. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

54. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

55. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

56. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

57. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

58. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 233.

59. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 234.

60. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 234.

61. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 234. Resposta da Sra. Blackwell minimamente editada para clareza.

62. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 234.

63. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 234.

64. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 233.

65. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

66. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 232.

67. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 229–234. Testemunho da Sra. Blackwell abreviado e reordenado para clareza e impacto.

Capítulo 25 Este capítulo recorda alguns dos testemunhos mais coloridos do julgamento de bruxaria de Helen Duncan em 1944. Regressa também a 1931 para o último encontro dela [a] com Harry Price. A minha representação dos eventos recorre principalmente ao livro da filha dela [a], The Two Worlds of Helen Duncan, complementado pelas fontes indicadas abaixo. Construí diálogo para refletir estes relatos. O meu exame do estado emocional dela [a] baseia-se nas mesmas fontes.

1. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), transcrição do julgamento, 212.

2. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 212.

3. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 212.

4. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 212.

5. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 212.

6. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 212.

7. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 212.

8. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 213. Respostas do Sr. Kirby combinadas e abreviadas.

9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 213.

10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 213.

11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 213.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 213.

13. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 32–33; Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 27–28.

14. Harry Price, Regurgitation and the Duncan Mediumship (Londres: National Laboratory of Psychical Research, 1931), 99. Henry Duncan afirma a opinião de que a mulher era imatura.

15. Brealey, Two Worlds, 32.

16. Ibid.

17. Ibid., 33.

18. Ibid., 39.

19. Ibid., 42.

20. Brealey, Two Worlds, 48; «The Last Witch in England», entrevistas com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, 13 de agosto de 1999.

21. Brealey, Two Worlds, 48.

22. Brealey, Two Worlds, 48; Crossley, The Story of Helen Duncan, 25.

23. Brealey, Two Worlds, 48–49; Crossley, The Story of Helen Duncan, 25–27; Helen Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 7 de outubro de 1933.

24. Brealey, Two Worlds, 49; Crossley, The Story of Helen Duncan, 27; Duncan, «Secrets of My Second Sight».

25. Brealey, Two Worlds, 53–54. A filha de Helen Duncan descreve a personalidade extravagante e eventos na cena seguinte. Adiciono diálogo consistente com o relato dela [a].

26. Ibid., 54.

27. «"All Lies" Cry by Medium», News of the World, 2 de abril de 1944.

28. Brealey, Two Worlds, 56–57.

29. Ibid., 55–56.

30. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 103. Retrato a relação brincalhona de «Uncle Albert» com as crianças Duncan, adicionando diálogo.

31. Ibid., 114.

32. Ibid., 103.

33. Gaskill, Hellish Nell, 103.

34. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 166.

35. «Fairy Form at Séance», Daily Sketch, 25 de março de 1944.

36. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 45.

37. Gaskill, Hellish Nell, 257–258.

38. Brealey, Two Worlds, 48.

39. James Souter, carta ao editor, The Light, junho de 1929.

40. Cassirer, Medium on Trial, 122–123; «Materialization Medium», The Scotsman, 5 de maio de 1933.

41. Brealey, Two Worlds, 64; «Materialization Medium».

42. Brealey, Two Worlds, 64.

43. Gaskill, Hellish Nell, 103.

44. Brealey, Two Worlds, 57; Cassirer, Medium on Trial, 17–18.

45. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 218. Pergunta de Loseby minimamente editada para clareza.

46. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 218.

Capítulo 26 Este capítulo retrata um ponto de viragem dramático no julgamento de bruxaria de 1944. Durante o testemunho de Alfred Dodd, o

passado judicial anterior de Helen Duncan vem à luz. A minha representação do testemunho de Dodd baseia-se nas transcrições do julgamento, relatos de jornais e no relato de Maurice Barbanell. A minha descrição do aprisionamento de Helen Duncan pela feminista combativa, Miss Esson Maule, depende em grande parte de relatos de jornais de 1933.

1. «Paralyzed Ghost Appears, Judge Wishes He Had a Spirit Guide», Evening News (Portsmouth), 31 de março de 1944.
2. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), transcrição do julgamento, 256.
3. Percy Wilson, «Lifted Heels over Head», Psychic News, 15 de dezembro de 1956.
4. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 69; Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 256.
5. «Says Hand Ached for Hours», Daily Herald, 31 de março de 1944.
6. Alfred Dodd, The Secret Shakespeare (Londres: Rider, 1941), fotografia.
7. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 69; Dodd, The Secret Shakespeare.
8. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 257–260. Respostas de Dodd combinadas e abreviadas com edição mínima para clareza. A linguagem é a dele [O].
9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 261.
10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 261.
11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 261.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 261.

13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 261.

14. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 261.

15. «Spirit Gave Husband's Ring», New Chronicle, 31 de março de 1944.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 262.

17. «Charge Against a Medium», The Scotsman, 4 de maio de 1944.

18. Visita ao local, Stafford Street, Edimburgo, Escócia, 16 de dezembro de 1999.

19. Esson Maule, «A Dream of the Past», People's Journal, 10 de novembro de 1944. Este artigo inclui uma fotografia de Miss Maule à secretária com outra mulher, presumivelmente a secretária dela [a].

20. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 68; «Charge Against a Medium».

21. Esson Maule, «Weird Figure that Haunted My House», People's Journal, 22 de dezembro de 1934.

22. Esson Maule, «I Have Lived a Strange Life», People's Journal, 13 de outubro de 1933; Maule, «A Dream of the Past»; Esson Maule, «A Queer Vision», People's Journal, 24 de novembro de 1934. As fotografias nestes três artigos cronificam a mudança de estilo de Miss Maule. Na primeira, aparece com vestido vitoriano, saia comprida e gola alta. Na segunda, usa fato, gravata e chapéu trilby e parece exatamente um homem. Na terceira, ostenta um corte de cabelo curto masculino.

23. Helen Duncan, «Secrets of My Second Sight», People's Journal, 7 de outubro a 16 de dezembro de 1933. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 17, fotografia.

24. «Charge Against a Medium»; Gaskill, Hellish Nell, 155.
25. «Charge Against a Medium».
26. Gaskill, Hellish Nell, 155.
27. «Charge Against a Medium»; «Materialization Medium», The Scotsman, 5 de maio de 1944.
28. «Charge Against a Medium».
29. Ibid.
30. Ibid. Esta citação reflete o testemunho de Miss Maule.
31. Ibid. A ameaça de Helen Duncan corresponde ao testemunho relatado de Miss Maule.
32. Gaskill, Hellish Nell, 157. O diálogo e ação neste e no parágrafo anterior baseiam-se na descrição de Gaskill.
33. «Charge Against a Medium». A declaração de Helen Duncan corresponde ao testemunho relatado de Miss Maule.
34. Gaskill, Hellish Nell, 157. Assumo o raciocínio de Nell.
35. Ibid.
36. «Charge Against a Medium».
37. Gaskill, Hellish Nell, 157.
38. Gaskill, Hellish Nell, 158; «Charge Against a Medium». Tento reconciliar estes relatos e representar o ponto de vista de Helen Duncan.
39. «Charge Against a Medium»; Gaskill, Hellish Nell, 154–162; «Materialization Medium»; «Medium Fined», The Scotsman, 12 de maio de 1933. A minha representação do testemunho de Miss Maule constrói-se sobre estes relatos e é consistente com a personalidade dela [a] tal como expressa numa série de artigos que escreveu para o People's Journal entre 13 de outubro e 22 de dezembro de 1934.
40. Maule, «I Have Lived a Strange Life».
41. «Charge Against a Medium».
42. Ibid.
43. Ibid.
44. Maule, «A Dream of the Past». Este artigo é acompanhado por uma fotografia de Miss Maule à secretária com outra mulher, presumivelmente a secretária dela [a].
45. «Charge Against a Medium».
46. «Charge Against a Medium»; «Medium Fined».

47. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 261–265.

48. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 265.

49. «Alleged Séance Deceptions», The Times (Londres), 31 de março de 1944; Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 265.

50. «Alleged Séance Deceptions»; Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 265.

51. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 265–266. Testemunho do Sr. Dodd abreviado e ligeiramente editado.

Capítulo 28 Este capítulo retrata o jantar comemorativo que precedeu os argumentos finais no julgamento de bruxaria de 1944. A cena baseia-se principalmente no relato de Percy Wilson, que esteve presente no evento. Pormenores contextuais são recolhidos de fontes suplementares, conforme creditado abaixo. O flashback embutido para a experiência de infância de Helen Duncan recorre ao relato da filha dela [a], aumentado por visitas ao local e entrevistas pessoais, discriminadas abaixo.

1. Percy Wilson, «Lifted Heels over Head», Psychic News, 28 de outubro de 1956.

2. Visita ao local, Bonnington Hotel, Southampton Row, Londres.

3. «U.S. Salute to Our Soldiers», The Times (Londres), 30 de março de 1944.

4. Michael Howard, British Intelligence in the Second World War, vol. 5 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 251, 253; «Plan Bodyguard», CAB 80/77, COS(43)799(o), 23 de janeiro de 1944, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

5. Philip Zeigler, London at War (Londres: Arrow, 1998), 267–281.

6. Visita ao local, Bonnington Hotel, Southampton Row, Londres.

7. Wilson, «Lifted Heels over Head».

8. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 35–36, 58. Esta conversa é construída para comunicar o ponto de vista espírita.

9. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), 305. Comentário de Loseby concebido para prenunciar eventos subsequentes.

10. Wilson, «Lifted Heels over Head». Diálogo reflete descrição desta testemunha ocular.

11. Helen Duncan, «My Second Sight», People's Journal, 18 e 25 de novembro de 1933. Retrato da personalidade adolescente de Helen Duncan consistente com a própria escrita dela [a].

12. Visita ao local, Callander, Escócia, 18 de dezembro de 1999.

13. J. K. Dunn, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 18 de dezembro de 1999. Nesta entrevista pessoal, o Sr. Dunn descreveu a Callander Primary School e as rotinas dela [a].

14. Fotografia da Callander Primary School no início dos anos 1900, coleção pessoal de Harvey MacNaughton, Callander, Escócia.

15. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

16. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 17.

17. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

18. Brealey, Two Worlds, 17.

19. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

20. Brealey, Two Worlds, 17; Duncan, «My Second Sight», 18 e 25 de novembro de 1933.

21. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

22. Brealey, Two Worlds, 17. Instrução do Sr. Cummings reflete descrição no relato da filha de Helen Duncan.

23. Ibid. Acusação adicional do Sr. Cummings consistente com o relato da filha de Helen Duncan.

24. Ibid.

25. Ibid. Acusação adicional do Sr. Cummings reflete a descrição pela filha de Helen Duncan.

26. Ibid. Resposta da jovem Helen Duncan consistente com a recontagem pela filha dela [a].

27. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999. O Sr. Dunn forneceu a descrição do cabelo do Sr. Cummings.

28. Brealey, Two Worlds, 17–18.

29. Ibid., 19.

30. Wilson, «Lifted Heels over Head». O resto desta cena é construído com base neste relato de testemunha ocular.

Capítulo 29 Esta cena retrata os argumentos finais e o veredito no julgamento de bruxaria de Inglaterra de 1944, baseado em transcrições do julgamento e relatos contemporâneos.

1. Gerald Dodson, Consider Your Verdict (Londres: Hutchinson, 1967), 111.

2. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), «Contents».

3. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 101–104.

4. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 305.

5. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 105–108; Rex v. Duncan, cartas e petição ao Home Office e MP Rathborne, 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

6. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 305.

7. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 305.

8. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 22.

9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 307.

10. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 308. Comentários de Loseby abreviados.

11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 309. Comentários de Loseby abreviados.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 320.

13. Donald Thomas, An Underworld at War (Londres: John Murray, 2003), 247. Thomas descreve o afeto e gestos típicos de Maude.

14. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 83; Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204.

15. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 321. Fecho de Maude abreviado.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 320–321. Sumário e instruções do juiz abreviados.

17. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 335.

18. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 335–336. Respostas do juiz combinadas e abreviadas.

19. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336.

20. «“All Lies”», News of the World, 2 de abril de 1944.

21. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336.

22. «Coast Ban Lifted for Sweethearts», Evening News (Portsmouth), 29 de março de 1944.

23. Michael Howard, British Intelligence in the Second World War, vol. 5 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 254, 257–258.

24. Visita ao local, Sala n.º 4, Old Bailey, Central Criminal Court, Londres.

25. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336.

26. Visita ao local, Sala n.º 4, Old Bailey, Central Criminal Court, Londres.

27. «“All Lies”».

28. Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336.

29. Ibid.

30. Ibid. Pergunta do escrivão abreviada.

31. Ibid.

32. «“Lies” Cry by Medium», Daily Herald, 1 de abril de 1944.

33. Ibid.

Capítulo 30 Baseado principalmente em transcrições do julgamento e relatos de testemunhas oculares e jornais, este capítulo retrata o Chief Constable West e Sua Senhoria Sir Gerald Dodson num intercâmbio acalorado. Estes, juntamente com fontes acessórias, são indicados abaixo.

1. Rex v. Duncan, notas dos Procuradores, sem data, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

2. Visita ao local, Sala n.º 4, Old Bailey, Central Criminal Court, Londres.

3. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), transcrição do julgamento, 336.

4. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336.

5. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336.

6. Stanley Worth, entrevista pessoal, 15 de outubro de 2001.

7. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 111; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, 13.

8. «Says He Heard Row Between Ghost and Medium», Daily Mirror, 24 de março de 1944. Fotografias neste artigo dão a impressão de contrição.

9. «“All Lies!”», News of the World, 2 de abril de 1944. Este artigo descreve a postura altiva de Helen Duncan em certos momentos do julgamento.

10. Percy Wilson, «Lifted Heels over Head», Psychic News, 28 de outubro de 1956. Este artigo sugere que Helen Duncan acreditava, com base numa mensagem clarividente, que seria libertada.

11. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

12. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

14. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

15. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337—338. Resposta do Chief Constable abreviada.

16. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336.

17. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 336–337.

18. «Mrs. Duncan, ‘A Humbug’», Daily Mail, 4 de abril de 1944.

19. «Medium Weeps and Shouts», New Chronicle, 1 de abril de 1944.

20. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

21. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

22. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

23. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

24. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

25. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

26. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

27. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337. Divulgação do Chief Constable abreviada.

28. Worth, entrevista pessoal, 15 de outubro de 2001.

29. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 337.

30. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., transcrição do julgamento, 337.

31. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 339.

Capítulo 31 Esta representação da sentença de Helen Duncan recorre a relatos de jornais vívidos e detalhados, juntamente com a transcrição do julgamento e fontes suplementares.

1. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 216.

2. «Helen Duncan's Wealth», Daily Herald, 4 de abril de 1944.

3. «We Will Fight to the End for Her», Sunday Pictorial, 2 de abril de 1944.

4. «Helen Duncan's Wealth».

5. Ibid.

6. Gaskill, Hellish Nell, 216. Estas declarações são escritas para refletir as respostas dos espíritas ao veredito, conforme relatado por Gaskill.

7. Percy Wilson, «Lifted Heels over Head», Psychic News, 28 de outubro de 1956.

8. Gina Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 97.

9. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204, CRIM 1/1581, Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), transcrição do julgamento, 339–340. Comentários do juiz ao sentenciar abreviados.

10. «Helen Duncan's Wealth».

11. «Mrs. Duncan, 'A Humbug'», Daily Mail, 1 de abril de 1944. Este artigo contém uma fotografia de Helen Duncan.

12. «Helen Duncan's Wealth».

13. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 341.

14. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204; Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan, transcrição do julgamento, 341.

Capítulo 32 Este capítulo regressa a Portsmouth e aos deveres do Chief Constable West. A representação das atividades e preocupações dele [O] é recolhida de relatos de jornais locais, entrevistas pessoais e visitas ao local. Estou especialmente grata a Stanley Worth por me contar sobre a visita dele [O] ao Chief Constable e a Ida West na véspera do Dia D.

1. Rex v. Duncan, transcrição do julgamento, DPP 2/1204 Public Records Office, Kew, Inglaterra; C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), transcrição do julgamento, 340.

2. F. H. Hinsley e C.A.G. Simkins, British Intelligence in the Second World War, vol. 4 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 251–255.

3. Ursula Norton, «Life Inside Fortress Southsea», Evening News (Portsmouth), Suplemento Dia D, junho de 1984.

4. John Stedman, ed., People of Portsmouth: The 20th Century in Their Own Words (Derby, Inglaterra: Breedon Books, 2002), 117–118.

5. Visita ao local, Byculla House, Portsmouth, Inglaterra.

6. Norton, «Life Inside Fortress Southsea».

7. Visita ao local, Southsea, Portsmouth, Inglaterra.

8. Norton, «Life Inside Fortress Southsea». A vignette seguinte baseia-se num artigo retrospectivo escrito pela própria menina da história. Na minha recontagem, assumo o ponto de vista do Chief Constable.

9. Ibid.

10. Ibid.

11. Stanley Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

12. World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 522; Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. Assumo que Stanley Worth visitou os West no final da tarde, dado que a decisão de lançar a invasão do Dia D foi supostamente tomada às 16h.

13. Olive e Jim Cramer, entrevista pessoal, 12 de maio de 2005; Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. A mulher do Chief Constable foi descrita de modo semelhante por todos os entrevistados.

14. Suplemento Dia D, Evening News (Portsmouth), junho de 1984. Fonte descreve o tempo com base em testemunhas oculares.

15. Anthony Kemp, D-Day: The Normandy Landings and the Liberation of Europe (Londres: Thames and Hudson, 1994), 53; Suplemento Dia D, Evening News (Portsmouth), junho de 1984. Fontes descrevem o tempo.

16. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. Conversa concebida para comunicar informação e refletir a personalidade de Ida West.

17. Olive e Jim Cramer, entrevista pessoal, 12 de maio de 2005; Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001. A mulher do Chief Constable é retratada conforme descrita em entrevistas pessoais.

18. Worth, entrevista pessoal, 15 de outubro de 2001. Na minha entrevista telefónica com Worth, mencionou a visita aos West. Aqui assumo o costume local.

19. Jim Cramer, entrevista pessoal, 12 de maio de 2005; Terry Swetnam, entrevista pessoal, 3 de novembro de 1999. A minha impressão do Chief Constable West baseia-se nestas entrevistas.

20. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

21. Ibid.

22. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 238–242, 257–257; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra. Hinsley e Simkins relatam que as autoridades queriam manter o segredo nas áreas costeiras até ao fim do verão. Documentos do tribunal confirmam a data do recurso.

23. Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

Capítulo 33 Este capítulo relata o recurso das condenações do julgamento de bruxaria de 1944 ao Supremo Tribunal da Grã-Bretanha. Como não sobrevive transcrição literal dos procedimentos, estou particularmente grata pelo relato de testemunha ocular de Maurice Barbanell em The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945). O relato dele [O] está repleto de pormenor e cor. O flashback para a experiência de infância de Helen Duncan recorre ao relato da filha dela [a], visitas ao local e entrevistas pessoais.

1. Anthony Kemp, D-Day: The Normandy Landings and the Liberation of Europe (Londres: Thames and Hudson, 1994), 90–91; World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 253–257.

2. Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

3. Visita ao local, Royal Courts of Justice, Londres. Entrevista com guardas de segurança sobre o procedimento para a chegada de prisioneiros.

4. Mary Armour, Helen Duncan (1895–1956): My Living Has Not Been in Vain (Londres: Pembridge, 2000), 22. Familiares de Helen Duncan afirmam que ela [A] trazia sempre dois lenços grandes.

5. Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172.

6. Visita ao local, Royal Courts of Justice, Bell Yard, Londres. Entrevista com guardas de segurança sobre o procedimento para a chegada de prisioneiros.

7. Visita ao local, Royal Courts of Justice, Londres. Entrevista com guardas de segurança sobre o procedimento para a chegada de prisioneiros.

8. Visita ao local, Tribunal do Chief Justice, Royal Courts of Justice, Londres.

9. Ibid.

10. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 113; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172.

11. Visita ao local, Tribunal do Chief Justice nos Royal Courts of Justice. Pormenores procedimentais baseados na minha observação do processo de recurso, um processo que não mudou há séculos.

12. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 114.

13. Ibid., 115.

14. C. E. Bechhofer Roberts, ed., The Trial of Helen Duncan (Londres: Jarrolds, 1945), «Grounds for Appeal», 242; Barbanell, The Case of Helen Duncan, 112–114. Leitura de Loseby dos «Grounds for Appeal» abreviada.

15. Donald Thomas, An Underworld at War (Londres: John Murray, 2003), 247; Nigel West, MI 5: British Security Operations, 1909–1945 (Londres: Triad Granada, 1983), 21; Stanley Worth, entrevista pessoal, 15 de outubro de 2001. Comportamento de Maude descrito por Thomas.

16. Visita ao local, Royal Courts of Justice, retrato do Chief Justice Caldecote.

17. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 114; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de

1944, HO 144/22172. Intercâmbios entre counsel e os Justices do Tribunal de Recurso concebidos para comunicar informação e comportamento relatados no relato de testemunha ocular de Barbanell e nos extratos oficiais.

18. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 114, 113; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, 2.

19. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 15; «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

20. Armour, Helen Duncan, 16; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 35.

21. Harvey MacNaughton, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 19 de dezembro de 1999.

22. Brealey, Two Worlds, 16.

23. MacNaughton, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999. Na minha entrevista com Harvey MacNaughton, contou a versão dos aldeões da história sobre a morte do médico e a profecia da jovem Nell. A filha de Helen Duncan toca brevemente no assunto em The Two Worlds of Helen Duncan. Os pormenores fornecidos pelo Sr. MacNaughton conferem maior veracidade ao relato dele [O]. Retratei eventos e conversa consistentes com a história oral da aldeia, a minha visita ao local e fontes detalhadas.

24. Visita ao local, Bridgend, Callander, Escócia, 19 de dezembro de 1999.

25. Brealey, Two Worlds, 18.

26. Brealey, Two Worlds, 16; MacNaughton, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999. Brealey forneceu um esboço geral. O Sr. MacNaughton deu pormenores, incluindo nomes e locais.

27. MacNaughton, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999. Na versão de Brealey, o médico sobrevive. No relato do Sr. MacNaughton, Dr. Todd morre. Até hoje, os aldeões continuam a chamar àquele ponto da estrada «the Doctor's Corner»; isso convenceu-me de que a versão do Sr. MacNaughton tem maior credibilidade.

28. Anónimo, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 19 de dezembro de 1999; «The Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, 13 de agosto de 1999; Gaskill, Hellish Nell, 35. Este diálogo é concebido para comunicar os sentimentos expressos por múltiplas fontes.

29. Dorothy Mahoney, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 18 de dezembro de 1999; J. K. Dunn, entrevista pessoal, Callander, Escócia, 18 de dezembro de 1999; MacNaughton, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999; Morag Lloyds, Images of Scotland: Around Callander and the Trossachs (Stroud, Gloucestershire: Tempus, 1999), 26–27. Residentes de Callander todos me disseram que Helen Duncan era chamada «Hellish Nell». Morag fornece nomes e ocupações de aldeões que viviam em Callander na altura da morte do Dr. Todd.

30. Armour, Helen Duncan, 24.

31. Brealey, Two Worlds, 95; Barbanell, The Case of Helen Duncan, 120.

32. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 114–121; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172. Com o regresso ao recurso, os intercâmbios entre counsel e os Justices do Tribunal de Recurso baseiam-se neste relato de testemunha ocular e no extrato oficial. Comuniquei o conteúdo dos procedimentos através de diálogo construído.

33. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 121.

34. Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, 6.

35. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 121.

36. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 120; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, 2.

37. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 120.

38. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 118; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, 5.

39. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 120; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, 1.

40. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 121.
41. Ibid.
42. Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, 4; Barbanell, The Case of Helen Duncan, 115.
43. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 116.
44. Ibid.
45. Ibid.
46. Ibid.
47. Ibid.
48. Ibid.
49. Ibid., 117.
50. Ibid.
51. Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172; Barbanell, The Case of Helen Duncan, 121.
52. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 122; Bob Ogley, Doodlebugs and Rockets: Battle of the Flying Bombs (Westerham, Kent: Froglets, 1992), 107, fotografia; Philip Zeigler, London at War (Londres: Arrow, 1998), 1998), 283.
53. Ogley, Doodlebugs and Rockets, 34.
54. Ibid., 107, fotografia.
55. Ibid., 33.
56. Ibid., 106–107.
57. World War II: Day by Day, 533.
58. Ogley, Doodlebugs and Rockets, 38.
59. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 122; Ylva French, London Blue Guide (Londres: A&C Black, 1998), 232. Barbanell relata que a decisão do Tribunal de Recurso foi lida numa cripta transformada em abrigo antiaéreo; French relata que a cripta sob a Capela de Lincoln's Inn serviu como abrigo antiaéreo na Segunda Guerra Mundial. Dados estes dois elementos, assumo esta localização.
60. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 122.
61. Visita ao local, Cripta, Royal Courts of Justice, Londres.
62. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 123.

63. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 129; Rex v. Duncan, extrato de casos de recurso criminal, 8, 9, 19 de junho de 1944, HO 144/22172, 7.

64. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 129.

Capítulo 34 No verão de 1944, durante o encarceramento de Helen Duncan, uma bomba V-1 — um dos primeiros mísseis propulsionados por foguete do mundo — atingiu a Prisão de Holloway. Devo uma dívida real a Felicity Ball, no H.M. Prison Museum em Rugby, Inglaterra, por me ajudar a descobrir documentos e fotografias que cronificam a destruição maciça. Nenhum dos biógrafos de Helen Duncan tinha desenterrado este evento. Dada a profecia da mãe — «Serás queimada como bruxa» — reconstruo esta cena e assumo a sua importância. Para sustentar a minha representação e o seu efeito transformador, junto pormenores de várias fontes históricas.

1. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 101; M. M. Rougie, Oficial Médico, Anexo, Formulário 1012, H.M. Prison, 8 de agosto de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

2. «Minutes of Voluntary Advisory Nursing Board, 4 de setembro de 1944», H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra. Este documento de arquivo fornece a data do ataque V-1 à Prisão de Holloway no Bloco de Celas B.

3. Brealey, Two Worlds, 101; Henry Duncan, carta a Sua Majestade, 8 de agosto de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Henry Duncan, carta ao Subsecretário de Estado, 29 de junho de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra; Henry Duncan, carta ao Muito Honorável Winston Churchill, 8 de agosto de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

4. Bob Ogley, Doodlebugs and Rockets: Battle of the Flying Bombs (Westerham, Kent: Froglets, 1992), 34. Descrição do medo que acompanhava o silêncio quando uma V-1 «se calava».

5. «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, 13 de agosto de 1998; Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), threatened 35.

6. «Minutes of Voluntary Advisory Nursing Board, 4 de setembro de 1944»; Fotografia dos danos da bomba V-1, H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra.

7. Rougie, Oficial Médico, Anexo, Formulário 1012, H.M. Prison, 8 de agosto de 1944, HO 144/22172. Rougie descreve a reação «emocionalmente instável» e «histérica» de Helen Duncan aos ataques de bombas.

8. Assumo que o ataque deve ter reacendido a memória da profecia da mãe, profecia mencionada pelas netas em «The Last Witch», BBC Radio, 13 de agosto de 1998, e relatada pelo historiador Malcolm Gaskill em Hellish Nell, página 35.

9. Brealey, Two Worlds, 16–17, 102. A filha de Helen Duncan relata que a mãe recordou a infância após o encarceramento e contou a história seguinte. Construí diálogo consistente com a versão de Brealey e adicionei pormenores com base em fontes adicionais.

10. J. K. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999; Harvey Duncan, diário contemporâneo descrevendo Callander e os habitantes no início dos anos 1900, coleção privada de Harvey MacNaughton, Callander, Escócia.

11. Dorothy Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999; Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999. Para reconstruir a história da pequena Hellish Nell a escalar a escola, combinei a carta de Dorothy Mahoney com a informação de J. K. Dunn sobre regras, uniformes e rotinas escolares.

12. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

13. Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999.

14. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

15. Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999.

16. Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999.

17. Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999.

18. Brealey, Two Worlds, 16–17. O diálogo no resto desta cena segue a descrição de Brealey.

19. Ibid., 17.

20. Ibid., 18.

21. Brealey, Two Worlds, 16–19; Dunn, entrevista pessoal, 18 de dezembro de 1999; MacNaughton, entrevista pessoal, 19 de dezembro de 1999; Mahoney, carta à autora, 28 de outubro de 1999.

22. Brealey, Two Worlds, 17.

23. Ibid., 102.

24. Fotografia de prisioneiras de Holloway com capas, H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra.

25. Fotografia da sala de visitas na Prisão de Holloway, H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra.

26. Brealey, Two Worlds, 102.

27. Albert Crew, London Prisons of Today and Yesterday (Londres: Ivor, Nicholson and Watson, 1933), 150. Guarda reflete rotinas prisionais.

28. Brealey, Two Worlds, 102.

29. Crew, London Prisons, 150.

30. Brealey, Two Worlds, 102.

31. Ibid., 101.

32. Gaskill, Hellish Nell, 218.

33. Brealey, Two Worlds, 102.

34. Fotografia das celas da Enfermaria da Prisão de Holloway, H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra.

35. Crew, London Prisons, 133–134, 145.

36. Crew, London Prisons, 143; Fotografia da estação de enfermagem da Enfermaria da Prisão de Holloway, H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra.

37. Brealey, Two Worlds, 102.

Capítulo 35 Este capítulo leva o Julgamento de Bruxaria da Segunda Guerra Mundial à conclusão. A libertação de Helen Duncan da prisão, as responsabilidades transformadas do Chief Constable West e a reação de Harry Price são colocadas no seu contexto histórico.

1. World War II: Day by Day (Londres: Dorling Kindersley, 2001), 560.

2. M. M. Rougie, Oficial Médico, Anexo, Formulário 1012, H.M. Prison, 8 de agosto de 1944, HO 144/22172, Public Records Office, Kew, Inglaterra.

3. Albert Crew, London Prisons of Today and Yesterday (Londres: Ivor, Nicholson and Watson, 1933), 141.

4. Philip Zeigler, London at War (Londres: Arrow, 1998), 295.

5. Ibid., 296.

6. Bob Ogley, Doodlebugs and Rockets: Battle of the Flying Bombs (Westerham, Kent: Froglets, 1992), 143.

7. Ibid.

8. Zeigler, London at War, 297.

9. Ogley, Doodlebugs and Rockets, 145.

10. Ibid., 142.

11. Ibid., 143.

12. Rougie, Oficial Médico, Anexo, Formulário 1012, H.M. Prison, 8 de agosto de 1944, HO 144/22172.

13. Maurice Barbanell, The Case of Helen Duncan (Londres: Psychic Press, 1945), 153; Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 100, 101. Suposições sobre o estado de espírito de Helen Duncan baseiam-se nestas fontes e ações subsequentes.

14. Brealey, Two Worlds, 100.

15. Rougie, Oficial Médico, Anexo, Formulário 1012, H.M. Prison, 8 de agosto de 1944, HO 144/22172.

16. Fotografias de prisioneiras de Holloway, H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra.

17. Fotografias do Portão da Prisão de Holloway, H.M.S. Prison Museum Archives, Rugby, Inglaterra.

18. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 153; Brealey, Two Worlds, 100.

19. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 153; Brealey, Two Worlds, 100.

20. Brealey, Two Worlds, 100.

21. World War II: Day by Day, fotografia e legenda, 566.

22. John Stedman, ed., People of Portsmouth: The 20th Century in Their Own Words (Derby, Inglaterra: Breedon Books, 2002), 121; John Stedman, Portsmouth Reborn (Portsmouth: Portsmouth City Council, 1995), 7.

23. World War II: Day by Day, 558.

24. Ibid., 562.

25. Ibid., 561.

26. Suplemento Dia D, Evening News (Portsmouth), junho de 1984; World War II: Day by Day, 522.

27. World War II: Day by Day, 565.

28. F. H. Hinsley e C.A.G. Simkins, British Intelligence in the Second World War, vol. 4 (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990), 258.

29. Ursula Norton, «Life Inside Fortress Southsea», Evening News (Portsmouth), Suplemento Dia D, junho de 1984.

30. Olive Cramer, entrevista pessoal, 25 de outubro de 2005.

31. Stanley Worth, entrevista pessoal, 16 de outubro de 2001.

32. Hinsley e Simkins, British Intelligence, vol. 4, 258.

33. Brealey, Two Worlds, 101–102.

34. Harry Price, Search for Truth (Londres: Collins, 1942), 111.

35. Trevor Hall, The Search for Harry Price (Londres: Duckworth, 1978), fotografia; Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), fotografia.

36. Barbanell, The Case of Helen Duncan, 153; Brealey, Two Worlds, 100.

37. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 326.

Epílogo Cenas neste epílogo retratam a vida a continuar: o Chief Constable West preside Portsmouth em tempo de paz; Harry Price e Helen Duncan morrem. As suas histórias continuadas baseiam-se nas fontes indicadas abaixo.

1. Gena Brealey, The Two Worlds of Helen Duncan (Londres: Regency Press, 1985), 106–119.

2. Ibid., 105.

3. Ibid., 103.

4. Ibid., 111.

5. Ibid., 118.

6. Ibid., 106–107.

7. Ibid., 111.

8. Mary Armour, Helen Duncan (1895–1956): My Living Has Not Been in Vain (Londres: Pembridge, 2000), 98.

9. Brealey, Two Worlds, 106.

10. Visita ao local, 36 Rankeiller Street, Edimburgo; Armour, Helen Duncan, 98; Brealey, Two Worlds, 120.

11. Brealey, Two Worlds, 111–112.

12. Malcolm Gaskill, Hellish Nell (Londres: Fourth Estate, 2001), 334.

13. Brealey, Two Worlds, 111.

14. Ibid.

15. Ibid., 111–112.

16. «27 de junho de 1947», Foxworth and History Society, www.foxworth.org.uk.

17. Paul Tabori, Harry Price: Biography of a Ghost Hunter (Londres: Athenaeum Press, 1950), 1.

18. Trevor Hall, The Search for Harry Price (Londres: Duckworth, 1978), 101.

19. Tabori, Harry Price: An Introduction», www.harryprice.co.uk, fotografia.

20. Hall, The Search for Harry Price, 14; Tabori, Harry Price, 254–256.

21. National Heart, Lung, and Blood Institute, «Diseases Index: Heart Attack, Angina», www.nih.com.

22. Hall, The Search for Harry Price, 14. Hall cita Evening News (Portsmouth), 30 de março de 1948.

23. Underwood, «Harry Price: An Introduction», www.harryprice.co.uk, fotografia.

24. Hall, The Search for Harry Price, 14. Hall cita Evening News (Portsmouth), 30 de março de 1948.

25. Ibid., 51–53.

26. Ibid., 14. Hall cita Evening News (Portsmouth), 30 de março de 1948.

27. Alan Crossley, The Story of Helen Duncan (Greenford: Psychic World Classic, 1999), 168–169; Gaskill, Hellish Nell, 346.

28. Brealey, Two Worlds, 113.

29. Ibid., 112, «The Last Witch in England», entrevista com Shelia Downey e Ann Pooey, netas de Helen Duncan, BBC Radio, Londres, 13 de agosto de 1998.

30. Manfred Cassirer, Medium on Trial (Essex: PN Publishing, 1996), 164.

31. Brealey, Two Worlds, 115.

32. Brealey, Two Worlds, 115; «Last Witch», entrevista com Downey e Pooey, BBC Radio, 13 de agosto de 1998.

33. Brealey, Two Worlds, 121.

34. Portsmouth City Police, «Unveiling and Dedication of Memorial Plaque», 16 de novembro de 1952, coleção pessoal de Terry Swetnam, Portsmouth, Inglaterra.

35. Visita ao local, Byculla House.

36. Portsmouth City Police, «Unveiling and Dedication of Memorial Plaque», 16 de novembro de 1952.

37. Brealey, Two Worlds, 9–10.

38. Ibid., 120–121.

39. Ibid., 123.